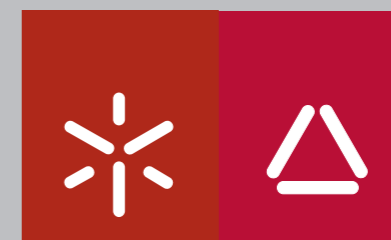




Maria do Carmo Franco Ribeiro **Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana**

ANEXOS E APÊNDICES

U. Minho | 2008



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria do Carmo Franco Ribeiro

Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana

ANEXOS E APÊNDICES

Abril, 2008



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria do Carmo Franco Ribeiro

Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana

ANEXOS E APÊNDICES

Dissertação de Doutoramento em Arqueologia
Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem
e do Povoamento

Trabalho efectuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins
Professor Doutor Ricardo Mar
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

DECLARAÇÃO

Nome: MARIA DO CARMO FRANCO RIBEIRO

Endereço electrónico: mcribeiro@uaum.uminho.pt

Telefone: 965161073

N.º do Bilhete de Identidade: 10048304

Título da dissertação:

Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana

Orientadores:

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins

Professor Doutor Ricardo Mar

Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Ano de conclusão: 2008

Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Arqueologia, Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, ____/ ____/ 2008.

Assinatura: _____

Índice do volume

Lista de imagens	v
Anexos	7
Anexo I – Zonas Arqueológicas	9
Zonas Arqueológicas intervencionadas em Braga	10
Anexo II – Achados Arqueológicos Isolados	39
Listagem das inscrições romanas referentes a <i>Bracara Augusta</i>	40
Listagem dos elementos de arquitectura encontrados ocasionalmente em <i>Bracara Augusta</i>	45
Anexo III – Iconografia e Cartografia Histórica	49
<i>O Mapa de Braunio</i>	50
O Mapa do século XVII	52
<i>O Mapa das Ruas de Braga (MRB)</i>	53
<i>O Mapa da Cidade de Braga Primas</i>	56
As Plantas da Cidade de Braga (séc. XIX)	58
A Planta Topográfica de 1883/84	60
A fotografia aérea	62
A Planta de Braga do século XX	63
Anexo IV – Fontes Histórico – Documentais	65
<i>O Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae</i>	66
<i>Os Pergaminhos da Confraria de S. João do Souto</i>	66
<i>O 1º Livro do Tombo do Cabido (1369-1380)</i>	67
<i>Os Índices dos Prazos das Casas do Cabido (1406-1905)</i>	68
APÊNDICES	71
APÊNDICE I – Documentação do Tecido Histórico Construído	73
APÊNDICE II – Plantas Interpretadas	259

Lista de imagens

Figura 1 – Mapa das Zonas Arqueológicas	10
Figura 2 – Vista geral do salvamento realizado na Avenida Central (1994)	11
Figura 3 – Lucerna encontrada numa sepultura da Avenida Central (1994).....	11
Figura 4 – Vista geral da área escavada na Avenida da Liberdade (1994).....	12
Figura 5 – Sepultura em vaso, exumada na Avenida da Liberdade (1994)	12
Figura 6 – Vista geral das sepulturas de inumação da Cangosta da Palha (1987).....	13
Figura 7 – Sepultura de inumação em tijoleira da Cangosta da Palha (1987).....	13
Figura 8 – Sepultura de inumação em forma de caixa da Cangosta da Palha (1987).....	14
Figura 9 – Espólio pertencente às sepulturas da Cangosta da Palha (1987).....	14
Figura 10 – Vista da escavação de salvamento de uma sepultura no Largo Carlos Amarante (1981)	15
Figura 11 – Monetários exumados na sepultura escavada no Largo Carlos Amarante	15
Figura 12 – Sepultura em caixa do Largo Carlos Amarante (1981).....	15
Figura 13 – Anel encontrado na sepultura da ZA do Largo Carlos Amarante (1981).....	15
Figura 14 – Vista das escavações da ZA do Cardoso da Saudade (1983).....	16
Figura 15 – Panorâmica actual da ZA do Cardoso da Saudade (2006)	16
Figura 16 – Tanque revestido de mosaico escavado por Rigoud de Sousa na ZA do Cardoso da Saudade	16
Figura 17 – Estátua de bronze exumada na ZA do Cardoso da Saudade	16
Figura 18 – Zona do Ex-Albergue Distrital em 1982, antes das obras previstas	18
Figura 19 – Zona do Ex-Albergue Distrital no presente (2006)	18
Figura 20 – Rua e pórtico da ZA do Ex-Albergue Distrital (2000).....	18
Figura 21 – Cloaca do século I.....	18
Figura 22 – ZA das Cavalariças (1986): vista das estruturas exumadas	19
Figura 23 – Mosaico da ZA das Cavalariças (1988)	19
Figura 24 – ZA das cavalariças: pavimento (1988).....	20
Figura 25 – ZA das Cavalariças: vaso de cerâmica comum fina (1988)	20
Figura 26 – Panorâmica aérea da ZA das Carvalheiras.....	21
Figura 27 – Perspectiva das estruturas da ZA das Carvalheiras.....	21
Figura 28 – Panorâmica das estruturas da parte norte da ZA das Carvalheiras (2000).....	21
Figura 29 – Garrafa em cerâmica comum de fabrico cuidado da ZA das Carvalheiras	21
Figura 30 – Reconstituição virtual da fachada oeste da Casa das Carvalheiras, fase II.....	21
Figura 31 – Reconstituição virtual do pórtico sul da Casa das Carvalheiras, fase I	22
Figura 32 – ZA da Escola da Sé: estruturas romanas exumadas (1999)	23
Figura 33 – ZA da Escola da Sé: compartimento com hipocausto.....	23
Figura 34 – ZA da Escola da Sé: torreão da muralha medieval	23
Figura 35 – ZA da Escola da Sé: alicerce da muralha medieval.....	23
Figura 36 – Ilustração da Fonte do Ídolo	24
Figura 37 – Escavações na ZA da Fonte do Ídolo.....	24
Figura 38 – Santuário da Fonte do Ídolo no presente.....	24
Figura 39 – Estruturas exumadas na ZA das Frigideiras do Cantinho (1996)	25
Figura 40 – Área musealizada das Frigideiras do Cantinho, sob pavimento de vidro	25
Figura 41 – ZA dos Granjinhos: tanque com estrutura de aquecimento por debaixo do pavimento (1993/94)	26
Figura 42 – ZA dos Granjinhos: vaso de bronze (1993/94)	26
Figura 43 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: área intervencionada (1986)	27
Figura 44 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: estruturas descobertas (1986).....	27
Figura 45 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: vaso medieval decorado (1986).....	27
Figura 46 – ZA do Largo do Paço (claustro): tampa de vaso decorada medieval	29
Figura 47 – ZA do Largo do Paço (claustro): pote medieval	29
Figura 48 – ZA da N. S. do Leite antes da escavação.....	31
Figura 49 – ZA da N. S. do Leite: muro romano da época Flávia paralelo à parede este da Sé.....	31

Figura 50 – ZA da N. S. do Leite: cerâmica medieval.....	31
Figura 51 – Vista geral da área escavada da ZA da Praia das Sapatas (1978).....	32
Figura 52 – Mão de bronze encontrada na ZA da Praia das Sapatas.....	32
Figura 53 – ZA da Sé: reconstituição virtual do provável mercado romano (1996-1998) ..	34
Figura 54 – ZA da Sé: muro romano do provável mercado romano (1996-1998)	34
Figura 55 – ZA cerca do Seminário de Santiago: rua calcetada e silhar de pórtico	35
Figura 56 – Mosaico do tanque do peristilo da <i>domus</i> de Santiago.....	36
Figura 57 – Peristilo da <i>domus</i> de Santiago	36
Figura 58 – Peristilo da <i>domus</i> de Santiago	36
Figura 59 – Aspecto geral das primeiras escavações das termas romanas do Alto da Cidade.....	37
Figura 60 – Termas romanas do Alto da Cidade: pormenor das estruturas.....	37
Figura 61 – Termas romanas do Alto da Cidade: estruturas gerais.	37
Figura 62 – Termas romanas do Alto da Cidade: taça de prata	37
Figura 63 – Reconstituição virtual das Termas do Alto da Cidade, fase I.....	37
Figura 64 – Planta interpretada das Termas do Alto da Cidade, fase I.....	37
Figura 65 – Termas romanas do Alto da Cidade musealizadas	38
Figura 66 – Ruínas do teatro romano do Alto da Cidade	38
Figura 67 – Inscrição inserida na parede norte da Sé Catedral (CIL II 2421).....	43
Figura 68 – Inscrição a Ísis na parede nascente da Sé Catedral (CIL II 2416).....	43
Figura 69 – Altar em granito com inscrição funerária encontrado na Casa do Passadiço dedicado a Camila Rufina, por <i>Virius Rufinus</i> (Tranoy & Le Roux 1989-90: 195-196).....	43
Figura 70 – Estela funerária de granito.....	43
Figura 71 – Ara aos <i>Lares Viales</i> , encontrada no Largo de S. Francisco (Cunha <i>et al.</i> 2005: 154).....	44
Figura 72 – Ara a Júpiter Ótimo Máximo, encontrada no subsolo do Teatro Circo (Cunha <i>et al.</i> 2005: 155)	44
Figura 73 – Base de coluna monumental de um grande edifício provavelmente associado ao fórum, encontrada nas imediações do Largo Paulo Orósio.....	46
Figura 74 – Fuste de coluna romana a servir de suporte de vitrina no Claustro da Sé Catedral	47
Figura 75 – Elementos de arquitectura reunidos na Sé Catedral	47
Figura 76 – Capitéis de diferentes épocas reunidos em torno do claustro da Sé Catedral	47
Figura 77 – <i>Mapa de Braunio</i>	50
Figura 78 – Mapa do século XVII	52
Figura 79 – Inscrição na folha de rosto do MRB	54
Figura 80 – <i>Mapa da Cidade de Braga Primas</i>	57
Figura 81 – Planta da Cidade de Braga, séc. XIX	59
Figura 82 – Planta topográfica de Braga de 1883/84 (parcial).....	60
Figura 83 – Planta de 1883/84 vectorizada	61
Figura 84 – Fotografia aérea (1938-48)	62
Figura 85 – Planta topográfica de Braga do século XX	63
Figura 86 – Localização das parcelas construídas analisadas nas diferentes fichas	74

Anexos

Anexo I – Zonas Arqueológicas

Apesar de todos os contratempos e condicionantes que apresentam os trabalhos arqueológicos realizados em meio urbano, a cidade de Braga dispõe já de um número significativamente considerável de zonas intervencionadas, cujos resultados passaremos a apresentar de forma sintética¹.

Tratam-se de escavações que foram realizadas ao longo das últimas quatro décadas e sobre as quais se apresenta neste apartado uma caracterização sumária, por vezes acompanhada de imagens ilustrativas dos vestígios encontrados².

Da listagem elaborada fazem parte as principais zonas arqueológicas intervencionadas até ao momento na cidade, que se encontram ordenadas alfabeticamente, assinaladas numericamente, sendo referidas por ZA. O posicionamento geográfico das mesmas encontra-se referenciado na figura 1.

As estruturas exumadas nas diferentes zonas arqueológicas encontram-se georeferenciadas, circunstância que permitiu a sua utilização na análise morfológica dos planos da cidade romana de *Bracara Augusta*, entre o Alto e o Baixo-império.

¹ A listagem de intervenções arqueológicas integrada neste trabalho corresponde às principais escavações realizadas, cujos dados constam do SIABRA (Sistema de Informação de Bracara de Augusta). Algumas das intervenções encontram-se publicadas, existindo, todavia, muitas outras cuja informação consta dos respectivos relatórios de escavação.

² Algumas das imagens seleccionadas integram a Mapoteca da UAUM disponível em http://www.uaum.uminho.pt/estrutura/galeria_imgens.htm (consultado às 16h, do dia 12 de Outubro de 2006).

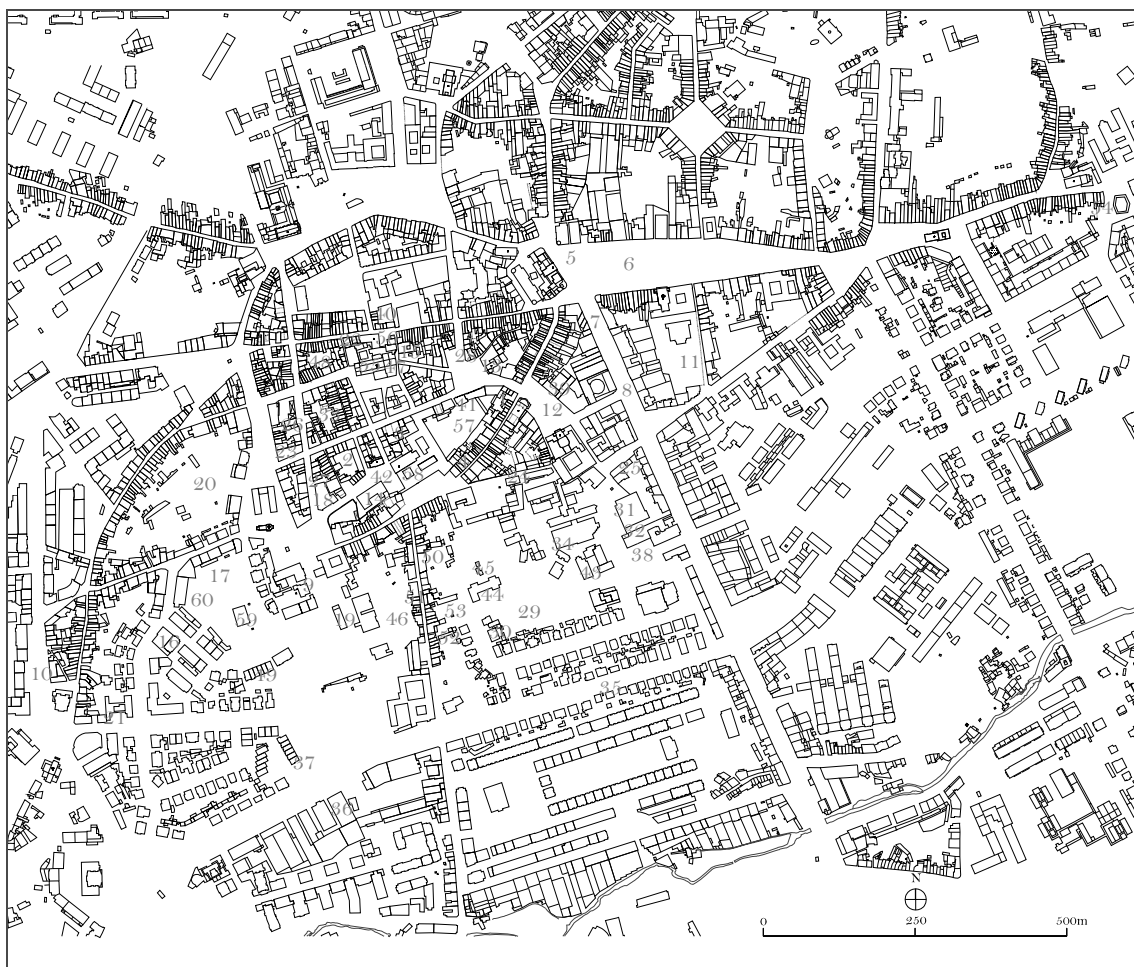


Figura 1 – Mapa das Zonas Arqueológicas

Zonas Arqueológicas intervencionadas em Braga

1. Afonso Henriques, nº 13-25 (Rua)³

Nos inícios da rua Afonso Henriques foi realizada uma intervenção arqueológica, no ano de 1982, que pôs a descoberto um complexo núcleo de estruturas e forneceu abundante material cerâmico de cronologia alto imperial, destacando-se um pequeno “tesouro” de moedas romanas do século IV⁴. Apesar deste local da cidade corresponder a uma das áreas que integrou o espaço urbano romano, medieval e moderno, revelando-se de extrema importância para o presente estudo, trata-se de uma zona de entulho com características humosas.

³ Também designada por Edifício do Cardoso da Saudade.

⁴ Delgado et al. 1989.

2. Afonso Henriques n.º 30-56 (Rua)

Os salvamentos realizados no logradouro dos prédios 36-40, da Rua Afonso Henriques, no ano de 1993, permitiram exumar um conjunto de vestígios correspondentes a um balneário público, designadamente pavimentos de *opus signinum*, restos de um hipocausto sustentado por arcos feitos de tijolos, bem como espaços frios.

3. Afonso Henriques n.º 90-92 (Rua)

A intervenção realizada no lado sul da rua Afonso Henriques, nos números de polícia acima designados, permitiu exumar um conjunto de vestígios pertencentes à época romana, designadamente um canto de um pórtico e uma canalização, bem como uma cloaca moderna.

4. Anjo n.º 55 (Rua)

No ano de 1996, no número de polícia 55 da rua do Anjo, foi possível identificar um conjunto de estruturas que correspondem aos restos habitacionais da época suevo-visigótica, bem como abundante espólio da mesma época.

5. Avenida Central



Figura 2 – Vista geral do salvamento realizado na Avenida Central (1994)⁵



Figura 3 – Lucerna encontrada numa sepultura da Avenida Central (1994)⁶

Em virtude dos desaterros para a construção de uma parque de estacionamento subterrâneo, localizado no início da Avenida Central, em frente ao actual Banco de Portugal, foi identificado, no ano de 1994, um conjunto de sepulturas de incineração, associadas à necrópole que assinala a saída da via XVIII, que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta* (Astorga). Foi ainda descoberta uma ara dedicada aos *Lares Viales*. Esta

⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

ara permite admitir que a parte correspondente ao início daquela avenida corresponderá ao da antiga via romana, que seguiria o traçado aproximado da actual Rua dos Chãos.

6. Avenida Central (Café Miragem)

Na área correspondente ao jardim da Av. Central, mais precisamente no local onde viria a ser construído um café e actualmente existe um edifício da *McDonald's*, foram postas a descoberto, no ano de 1994, um conjunto de estruturas modernas, entre as quais um poço. Apesar das estruturas terem sido poupadas e se encontrarem integradas no edifício actual estas não assumem particularmente relevância no estudo do urbanismo de Braga, desconhecendo-se o contexto em que se inseriam.

7. Avenida da Liberdade, nºs 682-706

Desde os anos de 1950 que se conhecem referências a achados de sepulturas em vários locais da Av. da Liberdade, atribuídos à necrópole da via XVII, do Itinerário de Antonino, que ligava a cidade de *Bracara Augusta* à de *Asturica Augusta* por *Aqua Flaviae* (Chaves). O acompanhamento arqueológico dos desaterros realizados nos nºs 682-706 permitiu recuperar um núcleo de sepulturas da necrópole da via XVII, com lucernas, vasos e pulseiras de vidro. Um dos vasos exumados forneceu abundante espólio conservado no seu interior.

8. Avenida da Liberdade



Figura 4 – Vista geral da área escavada na Avenida da Liberdade (1994)⁷



Figura 5 – Sepultura em vaso, exumada na Avenida da Liberdade (1994)⁸

Ainda na Avenida da Liberdade quando se procedia aos desaterros para a construção do túnel da referida avenida, no ano de 1994, foi detectado um outro núcleo de sepulturas de incineração pertencentes à mesma necrópole.

⁷ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁸ Fonte: mapoteca da UAUM.

9. Bombeiros Voluntários (Rua dos)

As escavações realizadas em 1997, na Rua dos Bombeiros Voluntários, em consequência de obras de saneamento, permitiram identificar algumas estruturas romanas, entre as quais um poderoso alicerce, que provavelmente pertenceria a um edifício público, orientado NO/SE. Esta escavação foi realizada pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga e encontram-se por publicar.

10. Caires (Rua do)

As sondagens arqueológicas realizadas na rua do Caíres, entre 1979 e 1981, com carácter de salvamento, permitiram recuperar um núcleo de sepulturas de incineração em cova, pertencente a uma das cinco necrópoles conhecidas para Braga, designada por necrópole de Maximinos. Os vestígios estudados resultantes das escavações, bem como o conjunto de achados ocasionais que a ela estão associados⁹, permitiram concluir que foi utilizada desde o século I até aos inícios do século IV. Esta necrópole poderá estar associada à saída da Via XVI, bem como à da via XX, também conhecida pelo nome de *per loca maritima*¹⁰.

11. Cangosta da Palha



Figura 6 – Vista geral das sepulturas de inumação da Cangosta da Palha (1987)¹¹



Figura 7 – Sepultura de inumação em tijoleira da Cangosta da Palha (1987)¹²

Os desaterros realizados, em 1987, nos terrenos a poente da Rua dos Congregados, antiga Cangosta da Palha, com vista à construção de um parque de estacionamento subterrâneo

⁹ Referimo-nos, por exemplo, às inscrições funerárias, algumas delas mencionadas desde longa data (Tranoy & Le Roux 1989-90).

¹⁰ Martins & Delgado 1989-90.

¹¹ Delgado *et al.* 1987: 184.

¹² Fonte: mapoteca da UAUM.

e de um complexo gimno-desportivo, permitiram por a descoberto um núcleo de sepulturas, posteriormente escavado¹³.

Os trabalhos de escavação permitiram exumar um vasto núcleo de sepulturas de inumação e algumas de incineração, associados à necrópole da Via XVII. Segundo o espólio exumado, apesar da estratigrafia ser um pouco imprecisa, é possível comprovar enterramentos desde a segunda metade do século I até ao século IV. No entanto, em virtude dos diferentes tipos de sepulturas e ritos funerários que denotam é possível que este núcleo da necrópole tenha sido utilizado até uma cronologia mais avançada, talvez pelos séculos VI-VII. A maioria das sepulturas tinha a forma de caixa, com paredes de tijoleira e cobertura feita de lajes de granito, ou tijoleira. Trata-se do maior núcleo de sepulturas tardo romanas e alto medievais até hoje escavado em Braga¹⁴.



Figura 8 – Sepultura de inumação em forma de caixa da Cangosta da Palha (1987)¹⁵



Figura 9 – Espólio pertencente às sepulturas da Cangosta da Palha (1987)¹⁶

12. Carlos Amarante (Largo)

Em 1981 foram postas a descoberto duas sepulturas em caixa nos limites do terreno onde se procediam a aterros para a implantação dos alicerces do actual centro Comercial de Santa Cruz, no Largo Carlos Amarante. Uma das sepulturas, que se verificou ser de incineração, possuía um valioso espólio. Este conjunto funerário permite afirmar que nesta sepultura foi incinerada, no século II, uma notável senhora romana¹⁷. Este pequeno núcleo de sepulturas fazia parte da necrópole associada à Via XVII.

¹³ Delgado *et al.* 1987.

¹⁴ Delgado *et al.* 1987; Martins & Delgado 1989-90.

¹⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

¹⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

¹⁷ Delgado 1984; Martins & Delgado 1989-90.



Figura 10 - Vista da escavação de salvamento de uma sepultura no Largo Carlos Amarante (1981)¹⁸



Figura 11 - Monetários exumados na sepultura escavada no Largo Carlos Amarante¹⁹



Figura 12 - Sepultura em caixa do Largo Carlos Amarante (1981)²⁰



Figura 13 - Anel encontrado na sepultura da ZA do Largo Carlos Amarante (1981)²¹

13. Capela dos Coimbras

A capela dos Coimbras, localizada junto da Igreja medieval de S. João do Souto, no centro histórico da cidade de Braga, foi objecto de uma intervenção arqueológica que não evidenciou qualquer tipo de estruturas, permitindo constatar que se trata de uma área não urbanizada durante o período romano, localizada nas imediações exteriores da muralha romana.

14. Cardoso da Saudade (Antiga Fábrica)

A primeira referência à importância arqueológica desta zona foi descrita em 1918 por J. Leite de Vasconcelos, relatando o autor a existência, neste local, de um tanque com mosaicos e várias inscrições romanas. Mais tarde, nos anos 70 do século XX, Rigaud de

¹⁸ Fonte: mapoteca da UAUM.

¹⁹ Fonte: mapoteca da UAUM.

²⁰ Fonte: mapoteca da UAUM.

²¹ Fonte: mapoteca da UAUM.

Sousa realizou neste mesmo lugar as primeiras escavações, tendo identificado vestígios de uma piscina revestida a mosaico²².

Entre 1982-83, a equipa da Unidade de Arqueologia, conhecedora das potencialidades deste local e em consequência das obras previstas para a construção de um edifício nos terrenos conhecidos como “quintal da fábrica do Cardoso da Saudade”, procedeu aí à realização de uma intervenção arqueológica.

Os terrenos escavados entre os anos de 1982 e 1983 encontram-se limitados a norte pela rua de S. Paulo, a este pelo Largo de S. Paulo, a sul e a oeste por terrenos privados. Esta escavação confirmou a presença de edifícios de diferentes épocas, evidentes através de vários muros descobertos, duas canalizações e alguns pavimentos²³.



Figura 14 – Vista das escavações da ZA do Cardoso da Saudade (1983)²⁴



Figura 15 – Panorâmica actual da ZA do Cardoso da Saudade (2006)



Figura 16 – Tanque revestido de mosaico escavado por Rigoud de Sousa na ZA do Cardoso da Saudade²⁵



Figura 17 – Estátua de bronze exumada na ZA do Cardoso da Saudade²⁶

Os limites e as características da edificação romana são impossíveis de definir, muito embora as estruturas permitam adiantar que estamos na presença de uma *domus*, com

²² Sousa & Ponte 1970.

²³ Delgado *et al.* 1984.

²⁴ Fonte: mapoteca da UAUM.

²⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

²⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

tanque revestido de mosaicos e pórticos de circulação. No que se refere ao material exumado, cabe apenas referir que, apesar da quantidade e diversidade ser considerável, este se encontra bastante misturado nos diferentes estratos, apresentando-se o material moderno mesclado com o material antigo do qual fazem parte cerâmicas pré-romanas e romanas²⁷.

15. Casa da Roda

No ano de 1992 foram realizadas escavações no interior da Casa da Roda, sita na Rua de Nossa Senhora do Leite, no âmbito dos trabalhos de reabilitação do edifício, que permitiram identificar os vestígios de uma habitação romana, com pavimentos revestidos de mosaicos.

16. Casa do Poço

A zona arqueológica, designada de Casa do Poço, localizada na zona sudoeste da cidade romana, na Rua Pêro Magalhães Gândavo, foi escavada em 1969, por J. Rigaud de Sousa e E. Oliveira, acabando, no entanto, as ruínas exumas por serem destruídas, apesar dos esforços em contrário. O conjunto escavado incluiu um poço, com 9.70 m de profundidade, que ocupava o centro de um átrio lajeado, de forma quadrangular, com compartimentos contíguos que ficaram por delimitar, devendo tratar-se de um conjunto artesanal de fabrico de cerâmica e vidro, tendo em conta os vestígios relacionados com a produção deste tipo de produtos, designadamente, escória de vidro e tanques de decantação de argila. Muito embora não tenham sido escavados os estratos correspondentes às fundações do edifício, tanto o tipo de aparelho dos muros como a cerâmica recolhida sugerem que sua construção na segunda metade do século I d.C.²⁸.

17. Casa da Bica (Colina da Cidade Norte)

As primeiras intervenções arqueológicas realizadas na zona denominada de Colina da Cidade, incluída na área protegida pelo campo arqueológico, criado em 1977, reportam-se ao mesmo ano, e localizaram-se no topo norte desta área. Os vestígios recuperados, designadamente muros e uma canalização, permitiram interpretar a existência neste local de uma habitação romana, que ficou conhecida por casa da Bica. A conduta de água encontra-se associada as estruturas da residência²⁹.

²⁷ Delgado *et al.* 1984.

²⁸ Delgado *et al.* 1989.

²⁹ Delgado *et al.* 1989.

18. Casa Grande de Santo António das Travessas (Ex-Albergue Distrital)

A zona arqueológica designada de Casa Grande de Santo António das Travessas localiza-se no quarteirão definido pelas ruas de Santo António das Travessas a nascente e Frei Caetano Brandão a poente. Esta zona começou a ser escavada no ano de 1982, na sequência das obras previstas, no edifício então aí existente do Albergue Distrital³⁰.



Figura 18 – Zona do Ex-Albergue Distrital em 1982, antes das obras previstas³¹



Figura 19 – Zona do Ex-Albergue Distrital no presente (2006)



Figura 20 – Rua e pórtico da ZA do Ex-Albergue Distrital (2000)³²



Figura 21 – Cloaca do século I. ZA do Ex-Albergue Distrital (2000)³³

As primeiras sondagens arqueológicas puseram a descoberto uma calçada medieval, pertencente à Rua Verde, bem como algumas estruturas medievais. A continuação dos trabalhos nos anos subsequentes permitiram identificar, por debaixo dos vestígios medievais, estruturas pertencentes a uma *domus*, limitada por pórticos que acompanhavam um cardo romano, de orientação NO/SE, sob o qual corria uma grande cloaca, datada do século I. Os trabalhos permitiram, igualmente, exumar vestígios de outro pórtico, localizado a oeste do referido cardo, que, por sua vez, limitava outro quarteirão da cidade romana. Deste modo, foi possível determinar a largura da totalidade da rua, que

³⁰ Delgado *et al.* 1989.

³¹ Fonte: mapoteca da UAUM.

³² Fonte: mapoteca da UAUM.

³³ Fonte: mapoteca da UAUM.

corresponde a 7,4 m (25 pés), bem como a dos pórticos adjacentes, em 3,5m (12 pés), largura comum ao pórtico norte da referida *domus*³⁴.

Esta zona da cidade é extremamente importante para o estudo do urbanismo romano, assim como para a análise da evolução morfológica ao longo dos períodos subsequentes, pois corresponde a um espaço que foi sendo sucessivamente ocupado ao longo do tempo, encontrando-se os vestígios desta ocupação atestados igualmente pelas fontes histórico-documentais e iconográficas. A importância e monumentalidade deste conjunto justificaram a integração das ruínas no actual edifício da Bibliopolis.

19. Cavalariças (Antigas Cavalariças do Regimento de Braga)

Esta zona arqueológica alberga actualmente as instalações do Museu D. Diogo de Sousa, localizado a este da Rua dos Bombeiros Voluntários. Após trabalhos de limpeza e antes da realização de obras para a construção do referido Museu, foram efectuadas as primeiras sondagens arqueológicas no local, no ano de 1986, no interior das duas construções rectangulares que pertenciam às antigas Cavalariças do Regimento da Infantaria de Braga. Sob estas construções foi encontrado um conjunto de estruturas, onde se destacam um poço com 90cm de diâmetro, alicerces de um muro circular, restos de uma canalização, um pavimento constituído por lajes de pedra em forma de rectângulos e losangos, entrecortados com mosaicos³⁵.



Figura 22 – ZA das Cavalariças (1986): vista das estruturas exumadas³⁶



Figura 23 – Mosaico da ZA das Cavalariças (1988)³⁷

A área intervencionada foi sendo sucessivamente alargada, tendo sido recuperadas várias estruturas romanas, que se repartem pela área de três insulas da cidade romana. Estas relacionam-se com construções de natureza habitacional e artesanal que se distribuem

³⁴ Lemos & Leite 2000.

³⁵ Delgado & Gaspar 1986.

³⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

³⁷ Fonte: mapoteca da UAUM.

pela vasta área escavada, pertencentes a diferentes períodos cronológicos, desde o século I até ao século V, podendo ser atribuídas a três fases de ocupação distintas³⁸.

Atualmente a generalidade destas ruínas encontra-se enterradas, constituindo exceção um compartimento revestido a mosaico, de uma habitação, que foi preservado e musealizado na cave do bloco de serviços do próprio Museu D. Diogo de Sousa.



Figura 24 – ZA das cavalariças: pavimento (1988)³⁹



Figura 25 – ZA das Cavalariças: vaso de cerâmica comum fina (1988)⁴⁰

20. Carvalheiras

A denominada zona das Carvalheiras localiza-se a oeste da cidade, no interior do quarteirão delimitado a norte pela rua Visconde Pindela, a este pelo Campo das Carvalheiras e Rua do Matadouro, a sul pela Rua de S. Sebastião e a oeste pela Rua Cruz de Pedra. Desde 1983, ano da primeira intervenção arqueológica nesta zona, foram realizadas no local várias escavações, que permitiram exumar um conjunto de estruturas muito significativo acerca do urbanismo e da arquitectura das casas romanas, bem como das transformações decorrentes da construção da muralha Baixo – Imperial.

Os vestígios atestam a existência neste local de uma casa de átrio e peristilo, rodeada de pórticos e ruas limítrofes que ocupavam a totalidade de uma *insula*, numa área construída de 120 pés, limitada por 4 ruas. Na área envolvente deste complexo, foram ainda descobertos vestígios de outras duas *insulas* e habitações⁴¹.

³⁸ Delgado & Martins 1988.

³⁹ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴⁰ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴¹ Martins 1997-98.



Figura 26 – Panorâmica aérea da ZA das Carvalheiras⁴²



Figura 27 – Perspectiva das estruturas da ZA das Carvalheiras⁴³



Figura 28 – Panorâmica das estruturas da parte norte da ZA das Carvalheiras (2000)⁴⁴



Figura 29 – Garrafa em cerâmica comum de fabrico cuidado da ZA das Carvalheiras⁴⁵

Esta área da cidade romana terá conhecido uma ocupação bastante prolongada, desde o último quartel do século I até ao século VII, acompanhada por sucessivas remodelações da habitação, dos pórticos e das ruas, bem como das áreas adjacentes, com a paulatina ocupação dos pórticos e posteriormente das ruas. Os resultados produzidos nas diferentes campanhas têm sido acompanhados por publicações sistemáticas⁴⁶ bem como objecto de estudo arquitectónico⁴⁷.



Figura 30 – Reconstituição virtual da fachada oeste da Casa das Carvalheiras, fase II⁴⁸

⁴² Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴³ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴⁴ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁴⁶ Delgado *et al.* 1984; Delgado & Lemos 1985; Martins 1997-98; 2000b.

⁴⁷ Silva 2000.

⁴⁸ Fonte: mapoteca da UAUM.

A casa das Carvalheiras constitui um notável exemplo da arquitectura urbana privada romana, tendo sido classificada como Imóvel de Interesse Público.

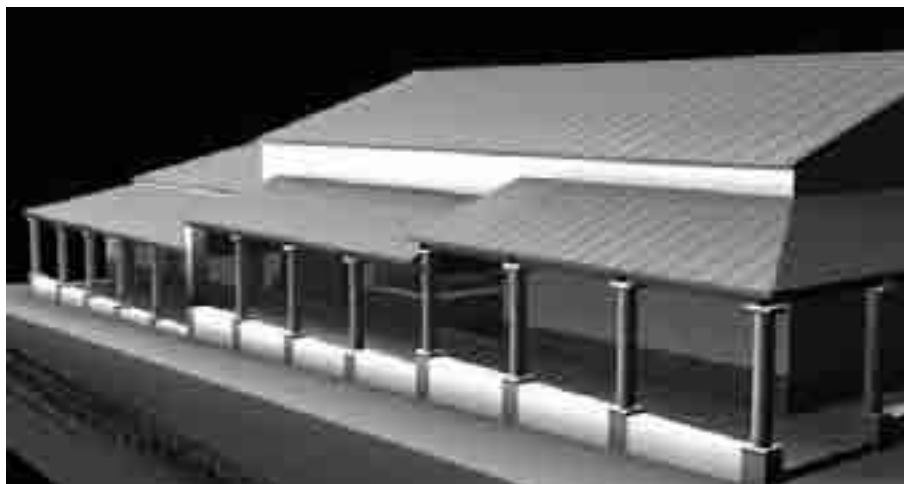


Figura 31 – Reconstituição virtual do pórtico sul da Casa das Carvalheiras, fase I⁴⁹

21. Comendador Santos da Cunha (Rua)

A zona arqueológica denominada de Comendador Santos da Cunha, localizada na rua com o mesmo nome, permitiu por a descoberto um conjunto de estruturas pertencentes a uma área habitacional, cujos limites espaciais e cronologia foram impossíveis de determinar. Esta zona localiza-se fora do perímetro definido pela muralha romana tardia.

22. D. Diogo de Sousa (Rua)

O acompanhamento das obras realizadas na biblioteca do Arquivo da Sé de Braga, contigua à Rua D. Diogo de Sousa, no ano de 2006, permitiu exumar um torreão circular pertencente à muralha romana tardia, muito idêntico aos encontrados noutras zonas da cidade, designadamente na zona arqueológica do Fujacal⁵⁰, bem como confirmar o traçado da referida estrutura⁵¹.

23. Escola da Sé (Antiga)

A zona arqueológica designada de Antiga Escola da Sé localiza-se no quarteirão delimitado a oeste pela Rua do Matadouro e a norte pelo Campo das Carvalheiras. As escavações realizadas, em 1999, nesta zona, revelaram um conjunto de ruínas datadas da época romana pertencentes a uma habitação integrada num dos quarteirões habitacionais da cidade romana. Neste conjunto destacam-se os vestígios de um pórtico que acompanharia

⁴⁹ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁵⁰ Zona arqueológica identificada com o nº 29.

⁵¹ As imagens, referentes ao torreão e ao pano da muralha desta ZA, encontram-se na Parte II, ponto 2.3.2 deste trabalho.

uma rua que passaria a este da habitação, bem como restos de pavimentos revestidos a tijoleira e mosaico. No mesmo terreno foi ainda identificado uma estrutura pertencente à muralha medieval, bem como m torreão da muralha medieval. Este conjunto encontra-se actualmente em fase de musealização.



Figura 32 – ZA da Escola da Sé: estruturas romanas exumadas (1999)⁵²



Figura 33 – ZA da Escola da Sé: compartimento com hipocausto⁵³



Figura 34 – ZA da Escola da Sé: torreão da muralha medieval



Figura 35 – ZA da Escola da Sé: alicerce da muralha medieval

24. Falcões, nº 8-10 (Rua dos) (Irmandade de Sta. Cruz)

Nesta zona arqueológica, a intervenção realizada no subsolo do edifício com os números de polícia indicados, permitiu identificar uma estrutura de material laterício, cujas características parecem apontar para a sua funcionalidade como forno. Neste caso poderíamos estar perante uma zona artesanal, facto que não seria de estranhar se pensarmos que nos encontramos perto da periferia da cidade.

⁵² Fonte: mapoteca da UAUM.

⁵³ Fonte: mapoteca da UAUM.

25. Fonte do Ídolo



Figura 36 – Ilustração da Fonte do Ídolo⁵⁴



Figura 37 – Escavações na ZA da Fonte do Ídolo⁵⁵

A Fonte do Ídolo localiza-se na Rua do Raio constitui uma das evidências romanas mais referidas na historiografia da cidade. Trata-se de um santuário rupestre, talhado num aforamento rochoso, com uma parede vertical onde se encontram as dedicatórias e figuras esculpidas. As escavações realizadas no local permitiram identificar estruturas associadas ao funcionamento do santuário⁵⁶. Actualmente este complexo encontra-se musealizado.



Figura 38 – Santuário da Fonte do Ídolo no presente

26. Frei Caetano Brandão (Rua), nºs 154

⁵⁴ Argote 1732-34, Livro II: 261.

⁵⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁵⁶ Lemos 1989.

No lado oeste da Rua Frei Caetano Brandão, no subsolo do edifício com o número de polícia referido, foram identificados os vestígios de um troço da cloaca que esta associada à identificada nas escavações da Casa Grande de Santo António das Travessas (Ex Albergue Distrital), já referida, na ZA identificada com o nº 18.

27. Frei Caetano Brandão (Rua), nºs 183-185 / Santo António das Travessas (Rua), nºs 20/26

Na zona contígua, a norte, à *insula* da Casa Grande de Santo António das Travessas (Ex Albergue Distrital), já referida⁵⁷, foram recuperados os vestígios de uma *domus* romana, com restos conservados de pintura nas paredes. As escavações permitiram igualmente exumar os vestígios pertencentes ao cardo e ao pórtico nascente identificados na zona do Ex-Albergue Distrital. Por fim, foi ainda recuperada uma cloaca, que corria no espaço destinado ao decumanos que delimitava as duas insulas. Esta construção terá sido posteriormente remodelada para albergar, o que se supõe ser, um edifício público.

28. Frigideiras do Cantinho

As escavações realizadas, em 1996, no subsolo do Café/Snack-Bar Frigideiras do Cantinho, no Largo S. João do Souto, nº24, permitiram pôr a descoberto um interessante conjunto de ruínas pertencentes a uma casa romana com um balneário, datada do Baixo Império. As estruturas existentes permitiram identificar um corredor para o qual se abrem outros espaços de circulação e um possível peristilo. O balneário privado da casa teria integrado um compartimento aquecido, por um sistema de hipocausto, que foi identificado na parte nordeste do terreno escavado. O conjunto de ruínas encontra-se musealizado e é visível através do vidro que constitui o piso do referido estabelecimento.



Figura 39 – Estruturas exumadas na ZA das Frigideiras do Cantinho (1996)⁵⁸



Figura 40 – Área musealizada das Frigideiras do Cantinho, sob pavimento de vidro⁵⁹

⁵⁷ Zona arqueológica identificada com o nº 18.

⁵⁸ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁵⁹ Fonte: mapoteca da UAUM.

29. Fujacal (muralha)

Em 1983 realizaram-se as primeiras sondagens arqueológicas nos terrenos conhecidos por Quinta do Fujacal, localizados entre o Hospital dos Falcões a norte, a rua 25 de Abril a este, a Rua Sá de Miranda a sul e a Rua de S. Geraldo a oeste. Os resultados permitiram antever a existência neste local de uma potente estrutura, com paramento interno⁶⁰.

A zona intervencionada foi sendo consecutivamente alargada permitindo conhecer um extenso troço da muralha romana, e dois torreões de forma aproximadamente semicircular que lhe estão associados⁶¹. Foi igualmente possível datar esta construção nos finais do século III / inícios do IV e caracterizar as suas dimensões e sistema construtivo⁶².

30. Fujacal (Campo da Nora)

Na Quinta do Fujacal, já localizada anteriormente, foi ainda possível identificar, na zona a oeste da muralha, também já referida, vestígios de habitações, cuja cronologia aponta para o séc. VI.

31. Granjinhos

A zona denominada de Granjinhos localiza-se a sul da Rua 25 de Abril, situando-se portanto fora da área urbana de *Bracara Augusta*, definida pelo perímetro da muralha tardia.



Figura 41 – ZA dos Granjinhos: tanque com estrutura de aquecimento por debaixo do pavimento (1993/94)⁶³



Figura 42 – ZA dos Granjinhos: vaso de bronze (1993/94)⁶⁴

⁶⁰ Delgado *et al.* 1984.

⁶¹ As imagens, referentes aos torreões e à muralha desta ZA, encontram-se na Parte II, ponto 2.3.2 deste trabalho.

⁶² Lemos *et al.* 1998; Lemos *et al.* 2002.

⁶³ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁶⁴ Fonte: mapoteca da UAUM.

As escavações realizadas nesta zona, entre os anos de 1993/94, permitiram exumar um conjunto de restos que se admite fazerem parte de um complexo industrial, cujas ruínas se encontram em estado avançado de destruição. Destes vestígios destacam-se restos de pavimentos de tijoleira, parte de um hipocausto, um tanque aquecido e ainda um original sistema de aquecimento de canais escavados na areia de alteração granítica. No entanto, é também possível que este conjunto possa ter pertencido a um balneário situado na periferia da cidade romana, o qual poderia estar ligado à Fonte do Ídolo. Entre o espólio recuperado contam-se peças da Idade do Bronze.

32. Granjinhos (intervenção BRA 82, salvamento)

As escavações realizadas a sul da já referida Fonte do Ídolo (nº25), no ano de 1982, permitiram por a descoberto um grande muro romano, cuja funcionalidade se desconhece, mas que já foi interpretado como podendo estar associado a uma *villa* suburbana.

33. Gualdim Pais, nºs 28-38 (Rua)



Figura 43 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: área intervencionada (1986)⁶⁵



Figura 44 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: estruturas descobertas (1986)⁶⁶



Figura 45 – ZA da R. Gualdim Pais, nºs 28-38: vaso medieval decorado (1986)⁶⁷

⁶⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁶⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁶⁷ Fonte: mapoteca da UAUM.

No quarteirão localizado a este da Rua Gualdim Pais, a intervenção iniciada em 1986, permitiu identificar restos de uma habitação tardia, com um compartimento com hipocausto, documentando, desse modo, que a casa aí existente possuía banhos privados. Sobre os vestígios romanos detectou-se uma espessa estratigrafia da época medieval e moderna que forneceu abundante cerâmica desses períodos sendo, deste modo, presumível que se tenha transformado em logradouro durante épocas⁶⁸.

34. Hospital de S. Marcos — Novo Bloco operatório

Nas escavações realizadas em 1995, na parte sudoeste dos terrenos destinados à construção do novo bloco operatório do Hospital de S. Marcos, foram encontrados vários vestígios de muros romanos pertencentes a estruturas destruídas pela construção da muralha romana, cujo traçado coincidia com uma grande estrutura da época moderna, parcialmente posta a descoberto durante os trabalhos de escavações. Deste modo, a construção da muralha dos finais do século III / inícios do IV inutilizará algumas edificações, deixando outras de fora, circunstância que revela que a cidade do Alto Império possuía uma área maior do que aquela que foi cercada no Baixo Império.

35. Imaculada Conceição, Av. (núcleo de sepulturas)

Os trabalhos arqueológicos realizados em 1982 na Av. da Imaculada Conceição, vulgarmente conhecida pelo designativo de Rodovia, resultaram de um salvamento, em consequência de obras de saneamento. As escavações permitiram identificar um núcleo de sepulturas de tipologia distinta, designadamente, em caixa e uma em covacho, núcleo esse que se integrava na necrópole associada à Via XVI. As conclusões cronológicas são as de que a necrópole terá sido utilizada entre os séculos I/II e III⁶⁹.

36. Imaculada Conceição, Av. (Oficinas da Livraria Cruz)

No subsolo das antigas oficinas da Livraria Cruz, situada na Av. da Imaculada Conceição, foi possível identificar vestígios de possíveis fornos, eventualmente associados a um complexo artesanal de produção de cerâmica. Outros achados documentam que poderíamos estar perante uma *villa* suburbana.

37. Imaculada Conceição, Av. (Muralha)

As escavações realizadas em 1997 num terreno situado no entroncamento da Rua dos Bombeiros Voluntários e da Av. da Imaculada Conceição, permitiram identificar os alicerces

⁶⁸ Delgado 1987.

⁶⁹ Martins & Delgado 1989-90.

de um torreão da muralha romana tardia, possibilitando, deste modo, a interpretação do traçado sul da referida muralha, bem como da localização dos seus torreões⁷⁰.

38. Lar das Enfermeiras = Jardim da Santa Casa da Misericórdia (Necrópole de S. Lázaro)

Nos terrenos da Santa Casa da Misericórdia, junto do Hospital de S. Marcos, foi possível identificar uma sepultura que se encontra integrada na necrópole de S. Lázaro, possivelmente associada à necrópole que acompanharia a saída de *Bracara Augusta* para Emérita.

39. Largo Carlos Amarante (Claustro do Convento dos Remédios)

No antigo Claustro do Convento dos Remédios, situado no Largo Carlos Amarante, onde actualmente se localiza um centro comercial, foi identificado um núcleo de duas sepulturas de incineração em caixa, integradas na necrópole da Via XVII, das quais apenas foi escavada uma⁷¹.

40. Largo do Paço (claustro)



Figura 46 – ZA do Largo do Paço (claustro): tampa de vaso decorada medieval⁷²



Figura 47 – ZA do Largo do Paço (claustro): pote medieval⁷³

As escavações realizadas no claustro interior do complexo designado de Largo do Paço, na Rua do Souto, iniciadas em 1988, permitiram identificar um conjunto de estruturas que se relacionam com vários momentos de ocupação deste local. Os mais antigos correspondem a valas de fundação de muros, totalmente saqueados, e a cerâmicas do séc. I. Foram

⁷⁰ Lemos *et al.* 1998; Lemos *et al.* 2002.

⁷¹ Martins & Delgado 1989-90.

⁷² Fonte: mapoteca da UAUM.

⁷³ Fonte: mapoteca da UAUM.

igualmente descobertos muros dos sécs. III/IV, estruturas e espólio da época medieval⁷⁴. Esta zona localiza-se nas imediações exteriores à parte norte da muralha tardia romana.

41. Largo de S. João do Souto (R. Afonso Henrique, 31-33)

Os trabalhos arqueológicos realizados nesta zona possibilitaram a identificação de vestígios de diferentes épocas. Os mais antigos são fossas cujos enchimentos forneceram cerâmicas romanas e medievais. Foram igualmente exumados vestígios de estruturas medievais e modernas.

42. Largo de S. Paulo

Aquando da remodelação do pavimento no Largo de S. Paulo, localizado na área comum à cidade romana e medieval, nas imediações de uma porta da muralha medieval, denominada de Santiago, foram identificados imediatamente à superfície um conjunto de significativo de estruturas pertencentes a uma habitação romana. Não tendo sido possível realizar a escavação da área, foram desenhados e georreferenciados todos os muros descobertos.

43. Misericórdia, Santa Casa (Jardim) / Necrópole de S. Lázaro

Nos terrenos da Misericórdia, foi exumado um núcleo de sepulturas romanas, atribuídas a uma necrópole, presumivelmente associada à saída da via *Bracara-Emerita*.

44. Misericórdia, Santa Casa (Infantário - tabuleiro B)

Nos terrenos da Misericórdia, foi igualmente descoberto um conjunto de estruturas muito fragmentárias, atribuíveis a uma área habitacional. A reduzida extensão das sondagens não permitiu definir as características da construção.

45. Misericórdia, Santa Casa (terrenos a norte – tabuleiro A)

Nos terrenos da Misericórdia, foram ainda realizados trabalhos arqueológicos que permitiram identificar vestígios de compartimentos com solos de *opus signinum*, integrados numa área habitacional cujas dimensões se desconhecem.

46. Museu (terrenos a poente)

Na zona oeste dos terrenos que fazem actualmente parte do Museu D. Diogo de Sousa, contíguos a zona arqueológica das Cavalariças (nº19), já referida, foi ainda possível

⁷⁴ Lemos et al. 1988.

identificar um conjunto de vestígios que incluem pavimentos, muros, uma rua e outras estruturas associadas à existência de um balneário privado de uma casa.

47. Nossa Senhora do Leite (Rua da)

A Rua de Nossa Senhora do Leite localiza-se no prolongamento da rua do Forno, acompanhando a parede nascente da Sé Catedral, terminando no Largo D. João Peculiar e Rua do Souto. Trata-se, de uma zona que se situa no coração da cidade medieval e dentro do espaço amuralhado da cidade romana. Este local foi ao longo dos tempos muito profícuo em materiais de diversas categorias e sujeito a várias escavações. A primeira destas, realizada no ano de 1983, permitiu identificar um muro de excelente qualidade, paralelo à parede da Sé Catedral, sugerindo a existência neste local de um edifício romano de grande proporções⁷⁵.



Figura 48 – ZA da N. S. do Leite antes da escavação⁷⁶



Figura 49 – ZA da N. S. do Leite: muro romano da época Flávia paralelo à parede este da Sé⁷⁷



Figura 50 – ZA da N. S. do Leite: cerâmica medieval⁷⁸

⁷⁵ Delgado *et al.* 1984.

⁷⁶ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁷⁷ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁷⁸ Fonte: mapoteca da UAUM.

Posteriormente, novas escavações permitiram determinar que associado ao referido muro, se encontram dois solos de *opus signinum*, associados ao referido muro e rompidos pelos alicerces da catedral. Ambas as estruturas pertencem a uma construção pública rectangular, com pórtico virado a nascente, interpretado, provisoriamente como um possível mercado romano, datável da época flávia-antonina, espaço que deverá ter sido convertido no século IV em basílica paleo-cristã. Esta zona apresenta igualmente uma importante sequência estratigráfica relacionada com a ocupação medieval da zona, onde foram encontradas interessantes peças de cerâmica de fabrico local, representando, até hoje, o melhor conjunto de louça desse período encontrado em Braga⁷⁹.

48. Paio Mendes (Rua), nºs 67-75

As escavações efectuadas, entre 1998 e 1999, nos números acima referido da Rua Paio Mendes, permitiram encontrar um troço de muralha romana com cerca de 6 m de espessura, associado a um provável cubelo exterior semicircular e a uma pavimentação pétreo no lado interno. Segundo os dados recolhidos na escavação, esta muralha só viria a ser desactivada a partir dos séculos centrais da Idade Média, tendo lhe sido sobrepostos muros e pavimentos de casas, nos séculos XV e XVI. Durante os séculos posteriores sucederam-se diversas edificações que conservaram o traçado da muralha romana.

49. Praia das Sapatas

A área arqueológica conhecida pela designação de Praia das Sapatas situava-se a sul da área vedada da Colina da Cidade, já referida no nº 17. A existência de estruturas no subsolo foi determinada no 1977, tendo sido objecto de trabalhos arqueológicos até 1978. As estruturas descobertas revelaram a existência de uma habitação romana no local. As ruínas recuperadas viriam ser destruídas em 1992.



Figura 51 – Vista geral da área escavada da ZA da Praia das Sapatas (1978)⁸⁰



Figura 52 – Mão de bronze encontrada na ZA da Praia das Sapatas⁸¹

⁷⁹ Gaspar 1985.

⁸⁰ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁸¹ Fonte: mapoteca da UAUM.

50. S. Geraldo, n.º 27-3 1 (Rua de)

Esta zona arqueológica, situada nos inícios da referida rua, no lado nascente, permitiu por a descoberto um conjunto de vestígios pertencentes a uma área habitacional, bem como uma rua e negativos na rocha de muros e de silhares, que se encontravam sobrepostos por estruturas decorrentes de uma posterior ocupação medieval e moderna.

51. S. Geraldo, n.º 34 (Rua de)

As escavações realizadas entre 1994 e 1995, no lado oeste da rua, permitiram identificar um conjunto de alicerces e alinhamentos de muros de uma *insula* romana, totalmente desmantelados por construções posteriores, muito provavelmente da Alta Idade Média. Por outro lado, a um nível superior, foram exumados os alicerces de uma habitação da Baixa Idade Média, representada no *Mapa de Braunio*, datado do século XVI e no MRB, datado do século XVIII. Esta casa seria derrubada ainda no século XVIII, a fim de ser aumentado o logradouro da casa dos Moura Coutinho, situada a norte.

52. S. Geraldo (Rua de) (Colégio da Sagrada Família – Convento da Imaculada Conceição)

Ainda no lado oeste da referida Rua de S. Geraldo, junto do entroncamento com a Avenida da Imaculada Conceição, no local onde se localiza o Colégio da Sagrada Família, foram encontrados vestígios de estruturas habitacionais, com pavimentos.

53. S. Geraldo (Rua de) (Quintal da Santa Casa da Misericórdia)

Por fim, ainda na Rua de S. Geraldo, no lado nascente, foi identificado um conjunto de vestígios caracterizados por pavimentos e restos de muros, muito destruídos, que definem compartimentos, alguns dos quais com solos de *opus signinum*.

54. S. Vítor (Rua) / Francisco Martins Sarmiento (Rua) (necrópole)

Na zona arqueológica localizada entre as referidas ruas, na periferia da cidade, foram exumadas sepulturas de incineração e de inumação e vestígios de um solo de *opus signinum* que poderá ser atribuído a um mausoléu, ou templete. Segundo os dados obtidos trata-se de um espaço funerário que foi ocupado desde o Alto Império até à Alta Idade Média, provavelmente de forma continuada, que terá sido substituído por um outro, agora no adro da Igreja de S. Vítor, local onde terá existido uma basílica paleo-cristã. Este núcleo de sepulturas articulava-se com a Via XVII⁸².

⁸² Lemos 2001.

55. Sé Catedral

As sondagens arqueológicas efectuadas entre 1996 e 1998 no subsolo da Sé Catedral permitiram pôr a descoberto um conjunto diversificado de vestígios relacionados com a ocupação romano do local, com a sua história arquitectónica da Sé, mas, também, com o conjunto de vestígios revelados nas escavações da Rua de Nossa Senhora do Leite, já referidos no nº 47. Entre as descobertas mais significativas da época romana destaca-se a identificação de um edifício de planta rectangular, que se prolonga para a rua Nossa Senhora do Leite, capela de S. Geraldo e naves da igreja, provavelmente um mercado romano. As escavações demonstraram, igualmente, que este edifício público foi alvo de sucessivas remodelações e no século IV apresenta uma configuração basilical com mais de 30 m de comprimento⁸³, podendo corresponder à primeira basílica paleo-cristã de Braga.

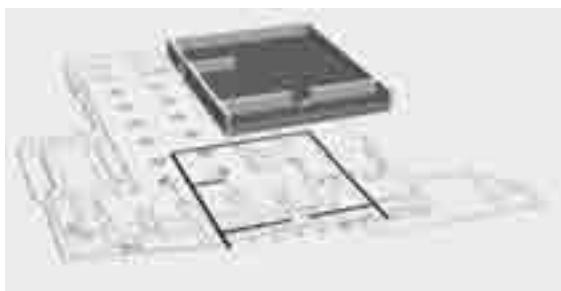


Figura 53 – ZA da Sé: reconstituição virtual do provável mercado romano (1996-1998)⁸⁴



Figura 54 – ZA da Sé: muro romano do provável mercado romano (1996-1998)⁸⁵

56. Sé Catedral (Capela da Nossa Senhora da Glória)

As escavações realizada entre 1996 e 1998, no subsolo da Torre da Capela de Nossa Senhora da Glória, capela que integra a Sé Catedral, permitiram identificar uma poderosa estrutura pétrea pertencente a um troço da muralha romana, ao qual se associavam várias pavimentações⁸⁶.

57. Seminário de Santiago (Cerca do)

Os trabalhos arqueológicos realizados nos terrenos do Seminário de Santiago, localizado Campo de Santiago, junto à porta medieval com o mesmo nome, permitiram pôr a descoberto dois importantes conjuntos de vestígios. Na área central do terreno foi identificada uma rua calçetada, restos de um pórtico e de uma habitação. A estratigrafia

⁸³ Fontes *et al.* 1997-98.

⁸⁴ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁸⁵ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁸⁶ Fontes *et al.* 1997-98.

sugere que este conjunto data do Baixo-império, em resultado de uma remodelação efectuada sobre estratos do século I. Noutra local, a sul dos referidos terrenos, foi exumado o alicerce da muralha medieval que cortou construções romanas tardias.



Figura 55 – ZA cerca do Seminário de Santiago: rua calcetada e silhar de pórtico⁸⁷

58. Seminário de Santiago (Claustro do)

Os vestígios romanos, ainda hoje visíveis no interior do claustro do Seminário de Santiago, foram encontrados, em 1966, aquando da realização de obras de restauro no edifício. A escavação e preservação dos mesmos ficam a dever-se às iniciativas do então reitor do Seminário, Cónego Luciano dos Santos. Estamos perante um conjunto de muros que definem o peristilo de uma casa romana, rodeada de um pórtico, que dava acesso a um balneário. Segundo o espólio encontrado, esta casa terá sido construída na segunda metade do século I d.C., tendo sido sujeita a remodelações numa fase tardia. O peristilo possuía um tanque central revestido de mosaicos⁸⁸ com representações de golfinhos e peixes. Os referidos mosaicos fragmentaram-se quando se procurou proceder à sua remoção, sendo hoje visíveis apenas em fragmentos. As restantes dependências da casa estendem-se sob os alicerces do actual edifício pelo que não foram recuperadas⁸⁹.

⁸⁷ Fonte: mapoteca da UAUM.

⁸⁸ Os mosaicos foram retirados do local por uma equipa especializada do Museu Monográfico de Conímbriga, a pedido do Cónego Luciano dos Santos (Delgado *et al.* 1989).

⁸⁹ Delgado *et al.* 1989.



Figura 56 – Mosaico do tanque do peristilo da *domus* de Santiago⁹⁰



Figura 57 – Peristilo da *domus* de Santiago⁹¹



Figura 58 – Peristilo da *domus* de Santiago⁹²

59. Termas do Alto da Cividade

A zona arqueológica designada por Termas do Alto da Cividade⁹³ começou a ser escavada em 1977 e foi sucessivamente ampliada, tendo sido concluídas as escavações no ano 1999. Trata-se de uma extensa área, onde foram encontradas as estruturas correspondentes a umas termas romanas públicas, que sofreram sucessivamente remodelações, desde os inícios do século II até aos finais do século IV. Os resultados das diferentes campanhas arqueológicas realizadas foram sendo publicados amiúde⁹⁴, encontrando-se actualmente sintetizados num estudo monográfico⁹⁵ que integra a análise arquitectónica do edifício nas suas diferentes fases construtivas. Associados ao conjunto termal, apareceram, nas campanhas arqueológicas realizadas no ano de 1999, os potentes vestígios de um teatro, datado do século II, que se encontraria articulado com as referidas termas.

⁹⁰ Fonte: <http://www.geira.pt/arqueo/bracara/roteiro.html>.

⁹¹ Fonte: <http://www.geira.pt/arqueo/bracara/roteiro.html>.

⁹² Fonte: <http://www.geira.pt/arqueo/bracara/roteiro.html>.

⁹³ Também designada de Colina da Cividade.

⁹⁴ Martins & Silva 1999; Martins 2000; Silva 1999.

⁹⁵ Martins 2005.



Figura 59 – Aspecto geral das primeiras escavações das termas romanas do Alto da Cidade⁹⁶.



Figura 60 – Termas romanas do Alto da Cidade: pormenor das estruturas⁹⁷



Figura 61 – Termas romanas do Alto da Cidade: estruturas gerais⁹⁸.



Figura 62 – Termas romanas do Alto da Cidade: taça de prata⁹⁹



Figura 63 – Reconstituição virtual das Termas do Alto da Cidade, fase I¹⁰⁰

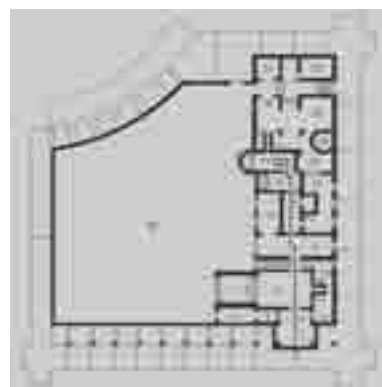


Figura 64 – Planta interpretada das Termas do Alto da Cidade, fase I¹⁰¹

⁹⁶ Fonte: Mapoteca da UAUM.
⁹⁷ Fonte: Mapoteca da UAUM.
⁹⁸ Fonte: Mapoteca da UAUM.
⁹⁹ Fonte: Mapoteca da UAUM.
¹⁰⁰ Fonte: Mapoteca da UAUM.
¹⁰¹ Fonte: Mapoteca da UAUM.



Figura 65 – Termas romanas do Alto da Cidade musealizadas

60. Teatro romano do Alto da Cidade

As estruturas pertencentes ao teatro romano de Braga ocupam uma parte considerável da área designada de Alto da Cidade, e encontram-se em fase de escavação. A construção deste edifício terá beneficiado da topografia natural do sítio, que se configura em vertente e obrigou ao desmantelamento de alguns quarteirões que compunham o plano original da cidade. No entanto, são ainda evidentes alguns traços morfológicos do anterior traçado urbano, designadamente dos eixos viários, bem como a orientação cardinal do próprio edifício¹⁰².

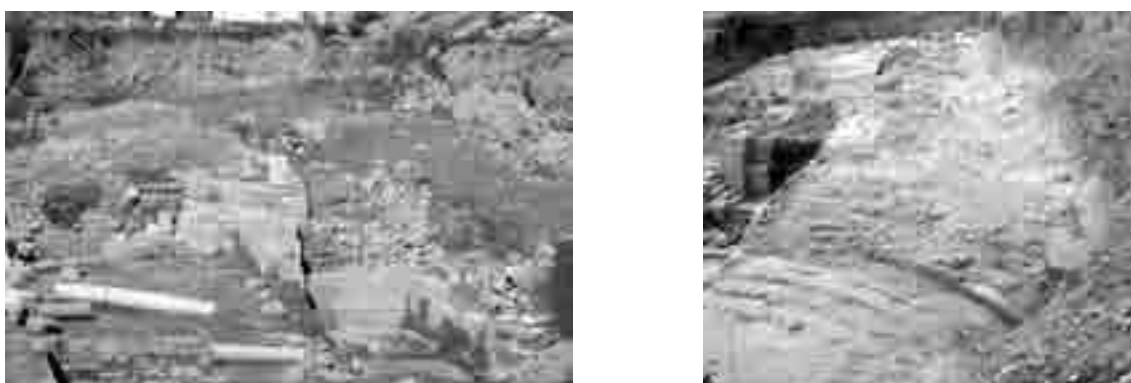


Figura 66 – Ruínas do teatro romano do Alto da Cidade

¹⁰² Martins et al. 2006.

Anexo II – Achados Arqueológicos Isolados

Os inúmeros achados arqueológicos que foram sendo recuperados ocasionalmente ao longo de séculos referentes a *Bracara Augusta* encontram-se dispersos por diferentes instituições, muito embora o seu registo conste, presentemente, da base de dados do SIABRA.

Somente algumas categorias daqueles achados são relevantes para o estudo da morfologia urbana. Encontram-se nesse caso, as epígrafes e os elementos de arquitectura, apresentando-se neste anexo uma listagem destas duas categorias de achados, bem como algumas imagens ilustrativas dos mesmos.

Listagem das inscrições romanas referentes a *Bracara Augusta*

EPIGRAFIA		
Localização	Categoria	Descrição
Arco da Porta Nova – Praça Velha	Funerária	Estela. Necrópole da Via XIX. CIL II 2440=ILER 2544
Avenida da Liberdade – Largo do Rechicho – Rua do Raio	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. ILER 5185
Campo de Santana	Funerária	Necrópole da Via XVII. CIL II 2453
Capela de Santana, no tempo de Argote	Funerária	Necrópole da Via XVII. Tranoy e Le Roux 1989/90:201-202.
Campo da Vinha – Casa de F. Castiço	Funerária	Necrópole da Via XIX. Tranoy e Le Roux 1989/90:216.
Claustro do Hospital de S. Marcos	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. CIL II 2442=ILER 2543 a
Convento dos Remédios	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. CIL II 2431=ILER 5103
Convento dos Remédios	Funerária	Necrópole da Via XVII. CIL II 2432
Convento dos Remédios	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. CIL II 2425=ILER 5647
Edifício dos CTT	Funerária	Necrópole da Via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 191
Edifício dos CTT	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 202-203
Edifício dos CTT	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 206
Igreja de S. João do Souto	Funerária	Necrópole da Via XVII. CIL II 2446=ILER 4153
Igreja de S. Victor	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. CIL II 2443=ILER 2435
Largo do Paço	Funerária	Necrópole da Via XIX. CIL II 2430b
Largo do Paço	Funerária	Necrópole da Via XIX. CIL II 2430a
Maximinos	Funerária	Estela. Necrópole XVI / XX. Tranoy & Le Roux 1989-90: 188-189
Monte de Penas – Urjais	Funerária	Necrópole XVI / XX. CIL II 2451
Quinta de Portas, perto do Largo de Sra. A Branca	Funerária	Estela. Necrópole da via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 205-206
Rua Francisco Sanches – Casa do Passadiço	Funerária	Ara. Necrópole da Via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 197
Rua Cruz de Pedra	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI/XX. Tranoy & Le Roux 1989-90: 190-191

Rua D. Afonso Henriques	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. Tranoy & Le Roux 1989-90: 194
Rua de S. Geraldo	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI. Tranoy & Le Roux 1989-90: 211-212
Rua de S. Geraldo – Instituto Monsenhor Airosa	Funerária	Coluna. Necrópole da Via XVI. Tranoy & Le Roux 1989-90: 213
Rua de S. Geraldo = Casa do Avelar	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI. CIL II 2435=ILER 3476
Rua de s. Geraldo = Casa do Avelar	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI. Tranoy & Le Roux 1989-90: 212
Rua de S. Geraldo = Casa do Avelar	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI. Tranoy & Le Roux 1989-90: 214
Rua de S. Geraldo = Casa do Avelar	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVI. Tranoy & Le Roux 1989-90: 214-215
Rua de S. Geraldo = Casa do Avelar	Funerária	Necrópole da Via XVI. CIL II 2448=ILER2610
Rua do Raio (Quinta das Portas)	Funerária	Estela. Necrópole da Via XVII. CIL II 2449=ILER 4868
Rua dos Falcões (Rua do Hospital)	Funerária	Necrópole da Via XVII. CIL II 2447 e 5609
S. Pedro de Maximinos	Funerária	Necrópole da Via XVI / XX. CIL II 2441
S. Pedro de Maximinos	Funerária	Necrópole da Via XVI / XX. CIL II 2454
S. Pedro de Maximinos	Funerária	Necrópole da Via XVI / XX. CIL II 2455
Arcada, parede interior da tabacaria	Honorífica	Inscrição incompleta
Braga	Honorífica	Inscrição a <i>Caius</i> ou <i>Lucius</i> dedicado pela <i>Callaeci</i> . CIL II 2422
Braga	Honorífica	Inscrição ao <i>Genius Augusti</i> . CIL II 5123
Largo Paulo Osório = Quinta dos Condes de S. Martinho	Honorífica	Constantino Magno. Belino 1896: 40
Largo Paulo Osório = Quinta dos Condes de S. Martinho	Honorífica	Galaecia. Belino 1896: 40
Sé Catedral (fachada norte)	Honorífica	CIL II 2421
Rua do Souto	Honorífica	Inscrição a Agripa. Sousa 1973: 28
Capela de Santana; Fonte do Ídolo	Monumental	CIL II 2420
Monte de Penas – Urjais	Monumental	<i>Sodalituum vrbanoorum</i> . CIL II 2428
Avenida da Liberdade – Teatro Circo	Votiva	Inscrição a Júpiter por <i>C. Iulius Saturninus</i>
Fonte do Ídolo	Votiva	Inscrição a <i>Tongoenabiagoi</i> : CIL II 2419
Fonte do Ídolo	Votiva	Altar com inscrição a <i>Nabia</i>

Largo de S. Francisco	Votiva	Via XVIII. Ara aos <i>Lares Viales</i>
Largo do Paço	Votiva	<i>Lares Viales</i> . CIL II 2417
Largo do Paço	Votiva	<i>Lares Viales</i> . Sousa 1973: 21
Monte de Penas – Urjais	Votiva	<i>Ambieicer</i> . ILER 717
Quinta de Urjais	Votiva	ILER 717
Rua D. Afonso Henriques	Votiva	<i>Eventus</i> . CIL II 2412
Rua D. Afonso Henriques (parede da casa quinhentista, nº86)	Votiva	<i>Asclepius e Higia</i> . CIL II 2411=ILER 183
Rua dos Bombeiros Voluntários	Votiva	<i>Senaico</i> . Tranoy 1981: 269
Rua dos Bombeiros Voluntários	Votiva	<i>Ambiorebi</i> . Tranoy 1981: 269
Rua dos Falcões (na parede do hospital)	Votiva	Inscrição a Júpiter. CIL II 2415
Rua de S. Geraldo – Casa do Avelar?	Votiva	<i>Frovida</i> . Tranoy 1980: 75.
Sé Catedral	Votiva	<i>Genius Macelli</i> . CIL II 2413=ILER 547
Sé Catedral (fachada nascente)	Votiva	<i>Isis Augusta</i> . CIL II 2416
Seminário de Santiago (cerca)	Votiva	Mercúrio. Tranoy 1981: 315
Templo de S. Vicente, em frente	Votiva	Ara a Jupiter (?)
Hospital de S. Marcos, enfermaria (alicerces)	Miliário	Via XVII.
Largo do Orfeão	Miliário	Via XVII. Miliário de Tibério César
Patronato da Sé	Miliário	<i>Nerva</i> . Via XIX.
Rua Francisco Sanches – Casa do Passadiço	Miliário	<i>Nerva</i> . Via XVII?
Rua de Nossa Senhora do Leite	Miliário	Coluna com inscrição
Rua Frei Caetano Brandão	Miliário	Via XIX
Rua Frei Caetano Brandão	Miliário	Via XIX (Inédito).
Rua Sá de Miranda (esquina, na ligação com a Rodovia)	Miliário	Via XVI (com duas inscrições sobrepostas)
Rua Francisco Sanches	Miliário?	Via XVII?



Figura 67 – Inscrição inserida na parede norte da Sé Catedral (CIL II 2421).



Figura 68 – Inscrição a Ísis na parede nascente da Sé Catedral (CIL II 2416).



Figura 69 – Altar em granito com inscrição funerária encontrado na Casa do Passadiço dedicado a Camila Rufina, por *Virius Rufinus* (Tranoy & Le Roux 1989-90: 195-196)



Figura 70 – Estela funerária de granito encontrada no Convento dos Remédios, referente ao cidadão romano *Marcus Antonius Augustanus* (?), da tribo Galeria, originário de *Pax Iulia*, soldado da legião VII Gemina Felix, (Tranoy & Le Roux 1989-90: 195-196)



Figura 71 – Ara aos *Lares Viales*, encontrada no Largo de S. Francisco (Cunha *et al.* 2005: 154)



Figura 72 – Ara a Júpiter Ótimo Máximo, encontrada no subsolo do Teatro Circo (Cunha *et al.* 2005: 155)

Listagem dos elementos de arquitectura encontrados ocasionalmente em *Bracara Augusta*

Elementos de arquitectura	
Localização	Descrição
Campo de Santiago	3 fustes
Cerca do Seminário de Santiago	Fuste; pilastras; bases; canos; consolas
Igreja do Seminário de Santiago	Base de granito
Largo de Paulo Osório – Centro de Saúde	Arco de pedra; tijolos de abóbadas, bases de coluna
Maximinos	Capitel em mármore; fuste em granito
Maximinos, junto à muralha romana	Tijoleiras; fustes; caleiro
Monte de Penas / Maximinos	Fustes
Patronato da Sé	Capitel coríntio, em granito
Rossio da Sé	Fustes; bases; tijoleiras; pedras almofadadas
Rua Bento Miguel e Rua do Regimento Infantaria (entre)	Fustes
Rua Comendador Santos da Cunha	Fuste e base de coluna
Rua da Misericórdia	Base e fuste de coluna
Rua de Nossa Senhora-a-Branca	Fustes de granito
Rua de S. Geraldo	Base de coluna
Rua de S. Geraldo, no quintal da casa	Fuste
Rua de S. João / casa das Zitas	Base de coluna
Rua do Alcaide	Capitel toscano, de granito
Rua do Cabido	Fuste e capitel
Rua do Forno, nº 9	Bases de coluna e capitéis medievais

Rua do Raio – Creche Nova	Base e fuste de coluna
Rua dos Bombeiros Voluntários	Base de coluna
Rua dos Marchantes	Capitel coríntio, em granito
Rua dos Marchantes – Maximinos	Fuste de coluna
Rua dos Pelames	Capitel toscano em granito
Rua Francisco Sanches	Fustes; capitéis; grandes bases de coluna
Rua Paio Mendes	Fustes
Rua Pero Magalhães Gandâvo (lado Oeste)	Base de coluna; tijoleiras de pavimento; ombreira de porta
Sé (rua adjacentes)	Capitel coríntio, em granito; bases de colunas
Seminário de Santiago	Fustes; pilastras; silhares



Figura 73 – Base de coluna monumental de um grande edifício provavelmente associado ao fórum, encontrada nas imediações do Largo Paulo Orósio¹⁰³.

¹⁰³ Martins 2002:183.



Figura 74 – Fuste de coluna romana a servir de suporte de vitrina no Claustro da Sé Catedral



Figura 75 – Elementos de arquitectura reunidos na Sé Catedral



Figura 76 – Capitéis de diferentes épocas reunidos em torno do claustro da Sé Catedral

Anexo III – Iconografia e Cartografia Histórica

As fontes iconográficas e cartográficas constituem documentos particularmente singulares e relevantes no estudo da morfologia urbana de Braga desde o século XVI até à actualidade.

Apesar das primeiras plantas com rigor topográfico apenas terem sido realizadas no século XIX, as ilustrações produzidas nos séculos anteriores permitem obter uma visão geral do espaço urbano, onde se encontram assinalados eixos viários, áreas edificadas, edifícios religiosos e civis, bem como a muralha medieval com as suas portas, torres e o castelo. Este conjunto de dados revela-se extremamente importante para a elaboração dos planos urbanos anteriores.

Tendo por base as produções cartográficas mais recentes, designadamente a planta topográfica de 1883/84 e a planta de Braga dos inícios a década de 90 do século passado, foi possível cartografar grande parte da informação ilustrada nas fontes iconográficas anteriores, obtendo-se desta forma planimetrias aproximadas das diferentes fases da evolução da cidade, desde o período medieval até aos inícios da Idade Moderna. Esta tarefa teve necessariamente em conta o plano urbano da cidade romana, elaborado com base nas fontes arqueológicas, os dados arqueológicos disponíveis para o período medieval e algumas fontes histórico-documentais.

De seguida apresentaremos uma breve síntese das fontes iconográficas e cartográficas mais utilizadas neste trabalho, tendo em vista assinalar o seu potencial informativo.

O Mapa de Braunio

A primeira ilustração geral conhecida para a cidade de Braga integra a obra *Civitates Orbis Terrarum*, de Georg Braun e Franz Hogenberg, publicada na cidade alemã de Colónia, entre os anos de 1572 a 1618, composta por 6 volumes. Esta obra, produzida sob os auspícios do Renascimento, constitui aquilo que podemos considerar um dos primeiros atlas das cidades europeias, sendo composta por 350 gravuras, realizadas por diversos autores, que representam diferentes centros urbanos¹⁰⁴, como Lisboa, Edimburgo, Colónia, Roterdão, entre outras.

A gravura intitulada de *nova Bracarum Avgvste descriptio* reporta-se à cidade de Braga e terá sido produzida no ano de 1594. A sua antiguidade e excepcional qualidade tornaram-na uma das imagens mais populares da cidade, vulgarmente conhecida por *Mapa de Braunio*. Pese embora o facto de não se tratar de um mapa no pleno sentido topográfico do termo, esta ilustração constitui um documento de primordial importância para o estudo da morfologia da cidade, não só porque consiste na primeira representação dela conhecida, mas, também, porque fornece uma enorme riqueza de pormenores relativos ao tecido urbano existente no século XVI, o qual consideramos igualmente válido para a morfologia da cidade medieval.



Figura 77 – Mapa de Braunio

¹⁰⁴ Arizaga Bolumburu 1996: 23-24.

A importância desta fonte tem sido sobejamente reconhecida pelos investigadores que têm trabalhado sobre a cidade de Braga, muito embora, até ao momento, não tenha sido realizado nenhum estudo exaustivo sobre todas as potencialidades que ela oferece para o estudo do urbanismo¹⁰⁵.

O sistema viário representado no *Mapa de Braunio* é bastante claro e corresponde, na generalidade, ao mesmo que se encontra ainda representado, três séculos mais tarde, na planta topográfica de 1883/84. De facto, todos os arruamentos intramuros se encontram desenhados, estando as suas relações correctamente assinaladas. Por outro lado, a reapresentação viária do *Mapa de Braunio* surge bastante coincidente, quer com o rol de ruas do século XIV, referidas no *1º Livro do Tombo do Cabido*, quer com as fontes iconográficas e cartográficas posteriores. Assim, a gravura tanto permite obter uma imagem da morfologia urbana durante o período medieval, como aproximarmo-nos às planimetrias da cidade nos séculos XVII e XVIII.

Na imagem oferecida pelo *Mapa de Braunio* sobressaem destacadamente os edifícios públicos, como a Sé, a muralha medieval, com as suas torres e portas, o castelo, o Paço Episcopal, o Colégio de S. Paulo, os Estudos Públicos, a Câmara Municipal, o Hospital de São Marcos, bem como as igrejas e capelas, chafarizes, fontes, cruzeiros e outros elementos que preenchem o espaço urbano no século XVI.

A ladear as ruas e a conformar os quarteirões encontramos representado o casario, bem como os espaços livres que compunham o interior dos mesmos.

A gravura contempla ainda um outro tipo de informação relacionada com a envolvente, como sejam, os limites do espaço urbano, o rio Este, ou os caminhos que ligavam a cidade aos núcleos populacionais periféricos, existentes desde a Alta Idade Média.

O *Mapa de Braunio* possui igualmente um conjunto de anotações extremamente significativas. Estes apontamentos assinalam o nome dos edifícios públicos e religiosos mais emblemáticos, o nome das portas da muralha e dos “campos” contíguos, abertos nos inícios do século XVI, por D. Diogo de Sousa. Estas anotações referem igualmente alguns espaços da cidade romana que persistem na “memória” da cidade quinhentista, designadamente, alguns dos itinerários principais, o *forum*, mas, também, vestígios materiais de cronologia romana que integravam a paisagem urbana como acontecia concretamente com o conjunto de miliários reunidos em torno da Capela de Santa Ana, tal como já foi referido. Neste sentido, o *Mapa de Braunio* é igualmente importante para o estudo da morfologia das cidades anteriores.

¹⁰⁵ Merecem, todavia, destaque os trabalhos Bandeira 2000b; 2006.

A representação do espaço extramuros manifesta uma deformação significativa, que poderá justificar-se pela reduzida urbanização do mesmo. Apesar da desproporcionalidade na representação do espaço periférico, encontram-se aí referenciadas as principais vias de acesso às portas da cidade, o conjunto de “largos” abertos no século XVI, na periferia imediata, bem como os espaços com maior número de edificações. Também os novos edifícios que cresceram adossados à muralha aparecem perfeitamente representados.

O Mapa do século XVII

A imagem da cidade de Braga no século XVII encontra-se ilustrada numa planta colorida, que integra um álbum onde estão representadas mais 38 povoações portuguesas¹⁰⁶. A autoria do mapa é desconhecida e a fidelidade morfológica da representação reduzida, apresentando claras deformações planimétricas.



Figura 78 – Mapa do século XVII

Todavia, e quando comparada com o *Mapa de Braunio*, esta imagem permite documentar o processo de crescimento da cidade, sobretudo na zona extramuros. Nela sobressaem claramente os edifícios públicos, encontrando-se o sistema defensivo representado com grande detalhe, assim como as construções religiosas que existem na periferia urbana. A importância e a urbanização dos subúrbios seriam neste século significativamente maiores, razão pela qual o autor terá retratado com pormenor os “campos” adjacentes às

¹⁰⁶ Esta planta foi publicada em 1994 (Bandeira 1994; Nunes 1994; Oliveira 1994).

portas da muralha, abertos no século anterior, bem como as construções que bordejavam os caminhos periféricos.

Assim, parece que a cidade terá iniciado no século XVII um processo de expansão e alargamento do espaço urbano, grandemente confinado, durante a Idade Média, à zona intramuros.

O cunho religioso da cidade continua bastante evidente, encontrando-se representados os novos edifícios que passam a dominar a periferia, entre os quais se destacam, no Campo da Vinha, a norte, a Igreja do Pópulo e, no Campo dos Remédios, a sudeste, a Igreja de Santa Cruz e o Hospital de S. Marcos.

O Mapa das Ruas de Braga (MRB)

Não se pretendendo realizar uma abordagem exaustiva da história do MRB, que já se encontra publicada¹⁰⁷, procuraremos, todavia, avaliar as potencialidades deste documento para a realização do nosso trabalho.

O MRB foi produzido sob o governo do arcebispo D. José de Bragança (1741-1756) devido à necessidade de reorganização dos bens patrimoniais do Cabido da Sé de Braga, que se encontrariam então em desordem, após desde a morte de D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728)¹⁰⁸. Para o efeito a Mesa Capitular decidiu nomear uma comissão que produziu, para além de outros documentos, o MRB, como aparece descrito na folha de rosto do mesmo. Igualmente, a partir do frontispício ficamos a saber que a obra foi concluído em 1750, tendo sido executada pelo Padre Ricardo Rocha sob a tutela do provisor do arcebispado, o Cónego Francisco Pacheco Pereira. Trata-se, por conseguinte, de uma espécie de álbum, organizado por ruas, onde são assinalados os edifícios que deviam pagar foro à Mesa Capitular do Cabido da Sé de Braga.

A primeira referência escrita à existência do MRB data do ano de 1903 e foi feita por Albano Belino, que o refere já organizado em volumes. Porém, desde aquela referência até ao seu último restauro, realizado em 1978¹⁰⁹, o documento terá conhecido diversas encadernações e restauros¹¹⁰.

A versão utilizada neste trabalho¹¹¹ consiste numa reedição e ampliação publicada pelo Arquivo Distrital de Braga, composta por dois volumes, o primeiro publicado no ano de 1989 e o segundo no ano 1991. Esta versão, para além de publicar o documento original, ou seja, o MRB, no primeiro volume¹¹², apresenta, no segundo, uma análise comparativa

¹⁰⁷ AAVV 1989-91, vol. I.

¹⁰⁸ AAVV 1989-91, vol. I.

¹⁰⁹ Em 1976 o MRB foi enviado para a Fundação Calouste Gulbenkian a fim de ser restaurado pela última vez, ficando com a apresentação e medidas que hoje possui.

¹¹⁰ AAVV 1989-91, vol. II.

¹¹¹ Mapa das Ruas de Braga, 1989/91, Braga, Arquivo Distrital de Braga, Vol. I e II.

¹¹² O primeiro volume é composto por 60 fólios e 19 páginas prévias.

que estabelece a relação existente entre as propriedades assinaladas no MRB como pertencentes ao Cabido e a informação documental existente acerca das mesmas, designadamente a constante dos *Índices dos Prazos das Casas do Cabido*, bem como a referida noutros documentos.

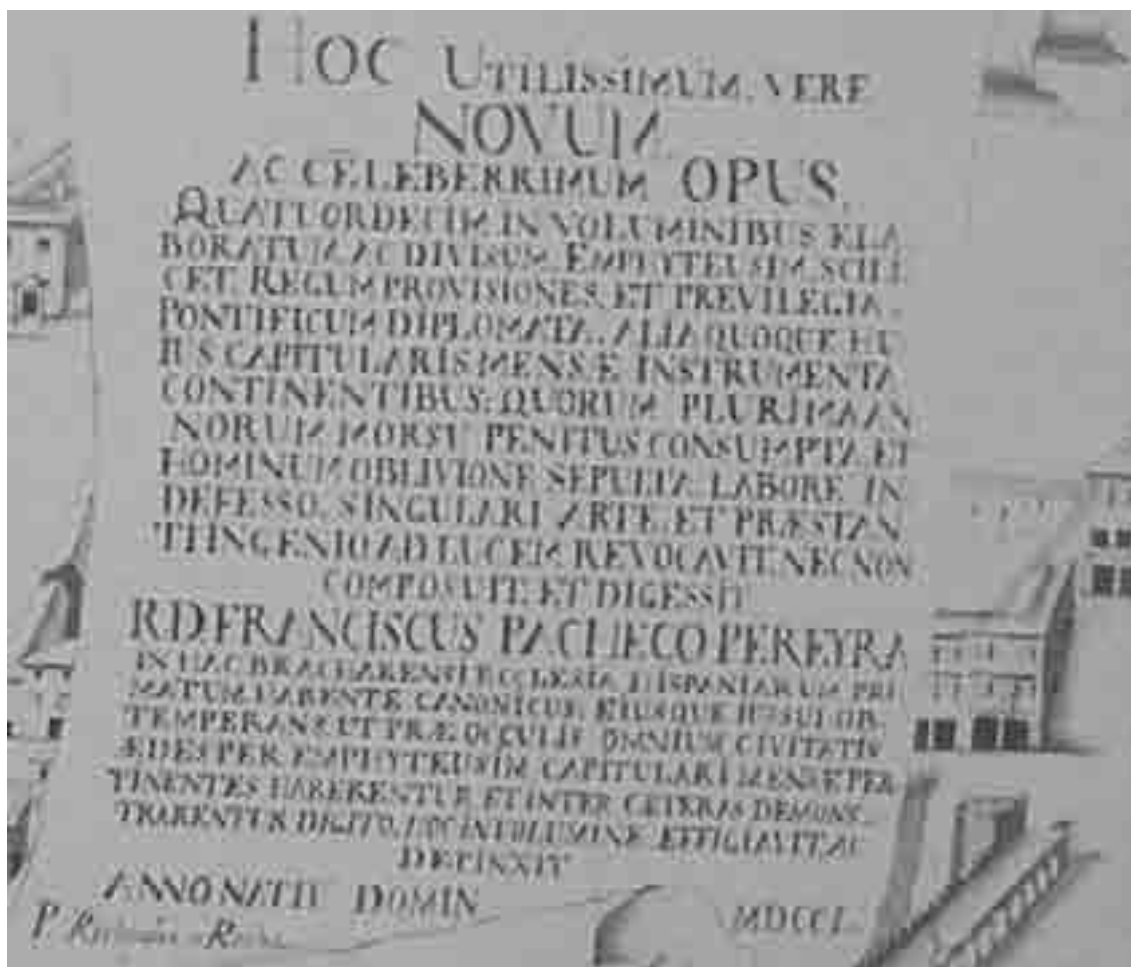


Figura 79 – Inscrição na folha de rosto do MRB

Actualmente o MRB tem o formato de livro, com as dimensões de 360 x 965 mm, sendo composto por 187 folhas. Nele encontram-se representadas 116 fiadas de alçados correspondentes às fachadas dos edifícios que limitavam diferentes espaços, designadamente, ruas, travessas, cangostas, praças, campos, estradas e terreiros. No total, o documento refere 67 espaços de circulação, 52 dos quais possuem os alçados desenhados de ambos os lados, representados na mesma folha. Os restantes aparecem figurados apenas num dos lados, sendo alguns ainda apenas designados como apontamento toponímico¹¹³.

O MRB retrata de forma bastante rigorosa o espaço intramuros, encontrando-se este praticamente todo representado. Apesar de elaborado com o propósito de registar as

¹¹³ Bandeira 2000a.

propriedades que pertenciam ao Cabido, este documento constitui uma preciosa fonte ilustrada do cadastro predial, permitindo analisar as características de grande parte dos edifícios que compunham as ruas de Braga no século XVIII.

O desenho dos alçados das casas é acompanhado por anotações que referem o nome do espaço em questão, bem como a designação das suas confrontações, impedindo deste modo equívocos topográficos. Para além desta informação, o documento faculta igualmente dados acerca da largura e altura das fachadas, medidas em varas¹¹⁴ e seus submúltiplos.

Os desenhos ilustram a habitação corrente, bem como as igrejas e edifícios públicos. No entanto, o documento é rico em informações relativas a cruzeiros, fontes, pontes, segmentos da muralha, com algumas das suas portas, postigos e torreões, edifícios em ruína, muros, fornecendo igualmente dados sobre a vegetação dos jardins ou até mesmo os espaços livres recém-loteados destinados a futuras construções, como a Praça do Gavião, actual Campo Novo.

Assim, este documento oferece uma importante informação arquitectónica e tipológica acerca das fachadas do edificado, onde sobressaem os diferentes estilos e períodos cronológicos das construções, distintos tipos de janelas, portas e varandas, os vários pisos que compõem os edifícios, a existência de sobrados, de recuados, os nivelamentos dos telhados, bem como os elementos empregues na sua construção e decoração.

Apesar de já se encontrar parcialmente estudado¹¹⁵, este documento continua a representar uma preciosa fonte para o estudo do urbanismo bracarense, sobretudo quando cruzado com outras fontes. Uma delas é precisamente o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*, na exacta medida em que existe uma numeração convencional que estabelece uma correspondência directa entre estas duas fontes. A cada prazo o Cabido atribuiu um número distinto sequencial, por rua, número esse que é o mesmo que aparece no rodapé das portas das casas representadas no MRB. O cruzamento destas informações permite aceder a informação diferenciada sobre a morfologia e a história urbana. Desde logo permite-nos abordar os processos de reparcelamento, bem como a história do edificado. Por outro lado, possibilita o acesso a informações relativas aos sucessivos moradores, no que respeita a profissões, à condição social, ou ao número de membros do agregado familiar. Cabe ainda destacar a informação relativa à cronologia das construções e suas reformas, bem como às características arquitectónicas dos edifícios. Por fim, quando confrontamos o desenho das fachadas representadas no MRB com o edificado actual, verificamos que este herda muitas dos elementos existentes na construção do século XVIII, sendo igualmente possível analisar os processos de alteração relacionados

¹¹⁴ Uma vara equivale sensivelmente a 1.10 m.

¹¹⁵ O MRB foi objecto de análise pormenorizada num estudo sobre o espaço urbano de Braga em meados do século XVIII (Bandeira 2000a).

com a abertura de novas ruas e consequente alteração morfológica dos quarteirões, bem como fenómenos de reparcelamento ocorridos desde o século XVIII.

Apesar da utilização deste documento comportar limitações para uma abordagem do edificado, uma vez que apenas refere os alçados das casas que se encontram aforadas ao Cabido, devemos salientar que ele representa uma possível aproximação à cidade dos séculos anteriores pelo facto, das fachadas de todos os edifícios das ruas se encontrarem desenhados.

Na verdade, trata-se de uma fonte de trabalho bastante promissora e quase inesgotável, não só para o século XVIII, como para os períodos precedentes, sobretudo quando confrontada com as restantes fontes disponíveis para do urbanismo e arquitectura da cidade de Braga.

O Mapa da Cidade de Braga Primas

A cidade setecentista foi igualmente ilustrada por André Ribeiro Soares da Silva num documento iconográfico que o autor intitulou de *Mapa da Cidade de Braga Primas*.

O original deste mapa encontra-se na Biblioteca Nacional da Ajuda¹¹⁶, em Lisboa, tendo sido recentemente analisado e editado na página electrónica daquela instituição¹¹⁷.

Apesar de se encontrar assinada, esta planta não possui indicações quanto à data de execução¹¹⁸. Contudo, o conhecimento do ano em que se realizaram algumas construções na cidade permite, pela sua presença ou ausência no mapa, balizar uma possível data para sua realização. Assim, segundo alguns autores o ano de 1755 parece ser o que mais se adequa à data da sua elaboração¹¹⁹.

As origens desta planta são igualmente desconhecidas, muito embora exista a suposição de que terá pertencido à Arquidiocese de Braga, tendo sido alvo de um restauro, iniciado em 1819¹²⁰, certamente pelo facto de já se encontrar bastante deteriorado. Sabe-se, ainda, que o referido restauro terá consistido na montagem e colagem da planta sobre um suporte de papel. Tratou-se, contudo, de uma montagem imperfeita, uma vez que não incluiu todas as partes que compunham a planta original, o que poderá justificar-se pelo avançado estado de ruína do documento à data do seu restauro. No ano de 2000 esta planta foi novamente objecto de restaurada¹²¹.

¹¹⁶ André Rybeiro Soares da Silva, 1755 (?) *Mappa da Cidade de Braga Primas*, s/escala, s/cota, Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

¹¹⁷ Trata-se de uma publicação parcial tal como se pode consultar em http://www.ipar.pt/sites_externos/bajuda/index.htm (consultado às 12 h, do dia 25 de Novembro de 2006).

¹¹⁸ Esta circunstância pode derivar do facto de não estarmos na presença de todos os “fragmentos” que compunham o original deste documento.

¹¹⁹ Refiram-se, por exemplo, as modificação efectuadas na Capela da Torre de Santiago, no ano de 1755, que já constam do referido mapa, ou a construção do convento de Santa Teresa, iniciada no ano de 1756, que não figura no mapa (http://www.ippar.pt/sites_externos/bajuda/index.htm, (consultado às 12 h, do dia 25 de Novembro de 2006).

¹²⁰ A data do restauro foi inferida a partir das marcas de água existentes na planta.

¹²¹ Em http://www.ipar.pt/sites_externos/bajuda/index.htm (consultado às 12 h, do dia 25 de Novembro de 2006).

O *Mapa da Cidade de Braga Primas* constitui uma representação muito exacta do espaço urbano setecentista, elaborada com elevado nível de pormenores, numa escala aproximada de 1/2000. Trata-se de um documento com grande valor artístico e estético, oferecendo igualmente uma imagem de grande fiabilidade do plano urbano da cidade no século XVIII, numa época aproximada à execução do MRB, encontrando-se os edifícios religiosos particularmente evidenciados.

A imagem retrata, com muita clareza, o espaço intramuros, reproduzindo todas as áreas de circulação existentes, a massa edificada que compunha os diferentes quarteirões, distinguindo os diferentes tipos de construções e os espaços livres, representando igualmente de forma muito pormenorizada o sistema defensivo então ainda sobrevivente, com destaque para o castelo, as torres e as portas da muralha

A legenda apresentada no mapa, sob o título “Templos”, menciona 30 itens, todos eles relativos aos edifícios de carácter religioso existentes na cidade, onde constam as igrejas e os recolhimentos religiosos. Para além da legenda, esta planta possui ainda um conjunto de anotações toponímicas, designadamente o nome das ruas, que ajuda a perfilar o espaço urbano da cidade setecentista.

O requinte e a qualidade do documento, conjuntamente com a legenda e o título dado à imagem, permitem inserir a sua realização numa vontade de enaltecimento estético e religioso da cidade barroca.



Figura 80 – *Mapa da Cidade de Braga Primas*

A análise deste mapa oferece um conjunto de informações de grande valor para o estudo da morfologia urbana da cidade. Um dos contributos mais importantes relaciona-se, desde logo, com o facto de assinalar as permanências do plano urbano. De facto, apesar dos dois séculos que separam a produção deste documento da do *Mapa de Braunio*, a morfologia da cidade no espaço intramuros não parece ter sofrido grandes alterações. No entanto, pode-se inferir algumas delas, como sejam o derrube do troço da muralha junto à Igreja dos Terceiros e a abertura da Rua da Loura, junto ao Castelo medieval.

Por outro lado, no espaço extramuros os caminhos principais continuam a ser os mesmos, muito embora seja evidente a criação de novos espaços de circulação e um aumento muito significativo do número de construções anexas. De facto, através da confrontação desta fonte com o *Mapa de Braunio*, torna-se evidente que a cidade cresceu, sobretudo a partir dos novos “campos” mandados abrir ou reformular pelo arcebispo D. Diogo de Sousa e das ruas que saíam das portas da muralha e ligavam a cidade à zona rural, situação que aliás se encontra bem documentada no MRB.

O *Mapa da Cidade de Braga Primas* oferece igualmente um conjunto significativo de dados referentes ao parcelamento extramuros, uma vez que representa as construções que se edificaram nas ruas que surgiram em redor da muralha medieval, bem como nos espaços mais emblemáticos da periferia, como aconteceu no Campo da Vinha e no de Santa Ana.

As Plantas da Cidade de Braga (séc. XIX)

No século XIX assiste-se a um proliferar da cartografia urbana, muito embora, alguma dela possa resultar de processos de ampliação de plantas anteriores, permanecendo a sua história envolta em algumas incertezas.

A primeira carta datável do século XIX pertence ao matemático bracarense Pereira Caldas e intitula-se *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte*, sendo datada de 1857 e produzida numa escala aproximada de 1/1650, muito embora apresente assinaláveis deformações¹²². Em 1868 será produzida uma outra planta, de grande rigor geométrico, pelo Engenheiro Joaquim Pereira da Cruz, na escala 1/2000¹²³.

Contudo, a planta mais antiga parece ser a que foi executada por Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel, na escala 1:4000, cujo original pertence ao Instituto Geográfico Português¹²⁴. Esta última constitui uma planta extremamente rigorosa e geométrica do espaço urbano bracarense no século XIX, possibilitando uma leitura topográfica precisa do plano da cidade. Neste sentido, considerando às poucas alterações morfológicas ocorridas

¹²² Bandeira 2000a.

¹²³ Pereira da Cruz, Joaquim (1868) *Planta da Cidade de Braga*, escala 1/2000, Arquivo das Obras da Câmara Municipal de Braga.

¹²⁴ Garcez, Belchior José e Maciel, Miguel Baptista (s/d) *Planta da Cidade de Braga*, escala de 1/4000, Instituto Cartográfico e Cadastral Português, Lisboa. Esta planta foi adquirida ao Instituto no âmbito do projecto já designado anteriormente.

no espaço intramuros desde o século XVI, conforme se pode observar pela análise comparativa com o *Mapa de Braunio*, esta planta representa o primeiro documento sobre o qual podemos cartografar rigorosamente o plano medieval da cidade.

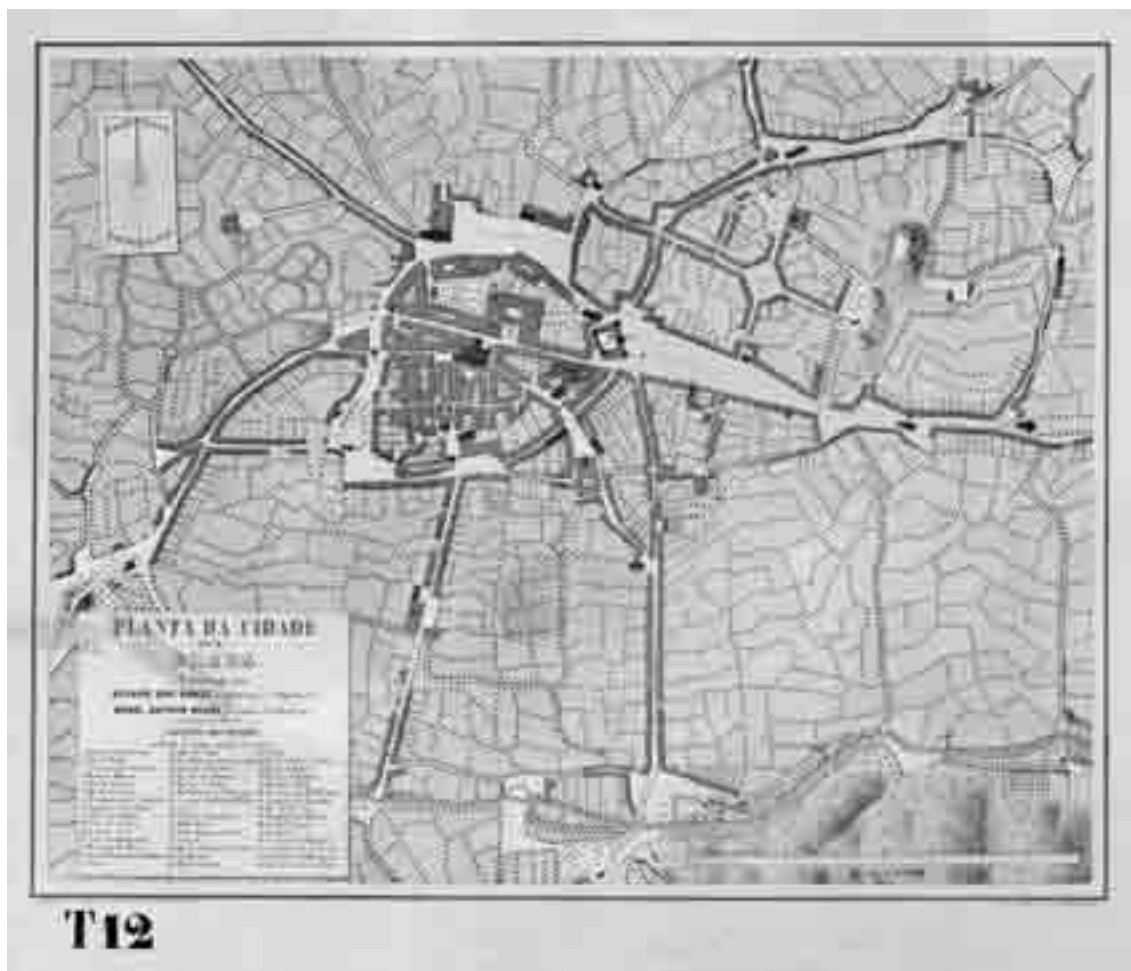


Figura 81 – Planta da Cidade de Braga, séc. XIX

Esta planta acrescenta ainda outro tipo de informações, através de uma legenda, situada na parte inferior esquerda, onde se encontram referidos os 45 edifícios e espaços mais característicos e emblemáticos da cidade de então. São igualmente de grande interesse as designações que acompanham algumas das vias e praças representadas na planta.

Contudo, este documento topográfico é pouco elucidativo quanto ao parcelamento, representando o espaço construído como uma mancha contínua que acompanha as vias de circulação, sem que haja uma individualização das parcelas construídas. Todavia, encontram-se claramente demarcadas, na zona extramuros, as parcelas não edificadas, os limites das propriedades e a rede de caminhos rurais não urbanizados.

A planta executada por Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel é particularmente importante como mapa de suporte para o MRB, como o provam alguns trabalhos já realizados¹²⁵.

A Planta Topográfica de 1883/84

Entre a cartografia disponível para a Braga do século XIX, merece particular destaque a planta topográfica de 1883/1884, elaborada pelo engenheiro civil, Francisco Goullard, na escala 1/500, pertencente à Câmara Municipal de Braga. Esta planta possui um elevado rigor topográfico e reúne um conjunto de elementos morfológicos extremamente significativos para o estudo do urbanismo.



Figura 82 – Planta topográfica de 1883/84 (parcial)

Esta planta é a primeira a representar graficamente todas as características morfológicas da zona urbana, incluindo, também, um conjunto de outras informações sob a forma de símbolos, cores ou textos, facto que a torna num documento de grande potencial. De facto, estamos perante uma planta com elevado rigor e pormenor que representa a totalidade da zona urbana, bem como a zona rural imediata, identificando todo o sistema viário, os quarteirões, o parcelamento, o edificado, o uso diferenciado do solo, bem como elementos

¹²⁵ AAVV 1989-91; Bandeira 2000a.

topográficos relevantes como sejam as curvas de nível cotadas. A planta é igualmente composta por um conjunto de dados toponímicos de relevância no estudo da cidade.

Esta planta é composta por 32 folhas, com aproximadamente 1200 cm /80 cm, encontrando-se algumas delas em estado avançado de deterioração, constituindo, por isso, um documento de difícil manuseamento. Neste sentido, no âmbito deste trabalho e de um projecto de investigação financiado pela FCT¹²⁶, esta planta foi digitalizada em formato *raster*, e posteriormente vectorizada, o que permitiu a sua eficaz utilização no âmbito deste trabalho. Pudemos, assim, reunir num único ficheiro CAD a totalidade das 32 folhas que compõem esta planta, tendo sido individualizados em diferentes “*layers*” (camadas) a informação altimétrica e urbanística (ruas, praças, caminhos, parcelas construídas, espaços verdes, muros e limites da propriedade rural) e realizada a sua georeferenciação.



Figura 83 – Planta de 1883/84, vectorizada

¹²⁶ Por gentileza da Câmara Municipal de Braga, instituição a que agradecemos, foi possível proceder à digitalização das 32 folhas que compõem esta planta, cujo estado de conservação não suportava uma utilização directa. Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto intitulado da “Da Braga romana à Braga medieval. A transformação de uma paisagem urbana”, financiado pela FCT, e desenvolvido entre 2003 e 2007.

A utilização conjugada desta planta com as anteriores permitiu-nos identificar as alterações ocorridas na morfologia da cidade. De facto, foi possível individualizar o traçado da muralha tardo-romana, fossilizada nas curvas de nível ainda perceptíveis fora da área urbanizada da cidade, bem como as vias romanas que saíam da cidade e constituíram parte dos caminhos rurais medievais e modernos que se foram paulatinamente urbanizando. Esta planta permitiu ainda, no que respeita à cidade medieval, definir o sistema defensivo do século XIV, o sistema viário, os quarteirões e o parcelamento intramuros, uma vez que se reporta a um momento em que a cidade havia ainda sido objecto das grandes transformações urbanísticas que romperam, em definitivo, com o traçado que mantinha desde o século XVI, que supostamente será herdeiro do medievo. Deste modo, esta planta constituiu o grande suporte cartográfico do nosso trabalho para a elaboração do plano medieval, salvaguardadas as transformações, claramente documentadas na cartografia dos séculos anteriores já referida.

A fotografia aérea



Figura 84 – Fotografia aérea (1938-48)

As coberturas aéreas disponíveis para a cidade foram igualmente objecto de análise neste trabalho, sendo de destacar a importância assumida pelo fotograma realizado entre 1938-48. A sua análise permitiu a observação das características do espaço urbano que nos

permitiu reconstituir alguns dos traços morfológicos correspondentes aos períodos anteriores, designadamente ao nível dos perímetros amuralhados, das ruas, dos caminhos, dos limites de propriedade e do sistema de parcelamento.

A Planta de Braga do século XX

A planta topográfica mais recente usada neste trabalho data dos inícios da década de 90 do século XX, mandada elaborar pela Câmara Municipal e gentilmente cedida à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Trata-se de um levantamento detalhado realizado na escala 1:5000 e em formato digital, que regista, todavia, alguns problemas, uma vez que corresponde a uma aéreo-restituição. Na verdade a planta falha nos pormenores de delimitação rigorosa dos quarteirões, das parcelas e do sistema viário, uma vez que fornece uma topografia conformada às características das coberturas dos edifícios e não ao seu levantamento ao nível do solo.

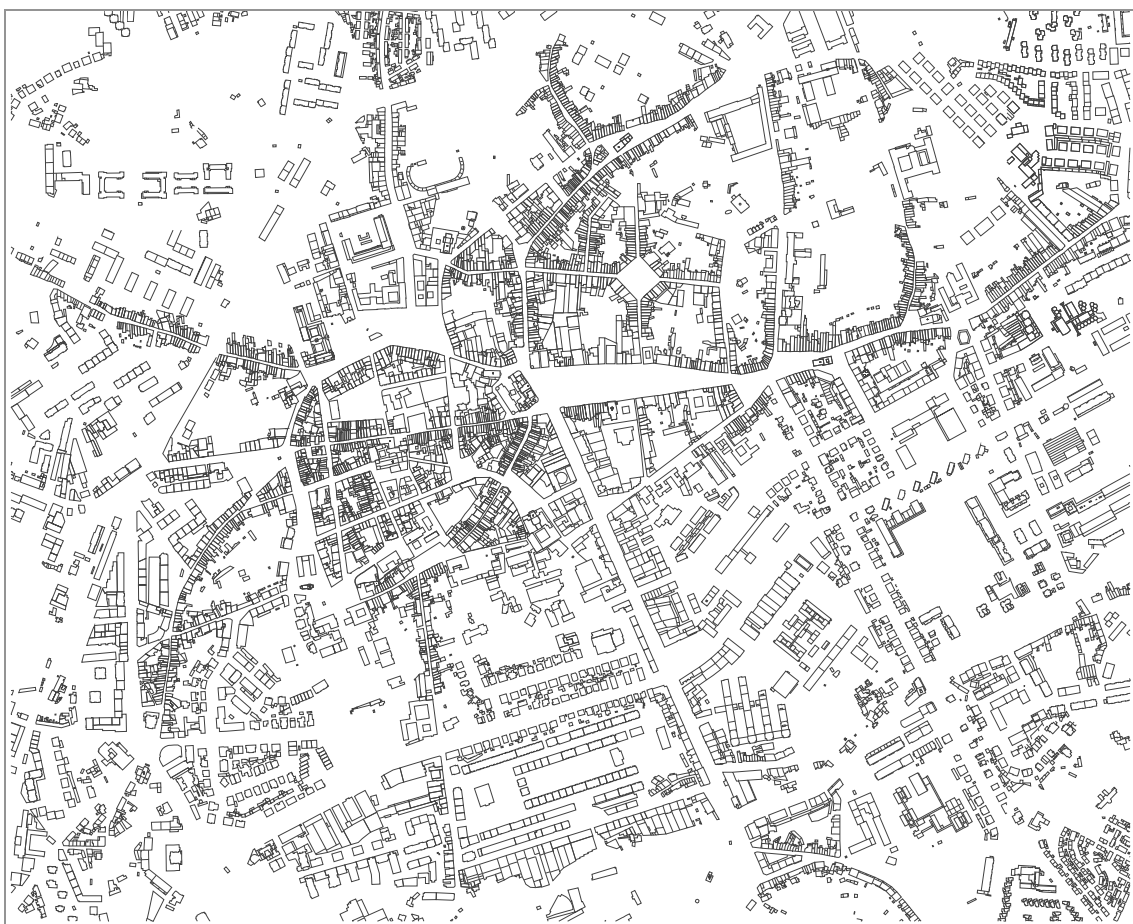


Figura 85 – Planta topográfica de Braga do século XX

Trata-se de uma planta extremamente extensa e pormenorizada que inclui uma aérea periférica rural muito alargada. Por este motivo, e com o objectivo de facilitar a sua utilização, esta planta foi adaptada para o efeito.

Apesar dos séculos que nos separam da primeira forma urbana de Braga, a planta referida continua a fossilizar alguns dos traços morfológicos das anteriores formas urbanas. Numa primeira análise desta cartografia sobressaem, desde logo, os traçados correspondentes às muralhas romana e medieval, fossilizados na estrutura e organização do sistema viário, do edificado e das curvas de nível.

Esta planta constitui a base cartografia de suporte para a criação de diferentes plantas interpretadas correspondentes aos principais períodos históricos abordados neste trabalho.

Anexo IV – Fontes Histórico – Documentais

O acervo de fontes histórico – documentais existente para Braga constituiu um repositório extremamente denso e diversificado, bem como cronologicamente dilatado. Tal como já foi referido, a este trabalho interessaram, de modo particular, os documentos que permitiam obter dados acerca do plano urbano, designadamente relacionados com os eixos viários, as parcelas, o edificado e as principais estruturas urbanas, como seja o sistema defensivo. Apesar de estarmos conscientes do potencial informativo oferecido pelas fontes histórico - documentais de Braga, a sua utilização acabou por ser pontual, tendo-se procurado, essencialmente, colmatar o vazio informativo das fontes arqueológicas e cartográficas. De facto, nunca foi nossa intenção proceder a uma análise detalhada e sistemática das fontes documentais medievais disponíveis para Braga, desde logo pelas características da nossa formação, pelo tempo útil reservado à execução deste trabalho, e, finalmente, pela imensidão dos documentos a compulsar, que exigiriam um trabalho de equipa, algo contraditório com a natureza individual de uma dissertação de doutoramento.

Pelas razões apontadas, demos natural preferência aos documentos já publicados, entre os quais se incluem o *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*¹²⁷, os *Pergaminhos da Confraria de S. João do Souto*¹²⁸ e o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*¹²⁹. Foram, também, utilizados alguns documentos transcritos e usados em outros trabalhos sobre a cidade de Braga, designadamente os realizados por Avelino Jesus da Costa¹³⁰, José Marques¹³¹, Miguel Bandeira¹³² e Rui Maurício¹³³. Do conjunto de documentos compulsados neste trabalho fazem igualmente parte alguns dos que integram o *Livro I do Tombo do Cabido*, os *Livros dos Prazos das Propriedades do Cabido* e as *Gavetas das Propriedades do Cabido*.

¹²⁷ Costa 1978.

¹²⁸ Marques 1982.

¹²⁹ AAVV 1989-91.

¹³⁰ Costa 1997-2000.

¹³¹ Marques 1983.

¹³² Bandeira 2000

¹³³ Maurício 2000.

De seguida apresentamos uma breve explicação acerca das fontes mais relevantes.

O Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae

O *Liber Fidei*, tal como o nome indica, é um Livro de Fé que reúne uma colecção de documentos transcritos de diferentes épocas e cujo original pertenceu ao Cabido da Sé de Braga¹³⁴.

Esta obra foi objecto de uma edição crítica, em três tomos, por Avelino de Jesus da Costa, a quem coube um importante trabalho de análise e publicação deste extenso fundo¹³⁵, que transcreve um total de 954 documentos, alguns repetidos, com cronologias situadas entre 569 e 1253, constituindo um dos primitivos cartulários existentes para Braga.

Tal como acontece com outros documentos antigos, a história desta fonte é longa e atribulada e, com o tempo, alguns dos seus textos e folhas acabaram por se perder. Este cartulário da arquidiocese terá sido organizado lentamente, conhecendo alterações significativas, decorrentes, quer do seu sucessivo alargamento para registar novos títulos de propriedade, quer da eliminação daqueles que, entretanto, deixavam de pertencer à Igreja¹³⁶.

A importância desta colectânea para o estudo do urbanismo de Braga prende-se com os dados fornecidos acerca das propriedades que a Igreja possuía na cidade e nos arredores imediatos, facultando a data, a descrição do tipo de propriedade e a sua localização. Os dados fornecidos são particularmente relevantes para o período da Antiguidade Tardia, proporcionando informações relativas às paróquias e igrejas suburbanas, permitindo confirmar a existências de basílicas paleo-cristãs localizadas na periferia, em torno do núcleo urbano tardo-antigo. A sua utilidade relaciona-se, igualmente, com a informação referente ao espaço urbano nos inícios do período medieval, através da referência a topónimos, ruas e propriedades, bem como a algumas estruturas do núcleo urbano medieval, designadamente à primitiva muralha.

Os Pergaminhos da Confraria de S. João do Souto

Esta colectânea de documentos integrava o arquivo particular da Confraria de S. João do Souto e foi compilada e publicada por José Marques¹³⁷. Para além da importância desta fonte para o estudo da história da própria Confraria e da paróquia em que aquela se

¹³⁴ O *Liber Fidei* é composto por 33 cadernos, ligados entre si (Costa 1978).

¹³⁵ Costa 1978.

¹³⁶ Costa 1978.

¹³⁷ Marques 1982.

insere, ela possui, também, um bom potencial informativo para a análise da morfologia da cidade medieval, facultado pela dilatada cronologia dos documentos, balizada entre 1186 e 1545 e pelas referências às ruas, topónimos, portas da cidade, muralha e castelo, bem como à propriedade imobiliária. Muito embora os dados morfológicos que a colectânea apresenta sejam impossíveis de cartografar, eles constituem um precioso indicador cronológico e descritivo de alguns elementos da morfologia urbana, permitindo, deste modo, corroborar os dados fornecidos pelas fontes arqueológicas e iconográficas disponíveis para a cidade.

O 1º Livro do Tombo do Cabido (1369-1380)

Trata-se de um documento datado por Avelino de Jesus da Costa, entre 1369-1380¹³⁸, composto por 147 folhas de pergaminho. Os primeiros 30 fólios e entre as páginas 61v e 65, referem-se ao Censual do Cabido de Braga, o qual se encontra transcrito e estudada por Avelino de Jesus da Costa, no volume II da sua obra¹³⁹. As restantes folhas, até à centésima trigésima quarta, são dedicadas ao registo das propriedades urbanas e às da periferia imediata que eram pertença do Cabido, as quais se encontravam emprazadas. Os últimos 12 fólios correspondem ao Livro das Dádivas, à confirmação das igrejas, às distribuições dos clérigos e à cópia de um rolo com dádivas.

A este trabalho interessaram de modo particular os documentos compreendidos entre os fólios 117 e 134 que integram o referido Tombo, cuja relevância para o estudo da morfologia urbana medieval se prende com vários aspectos. O primeiro relaciona-se com a organização do documento que aborda as propriedades do Cabido seguindo um critério topográfico, identificando as ruas existentes no espaço intramuros e extramuros, fazendo uma descrição da sua localização, referindo recorrentemente o local onde os eixos viários tinham início e terminava, socorrendo-se para tal das muralhas, as portas ou postigos, das igrejas, dos lugares de mercado e dos açougues. O critério utilizado permite, assim, desde logo identificar as ruas de Braga no século XIV e saber as que se localizavam dentro ou fora da muralha. Permite, igualmente, uma aproximação bastante precisa da localização das ruas, pois são fornecidas informações qualitativas acerca da sua extensão e largura ou da maior ou menor regularidade do seu traçado.

O cruzamento destes dados com a iconografia disponível e a planta topográfico de 1883-84 possibilitou a georeferenciação aproximada de um significativo número de ruas do século XIV.

¹³⁸ Costa 1997-2000.

¹³⁹ Costa 1997-2000.

Outro aspecto relevante prende-se com a descrição do tipo de propriedades existentes em cada rua. Apesar de apenas referir as do Cabido, tal não inviabiliza a obtenção de uma amostragem da tipologia de construções existentes na época, particularmente no que se refere à habitação corrente, uma vez que existem numerosas referências às particularidades da mesma (casas sobradadas, terreiras, etc.). É igualmente possível avaliar o estado de conservação do edificado na época, através da descrição de pardieiros e exidos.

Por outro lado, esta fonte reporta-se a um período conturbado da história da cidade, invadida pouco tempo antes pelas tropas comandadas pelo rei de Castela. De facto, tanto Braga como Guimarães, foram os alvos preferidos de ataque do rei Henrique II, como resposta à invasão da Galiza, em 1369, pelo então rei de Portugal, D. Fernando I.

Para além de Henrique II se apoderar da cidade, terá provocado uma onda de devastação muito significativa, a julgar pelas descrições do Tombo do Cabido. A partir delas, sabemos que as ruas mais fustigadas pela guerra com Castela, terão sido as ruas do Eirado, dos Chãos, a Rua Nova e a Rua Maximinos, que constituíam as principais vias de saída e entrada da cidade, partindo cada uma das principais portas da muralha medieval, constituindo por isso o alvo por excelência dos ataques de Henrique II de Castela, cujo objectivo era tomar a cidade dos arcebispos. Esta incursão resultou, tal como nos é relatada no Tombo do Cabido na destruição quase total das construções que se localizavam naquelas ruas.

Deste modo, esta fonte reúne um conjunto muito significativo de informações para o estudo da cidade medieval, sobretudo quando correlacionada com as restantes fontes utilizadas, designadamente as cartográficas.

Os Índices dos Prazos das Casas do Cabido (1406-1905)

O *Índice dos Prazos das Casas do Cabido* é um documento composto por 4 volumes, que reúnem, numa perspectiva diacrónica os *Prazos* urbanos do Cabido, celebrados entre 06-04-1406, referente à Rua Verde e 10-08-1905 relativo à Rua dos Açougues Velhos.

Como já referimos anteriormente, esta fonte resultou de um vasto processo reorganizativo, realizado em meados do século XVIII, deliberado pela Mesa Capitular, que tinha por objectivo organizar e recuperar os registos das propriedades do Cabido, em virtude do estado caótico em que se encontrava o cartório. Desta iniciativa resultou um número bastante considerável de documentos, dos quais fazem parte os 4 volumes dos *Índices dos Prazos das Casas* e o *Mappa das Ruas de Braga*, já referido neste apartado.

Neste trabalho utilizou-se este documento, não na sua versão completa, mas naquela que foi publicada e integrada no volume II do MRB¹⁴⁰. Esta opção ficou a dever-se à morosidade que envolvia o tratamento integral da informação contida no documento, muito embora seja fundamental que se proceda à valorização e análise do enorme acervo de dados contido neste Índice o qual deve ser articulado com a análise do MRB.

A partir deste documento é possível restituir, através do processo de aforamentos realizados desde o século XV, vários aspectos da vida política, social e económica da cidade de Braga, mas, também, aspectos relacionados com o urbanismo. A partir dele, podemos verificar como a cidade foi sendo dotada de novos espaços de circulação, parcelamentos, construções, sendo possível igualmente aceder às características morfológicas e arquitectónicas do tecido construído.

Apesar do recurso pontual a esta fonte, a sua utilização conjugada com o MRB permitiu-nos realizar uma análise comparativa entre as características que actualmente apresentam alguns edifícios e as que os mesmos possuíam no século XVIII, que, na sua generalidade, integram elementos decorativos, tipológicos ou arquitectónicos de períodos anteriores, permitindo, por vezes, estimar à data da construção do edifício. Apesar de termos realizado este tipo de análise apenas para alguns edifícios, pensamos ter demonstrado a validade e pertinência deste método.

Por fim devemos ainda referir a utilização muito pontual do *2º Livro do Tombo do Cabido* (1393-94), dos *Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido* (1465-1517) e das *Gavetas das Propriedades do Cabido*.

O *Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido* é um documento que, tal como os *Prazos das Casas*, reúne um número muito significativo de prazos que informam acerca das propriedades urbanas do Cabido. O Livro 1 inclui documentos referentes ao período de 1465-1475, o Livro 2 de 1476-1492, o Livro 3 de 1466-1500, o Livro 4 de 1499-1502, o Livro 5 de 1507-1508, o Livro 6 de 1509-1510, o Livro 7 de 1511-1514 e o Livro 8 de 1514-1517.

Foram utilizadas neste trabalho as *Gaveta 1 e 2 das Propriedades do Cabido*, referentes ao período entre 1390 e 1496.

¹⁴⁰ AAVV 1989-91.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Documentação do Tecido Histórico Construído

O apêndice I é composto por 12 fichas que ilustram alguns casos de estudo realizados sobre o tecido histórico construído, referente a diferentes zonas da cidade (figura 84). Os exemplos seleccionados resultaram de um trabalho de prospecção que objectivou a identificação e o estudo de construções actuais que integram vestígios materiais e arquitectónicos de anteriores períodos cronológicos. A análise efectuada baseou-se na metodologia arqueológica, aplicando-a ao edificado actual existente, que sedimenta diferentes fases construtivas. Neste sentido, foi realizado o levantamento topográfico de diferentes quarteirões, procedendo-se a um trabalho de correcção, análise e interpretação da morfologia dos mesmos, bem como das suas parcelas e dos espaços construídos que o integram, procurando-se igualmente identificar a fossilização do traçado viário precedente. Paralelamente foram seleccionados alguns edifícios dos diferentes quarteirões analisados, que entendemos serem ilustrativos das principais alterações ocorridas no tecido construído, designadamente no que se refere à tipologia e arquitectura da construção, bem como à fossilização da estrutura defensiva e viária medieval. Neste sentido, procedeu-se ao desenho, descrição e interpretação das fachadas destes edifícios. Alguns deles foram objecto de tratamento informático com *software* específico, utilizando-se para o efeito o *Photomodeler* e o *Autocad*, elaborando-se deste modo a restituição suas fachadas.

Sempre que possível, socorremo-nos das fontes iconográficas, cartográficas e histórico-documentais, no sentido de consolidar a análise material dos vestígios. O estudo do edificado actual permitiu compreender a fossilização do traçado viário anterior, diferentes fases construtivas na organização dos quarteirões e parcelas, mas, também, algumas das características arquitectónicas e decorativas do edificado anterior, que, por sua vez, possibilitaram determinar a sua cronologia original e/ou as alterações que conheceram até à actualidade.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1
O CASTELO MEDIEVAL



Figura 1



Figura 2

O castelo medieval de Braga localizava-se na parte nordeste da cidade medieval, no quarteirão actualmente formado pela Rua do Castelo a SW e WE, o Largo de S. Francisco a norte, a Praça da República a poente e o Largo Barão de S. Martinho a sul. Segundo a malha de análise estabelecida para este trabalho este quarteirão corresponde à unidade B4, sendo composta por diversas parcelas, nalgumas das quais foram identificados vestígios da estrutura castelar.

Desde a sua construção, anterior ao ano de 1315, foi alvo de sucessivas remodelações, encontrando-se actualmente muito descaracterizada. A análise dos vestígios materiais ainda conservados, na generalidade integrados nas construções actuais, as fontes iconográficas, bem como algumas ilustrações que documentam o registo da sua destruição nos inícios do século XIX, permitiram elaborar uma proposta interpretativa acerca da sua arquitectura inicial, bem como das transformações ocorridas ao longo dos séculos seguintes até à actualidade. As diferentes fases construtivas identificadas no nosso estudo encontram-se caracterizadas no corpo do trabalho (Parte III, ponto 3.2.2.), e ilustradas em quatro planos que se apresentam no final da ficha.

Figura 1 – Localização do quarteirão B4 na planta topográfica actual, onde se situava o castelo medieval de Braga;

Figura 2 – Imagem parcial do quarteirão B4, onde se podem observar os vestígios mais emblemáticos que sobreviveram do castelo, designadamente a Torre de Menagem e a torre sineira da capela de N. S. da Lapa, anterior torreão da estrutura defensiva, por detrás da fachada principal da estrutura correspondente à actual Arcada;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA HISTÓRICA



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA DO CASTELO MEDIEVAL

A iconografia e a cartografia histórica assumem uma importância capital entre as fontes disponíveis para o estudo do castelo medieval, permitindo avaliar algumas das fases construtivas, designadamente qual seria a sua estrutura nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA HISTÓRICA



Figura 7



Figura 8

ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA DO CASTELO MEDIEVAL

Figura 3 – Imagem do castelo medieval segundo o *Mapa de Braunio* de 1594, onde se pode observar a torre de menagem, duas torres circulares e o torreão NO;

Figura 4 – Representação do castelo no Mapa do século XVII, onde a torre de menagem aparece destacada do restante conjunto, ilustrando igualmente as torres NO e SE, assim como o edificado adossado à estrutura defensiva;

Figura 5 – Ilustração da estrutura castelar no *Mapa de Braga Primas*, de meados do século XVIII, potenciadora de uma representação bastante evidente da forma rectangular do conjunto, com a torre de menagem ao centro, protegida por torreões nos quatro cantos. A imagem testemunha igualmente o elevado número de construções adossadas aos muros perimetrais, bem como as duas torres circulares que compõem os alpendres no lado ocidental;

Figura 6 – Na página de rosto do MRB encontra-se, igualmente, uma imagem das transformações parciais ocorridas na parte ocidental e sul do castelo medieval;

Figura 7 – Imagem da área correspondente ao castelo, no mapa do século XIX, onde aparecem destacados, do volume construído, os torreões NO e SO, as torres circulares NE e SE, bem como a Igreja da Lapa;

Figura 8 – Na planta topográfica de 1883/84 encontram-se assinaladas todas as parcelas que preenchem a zona pertencente ao castelo.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
IMAGENS DA DESTRUIÇÃO DO CASTELO



Figura 9



Figura 10



Figura 11

IMAGENS DA DESTRUIÇÃO DO CASTELO

Figura 9 – Imagem da parte norte do castelo antes da destruição, onde é ainda visível a cadeia e a torre norte ocidental (Oliveira 1985:93)

Figura 10 – Imagem da destruição da parte sul e sudoeste do castelo (Oliveira 1985:93)

Figura 11 – Imagem da destruição da parte poente e norte do castelo, com a torre de menagem e parte do edifício pertencente à cadeia (Oliveira 1985:93);

Figura 12 – Imagem da parte oriental do castelo antes da destruição (Oliveira 1985:92)



Figura 12

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES DO CASTELO

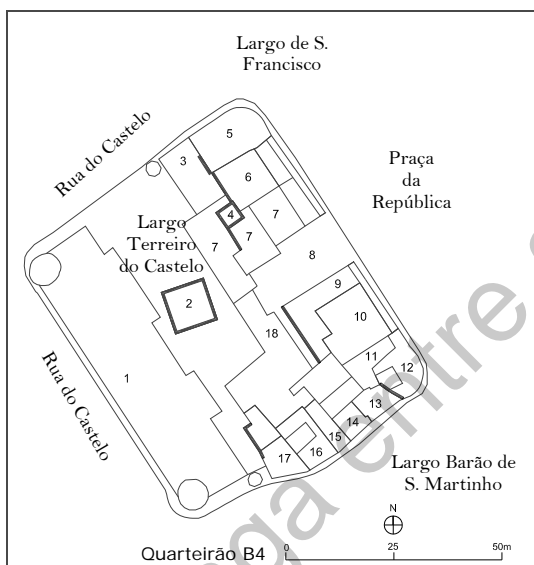


Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16

VESTÍGIOS SOBREVIVENTES DO CASTELO

Os vestígios materiais sobreviventes da estrutura castelar podem ainda ser visíveis em algumas parcelas construídas do quarteirão B3.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES DO CASTELO



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 1: O CASTELO MEDIEVAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES DO CASTELO

VESTÍGIOS SOBREVIVENTES DO CASTELO

Figura 13 – Localização dos vestígios sobreviventes do Castelo na cartografia actual, onde se individualizam e assinalam, com um número, as parcelas existentes actualmente neste quarteirão;

Figura 14 – Imagem actual do lado sul da torre de menagem (parcela nº2);



Figura 23

Figura 15 – Vestígios sobreviventes da parte sul do muro perimetral do castelo, alguns dos quais integrados na parede do edifício (parcela nº 17);

Figura 16 – Vestígios relativos à face interna do muro perimetral do castelo, no lado ocidental, actualmente integrados no edifício correspondente à parcela nº 18 e constituindo a parede mediana entre as construções com fachada para o Largo do Castelo e para a Arcada (Café Viana);

Figura 17 – Imagem dos edifícios adossados à face interna do muro ocidental do castelo, com fachada para o Largo do Castelo, com a torre sineira da Igreja da Lapa ao fundo (parcela nº4). Este muro, actualmente integrado nas parcelas nºs 12 e 7, estabelecia a ligação entre o torreão SE, hoje em dia destruído e o correspondente à actual torre sineira;

Figura 18 – Porta de entrada no castelo, integrada no edifício nº 7, actual B.P.I., vista do lado interior do castelo;

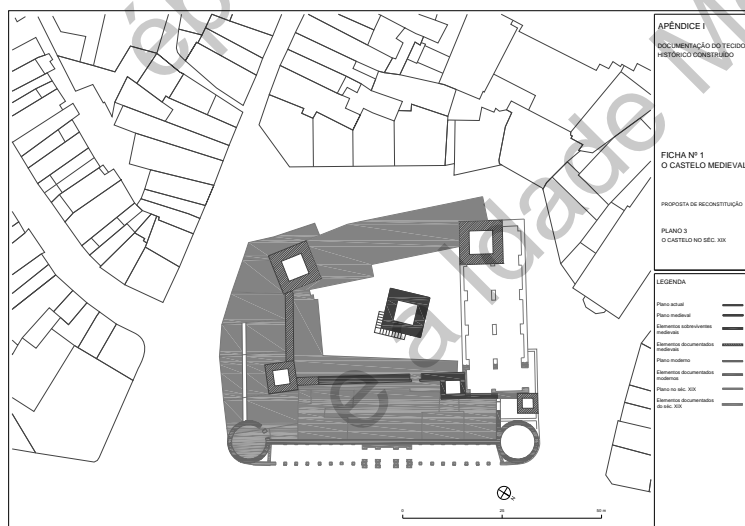
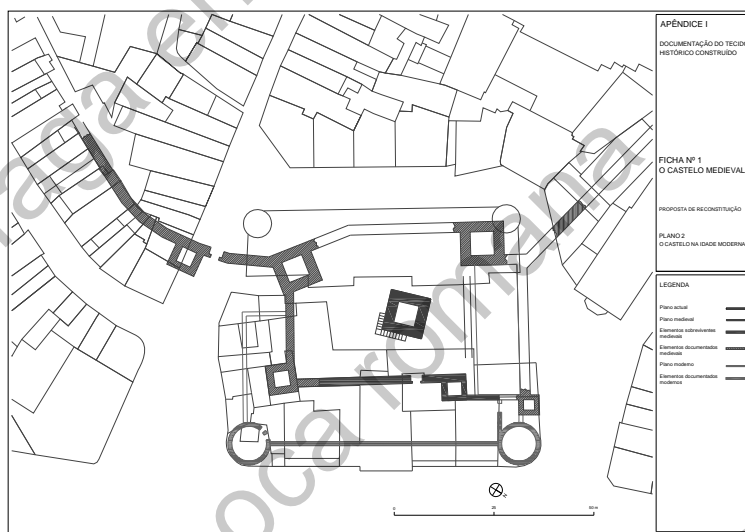
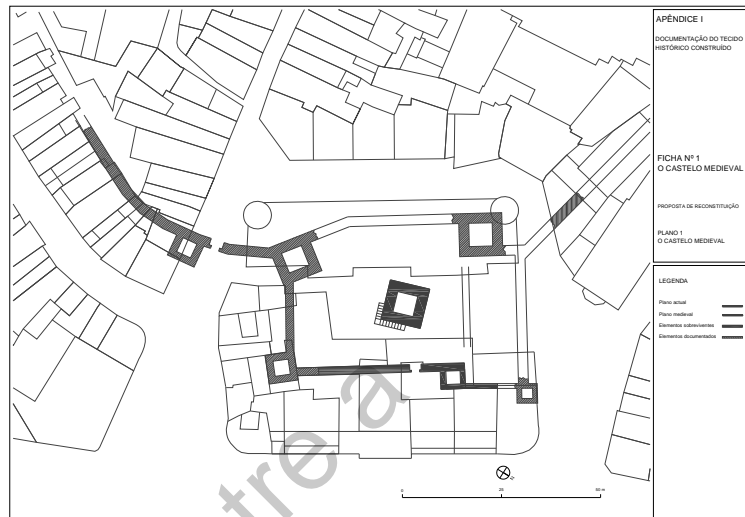
Figura 19 – Vista de uma estrutura de pedra que integra a parede dos fundos do edifício correspondente à parcela nº3, situado no local da antiga cadeia. Este muro poderá ter constituído parte do limite norte do castelo medieval, vindo a ser posteriormente integrado na cadeia. A estrutura abobadada do tecto terá igualmente feito parte daquele edifício.

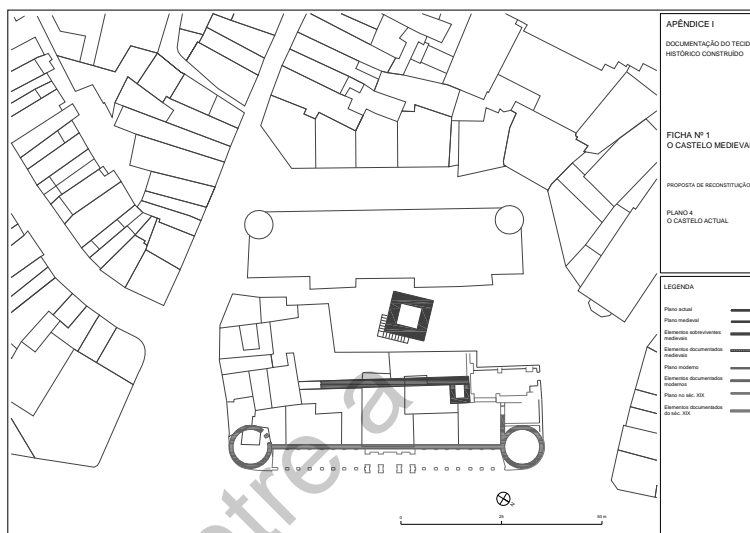
Figura 20 – Vestígios da face interna do muro perimetral nascente do castelo, posteriormente integrado na cadeia, constituindo actualmente a parede nascente do edifício correspondente à parcela nº 3;

Figura 21 – Vestígios da face externa do muro perimetral nascente do castelo que, constituindo a parede dos fundos do edifício existente na parcela nº 6, estabeleceria a ligação entre o torreão correspondente à torre sineira e um outro possivelmente localizado no canto NE do castelo;

Figura 22 – Torreão do castelo, a funcionar actualmente como torre sineira da Igreja da N. S. da Lapa;

Figura 23 – Vestígios de uma das torres circulares, localizada a SE, integrada no edifício correspondente à parcela nº 12.





Braga entre
 época romana
 e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2
O PAÇO ARQUIEPISCOPAL



Figura 1

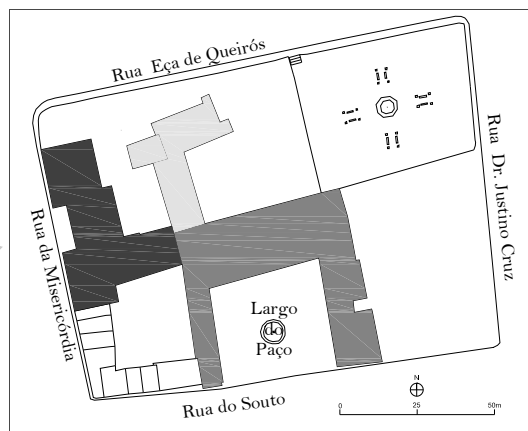


Figura 2

O antigo Paço Arqueiepiscopal localizava-se na zona norte da cidade medieval, ocupando a parte nascente do quarteirão actualmente formado pela Rua Eça de Queirós a norte, a Rua Dr. Justino da Cruz a nascente, a Rua do Souto a sul e a Rua da Misericórdia a poente. De acordo com a malha de localização utilizada neste trabalho este quarteirão corresponde à unidade B1.

O edifício destinado à residência dos arcebispos de Braga terá começado a ser construído nos inícios do século XIV, muito embora tenha sido alvo de inúmeras intervenções construtivas e arquitectónicas, as quais terão ditado não só o alargamento deste complexo, como alterações na sua estrutura. Os restos sobreviventes podem ser agrupados em três fases e áreas distintas (alas) que foram já objecto de análise no corpo deste trabalho (Parte III, ponto 3.3.1.). Assim, podemos definir a parte norte, com as estruturas góticas, a parte sul, construída nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII e na zona poente, a construção barroca, também denominada de Paço de D. José de Bragança (Figura 2).

As diferentes fases construtivas encontram-se definidas planimetricamente no plano 1 desta ficha, que se apresentam no seu final, onde igualmente consta o levantamento bidimensional das fachadas da ala gótica e sul.

Figura 1 – Localização do quarteirão B1 na planta topográfica actual, onde se situava o paço dos arcebispos de Braga;

Figura 2 – localização na planta topográfica actual das três alas que compõem o complexo do paço arqueiepiscopal;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA HISTÓRICA

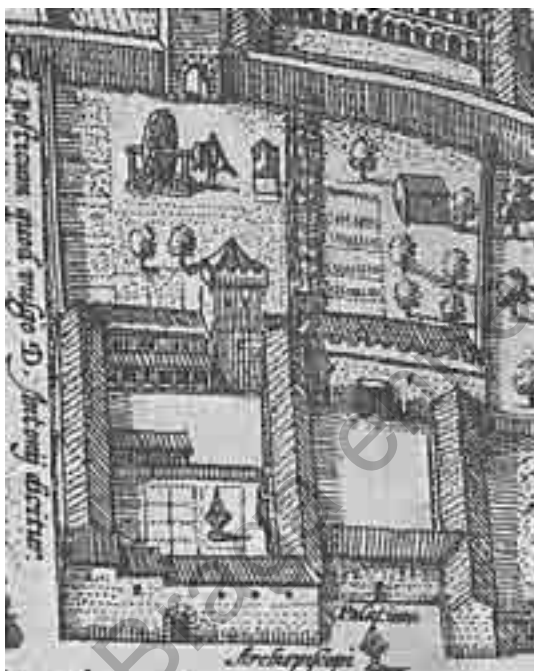


Figura 3

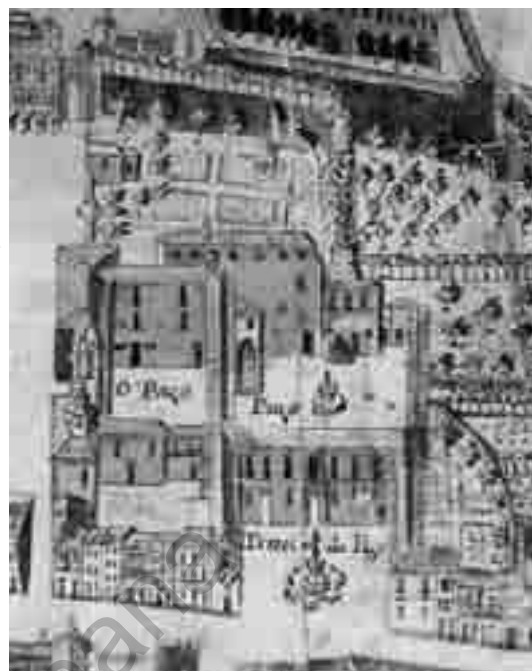


Figura 5



Figura 4



Figura 6

Iconografia e cartografia do Paço dos Arcebispos

As fontes iconográficas e cartográficas existentes sobre o paço dos arcebispos permitem acompanhar algumas das transformações estruturais e arquitectónicas que este complexo habitacional conheceu ao longo dos séculos.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA HISTÓRICA



Figura 7



Figura 8

Iconografia e cartografia acerca do Paço dos Arcebispos

Figura 3 – Ilustração do paço no Mapa de Braunio, de 1594, onde se pode observar uma representação das principais alas do edifício, que ocupariam uma extensa área, destinando-se a zona norte, localizada nas traseiras do conjunto edificado, a terrenos de exploração agrícola. As diferentes alas organizam-se em torno de grandes claustros. Algumas das portas de entrada encontravam-se nas fachadas para a Rua do Souto, muito embora devessem existir outras viradas para o Campo de Touros dos Arcebispos, situado a poente. Do conjunto destaca-se a grande torre existente na ala norte;

Figura 4 – O mapa do século XVII, ilustrando apenas a parte sul, permite testemunhar a atenção prestada a este lado do conjunto, iniciada, como documentam as fontes, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa. A título de exemplo refira-se a escadaria que passa a existir na ala central;

Figura 5 – A Imagem do paço oferecida pelo *Mapa de Braga Primas*, do século XVIII, com elevada qualidade estética, permite testemunhar as alterações que o paço foi sendo objecto, ilustrando as intervenções barrocas documentadas pelas fontes, sobretudo na zona poente, no chamado Paço de D. José de Bragança;

Figura 6 – O MRB oferece-nos o desenho das fachadas das diferentes alas que compõem a parte sul no século XVIII, permitindo igualmente corroborar a informação facultada pelas fontes documentais;

Figura 7 – O mapa do século XIX, documenta de forma rigorosa o volume ocupado pelo conjunto edificado neste século, assinalando com o número 11 o espaço ocupado pelo Governo Civil e com o número 12 o correspondente ao paço;

Figura 8 – A planta topográfica de 1883/84 apresenta a divisão parcelar do conjunto episcopal, permitindo verificar que desde o século XVIII as alterações foram muito pontuais;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES

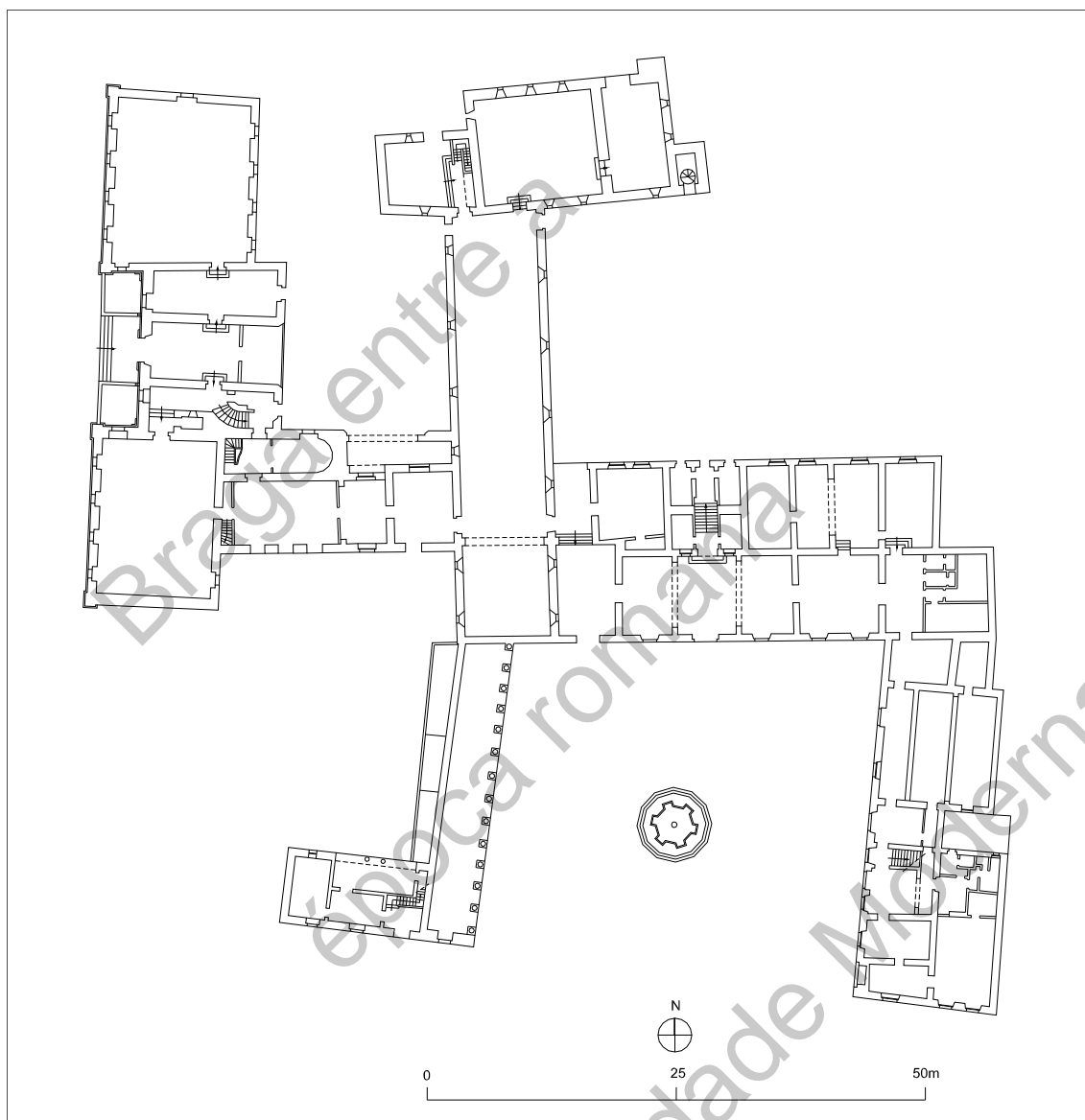


Figura 9

Figura 9 – A planta do piso térreo do edifício actual possibilita perceber as sucessivas alterações que a sua estrutura conheceu ao longo dos séculos. Na parte gótica, a norte, encontramos a ala mais antiga, que se liga à parte sul através de uma ala pertencente, provavelmente, a um período posterior. Na parte sul é possível observar diferentes momentos construtivos, enquanto que na parte barroca predominam aspectos que permitem considerá-la um projecto de construção único.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES



Figura 10



Figura 11



Figura 12

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES



Figura 13



Figura 14

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES



Figura 15



Figura 16

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 2: O PAÇO ARQUIEPISCOPAL
VESTÍGIOS SOBREVIVENTES



Figura 17



Figura 18



Figura 19

Vestígios Sobreviventes

Figura 10 – Imagem das estruturas da parte gótica, onde se pode observar a área pertencente ao claustro, a ala poente e norte ao fundo e os arcos ogivais pertencentes à ala nascente;

Figura 11 – Vista da fachada norte da ala central da estrutura sul, com os vestígios da parte gótica;

Figura 12 – Imagem da fachada nascente das alas norte e poente da estrutura gótica, onde se podem observar algumas das características arquitectónicas do edifício, designadamente o conjunto de ameias e merlões que o rematam, as aberturas nas paredes (janelas geminadas, com arcos ogivais e vitrais coloridos), gárgulas, bem como as marcas de anteriores construções que se adossariam à ala norte;

Figura 13 – Vista da fachada norte da ala norte da estrutura gótica onde sobressaem as características já referidas para a figura anterior;

Figura 14 – Imagem da fachada poente das alas norte e poente da estrutura gótica;

Figura 15 – Vista da fachada poente da estrutura barroca ou Paço de D. José de Bragança, virada para a Praça do Município;

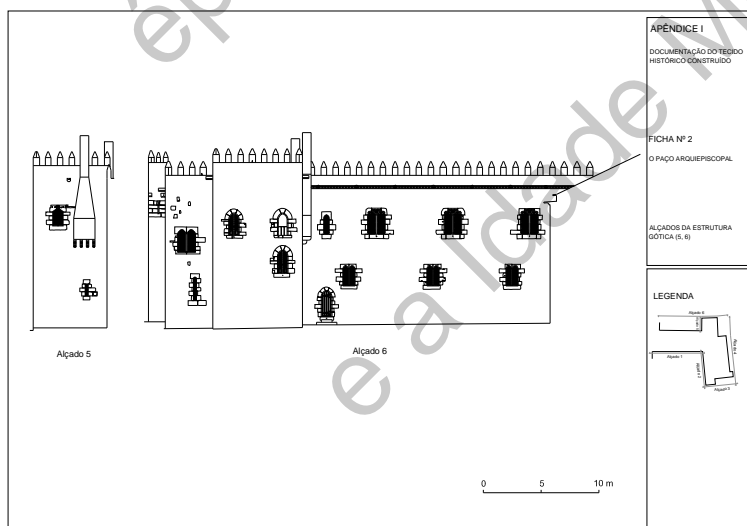
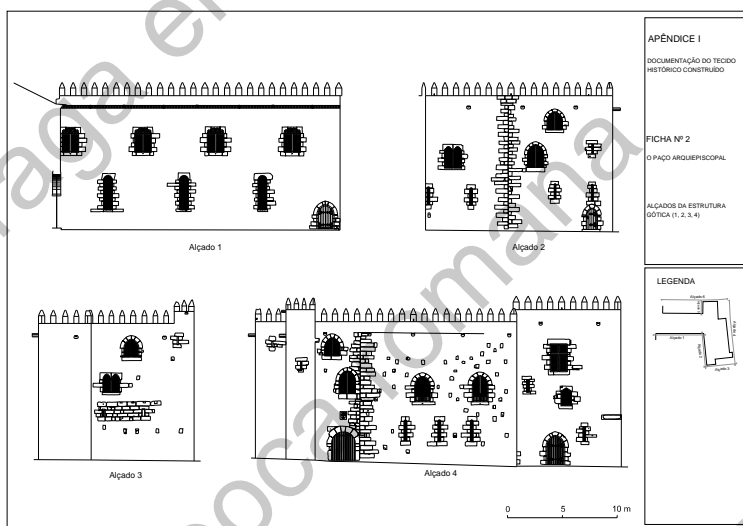
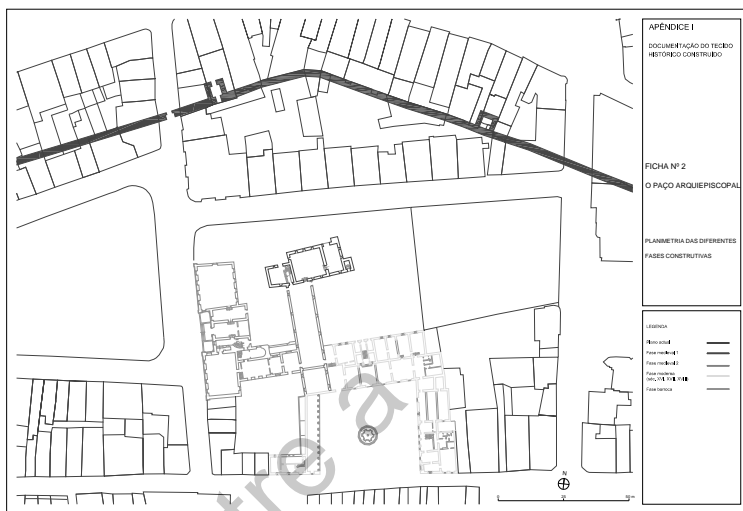
Figura 16 – Imagem de pormenor da fachada da entrada no edifício barroco, de grande monumentalidade e volumetria de formas;

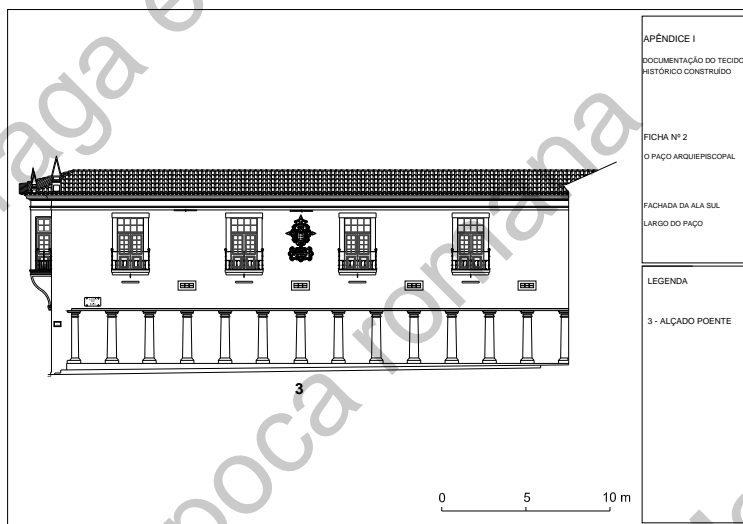
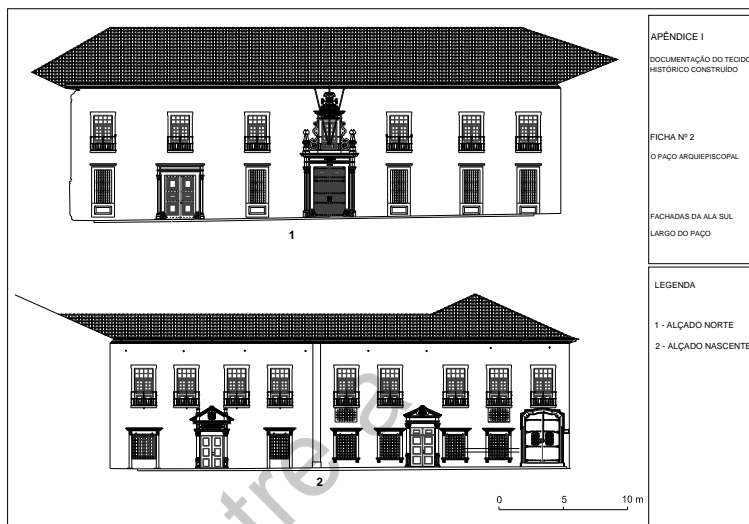
Figura 17 – Vista da fachada da ala central da estrutura sul, pertencente aos séculos XVI, XVII e XVIII. Ao centro, destaca-se a porta, encimado pelo brasão do arcebispo

Figura 18 – Imagem da fachada da ala poente do corpo sul, onde se pode observar, na parte baixa, o porticado ou “Galeria” sustentada por colunas, ao estilo Renascentista, mandada fazer executar pelo arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, em 1593, como aparece assinalado na inscrição que de encontra no piso superior;

Figura 19 – Vista da fachada da ala nascente do corpo sul, com duas portas encimadas por frontões ao estilo Renascentista. Por cima da porta à esquerda na imagem, encontra-se o brasão do arcebispo D. Manuel de Sousa (1544-1549).

Reconstituição em *Photodeler*: Maurício Guerreiro





APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3

EDIFÍCIOS DA FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Rua de S. Marcos constitui um exemplo característico do modo como o traçado da muralha influenciou a fisionomia dos eixos viários, os quais vão ganhando expressão com a paulatina perda da funcionalidade defensiva daquela. Esta rua, aberta no século XVI, passou a ligar o recém-criado Campo dos Remédios, para o qual desemboca uma porta da muralha, à zona do castelo.

Segundo a representação do *Mapa de Braunio*, a rua encontrava-se, nos finais do século XVI, completamente edificada na fachada nascente, não possuindo nenhuma construção no lado poente. Todavia, o mapa do século XVII ilustra já construções neste lado da rua.

A morfologia da Rua de S. Marcos resulta da adaptação das construções ao traçado da muralha, sendo actualmente possível identificar o modo como os edifícios se foram aqui erguendo e a relação que estabelecem com a estrutura defensiva. Alguns serão construídos deixando um espaço de intervalo entre as suas paredes traseiras e a fortificação, outros reaproveitam materiais provenientes da fortificação ou até mesmo partes da mesma. Apresentaremos de seguida alguns casos estudados, que ilustram estas situações.

Figura 1 – Localização geográfica do alçado poente da Rua de S. Marcos na planta actual;

Figura 2 – Vista actual da Rua de S. Marcos;

Figura 3 – Imagem parcial do alçado nascente da Rua de S. Marcos, segundo a representação do MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:27

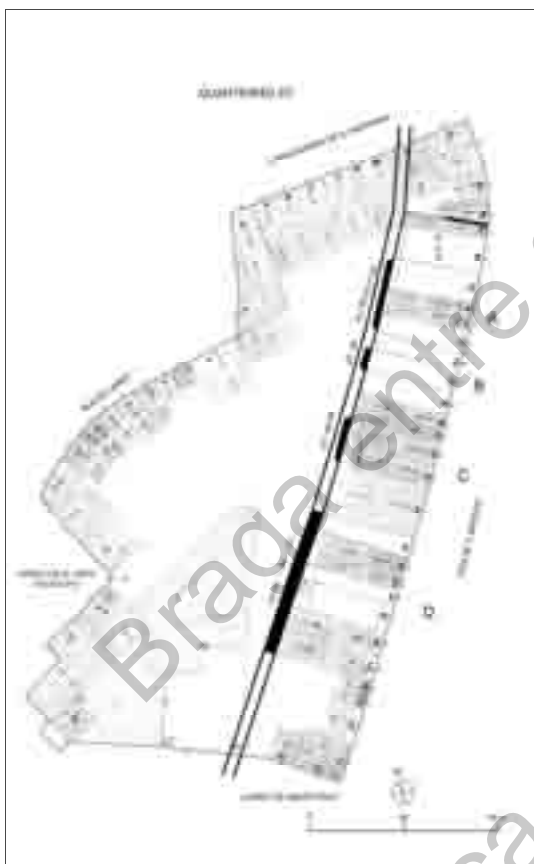


Figura 4



Figura 5



Figura 6

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:27

Edifício D7:27

Figura 4 – Quarteirão D7, delimitado a nascente pela Rua de S. Marcos, onde se assinalam os vestígios sobreviventes da muralha medieval e a numeração das parcelas que o compõem e se organizam em função da estrutura defensiva;

Figura 5 – Imagem da fachada actual do Edifício D7:27;

Figura 6 – Pormenor da parede interior da loja existente no piso térreo, que limita lateralmente todo o Edifício D7:27, onde é possível observar o reaproveitamento de materiais da muralha na sua estrutura, designadamente grandes silhares.

Edifício com fachada principal para a Rua de S. Marcos, composto por cinco pisos, sendo o último recuado e detentor de uma grande varanda/terraço para as traseiras.

Toda a fachada é do século XX, encontrando-se coberta de azulejos, muito embora a pequena frente que a parcela possui (2,96 m) permita conjecturar uma origem muito anterior. O piso térreo (r/c) é composto por uma grande abertura, emoldurada por platibandas de pedra. Cada um dos andares superiores apresenta duas aberturas, emolduradas com uma platibanda de pedra da mesma largura daquela que divide o primeiro andar do segundo. Apenas o terceiro andar apresenta aberturas em forma de porta, que dão acesso a uma varanda que ocupa toda a fachada. No topo do quarto piso existe uma cornija com moldura em talão rematado por uma fileira de telhas.

À excepção do piso térreo (r/c), todos os outros se destinam à habitação. Nele funciona uma loja, com linhas arquitectónicas recentes, podendo, contudo, observar-se ainda uma potente parede lateral, formada por grandes silhares.

O interesse deste edifício reside na sua estrutura construtiva, definida por uma fachada estreita e um desenvolvimento em profundidade denotando uma origem antiga, mas, também, no material de construção empregue numa das paredes medianeiras, ilustrada na figura 6. Esta parede constitui o vestígio mais antigo da anterior construção, que, com forte probabilidade, reaproveita materiais da estrutura defensiva fernandina. Saliente-se, contudo, o facto de neste local não restarem evidências do perímetro da muralha.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
EDIFÍCIO D7:30/31



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11

Edifício D7:30/31

Figura 7 – Desenho legendado e cotado da fachada do Edifício D7:30/31, da sua secção e de alguns dos elementos que a compõem;

Figura 8 – Fotografia da fachada actual do Edifício D7:30/31;

Figura 9 – Foto da parede do fundo do Edifício D7:30/31 que reaproveita a face externa da muralha;

Figura 10 – Pormenor da parede mediana entre o Edifício D7:30 e 31 onde foi aberta uma porta e sobre a qual existe um poço de pedra, muito provavelmente localizado inicialmente nos logradouros destas parcelas e que serviria a ambas (fig. 10);

Figura 11 – Imagem do poço que se encontra no interior do edifício, comum às duas parcelas anteriores;

Edifício com fachada principal para a Rua de S. Marcos, integrando na sua estrutura duas parcelas, em resultado de uma recente reestruturação.

A arquitectura da fachada actual, bem como a estrutura interna da construção permitem individualizar claramente os dois edifícios anteriores, correspondentes às parcelas nº 30, com 2,98 m de frente, e à nº 31, com 2,80 m, assinaladas na figura 3. O edifício correspondente à parcela nº 30 possui três pisos, enquanto que edifício nº 31 apresenta quatro pisos, existindo ainda um outro recuado, comum a ambos.

A fachada do piso térreo (r/c) do Edifício D7: 30/31 é rasgada por quatro portas, com moldura de pedra em platibanda. As pedras utilizadas nas duas portas do edifício nº 30 foram reaproveitadas do edifício original, enquanto que as das portas do edifício nº 31 são imitações recentes das anteriores. As portas do edifício da parcela nº 30 são formadas superiormente por um lintel encimado por um painel decorativo monolítico convexo, formado por um caveto, que liga as portas do primeiro piso à moldura da sacada das portas do segundo piso, formada por uma gola ou cimácio. O gradeamento único actual da varanda une as duas pedras que constituem cada uma das sacadas.

Todas as aberturas do edifício (janelas e portas) dos andares superiores possuem uma moldura de madeira em platibanda.

O edifício é rematado por uma cornija com moldura em gola, onde assenta o telhado. O último piso é recuado ocupando apenas as traseiras do edifício.

Internamente, o piso térreo (r/c) é ocupado por um estabelecimento comercial que ocupa dois terços do conjunto dos dois edifícios, com 16,73 m de comprimento, sendo a restante área ocupada por um corredor de acesso às escadas que facultam o acesso aos pisos superiores.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:30/31

Um interesse acrescido deste edifício reside ainda na sua parede traseira, visível no piso térreo, formada em cantaria de granito. Trata-se de um muro que serve de parede ao edifício e que corresponderia à face externa da muralha medieval. Esta estrutura é igualmente visível no edifício contíguo, D7: 32. Também aqui sobrevive a parede medianeira em granito entre as duas construções e um poço que seria comum às duas parcelas anteriormente existentes. Com alguma probabilidade esta área estaria originariamente livre de construções, destinando-se a pequenas hortas como documenta o *Mapa de Braga Primas* (Anexo IV). Todavia, os séculos seguintes irão ditar o acrescento de áreas edificadas, que se adossarão à muralha, utilizando-a como estrutura de suporte.

Braga entre a
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:37



Figura 12



Figura 13

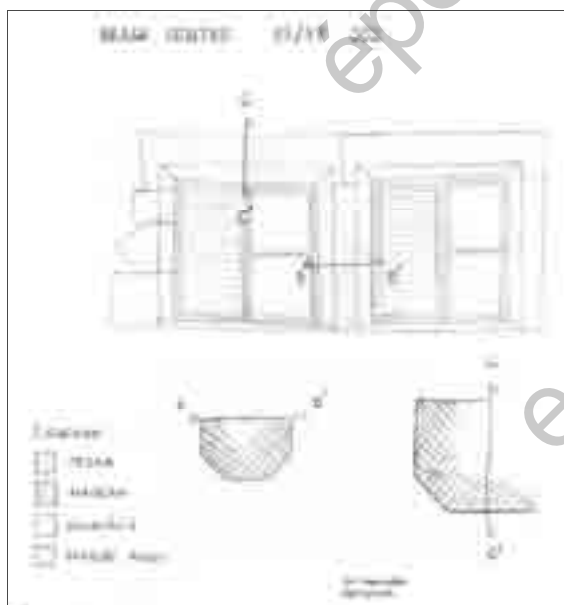


Figura 14

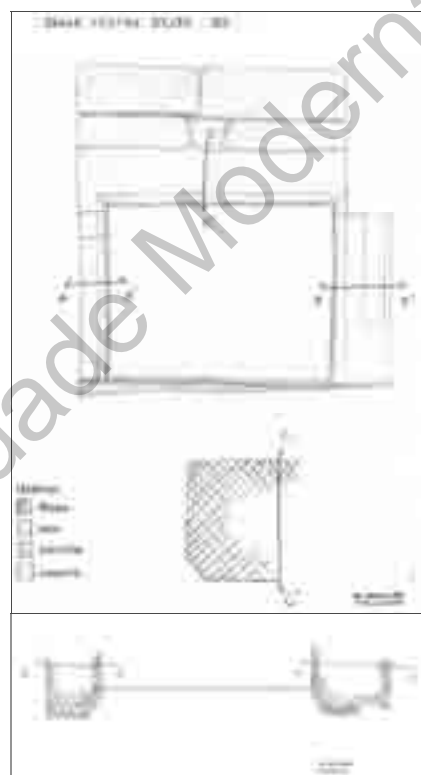


Figura 15

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:37

Edifício D7:37

Figura 12 – Fotografia da imagem actual da fachada correspondente à fase original do Edifício D7:37;

Figura 13 – Esboço da fachada do Edifício D7:37;

Figura 14 – Esboço legendado das duas janelas que compõem a fachada do segundo piso do edifício D7:37 e respectivas secções;

Figura 15 – Esboço legendado da abertura que compõe a fachada do piso térreo do edifício D7:37 e respectivas secções;

Edifício com fachada para a Rua de S. Marcos, composto por cinco pisos, sendo os três últimos acrescentos recentes e os dois primeiros pertencentes à fase original.

Esta construção corresponde ao modelo de pequena casa formada entre duas medianeiras, que responde aos paradigmas decorativos da arquitectura dos edifícios do século XVI, com molduras poligonais com chanfro, adossadas pelo lado exterior à muralha fernandina.

A fachada do edifício é formada por grandes blocos de cantaria de granito, possuindo 2,99 m de largura.

O seu piso térreo apresenta uma grande abertura emoldurada por dois pilares poligonais com arestas chanfradas e um lintel monolítico de grandes proporções, ocupando toda a fachada. O pilar do lado direito é um monolítico que serve de ombreira à porta do edifício adjacente (D7/36), com o qual este partilha o rés-do-chão. O pilar do lado esquerdo é formado por um outro monolítico, mais pequeno que o anterior, ao qual foi acrescentado um pequeno troço em resultado do seu reaproveitamento ou fracçãoamento.

Entre o piso térreo (r/c) e o primeiro andar a fachada é composta por grandes silhares, que formam a base onde assentam as duas janelas presentes no segundo piso. Os pilares central e direito das ombreiras das janelas do 1º andar, bem como os respectivos lintéis, são monolíticos com arestas chanfradas.

As características tipológicas e arquitectónicas da fachada do edifício são comuns às construções de habitação corrente representadas na fachada nascente no MRB, designadamente no edifício assinalado com o número 1, cujo prazo mais antigo se reporta ao século XVI (Figura 3). Uma vez que no *Mapa de Braunio* o lado poente da rua não aparece representado, muito embora já se encontre no mapa do século XVII, este edifício pertencerá, com alguma probabilidade, ao século XVII. Ele apresenta, contudo, as características das habitações em cantaria que passaram a existir nas ruas exteriores à muralha, a partir dos inícios do século XVI. Na sua fachada existem igualmente vários elementos arquitectónicos comuns aos apresentados na Casa dos Crivos, designadamente o uso do chanfro, que analisaremos na ficha nº 4 e aos existentes nos D7/42 e D7/52, analisados de seguida.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:39

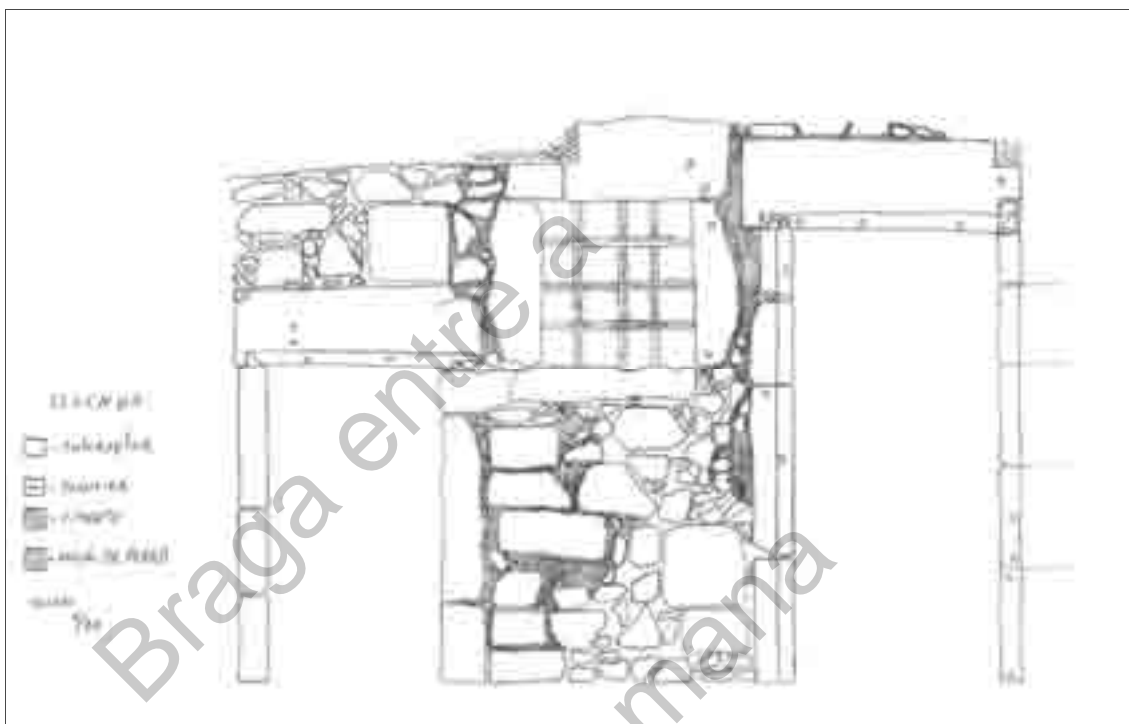


Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:39

Edifício D7:39

Figura 16 – Esboço legendado da fachada posterior do piso térreo do edifício anteriormente existente e actualmente integrado no interior do edifício D7:37;

Figura 17 – Fotografia da porta à esquerda na figura 16;

Figura 18 – Foto da janela;

Figura 19 – Foto da porta à direita na figura 16;

Figura 20 – Fotografia do interior do estabelecimento onde se observa a parede norte e, ao fundo, a face interna da parede limite do anterior edifício;

Figura 21 – Imagem do interior do estabelecimento onde se observa a parede sul;

Figura 22 – Foto da fachada do Edifício D7:39.



Figura 22

Edifício com fachada principal para a Rua de S. Marcos, composto por cinco pisos.

As particularidades deste edifício encontram-se no interior do piso térreo (r/c), onde funciona actualmente um estabelecimento comercial. Nos fundos da loja conserva-se uma parede de cantaria em granito, pertencente à fachada posterior de um edifício mais antigo, que permitia o acesso a um logradouro delimitado pela muralha medieval. As paredes laterais do fundo do estabelecimento são igualmente compostas de grandes silhares, com material de enchimento e de restauro de pequenas e médias dimensões. Actualmente esta estrutura encontra-se integrada no edifício D7:39.

A fachada posterior do primitivo edifício, aparentemente composta por materiais reaproveitados, apresenta duas portas e uma janela. A porta, à esquerda na figura 16, com altura inferior à da direita, encontra-se parcialmente fechada pelo lado interior com painéis de mármore. É composta por um lintel com aresta em chanfro, sendo as suas ombreiras constituídas por pilares fragmentados. A porta que se encontra à direita na imagem 16, ainda hoje tem serventia, sendo composta por um lintel monolítico, com aresta chanfrada, cortado no lado direito, em virtude da implantação de uma viga de ferro. As duas ombreiras são formadas por pilares seccionados, com arestas chanfradas.

A janela, localizada ao centro, consiste num vão formado por grandes blocos de pedra, possuindo uma grade em ferro forjado.

A localização desta fachada na parcela actual, bem como o modo como ela se relaciona com a estrutura correspondente à face externa da muralha, permite considerá-la como limite posterior de um edifício pretérito, sucessivamente reestruturado, que reaproveita materiais da muralha.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:42



Figura 23



Figura 24

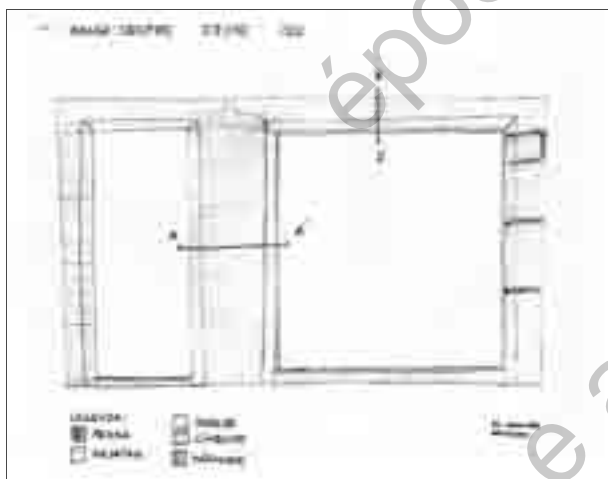


Figura 25

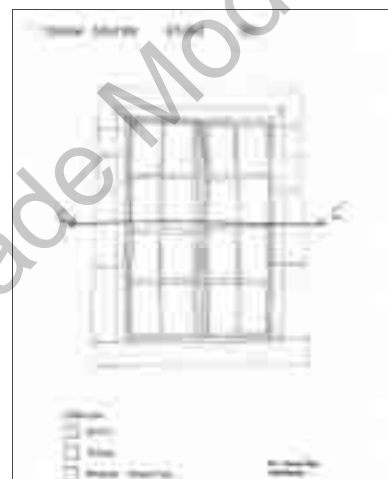


Figura 26

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:42

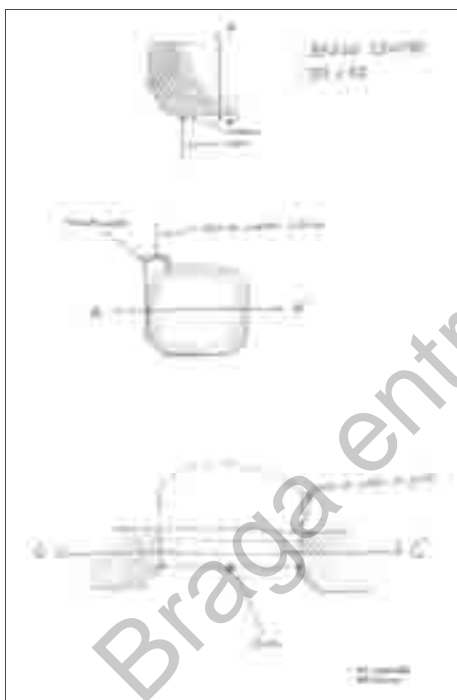


Figura 27



Figura 28



Figura 29

Edifício D7:42

Edifício com três pisos e frente principal para a rua de S. Marcos, com 4,84 m de largura.

A fachada do piso térreo (r/c) é rasgada por duas aberturas com moldura em granito, servindo uma de porta e outra de vitrina ao estabelecimento comercial que aí funciona. O pilar central que serve de ombreira às aberturas é um grande monolítico, com aresta em chanfra, apresentando um reforço em cimento na parte superior. As outras duas ombreiras laterais são formadas por pilares seccionados, também eles com arestas em chanfro, actualmente reforçados nas ligações por cimento. O lintel de ambas as aberturas possui aresta em chanfra, encontrando-se unido por cimento na zona do pilar central.

A fachada do piso posterior é constituída por duas janelas, com moldura em granito sendo os lintéis e os parapeitos formados por elementos monolíticos em platibanda, aos quais se encostam as ombreiras formadas por pilares seccionados com arestas chanfradas.

No último piso existe uma varanda em cimento recente, que ocupa toda a largura da fachada, devendo resultar do restauro de uma anterior em madeira. Para ela dão três portas, com molduras em madeira em forma de platibanda. Por cima das portas e a rematar o edifício existe uma trave que serve de sustentação à estrutura do telhado. Este último piso poderá ter resultado de um acrescento em taipa à casa original, a qual teria, deste modo, dois pisos com paredes exteriores em pedra (actualmente rebocadas). Todavia, no século XVIII está tipologia já se encontra muito difundida, sobretudo nas ruas extramuros, como documentado no MRB, podendo o acrescento datar desta época.

Edifício D7:42

A fachada do edifício apresenta características tipológicas e arquitectónicas das construções da Baixa Idade Média, muito embora face às fontes existentes a datação mais provável seja o século XVII. À semelhança do referido para o edifício D7: 37 existem igualmente muitas similitudes entre esta construção e as representadas na fachada nascente no MRB (figura 3).

As principais alterações poderão ter ocorrido no rés-do-chão, muito embora a tipologia de duas aberturas seja ainda a utilizada. De igual modo, os elementos poligonais com chanfro de algumas das suas molduras permitem incluí-la no modelo da pequena casa em cantaria de granito, formada entre duas medianeiras, que caracteriza as construções surgidas na zona extramuros a partir do século XVI.

No interior do piso térreo, hoje em dia completamente alterado, é ainda possível identificar vestígios em madeira das estruturas primitivas, designadamente por cima do pilar central que serve as duas aberturas pertencentes ao soalho do piso superior;

Figura 23 – Fotografia da fachada do Edifício D7:42;

Figura 24 – Esboço legendado da fachada do Edifício D7:42;

Figura 25 – Esboço legendado de pormenor das aberturas na fachada do piso térreo (r/c);

Figura 26 – Esboço legendado de pormenor das janelas do segundo piso;

Figura 27 – Esboço das secções das aberturas do piso térreo e da janela do segundo piso, assinaladas nas figuras 26 e 27;

Figura 28 – Foto das janelas do segundo piso;

Figura 29 – Foto das aberturas do piso térreo;

Figura 30 – Pormenor do interior do pilar central, sobre o qual assenta uma estrutura de madeira.



Figura 30

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:52



Figura 31

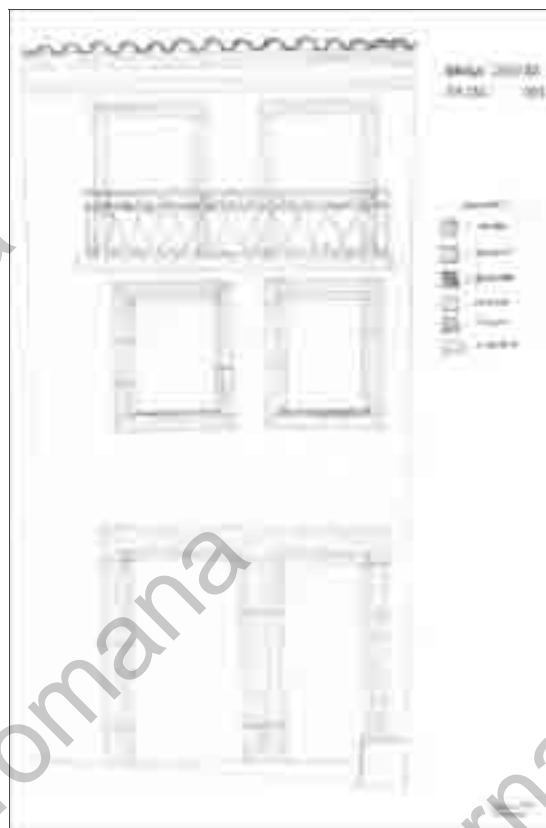


Figura 32

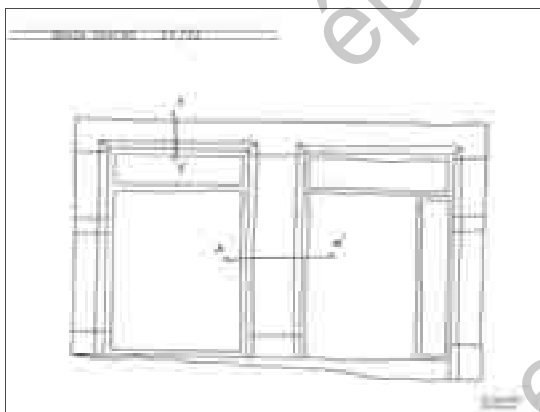


Figura 33



Figura 34

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:52

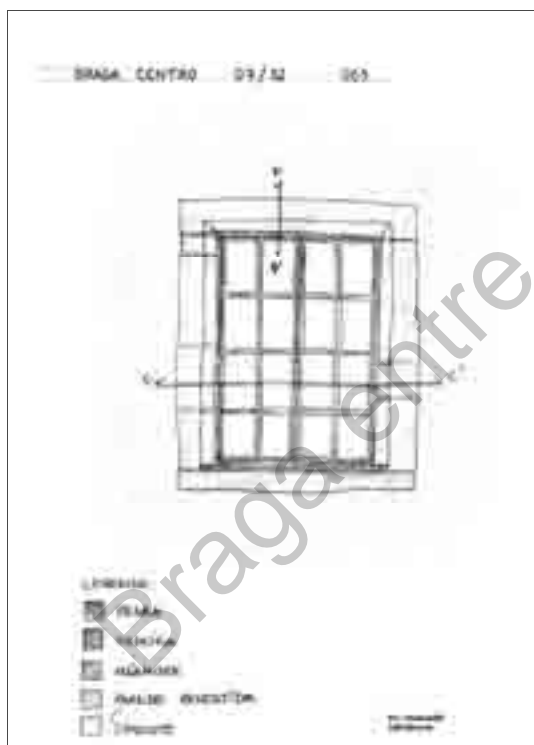


Figura 35

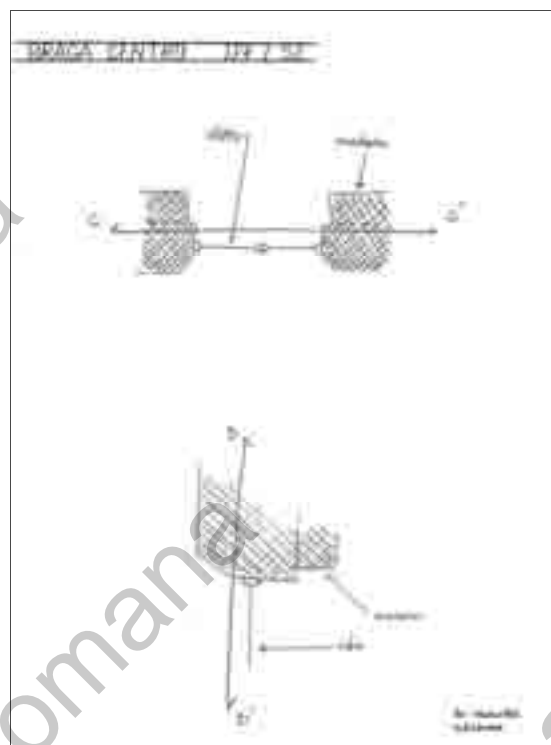


Figura 36



Figura 37

Edifício D7:52

Edifício de três pisos com fachada para o Largo de Santa Cruz, antigo Campo dos Remédios mandado abrir por D. Diogo de Sousa, localizado em frente à porta da muralha medieval de S. João (a sul da Rua de S. Marcos). Segundo a representação do *Mapa de Braunio*, esta área encontrava-se sem edificações no século XVI, situação que se alterara nos séculos seguintes.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 3: FACHADA POENTE DA RUA DE S. MARCOS
Edifício D7:52

Edifício D7:52

Com 4, 79 m de frente, o Edifício D7:52 apresenta na fachada do piso térreo duas aberturas, correspondentes à porta e vitrina do estabelecimento comercial que aí funciona. Ambas possuem moldura em granito, servindo o pilar central, de arestas chanfradas, como ombreira às duas; à semelhança dos restantes pilares verticais este encontra-se seccionado em três elementos. O lintel, também ele com chanfro, corresponde a um grande elemento monolítico, que serve de padieira às duas aberturas.

A fachada do segundo piso possui duas janelas com moldura em granito, sendo os respectivos lintéis e parapeitos formados por elementos monolíticos com arestas chanfradas. Os pilares que servem de ombreiras são constituídos por elementos seccionados, também eles com chanfro.

No terceiro piso a fachada é composta por uma varanda, feita em cimento, para a qual abrem duas portas, com moldura em madeira, em forma de platibanda. O edifício é rematado por uma cornija em madeira, sobre a qual assenta o telhado.

Toda a fachada se encontra rebocada, sendo ainda perceptível a sua estrutura de pedra.

A organização dos elementos da fachada encontra-se descentrada face à totalidade da área ocupada, sendo a largura da parede que encosta ao edifício da esquerda muito superior. Esta situação terá resultado de um acrescento ocorrido aquando do derrube da muralha e da transladação da Casa dos Coimbras, no século XIX.

As semelhanças arquitectónicas e tipológicas que apresenta com os edifícios D7: 37 e D7:42 permitem incluí-lo no modelo de pequena casa em cantaria de granito, que surge na zona extramuros a partir do século XVI.

Figura 31 – Fotografia actual da fachada do Edifício D7: 52;

Figura 32 – Esboço legendado da fachada do Edifício D7: 52;

Figura 33 – Esboço das portas do piso térreo (r/c);

Figura 34 – Foto actual das portas do piso térreo (r/c);

Figura 35 – Esboço legendado de uma janela do primeiro do piso;

Figura 36 – Esboço da secção das janelas, assinaladas na figura 35.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Liliana Cerqueira Fial; Pedro Miguel Guerra Paraíso e Rui Jorge Almeida Magalhães

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 4: FACHADA NASCENTE DA RUA DE S. MARCOS
A CASA DOS CRIVOS



Figura 1



Figura 2

A denominada Casa dos Crivos situa-se no alçado poente da Rua de S. Marcos, possuindo a sua fachada principal virada para esta mesma rua. A sua designação decorre do facto daquela ser composta por um tipo de janelas característico da cidade setecentista e oitocentista, denominado de gelosias, que conformam uma espécie de crivo.

Esta construção, detentora de uma longa permanência temporal no espaço edificado, constitui actualmente uma das obras de arquitectura histórica mais emblemáticas e carismáticas da cidade, encontrando-se musealizada e integrando o património municipal, depois de adquirida pela Câmara Municipal de Braga nos anos oitenta.

A história deste edifício aparece documentada, pela primeira vez, no século XVII, muito embora a sua representação não figure no MRB.



Figura 3

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 4: FACHADA NASCENTE DA RUA DE S. MARCOS
A CASA DOS CRIVOS

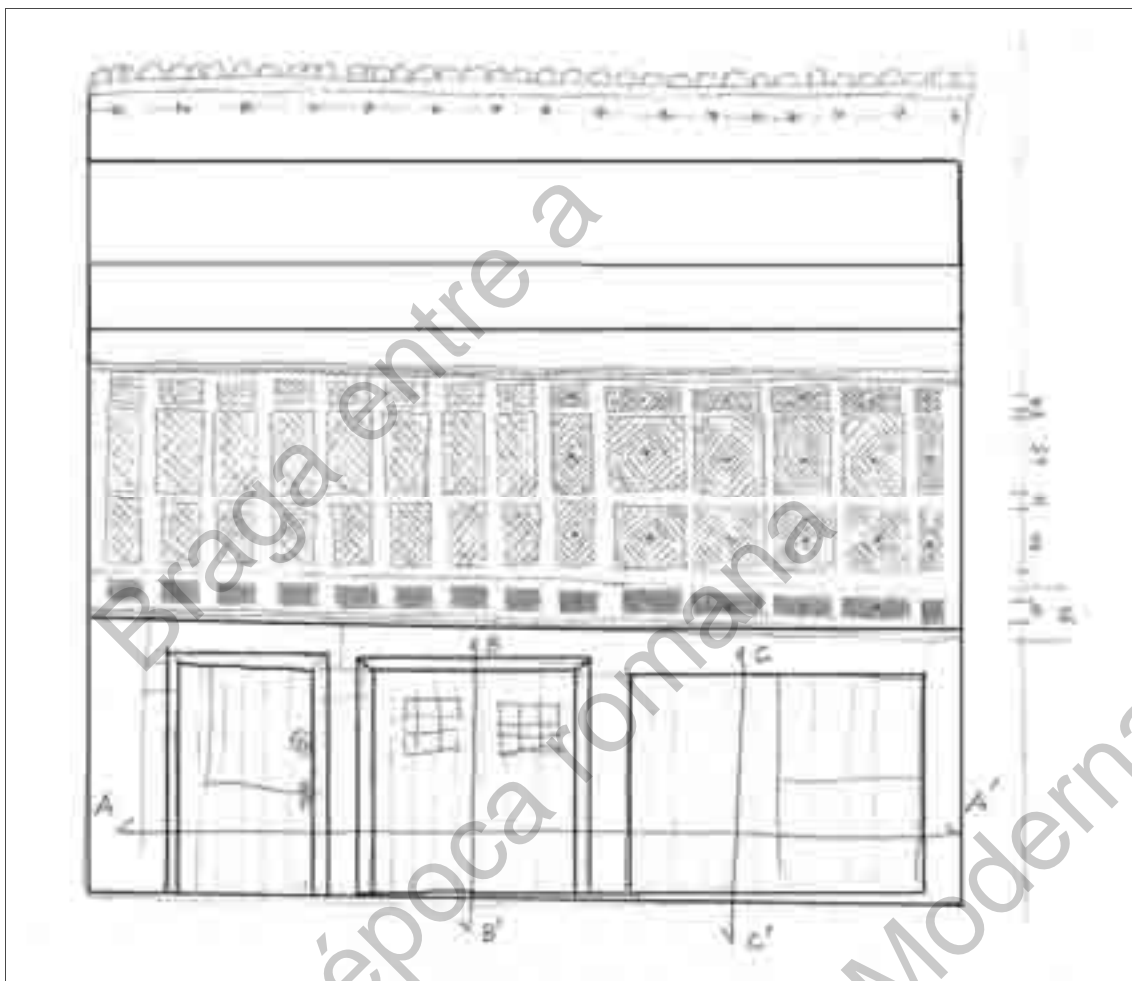


Figura 4



Figura 5

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 4: FACHADA NASCENTE DA RUA DE S. MARCOS
A CASA DOS CRIVOS

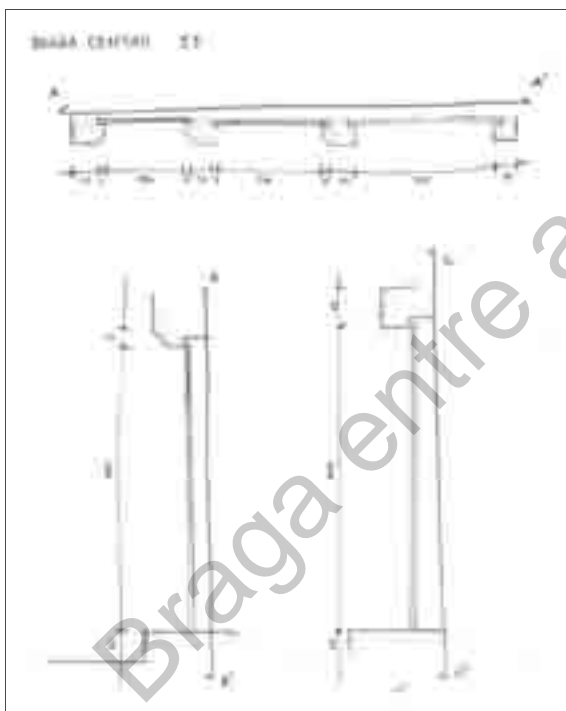


Figura 6



Figura 7

A sua frente possui cerca de 6,60 m de largura, sendo a fachada do piso térreo (r/c) composta por três aberturas com moldura em granito.

A porta n.º 1 (do lado esquerdo da imagem 5) possui cerca de 1,16 m de largura e 2 m de altura, sendo composta por um lintel monolítico com aresta chanfrada, e dois pilares verticais com chanfro, servindo o da direita de ombreira à porta contígua. Ambos correspondem a monolíticos, embora possuam na sua parte superior uma pequena peça de granito fraccionada, que os liga à padieira.

A porta n.º 2 (central) possui as mesmas características que a anterior, bem como a mesma altura, sendo, porém, mais larga (1,55 m), e possuindo um pilar vertical, mais robusto, que serve de ombreira à 3ª porta. O seu lintel é igualmente comum ao daquela, tratando-se de um grande elemento monolítico. Todavia, na porta n.º 3 este não apresenta aresta em chanfro. Esta porta (do lado esquerdo da imagem 5) é significativamente maior que as anteriores, possuindo cerca de 2,55 m de largura e 2 m de altura. Os elementos que a emolduram são todos em platibanda.

A parte visível das pedras que formam a soleira das diferentes portas é bastante diferenciada, aumentando progressivamente da porta n.º 1 até à porta n.º 3. Na zona da 1ª, a soleira encontra-se praticamente ao nível da cota da rua, enquanto que na 3ª já existe um grande degrau, onde é visível, também, um rebaixamento para o encaixe do pilar vertical. Estes factos permitem-nos atestar a ocorrência da subida da cota de circulação actual.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 4: FACHADA NASCENTE DA RUA DE S. MARCOS
A CASA DOS CRIVOS

A fachada dos pisos superiores (2º e 3º) é toda ela de madeira, formada pelas típicas janelas em madeira pintada que lhe dão o nome. A marcação dos pisos é definida por um friso pintado, que não contém janelas. A forma diferenciada como são trabalhados, ao nível vertical, “os crivos” das janelas, permitem dividir a fachada em dois lados diferenciados. De facto, a actual construção correspondeu no seu estado original a duas habitações.

Muito embora no MRB a Casa dos Crivos não se encontre representado no alçado nascente da Rua de S. Marcos, as semelhanças tipológicas que esta apresenta com dois edifícios ali representados, cujos prazos datam, como já foi referido, do século XVI, permitem incluir as duas habitações primitivas que a compõem, designadamente no que se refere ao piso térreo, no modelo de pequena casa em cantaria, edificado na zona extramuros a partir do século XVI. Em reforço desta hipótese joga a presença dos elementos poligonais com chanfro.

Figura 1 – Localização da parcela correspondente à Casa dos Crivos na planta topográfica actual;

Figura 2 – Imagem actual da fachada do edifício correspondente à Casa dos Crivos, onde se pode observar as janelas em gelosia bem como as portas em pedra existentes no piso térreo;

Figura 3 – Imagem da Casa dos Crivos no século XX;

Figura 4 – Esboço legendado da fachada;

Figura 5 – Foto actual da fachada do piso térreo;

Figura 6 – Esboço das secções das aberturas do piso térreo, assinaladas na figura 4;

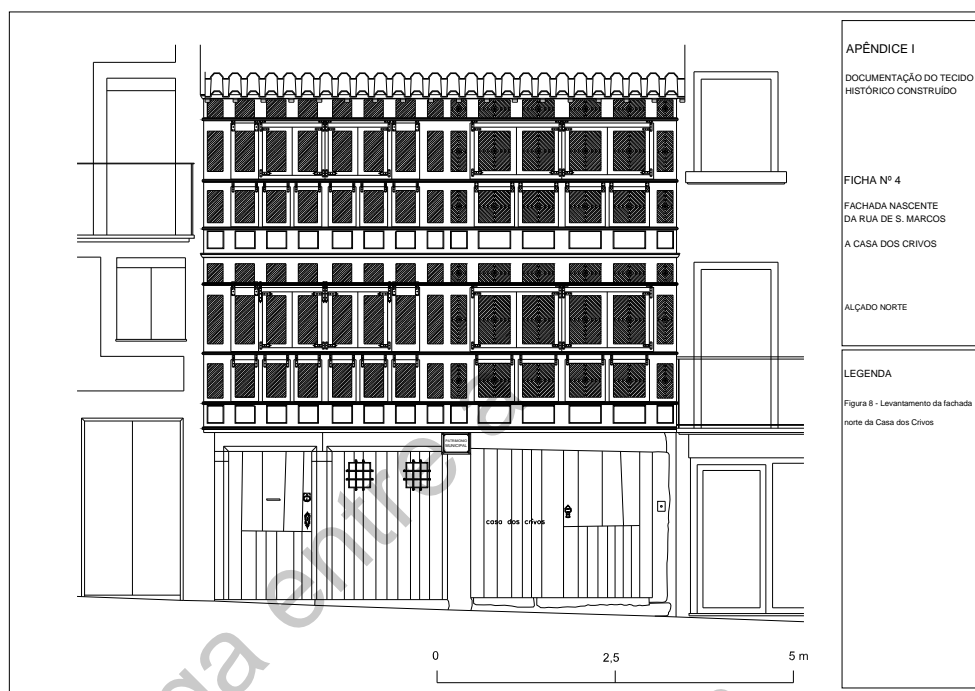
Figura 7 – Foto das janelas, tirada do interior do edifício;

Figura 8 – Levantamento da fachada da Casa dos Crivos.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Liliana Cerqueira Fial; Pedro Miguel Guerra Paraíso e Rui Jorge Almeida Magalhães

Reconstituição em *Photodeler*: Maurício Guerreiro



APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Casa dos Coimbras é um importante edifício de estilo Manuelino da cidade de Braga. Inicialmente localizava-se na fachada sul da Rua de S. João, mandada abrir por D. Diogo de Sousa no século XVI. À semelhança de muitos edifícios que surgem nesta artéria, era propriedade de uma família abastada (os Coimbras), que a terão adquirido e mandado restaurar de acordo com as tendências do gótico tardio (estilo manuelino) e as novas tendências renascentistas, então em voga desde os finais do século XV. A sua nova fisionomia terá sido obra de artistas oriundos da Biscaia que D. Diogo de Sousa atraiu para a cidade. Este imóvel foi objecto de um primeiro estudo detalhado por parte de Assunção Vasconcelos (1995).

As transformações urbanas ocorridas nos inícios do século XX, ditaram a destruição dos edifícios que se localizavam na fachada norte da Rua de S. João, desde a porta da muralha até à então designada Rua do Coelho, tendo a Casa dos Coimbras sido trasladada para o Largo de Santa Cruz, aberto na mesma altura em virtude do derrube da porta da muralha, passando a ocupar parte do espaço pertencente à muralha medieval. Desde então, a Casa dos Coimbras ocupa uma extensa parcela situada no quarteirão por nós designado de D2 (Figura 1), conservando alguns dos elementos que caracterizaram a sua fachada quinhentista. Esta constatação pode ser verificada através da comparação da sua representação no MRB (Figura 3).

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

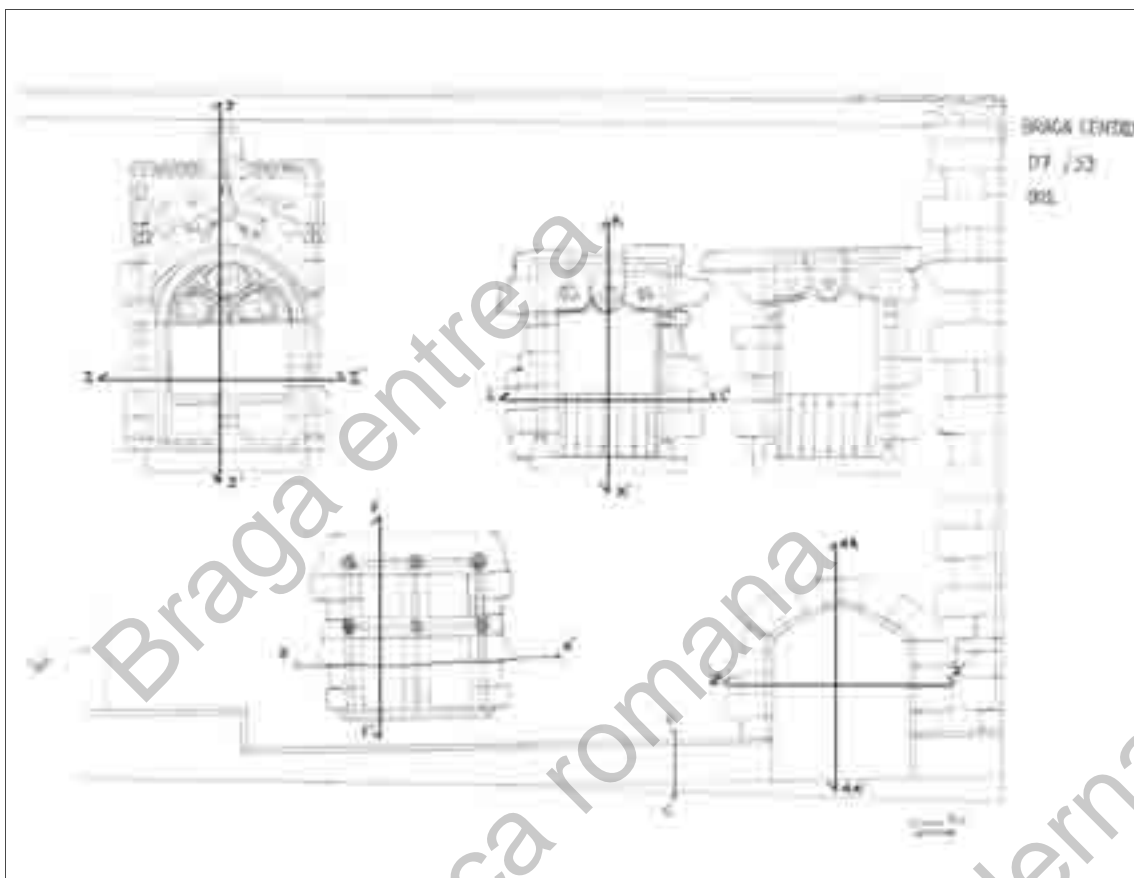


Figura 4



Figura 5

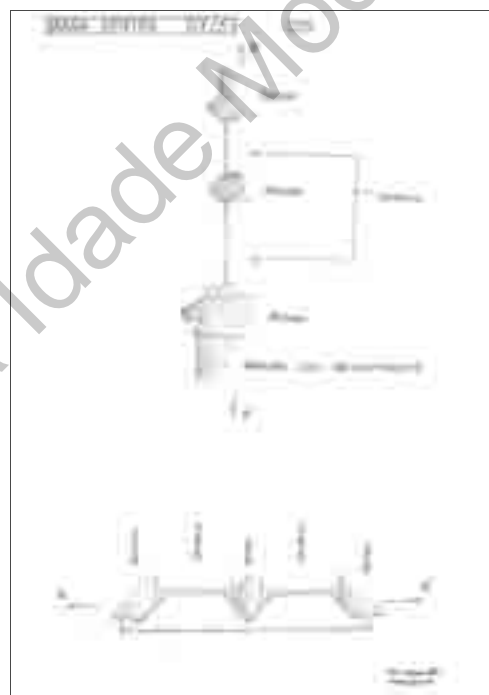


Figura 6

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

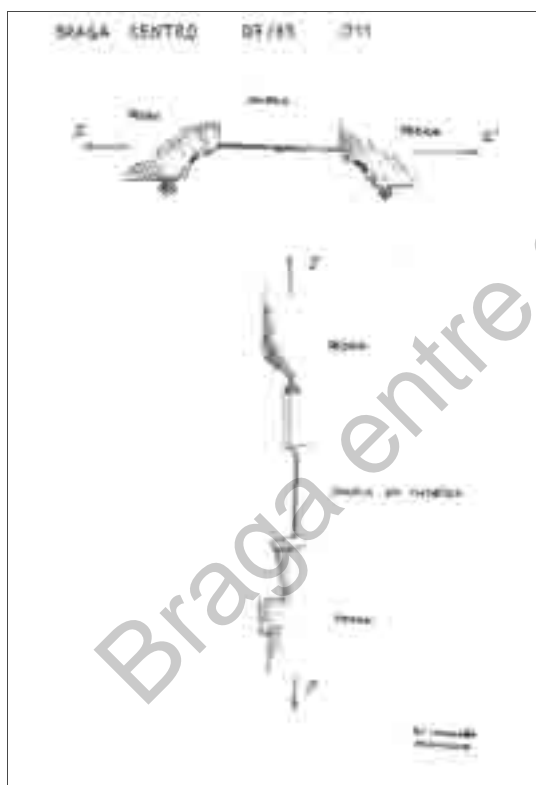


Figura 7

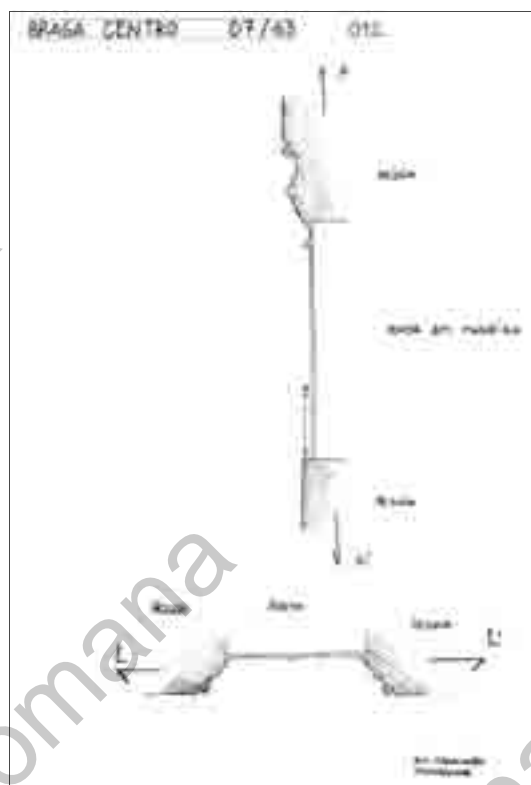


Figura 8

A CASA DOS COIMBRÃS

Figura 4 - Esboço anotado da parte sul da fachada poente da Casa dos Coimbras;

Figura 5 - Fotografia actual da parte sul da fachada poente da Casa dos Coimbras;

Figura 6 - Esboço das secções da janela do primeiro piso, na zona assinada na figura 4;

Figura 7 - Esboço das secções da janela do segundo piso, na zona assinada na figura 4;

Figura 8 - Esboço das secções da janela do segundo piso, na zona assinada na figura 4;

Figura 9 - Esboço das secções da porta do primeiro piso, na zona assinada na figura 4;

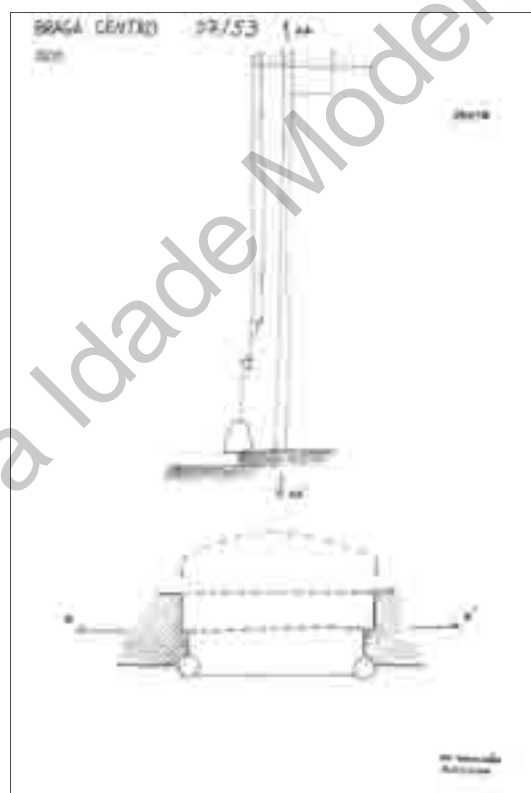


Figura 9

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

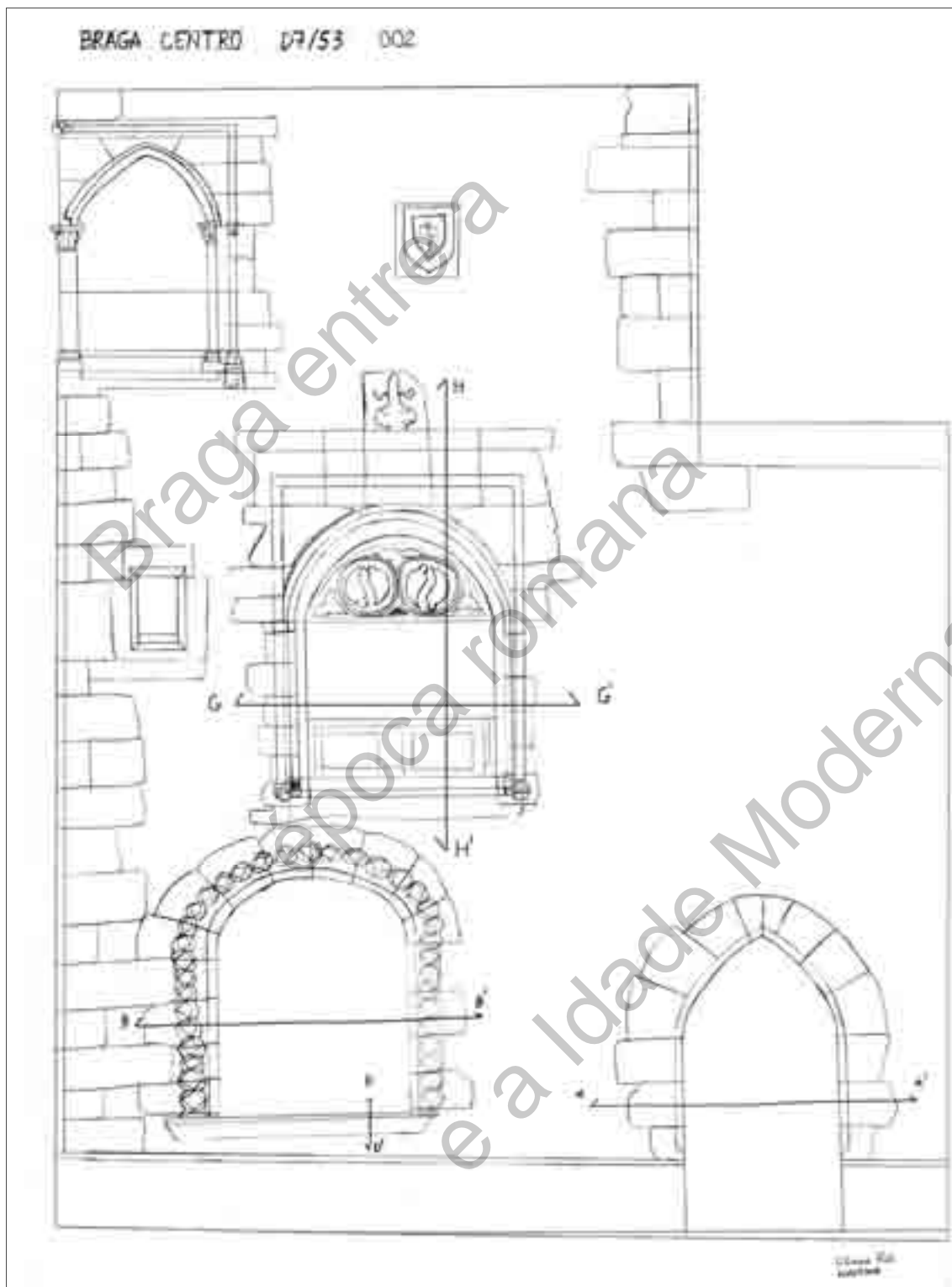


Figura 10

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS



Figura 11

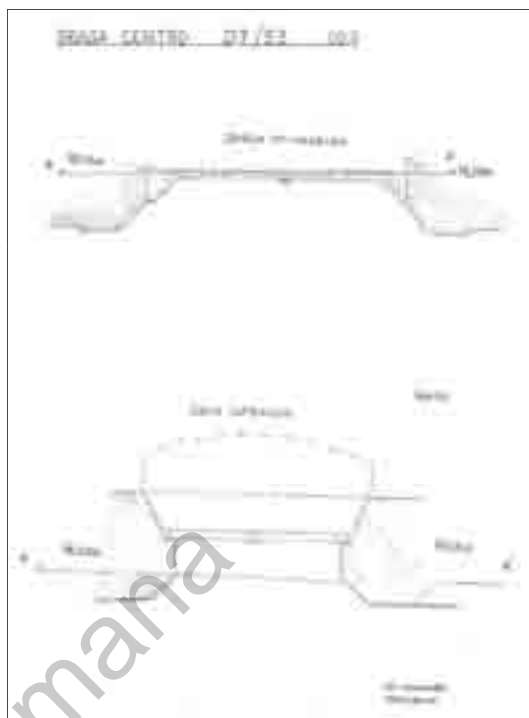


Figura 12

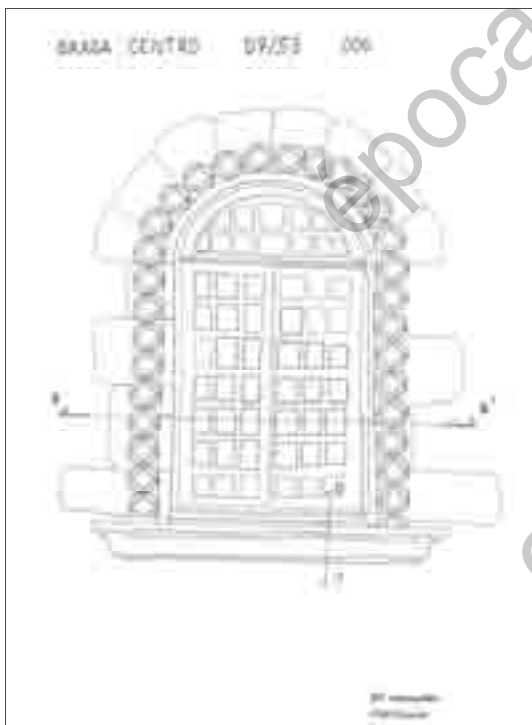


Figura 13

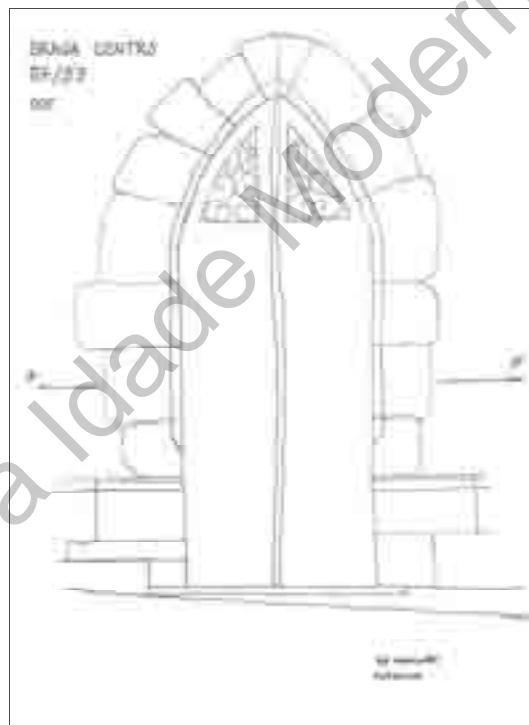


Figura 14

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

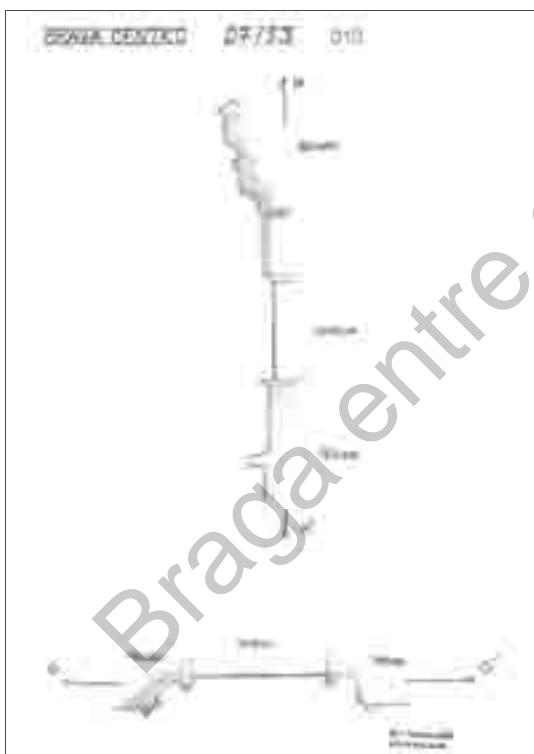


Figura 15

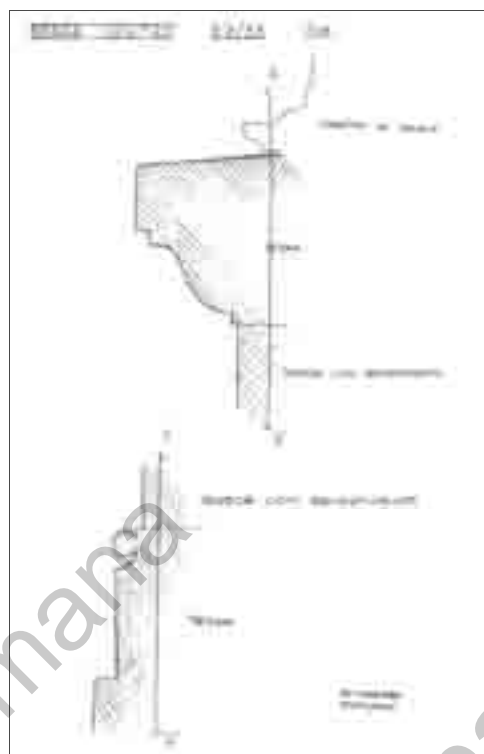


Figura 16

A CASA DOS COIMBRAS

Figura 10 – Esboço anotado da parte norte da fachada poente da Casa dos Coimbras;

Figura 11 – Fotografia actual da parte norte da fachada poente da Casa dos Coimbras;

Figura 12 – Esboço das secções da janela e da porta do primeiro piso, nas zonas assinadas na figura 10, 13 e 14;

Figura 13 – Esboço da janela do primeiro piso, assinada na figura 10;

Figura 14 – Esboço da porta do primeiro piso, assinada na figura 10;

Figura 15 – Esboço das secções da janela do segundo piso, nas zonas assinadas na figura 10;

Figura 16 – Esboço das secções da moldura do peitoril da janela do primeiro piso, na zona assinada na figura 10 e 13, e da secção da moldura do rodapé, na zona assinalada na figura 4;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

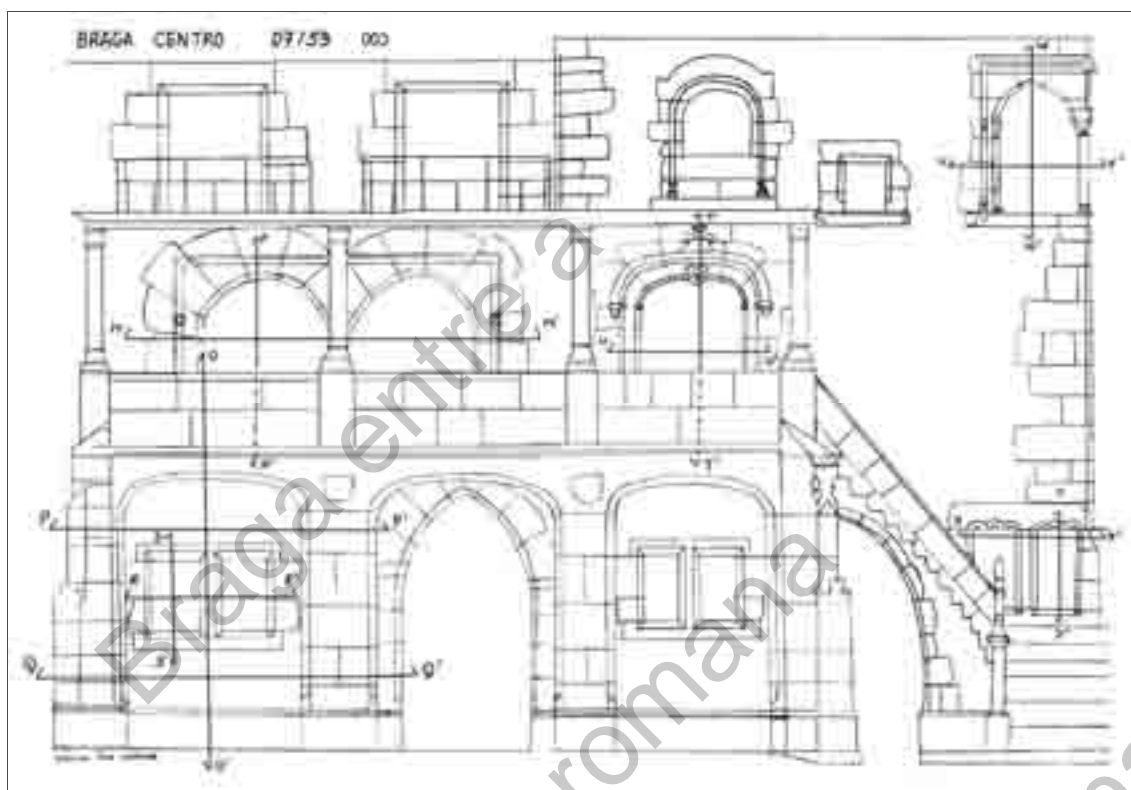


Figura 18



Figura 19



Figura 20

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS



Figura 21



Figura 22

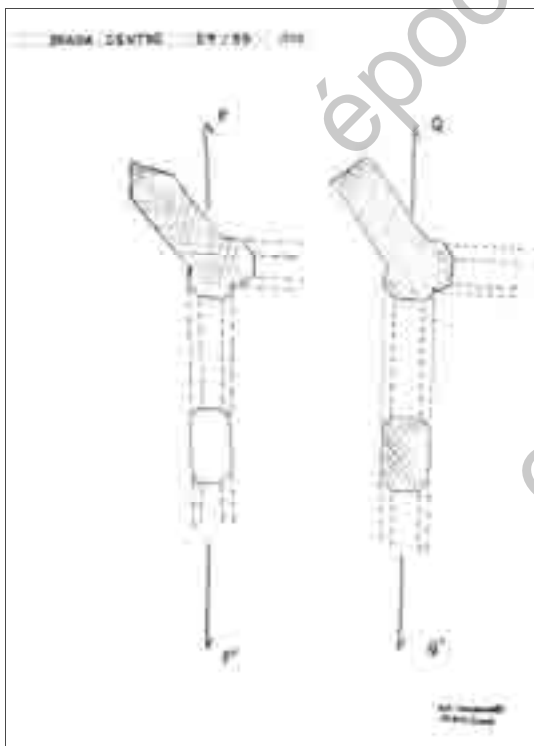


Figura 23

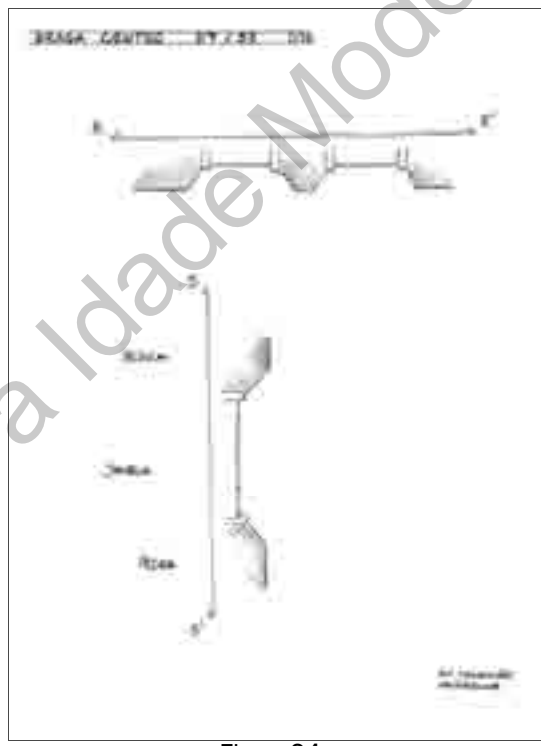


Figura 24

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS



Figura 25

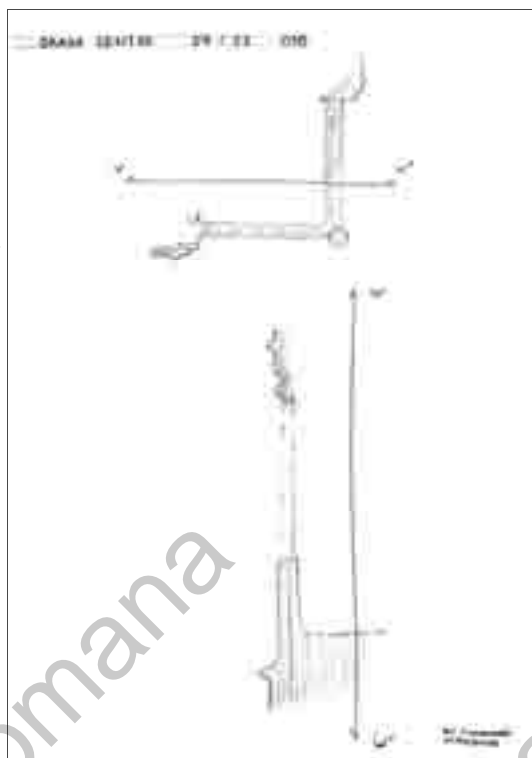


Figura 26

A CASA DOS COIMBRAS

Figura 18 – Esboço anotado da fachada norte da Casa dos Coimbras;

Figura 19 – Fotografia actual da parte nascente da fachada norte da parte sul da poente da Casa dos Coimbras;

Figura 20 – Fotografia actual da parte poente da fachada norte da parte sul da poente da Casa dos Coimbras;

Figura 21 – Esboço das secções das portas geminadas do segundo piso, nas zonas assinaladas na figura 18;

Figura 22 – Esboço da área do edifício na zona assinalada na figura 18;

Figura 23 – Esboço das secções transversais do piso térreo nas zonas assinaladas na figura 18;

Figura 24 – Esboço das secções das janelas geminadas do piso térreo, nas zonas assinaladas na figura 18;

Figura 25 – Esboço das secções da porta do segundo piso, nas zonas assinaladas na figura 18;

Figura 26 – Esboço das secções da varanda do terceiro piso, nas zonas assinaladas na figura 18;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

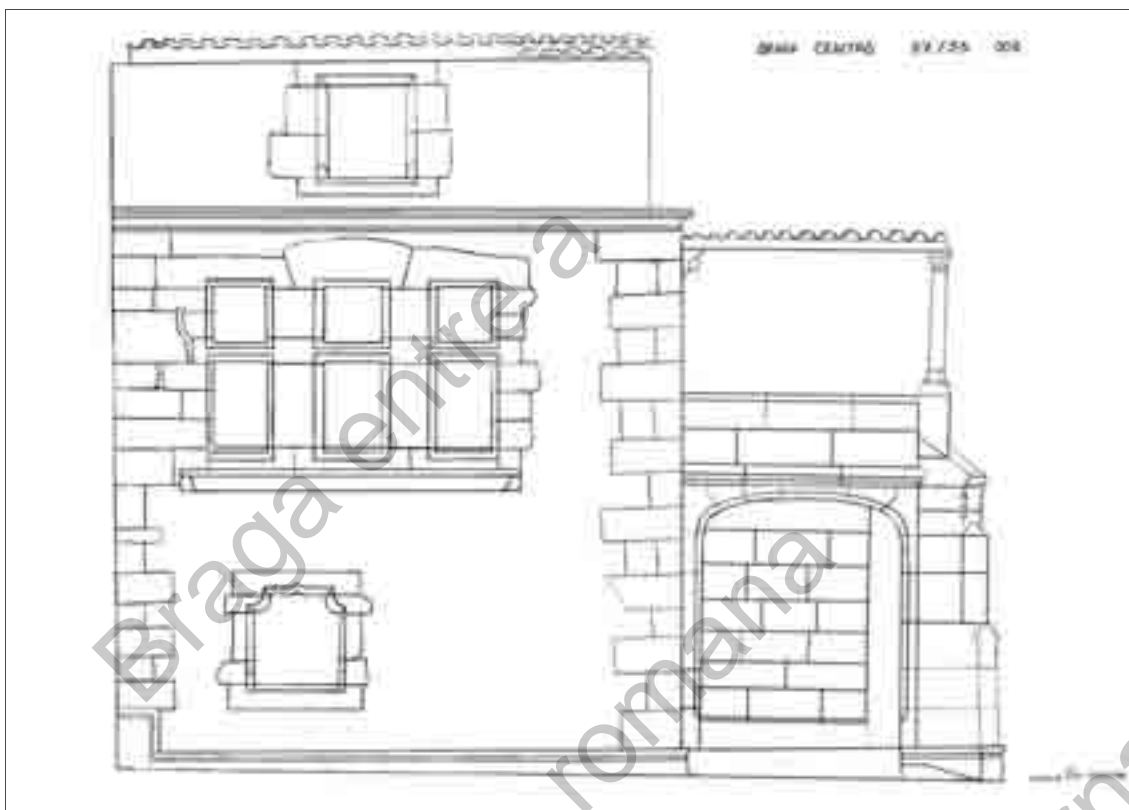


Figura 28

A CASA DOS COIMBRAS

Figura 28 – Esboço da parte norte da fachada nascente da Casa dos Coimbras;

Figura 29 – Fotografia actual da parte norte da fachada nascente da Casa dos Coimbras.



Figura 29

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

A CASA DOS COIMBRAS

A comparação do edifício actual com a sua representação no MRB torna evidentes algumas alterações, desde logo na orientação da construção e no número de fachadas que possui. Originalmente encontrava-se ladeado de construções, possuindo a frente principal virada para a rua e orientado segundo esta, no sentido E/O. Actualmente, possui uma orientação N/S e três fachadas.

O alçado que surge representado no MRB, correspondente à actual fachada poente virada para o Largo de Santa Cruz, mantém uma arquitectura muito semelhante, desenvolvendo-se em dois pisos sobre os quais existe, na parte norte, um terceiro, que originalmente deveria funcionar como uma torre. As outras duas fachadas abrem para uma zona ajardinada existente no interior do quarteirão e desenvolvem-se em três pisos. Todo o edifício era em cantaria de granito, embora hoje em dia esta se encontre praticamente toda revestida.

A composição arquitectónica da fachada poente permaneceu muito idêntica, registando tão somente pontuais alterações. O piso térreo é constituído por duas portas e duas janelas, possuindo no rodapé um friso liso rematado por uma moldura convexa em pequeno bocel ou junquilha invertido, que percorre todo o alçado, excepto no local onde se abrem as duas portas nele existentes; tal friso não existiria na fase construtiva original. Neste piso, a abertura localizada a sul consiste numa porta em arco abatido, com uma moldura poligonal com arestas chanfradas que arranca a um terço da altura daquela (figuras 4, 9 e 5). Mais a norte, localiza-se uma outra abertura, (figura 14) representada por uma porta em arco quebrado, igualmente com moldura em chanfro que começa a um terço da sua altura. Ambas as portas existiam desde a fase original. Continuando no primeiro piso da fachada poente, existem mais duas janelas. A que se localiza na extremidade norte (figura 13), em arco de volta perfeita, possui uma moldura em chanfro, sendo toda ela enquadrada por um friso composto por elementos ovais; no parapeito tem uma moldura em gola direita rematada por um listel. Esta janela também existiria já desde a fase original do edifício, muito embora não se possa excluir ter sido aumentada. A segunda janela, localizada sensivelmente a meio da fachada, possui uma forma e moldura rectangular com elementos poligonais com aresta em chanfro, encontrando-se ornamentada por cordas entrelaçadas unidas por nós (figura 4). Esta janela não existiria na fase original, tendo resultado do alargamento de uma pequena abertura aí existente.

A fachada do segundo piso do alçado poente é composta por quatro aberturas, todas elas existentes na fase original. A janela situada na extremidade norte (figuras 10 e 15), em arco de volta perfeita, possui uma moldura bastante trabalhada, com distintos motivos decorativos. Esta janela encontra-se enquadrada por uma moldura em meio bocel, rematada nos cantos por motivos vegetais e encimada por um friso com moldura em quarto de bocel decorada com motivos geométricos. Ao centro, em cima deste friso, existe uma âncora vegetalista, formada por uma folha

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

de acanto com duas flores por baixo. O parapeito, esse é composto por um grande friso decorado igualmente com motivos vegetalistas sobre o qual assenta um tabuleiro decorativo. Este último é caracterizado por um friso decorado igualmente com motivos vegetalistas, que enquadram dois motivos entrelaçados separados por um pequeno pilar adossado à parede. Quanto às ombreiras, estas possuem dois frisos que acompanham o arco de volta perfeita. O primeiro possui uma moldura em bocete e o segundo uma moldura em caveto decorada com motivos vegetalistas. Ainda neste piso, a seguir à janela anteriormente referida, mas no sentido N/S, localiza-se uma outra abertura com a mesma tipologia e decoração da anterior (figuras 4 e 7), com uma moldura extremamente elaborada e ornamentação característica do estilo manuelino. Trata-se de uma janela de arco de volta perfeita, enquadrada por uma moldura canelada de ambos os lados, que imita torres rematadas com pináculos, possuindo na base uma gárgula em forma de cabeça de cão. O seu parapeito é composto por uma moldura simples, em platibanda, encimada por um painel ornamental rectangular com vários motivos decorativos. Destes destaca-se no centro, um elemento vertical em forma de torre redonda, que assenta numa base de secção quadrangular; nas laterais surgem representadas figuras híbridas de animais (cabeça de leão e asas de águia); na base, uma corda entrelaçada que se encontra sobreposta por um filete perlado; finalmente na parte superior observa-se um friso com motivos vegetalistas. Da moldura que decora as ombreiras destacam-se dois frisos, sendo o primeiro com um bocete e o segundo com uma moldura canelada e decorada também ela com motivos vegetalistas. Na parte superior da moldura desta última janela, como elemento de transição do arco para o painel decorativo que o encima, existem duas grandes folhas de acanto, uma de cada lado do arco. O tabuleiro superior da janela é também ele decorado com motivos vegetalistas, possuindo ao centro um chapéu de cardeal, intercalado com arco polilobado, rodeado por pequenos arcos formados com motivos vegetalistas. A coroar a moldura da janela existe novo friso com motivos vegetalistas, encimado na parte central por uma folha de acanto ladeada na base por duas flores. No lado sul do segundo piso do alçado poente existem ainda outras duas janelas, com características idênticas (figuras 4 e 8). Ambas surgem enquadradas por uma moldura em junquilha, ausente na parte inferior, onde existe uma moldura simples em platibanda. Por debaixo do lintel esta presente uma moldura formada por um arco polilobado invertido, cujos lóbulos patenteiam uma decoração formada por folhas de acanto. Na janela localizada mais a norte, o lóbulo central é decorado com um motivo marítimo.

Por fim, no lado norte da fachada poente surge um terceiro piso, onde se encontra uma varanda de ângulo ricamente ornamentada, que é partilhada com a fachada norte e que pertence à fase original do edifício (figuras 10, 18 e 26). Tal varanda é constituída por dois arcos apontados, um em cada fachada, sustentados por colunas com fuste liso e capitel decorado com folhas. Os arcos são formados por uma moldura convexa em junquilha e decorados interiormente por uma moldura

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ
A CASA DOS COIMBRAS

rendilhada. A enquadrar a varanda observa-se uma moldura em meio bocel, decorada nos cantos por complexos motivos vegetalistas e marítimos. A fachada norte do edifício não existiria na fase original, uma vez que a ela se adossava uma construção. Esta, contudo, apenas atingiria o nível do 2º piso, daqui resultando a definição de uma fachada em torre na Casa dos Coimbras. De um modo geral, podemos considerar que grande parte da fachada norte e da nascente existentes actualmente não pertencem à fase original do edifício devendo por isso ser entendidas como uma obra que procura replicar algumas das características da fase anterior e harmonizar a sua composição arquitectónica.

Quanto à fachada norte esta desenvolve-se em três pisos (figura 18). No térreo possui uma arcada formada por arcos abatidos, em asa de cesto; entre estes existem duas gárgulas decoradas, que servem de caleiro para o escoamento das águas da varanda. Os arcos exteriores possuem um contraforte decorado para descarregar o peso da varanda existente no segundo piso. Todos possuem na base um plinto seguido de toro, ou bocel de base. Os contrafortes apresentam na parte superior uma moldura em bico de falcão. Moldura idêntica acompanha toda a fachada da arcada, funcionando como elemento de coroação da mesma e de transição para a varanda do segundo piso, à qual se acede por meio de uma escadaria lateral, com dois lanços, em alvenaria de granito. O corrimão das escadas possui uma moldura em caveto encimada por um bocel; este corrimão tem no início e no fim do primeiro lanço uma coluna de secção quadrangular, que culmina num grande óvulo; o segundo lanço de escadas é suportado por um segmento de arco de volta perfeita.

Dentro da arcada, a fachada do primeiro piso é composta por duas janelas rectangulares com moldura poligonal em chanfra e uma grande porta em arco apontado formada por elementos poligonais com chanfro. Na parte do alçado correspondente ao fim do primeiro lanço existe outra janela com moldura em chanfro. O lintel é decorado com pequenos arcos secantes com pequenos óvulos no interior.

A varanda existente no segundo piso, para a qual se abrem três portas, é sustentada por pequenas colunas com fuste liso e capitel decorado com motivos vegetalistas, que sustentam o seu telhado. A porta localizada a poente encontra-se profusamente decorada; é de arco abatido, com várias arquivoltas, possuindo uma moldura interior formada por um meio bocel, que nas ombreiras é decorado nas extremidades com motivos vegetalistas e no arco assume a forma de corda entrelaçada; segue-se um friso decorativo composto por uma moldura em cana decorada com motivos vegetalistas; a arquivolta exterior da porta forma arco conopial com uma moldura em bocel, onde assentam elaboradas e grandes folhas de acanto; ao centro da moldura do arco encontra-se um brasão. As outras duas aberturas, situadas no lado nascente, correspondem a uma porta geminada de arcos de volta perfeita; a unir os dois vãos encontra-se uma ombreira decorada

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO	FICHA Nº 5: FACHADA POENTE DO LARGO DE S. CRUZ A CASA DOS COIMBRAS
---	---

com uma coluna; esta possui um fuste liso e um capitel decorado com diferentes motivos; os elementos poligonais que compõem as ombreiras e os arcos possuem arestas em chanfro. Esta porta geminada encontra-se enquadrada por uma moldura convexa em junquilha. O alçado do terceiro piso da fachada norte é constituído por duas partes. A oeste encontra-se, como atrás referimos, a fachada do 3º piso correspondente à torre existente no edifício original. Na zona nascente o 3º piso apresenta-se recuado e demarcado, em resultado do seu acrescento posterior, à semelhança do que ocorre com a fachada nascente da Casa dos Coimbras. Partilhada com a fachada poente, saliente-se ainda a presença, no lado poente, de uma varanda de ângulo, tal como já foi referido, correspondente à fase original e, ao mesmo nível, de uma janela detentora de uma arquitectura e decoração semelhantes, embora menos elaborada. Esta janela é de arco de volta perfeita surgindo enquadrada por uma moldura exterior convexa, em junquilha, rematada lateralmente por pequenas folhas de acanto; na sua parte interior possui uma moldura em cana, da qual, na zona da arquivolta, pende uma moldura rendilhada. Num nível abaixo desta janela existe ainda uma outra mais pequena, descentrada da primeira e com uma moldura simples com elementos poligonais em chanfro.

Por fim, refira-se ainda que a zona nascente da fachada norte do terceiro piso é composta por duas grandes janelas com sacada, de moldura simples e com elementos poligonais em chanfro.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Liliana Cerqueira Fial; Pedro Miguel Guerra Paraíso e Rui Jorge Almeida Magalhães

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6

EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO



Figura 1



Figura 2

Como documenta o *Mapa de Braunio*, a Rua do Anjo conhece construções em ambos os lados no século XVI, muito embora, o seu número seja ainda muito reduzido no alçado norte. A sua morfologia, à semelhança da Rua S. Marcos, deve-se à abertura, nos inícios do século XVI, do Campo dos Remédios, a norte, do o Campo de Santiago, a sul e das construções que se vão organizando em torno do perímetro da muralha. Para o século XVII a iconografia permite constatar, que o alçado norte se encontra já bastante edificado, muito embora no MRB (século XVIII) este seja omitido, pois nela não deveriam existir edifícios arrendados pelo cabido. Como já referimos, as construções não se adossariam, na generalidade, à muralha, mantendo um espaço livre entre as suas paredes limítrofes e a estrutura defensiva, tal como ainda hoje se pode observar.

A fachada norte da Rua do Anjo conserva actualmente um conjunto de edifícios de grande qualidade arquitectónica, com características tipológicas e decorativas datáveis dos séculos XVII e XVIII. A análise de alguns daqueles permitiu individualizar certas características das construções extramuros, nomeadamente das de grandes dimensões, mas, também, das transformações nelas ocorridas ao longo dos séculos. A fachada norte da Rua do Anjo constitui o limite sul do quarteirão designado neste trabalho por D2. Os edifícios analisados nesta ficha surgem identificados segundo uma numeração sequenciada E/O, por D2:26, D2:28, D2:36 e D2:41. Os alçados dos edifícios D2:26, D2:28 foram elaborados e tratados em software informático.

Figura 1 – Localização na planta topográfica actual do alçado norte da Rua do Anjo;

Figura 2 – Fotografia actual de parte do alçado norte da Rua do Anjo, vista E/O;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
EDIFÍCIO D2:26

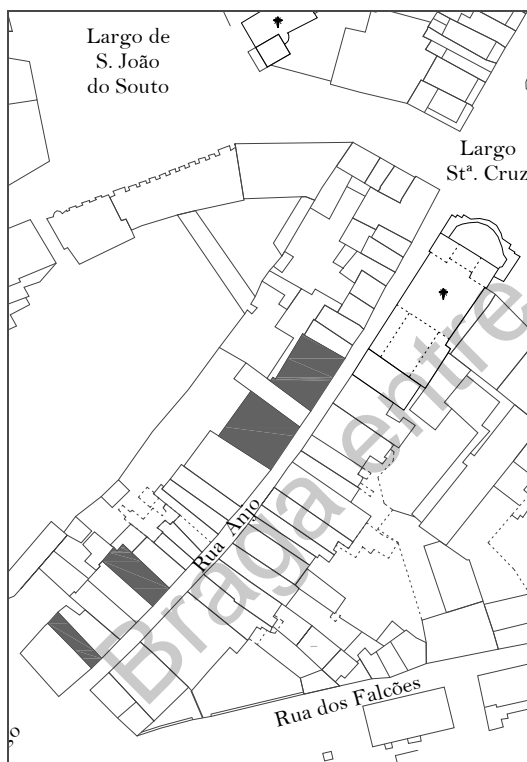


Figura 3



Figura 4



Figura 5

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:26



Figura 6

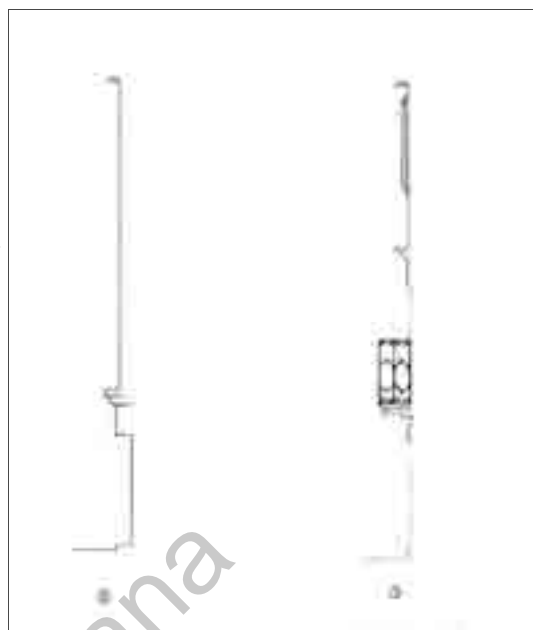


Figura 7

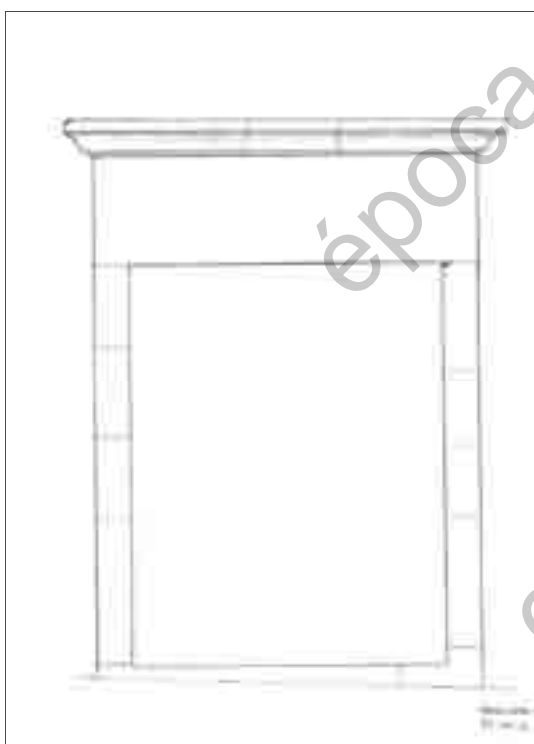


Figura 8

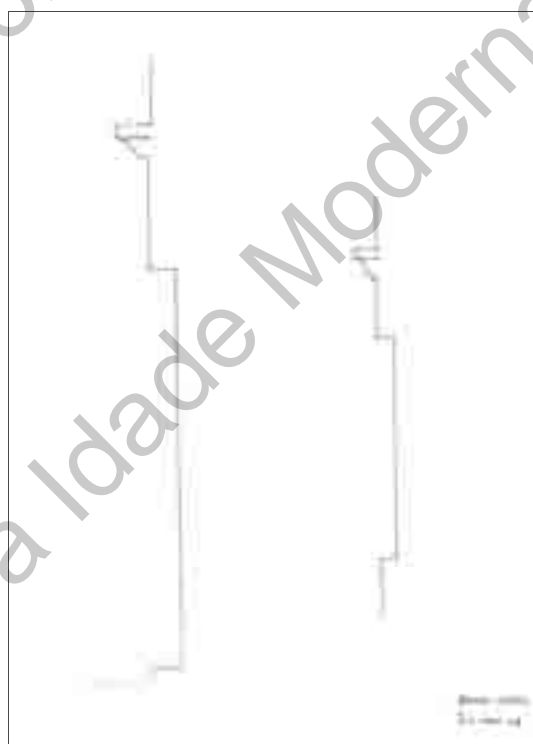


Figura 9

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO

Edifício D2:26



Figura 10



Figura 11



Figura 12

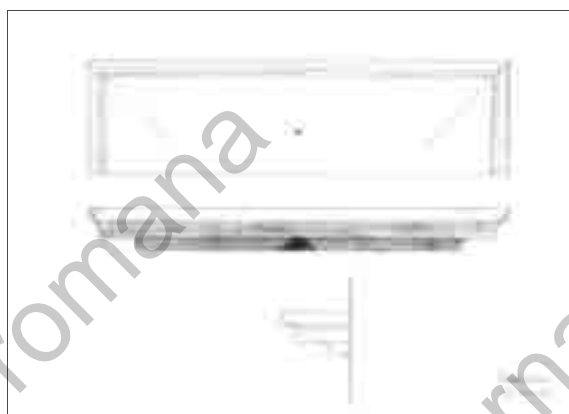


Figura 13

Edifício D2:26

Figura 3 - Localização das parcelas correspondentes aos edifícios analisados nesta ficha, designadamente, de N para S, aos D2:26, D2:28, D2:36 e D2:41;

Figura 4 - Fotografia actual do Edifício D2:26;

Figura 5 - Esboço da fachada do Edifício D2:26;

Figura 6 - Esboço da janela do segundo piso e da secção do edifício na zona assinalada, na figura 5; com o nº3;

Figura 7 - Esboço das secções do edifício na zona assinalada, na figura 5, com os números 1 e 2;

Figura 8 - Esboço da porta do piso térreo, localizada na zona assinalada na figura 5 com o número 2;



Figura 14

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:26

Edifício D2:26

- Figura 9 – Esboço das secções da porta (figura 8) e da janela do segundo piso (figura 6);
 Figura 10 – Foto actual dos dois tipos de porta existentes na fachada do piso térreo;
 Figura 11 – Foto actual das duas janelas existentes no primeiro piso;
 Figura 12 – Esboço do painel ou tabuleiro que serve de moldura à porta (figura 8) e da sua secção;
 Figura 13 – Esboço do plano, perfil e secção de uma das sacadas existentes no segundo piso;
 Figura 14 – Foto actual do pormenor da porta do primeiro piso e da janela com sacada do segundo;
 Figura 15 – Alçado parcial da Rua do Alcaide, segundo a representação no MRB;
 Figura 16 – Restituição da fachada sul do Edifício D2:26.

O Edifício D2:26 possui uma arquitectura tardo-renascentista, que reflecte já o que seria a arquitectura barroca. Referimo-nos, concretamente, ao sistema de tabuleiros utilizados sobre as portas e janelas do piso térreo e do segundo piso. Trata-se de um grande edifício com desenvolvimento na horizontal, com aproximadamente 17 m de largura por 9 m de altura. Encontra-se desabitado, actualmente, denotando consideráveis indícios de degradação.

O Edifício D2:26 é composto por três pisos, com a frente revestida por uma argamassa de cimento. A fachada do primeiro piso (rés-do-chão – imagem 5) é composta por uma quatro portas, três delas emolduradas com platibandas de granito, lintéis monolíticos e ombreiras compostas por dois elementos fraccionados, e ainda pela presença de uma pequena abertura localizada no lado direito do alçado. Três destas portas possuem sensivelmente as mesmas dimensões; uma quarta, contudo, (figura 8) distingue-se das anteriores pelo seu superior tamanho, mas principalmente pelo painel decorativo que ostenta na sua parte superior, rematado por um filete e uma gola ou cimácio (figura 12).

Quanto ao segundo piso, a sua fachada é constituída por duas janelas e duas portas detentoras de moldura superior idêntica aquela que acabamos de descrever. As portas deste andar abrem para uma sacada, decorada com uma moldura compósita, formada por uma gola recta/direita, filete, caveto, filete e cimácio.

A fachada do terceiro piso é composta por quatro janelas, três das quais com moldura de madeira e uma, localizada mais à esquerda (figura 5) em pedra. Tratam-se de típicas janelas de guilhotina, com disposição simétrica relativamente às do piso de baixo (segundo piso), e que recobrem as fachadas dos edifícios bracarenses desde o século XVIII.

A construção encontra-se rematada por uma cornija com moldura em caveto, que apresenta a particularidade de, do lado esquerdo, em sensivelmente um quarto ser elaborada em pedra, e ser realizada em madeira na totalidade do lado direito (figura 4).

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:26

Através de um breve análise dos materiais e elementos que compõem a fachada deste edifício, bem como através da analogia com alguns daqueles outros que se localizavam nas ruas extramuros e que se encontram representados no MRB, é possível avançar com algumas hipóteses relativamente às transformações construtivas ocorridas desde a sua fase original.

Desde logo poder-se-á sugerir que o edifício terá sido partilhado por várias famílias, devido às suas grandes dimensões.

Em comparação com outros edifícios representados no MRB, constata-se ser pouco frequente as habitações de uma largura tão grande possuírem mais que dois pisos. O facto de no lado esquerdo do edifício a cornija que o remata, bem como a moldura da janela que no último piso se encontra por debaixo dela, serem de pedra, por contraste ao verificado no seu lado direito (em que a cornija e as janelas são de madeira), leva-nos a especular acerca de uma evidente distinção entre o tipo de materiais utilizados, muito provavelmente em momentos distintos. Tal circunstância pode ficar a dever-se ao acrescento do terceiro piso num fase ulterior, devendo a parte constituída em madeira ser mais antiga que a edificada em pedra. O Edifício D2:26 possui muitas semelhanças com um outro, que se localiza igualmente no alçado norte da Rua do Anjo, por nós identificado como Edifício D2:29 e representado na reconstituição do alçado sul dos Edifício D2:26 a D2:29, muito embora este último possua uma cronologia posterior.

A disposição das aberturas na fachada do primeiro e segundo piso do edifício D2:26 apresentam alguma consistência compositiva no que se refere ao conjunto constituído pela porta do rés-do-chão e pela porta com sacada do segundo piso, ambas bastante frequentes neste tipo de construções representados no MRB. A grande porta do primeiro piso pode igualmente ser entendida como uma porta de entrada comum a todo o edificio. Todavia, a que se localiza à sua direita (figura 5) poderá igualmente constituir um elemento aberto posteriormente ou derivar da transformação de uma janela em porta. O número actual de aberturas no rés-do-chão é elevado comparativamente aos exemplos representados no MRB. A título de exemplo, podemos referir as fachadas ilustradas no MRB referentes à Rua do Alcaide, cujos alçados são bastante ilustrativos das habitações tardo renascentistas, com características barrocas, designadamente os números 18, 19 e 20 (figura 15). Segundo a análise efectuada, no vol. II, do MRB, o edifício correspondente ao nº 18 possui um prazo datado de 1480, o nº 19 foi construído depois de 1571 e o nº 20 depois de 1624.



Figura 15



APÊNDICE I

DOCUMENTAÇÃO DO TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6
FACHADA NORTE DA RUA DO ANJO

EDIFÍCIO D2: 26

ALÇADO SUL

LEGENDA

Figura 16 - Levantamento da fachada sul do Edifício D2:26

Braga entu...
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:28

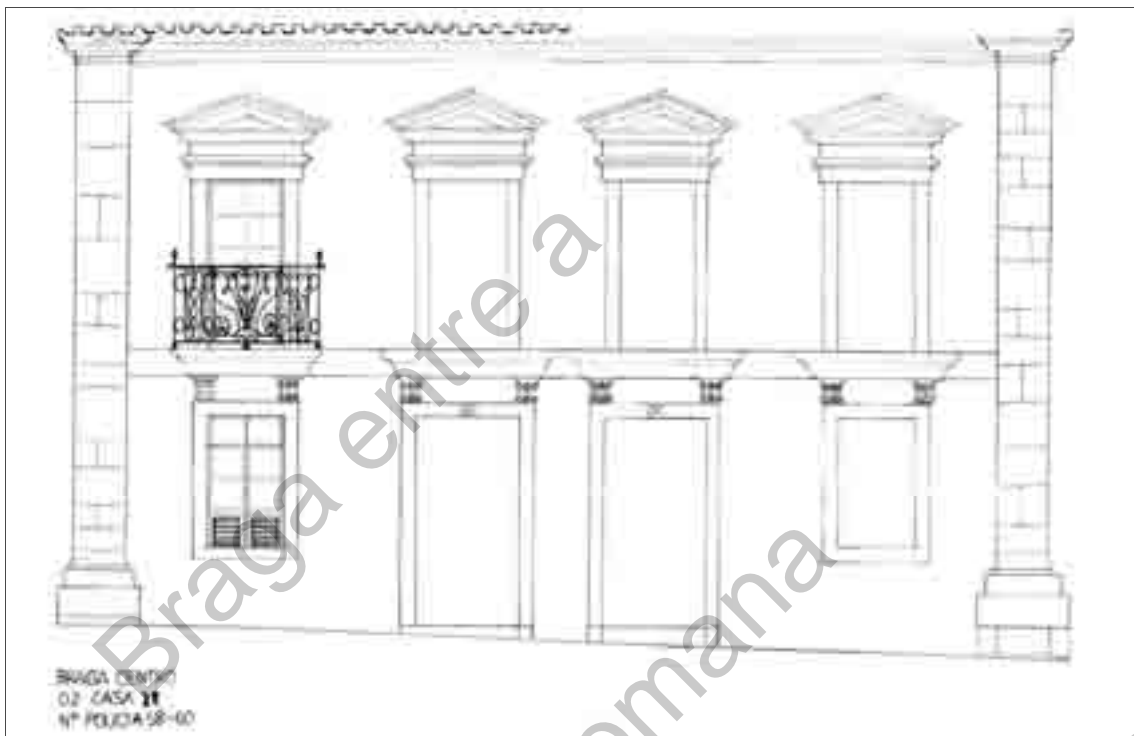


Figura 17



Figura 18

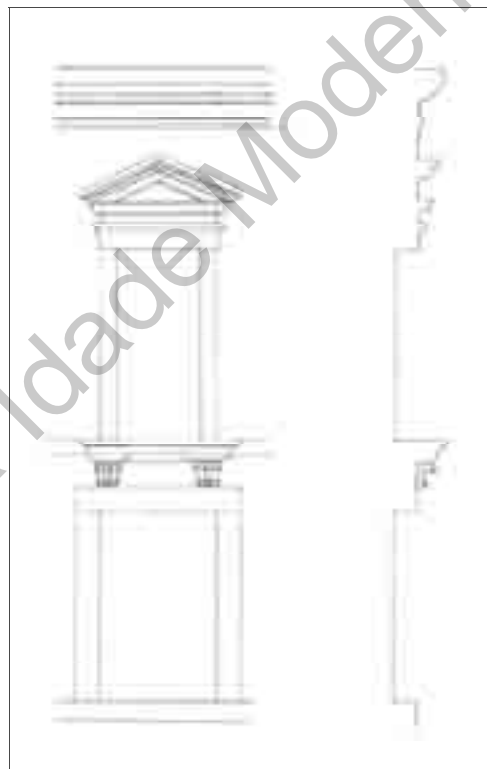


Figura 19

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:28

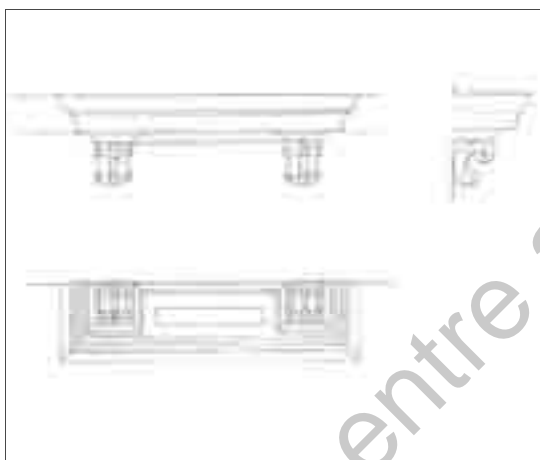


Figura 20

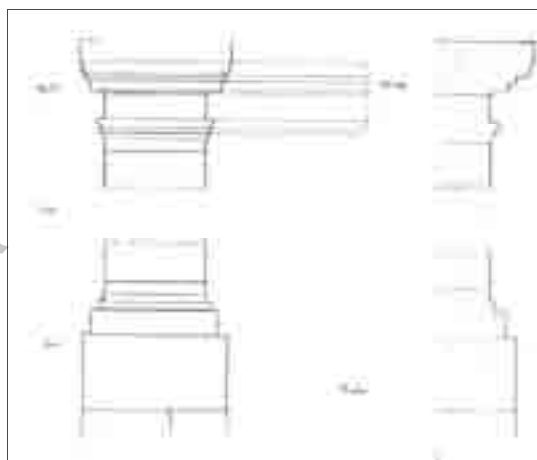


Figura 21

Edifício D2:28

Figura 17 – Esboço da fachada do Edifício D2:28;

Figura 18 – Fotografia actual do Edifício D2:28;

Figura 19 – Esboço de pormenor do conjunto formado pela janela do primeiro piso, a porta com sacada do segundo piso e a cornija que remata do Edifício D2:28, e respectiva secção;

Figura 20 – Esboço do plano, perfil e secção de uma das sacadas existentes no segundo piso do Edifício D2:28;

Figura 21 – Esboço da base, fuste e capitel da pilastra lateral do Edifício D2:28 e respectiva secção;

Figura 22 – Foto actual do conjunto formado pela abertura do primeiro piso, a porta com sacada do segundo piso e a cornija que remata do Edifício D2:28,

Figura 23 – Restituição da fachada sul do Edifício D2:28;

Figura 24 – Restituição da fachada sul dos Edifícios D2:25, 26, 27, 28 e 29.



Figura 22

O Edifício D2:28 inclui-se dentro no modelo das grandes construções de estilo renascentista tardio, integrando já elementos da arquitectura barroca.

O edifício é formado por dois piso, desenvolvendo-se na horizontal, possuindo uma fachada com aproximadamente 15 m de largura e 7 m de altura, revestida actualmente por uma argamassa de cimento esbranquiçada.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:28

Edifício D2:28

A fachada do primeiro piso possui duas portas e duas janelas com disposição simétrica relativamente às quatro portas com sacada existentes no segundo piso. Os elementos das portas e janelas (lintel, ombreira, soleira) do primeiro piso são de cantaria de granito, formando uma moldura de tipo platibanda.

A separar o primeiro piso do segundo e em toda a largura da fachada, encontra-se um friso simples formado por uma platibanda granítica.

A fachada do segundo piso é composta por quatro portas com sacada em cantaria de granito, com gradeamento metálico, que muito embora não sendo o original admitimos manter alguma correspondência com o primitivo. As sacadas possuem uma moldura formada por um listel, sobreposto por um filete e por um quarto de bocel. Possuem um soffito simples e são suportadas por duas mísulas de volutas.

As portas do segundo piso possuem uma moldura idêntica às aberturas do primeiro, encontrando-se coroadas por frontões triangulares formados por uma moldura composta por filete, listel, seguido de outro filete e uma gola ou cimácio. Estas portas encontram-se ainda ligadas aos frontões através de um painel decorado, formado por um filete sobreposto por um caveto, outro filete e uma platibanda.

A rematar a fachada da construção encontramos novamente um friso, que se desenvolve em toda a sua largura, constituído por um filete, meio bocel e uma platibanda, sobre o qual se encontra uma cornija composta por um filete sobreposto por um listel e outro filete, rematada por uma gola ou cimácio.

Em ambos os lados das extremidades do edifício desenvolvem-se pilastras de secção quadrangular, constituídas por uma base formada por um plinto, um filete e um caveto, um fuste composto por um conjunto de blocos esquadriados horizontalmente, e um sumoscapo formado por um filete seguido de um bocel. O capitel é formado por um colarinho em platibanda, seguido de um filete sobreposto por um listel e outro filete, rematado por uma gola ou cimácio. Toda a parte superior da pilastra que se segue ao fuste possui a decoração do friso e da cornija do edifício.

De facto, estamos na presença de uma construção que denota características tardo renascentistas, presentes nas pilastras existentes nos extremos da composição, nos frontões triangulares e nas mísulas que sustentam as sacadas do segundo piso. A grande qualidade decorativa apresentada pelas mísulas, sugere que se trata de um elemento de influência renascentista italiana. Por outro lado, o tipo de decoração que integra as aberturas do rés-do-chão com as portas sacadas do segundo piso e a cornija de coroação de todo o edifício, anunciam a solução de tabuleiros que ligam no barroco as aberturas existentes nas fachadas. A presença de frisos longitudinais que decoram e preenchem a fachada, bem como a integração das mísulas das sacadas na ordem arquitectónica de coroação das portas e janelas do rés-do-chão aproximam igualmente esta construção aos modelos barrocos.



APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:36



Figura 25

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:36



Figura 26

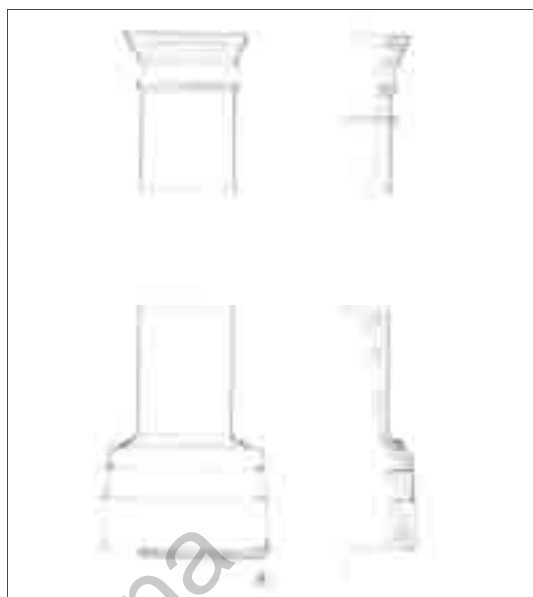


Figura 27

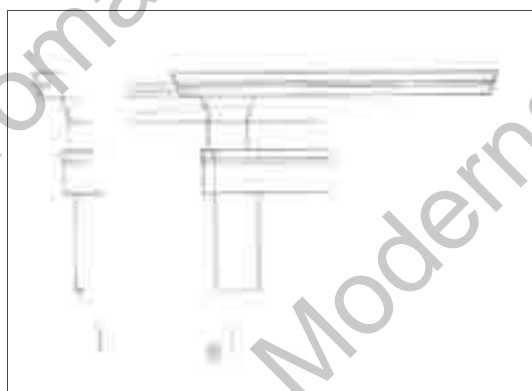


Figura 28

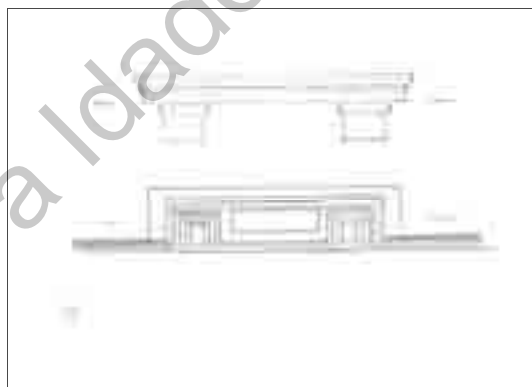


Figura 29

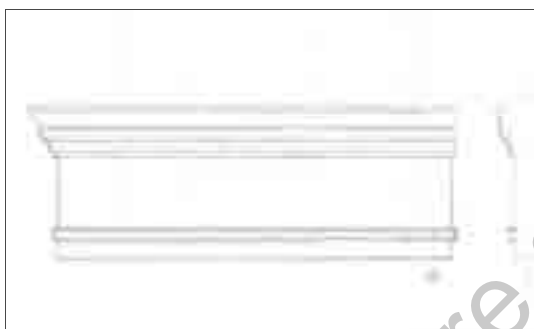


Figura 30



Figura 31

Edifício D2:36

Figura 25 - Esboço da fachada do Edifício D2:36;

Figura 26 - Fotografia actual do Edifício D2:36;

Figura 27 - Esboço de pormenor do perfil e secção da pilastra lateral do Edifício D2:36, na zona assinalada com o nº 1 na figura 22;

Figura 28 - Esboço de pormenor do perfil e secção do painel decorativo que encima a porta do piso térreo, e a liga à moldura da sacada da porta existente no segundo piso do Edifício D2:36, na zona assinalada com o nº 2 na figura 22;

Figura 29 - Esboço do plano e perfil da sacada existente no segundo piso do Edifício D2:36, na zona assinalada com o nº 3 na figura 22;

Figura 30 - Esboço do painel horizontal que remata a fachada do Edifício D2:36, na zona assinalada com o nº 4 na figura 22;

Figura 31 - Esboço da secção da sacada do Edifício D2:36, na zona assinalada com o nº 5 na figura 22;

Figura 32 - Foto actual do pormenor do segundo piso do Edifício D2:36.



Figura 32

O Edifício D2:36 é composto por três pisos, sendo o último um acrescento posterior que se encontra recuado, possuindo um gradeamento metálico que ocupa toda a fachada. Os dois pisos pertencentes à fase original encontram-se bem demarcados pela persistência da cornija de coroação do edifício, sobre a qual se desenvolveria o telhado.

Apesar de constituir um exemplo singular da arquitectura dos séculos XVII e XVIII, o edifício apresenta indícios de abandono e de alguma degradação.

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:36

Edifício D2:36

Possui toda a fachada em cantaria de granito, revestida por azulejos típicos do século XVII, com fundo branco e motivos decorativos estilizados em amarelo e azul, nas partes em que não existem molduras. Em cada extremidade da composição observa-se a presença de uma pilastras de secção quadrangular, constituída por uma base, formada por um plinto, encimado por um bocel de base ou toro, uma escócia, um filete e um caveto, possuindo um fuste liso rematado por um sumoscapo formado por um bocel e um listel. O capitel das pilastras é composto por um colarinho em platibanda, encimado por um bocel e um listel, rematado por um cimácio.

A fachada do piso térreo possui três portas formadas por elementos monolíticos de granito (soleira, ombreiras e lintel), com moldura em platibanda. A interligar as aberturas do primeiro piso com as do segundo existe uma moldura por cima de cada abertura do rés-do-chão, que forma um painel decorado por um bocel, sobreposto por uma platibanda e rematado por um filete, um listel, outro filete e uma gola ou cimácio, que constituem simultaneamente um elemento de coroação das portas do piso térreo e de separação do primeiro do segundo piso.

A fachada do segundo, a semelhança do primeiro, encontra-se repleta de elementos decorativos, neste caso mais elaborados, formados por grandes painéis decorativos e nichos que recobrem toda a fachada, interligando as aberturas do piso interior com os elementos de coroação do edifício. Nela existem três aberturas, com disposição simétricas às do piso inferior, sendo as duas laterais janelas e a central uma porta com sacada. Todas as aberturas possuem uma moldura superior formada por um painel decorativo idêntico ao que coroa as aberturas do piso térreo, formado por bocel, platibanda, seguido de dois filetes, listel, filete e rematado por uma gola ou cimácio. A sacada possui um soffito trabalhado, encontrando-se sustentada e decorada por duas mísulas, que se encontram integradas na ordem arquitectónica de coroação da porta do piso térreo. A porta sacada do segundo piso encontra-se ladeada por dois nichos com motivos decorativos em concha de viera, utilizados para indicar a rota do Caminho de Santiago de Compostela. Por baixo das janelas do segundo piso existe ainda um painel decorativo em cantaria de granito, apresentando-se também as ombreiras e as soleiras das duas janelas, bem como os da porta central, emolduradas por platibandas graníticas.

A rematar o alçado existe um grande friso horizontal, que se liga à cornija, formado por uma platibanda sobreposta por uma gola recta/direita, à qual sucede uma larga platibanda encimada por um filete, um bocel, outro filete e um listel, finalizando com uma gola.

O Edifício D2:36 constitui, deste modo, um exemplar da arquitectura tardo renascentista, apresentando na sua fachada muitos elementos decorativos que caracterizam as composições barrocas, onde os espaços vazios são substituídos por formas volumétricas.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
EDIFÍCIO D2:41

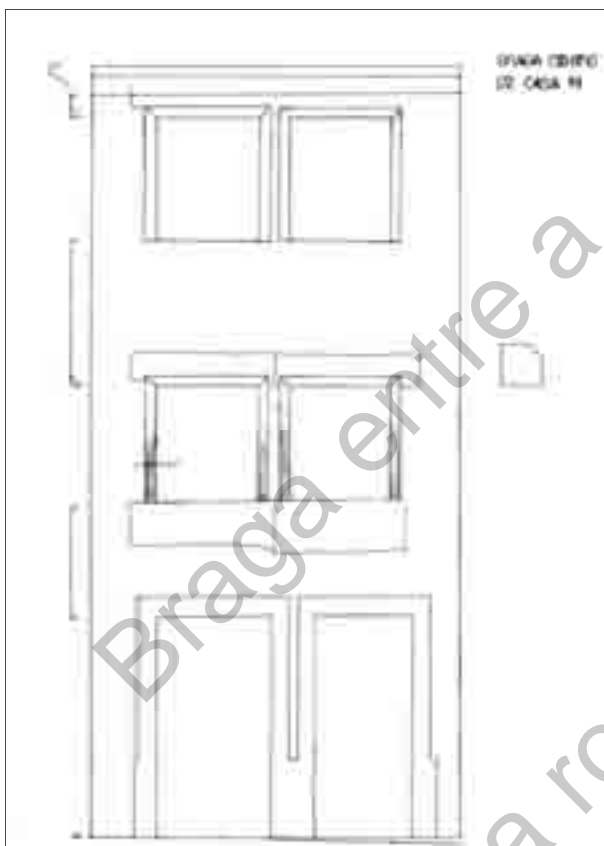


Figura 30



Figura 31

EDIFÍCIO D2:41

Figura 30 – Esboço da fachada do Edifício D2:41;

Figura 31 – Fotografia actual da fachada do Edifício D2:41;

O Edifício D2: 41 harmoniza-se com o modelo de casa pequena edificada entre duas medianeiras, que responde aos modelos decorativos com as características molduras em chanfro, correspondentes à arquitectura das construções que se erguiam na área extramuros, a partir dos inícios do século XVI.

O edifício é composto por três pisos, possuindo a fachada em cantaria de granito, formada por grandes blocos regulares, não apresentando qualquer tipo de reboco, muito embora nas extremidades da construção existam restauros recentes com argamassa de cimento.

Na fachada do primeiro piso encontram-se duas portas simétricas, em que os elementos que as emolduram (lintel, ombreiras e soleira) se apresentam em granito, de acordo com o modelo acima referido. Note-se, todavia, que alguns destes elementos, designadamente o lintel simples que decora as duas portas deste piso, constituem traços decorativos introduzidos posteriormente (séc. XIX/XX).

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 6: EDIFÍCIOS DO ALÇADO NORTE DA RUA DO ANJO
Edifício D2:41

A fachada do segundo piso possui duas janelas com as características molduras poligonais com chanfro, que se encontram em simetria com as duas janelas existentes no terceiro piso, também elas portadoras das mesmas características arquitectónicas. Neste caso, é de salientar os pilares monolíticos que conformam as laterais das janelas do primeiro e do segundo piso. O edifício é rematado por uma cornija de pedra com moldura em gola.

O tipo de aparelho e de decoração dos elementos das janelas dos pisos superiores permitem, assim, enquadrar esta construção na tipologia arquitectónica do século XVI que prolifera nas construções extramuros. Todavia, são porventura evidentes algumas alterações sofridas, particularmente expressivas no piso térreo, onde as portas não se encontram em harmonia com as janelas dos pisos superiores.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Carlos Ferreira, Joana Abreu, José Braga, Pierre Lino Guimarães e Luís Cónego

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 7

EDIFÍCIO DO ALÇADO SUL DA RUA DO ANJO

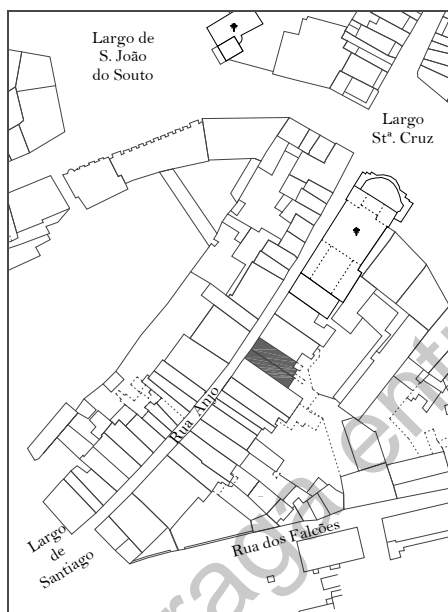


Figura 1



Figura 2



Figura 3

Em resultado do crescimento periférico da cidade e da abertura de largos nas suas extremidades, a fachada sul da Rua do Anjo encontra-se praticamente toda definida no século XVI como se pode observar no *Mapa de Braunio*. No século XVII, a construção no extremo nascente da Igreja de Santa Cruz, com a sua fachada principal virada o Campos do Remédios, ocupará uma grande parcela da artéria, estabelecendo os limites definitivos da mesma com o seu alçado norte.

Segundo o MRB existiriam neste lado da rua, para além da Igreja e dos seus anexos, 16 casas individualizadas com uma linha de empeno. O número de casas existentes é, actualmente, e em resultado da junção de parcelas sensivelmente inferior, muito embora seja ainda possível a identificação das 16 primitivas. A arquitectura de uma parte significativa dos edifícios actuais encontra-se bastante alterada, sendo poucos os que conservam fachadas com características compositivas anteriores ao século XIX. Entre os exemplos de casas mais antigas, que permitem documentar um processo de transformação contínuo onde previvem elementos anteriores, encontra-se o edifício assinalado neste trabalho com a referência I2:12, que analisaremos nesta ficha. A fachada sul da Rua do Anjo define o limite norte do quarteirão que designamos de I2.

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 7: EDIFÍCIO DO ALÇADO SUL DA RUA DO ANJO
EDIFÍCIO I2:12

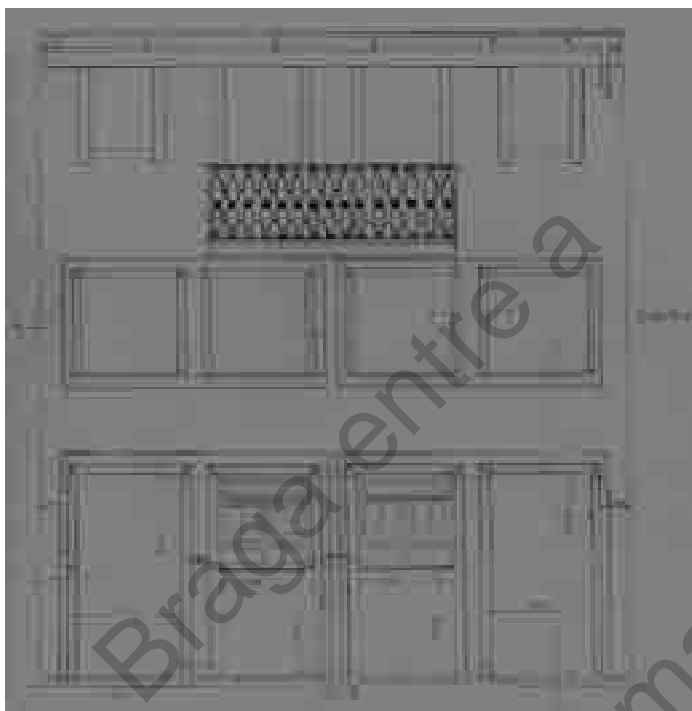


Figura 4



Figura 5

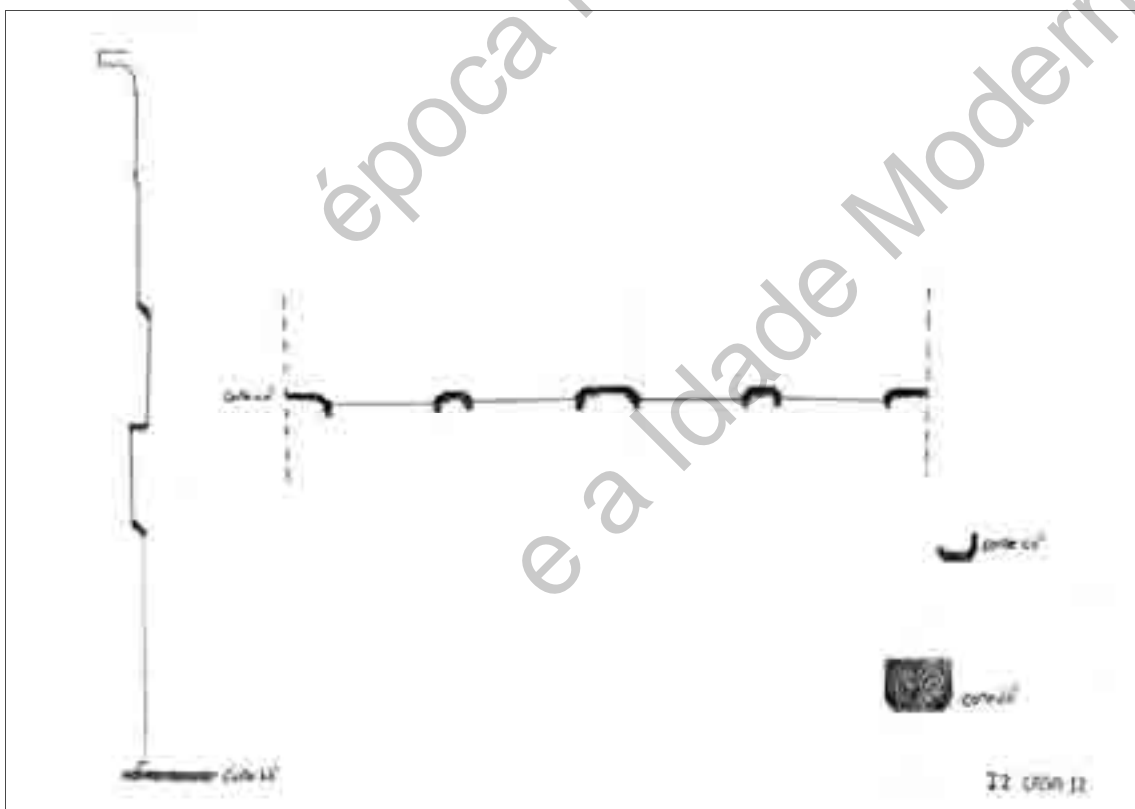


Figura 6

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 7: EDIFÍCIO DO ALÇADO SUL DA RUA DO ANJO
EDIFÍCIO I2:12



Figura 7



Figura 8

Figura 1 - Localização geográfica do Edifício I2:12 na planta topográfica actual;

Figura 2 - Fotografia parcial do alçado sul da Rua do Anjo;

Figura 3 - Alçado sul da Rua do Anjo segundo o MRB;

Figura 4 - Esboço da fachada do Edifício I2:12;

Figura 5 - Foto actual do edifício;

Figura 6 - Esboço das secções assinaladas na figura 4;

Figura 7 - Foto dos pisos superiores do edifício;

Figura 8 - Foto do piso térreo do edifício;

Figura 9 - Imagem do edifício no MRB.

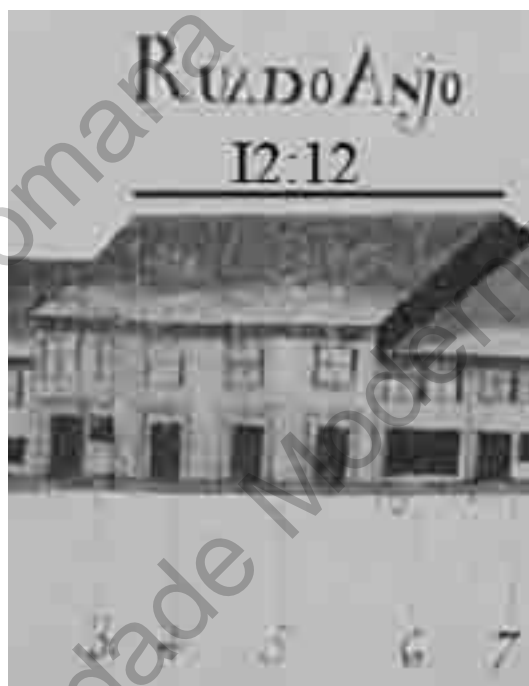


Figura 9

O edifício I2:12 possui a arquitectura clássica característica das construções que se edificam nas ruas extramuros estabelecidas a partir do século XVI, acompanhando o perímetro da muralha. Neste caso, o facto de corresponder à urbanização de uma zona periférica da cidade medieval, o edifício extramuros da Rua do Anjo beneficiou de uma maior quantidade de espaço para o desenvolvimento da sua planimetria. Segundo a análise efectuada no vol. II do MRB, tratava-se de uma única casa, tendo o nº 4 sido construído em 1633 e o nº 5 em 1655. O edifício possuía dois pisos, sendo a fachada do piso térreo constituída por quatro portas com moldura saliente e uma pequena janela, e o segundo piso por 5 janelas.

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 7: EDIFÍCIO DO ALÇADO SUL DA RUA DO ANJO
EDIFÍCIO I2:12

EDIFÍCIO I2:12

Actualmente mantém-se como um único prédio, ocupado por duas unidades residenciais, que se desenvolvem verticalmente por um piso térreo e dois andares. As aberturas (portas e janelas) compõem-se regularmente, seguindo uma composição simétrica, encontrando-se toda a fachada recoberta por uma argamassa de cimento esbranquiçada, que cobre a estrutura de pedra dos dois primeiros pisos e a de taipa do último.

A fachada do piso térreo é composta por duas portas e duas janelas. A análise estratigráfica parietal permite identificar as quatro aberturas iniciais, mantendo-se as laterais como portas, enquanto que as duas do meio foram parcialmente entaipadas na parte de baixo e revestidas com uma argamassa de cimento, funcionando actualmente como janelas. As portas e janelas são emolduradas por lintéis de granito com chanfro, sendo as ombreiras formadas por pilares com arestas chanfradas.

Alinhadas com as portas do piso inferior, a fachada do segundo piso apresenta quatro janelas com moldura em granito com chanfro nas ombreiras e lintéis.

O terceiro piso corresponde a uma ampliação posterior, sendo as paredes da fachada em taipa. Este último piso é composto por duas janelas e duas portas, também elas alinhadas na vertical com as restantes. As portas dão acesso a uma pequena varanda de madeira. As molduras de todas as aberturas são de madeira, assim como a cornija que remata o edifício e que se encontra num avançado estado de degradação.

A tipologia originária desta construção residencial possui paralelos nos primeiros exemplos do crescimento suburbano do século XVI.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Carlos Ferreira, Joana Abreu, José Braga, Pierre Lino Guimarães e Luís Cónego

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8

FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Rua de Santo António das Travessas, de traçado romano, correspondeu, na Idade Média, à parte sul da Rua da Triparia e na última metade do século XV, à Rua da Judiária Nova. A partir do século XVI recebe o nome de Rua de Santo António. Esta artéria conserva ainda o seu traçado regular, bem com grande parte da estrutura parcelar medieval. O seu alçado poente, que integra o quarteirão designado neste trabalho por C3, é aquele que melhor permite documentar a longa permanência arquitectónica e tipológica do edificado nesta artéria. Entre os exemplos abordados conta-se o edifício onde funcionou a sinagoga, depois de 1466 e até 1496. Este edifício foi objecto de estudo detalhado realizado por Assunção Vasconcelos (1993).

Figura 1 – Localização da Rua de Santo António das Travessas na planta topográfica actual

Figura 2 – Fotografia actual da Rua de Santo António das Travessas (vista sul/norte), onde se pode observar a grande regularidade desta artéria;

Figura 3 – Alçado poente da Rua de S. António, segundo o MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:3 E 3A



Figura 3



Figura 4

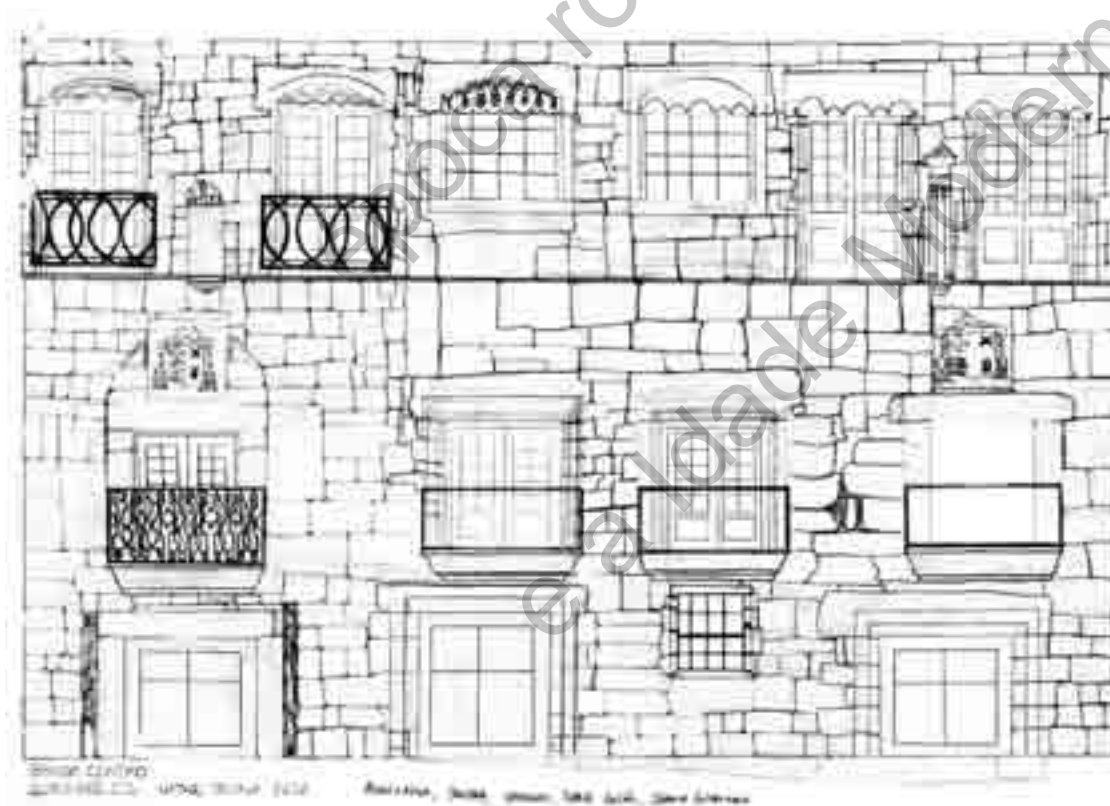


Figura 5

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:3 E 3A

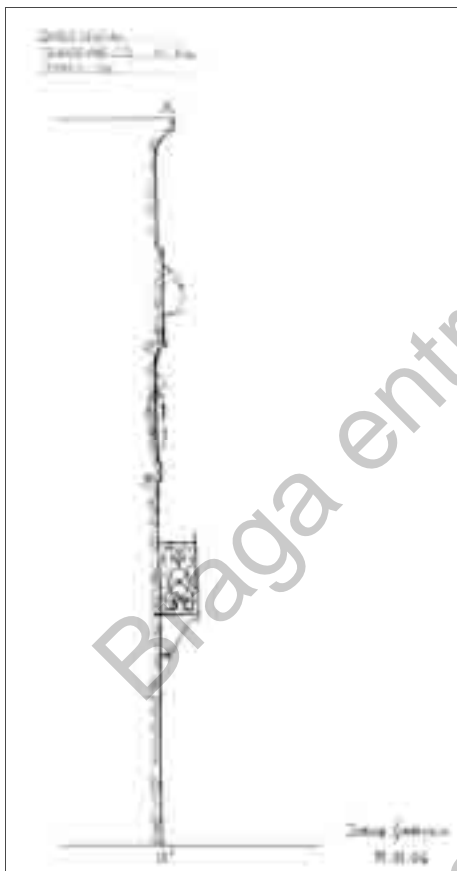


Figura 6

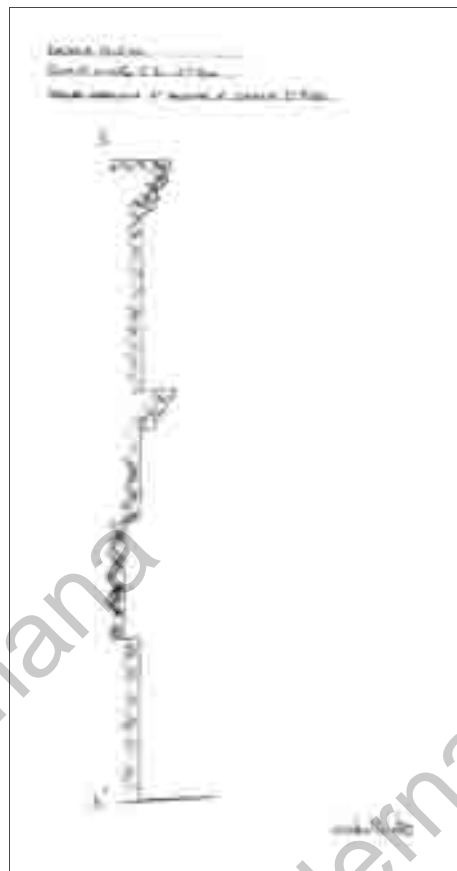


Figura 7

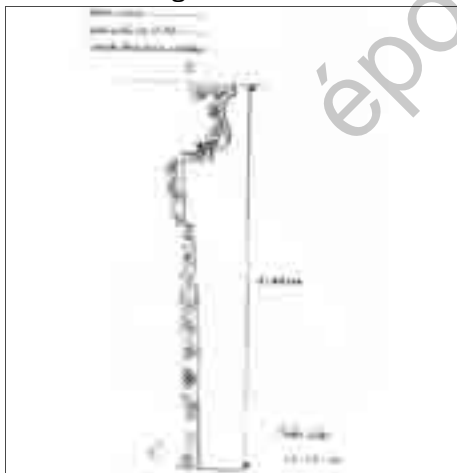


Figura 8

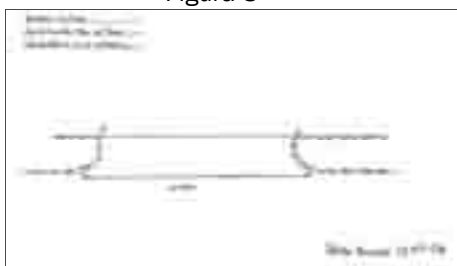


Figura 9



Figura 10

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3: 3 E 3A



Figura 11

EDIFÍCIO C3:3 E 3A

Figura 3 – Localização das parcelas correspondentes aos Edifícios C3:3 e 3A na planta topográfica actual;

Figura 4 – Fotografia actual do Edifício C3:3;

Figura 5 – Esboço da fachada actual do Edifício C3:3;

Figura 6 – Esboço do perfil sul do Edifício C3:3;

Figura 7 – Esboço da secção do Edifício C3:3;

Figura 8 – Esboço da secção da porta do piso térreo, vista lateral;

Figura 9 – Esboço da secção da porta do piso térreo, vista superior, do Edifício C3:3;

Figura 10 – Fotografia parcial da fachada actual do Edifício C3: 3;

Figura 11 – Esboço da fachada do Edifício C3:3A;

Figura 12 – Fotografia da fachada actual do Edifício C3:3A;

Figura 13 – Edifícios C3:3 e 3A segundo a representação do MRB;

Figura 14 – Restituição da fachada nascente do Edifícios C3:3 e 3A.



Figura 12

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3: 3 E 3A

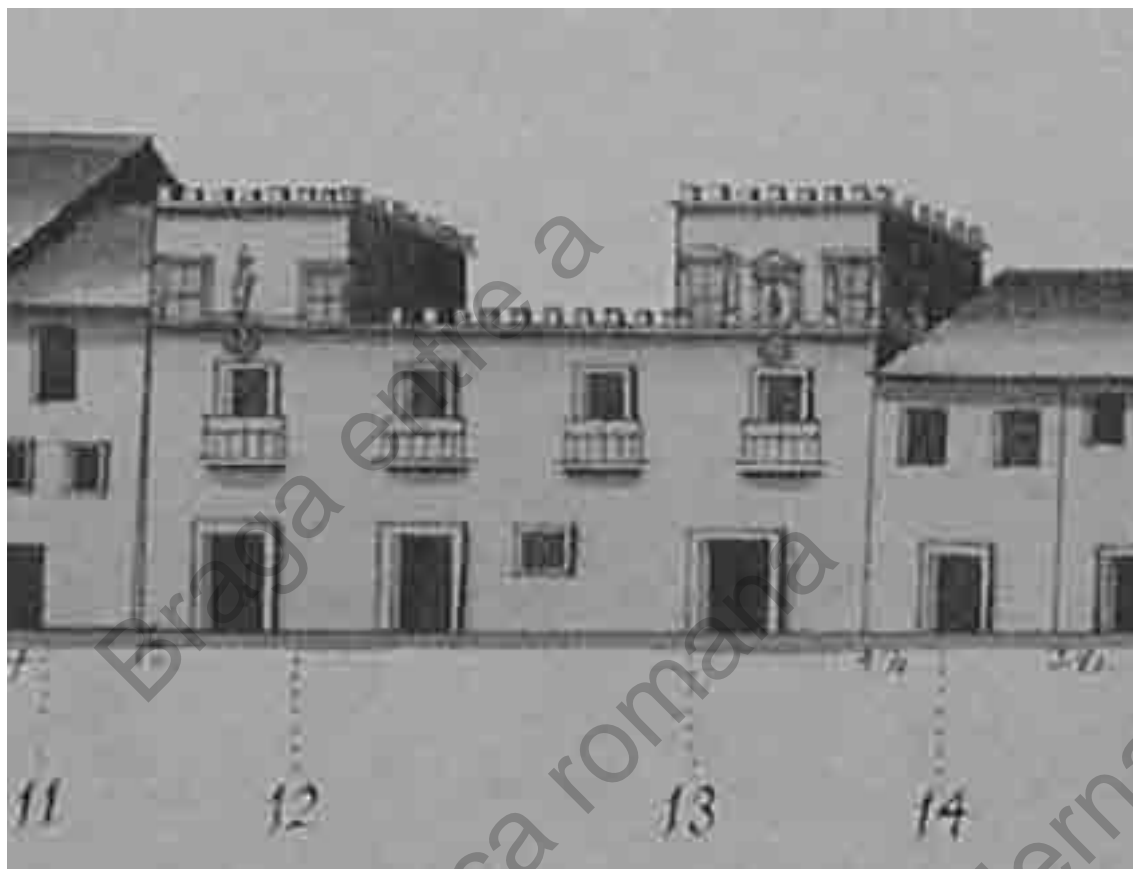


Figura 13

EDIFÍCIO C3: 3 E 3A

O Edifício C3:3 tal como já anteriormente exposto (cf. 3.3.), possui uma origem medieval, encontrando-se referido no *Tombo 1º do Cabido* (1369-1380) como “*umas casas com sua torre*”. Uma série de documentos posteriores reconstituem a história da construção, bem como as alterações arquitectónicas que sofreu até à sua representação no MRB, que se encontram publicadas e estudadas por A. Vasconcelos. A título de exemplo, refira-se um documento datado de 1535, que menciona esta construção como umas “*torres com dois sobrados*”, um outro, datado de 1594, que o descreve pormenorizadamente como “*casas grandes e nobres com fachada de pedra ... ameias de pedra ... com uma sala com duas grandes janelas e rebates... uma camara com outra janela ... camara e sala tem de ancho na face da rua onze varas e dois palmos (cinco palmos cada vara) ... sobre a dita camara uma casa torre com duas janelas ...*”. A documentação existente para o século XVII permitem situar neste momento a ampliação do edifício para norte, a construção de uma segunda torre, a colocação das pedras de armas, bem como a alteração dos elementos decorativos da fachada. A união das duas torres através da construção de um terceiro piso, só será produzida no século XIX (Vasconcelos 1993).

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3: 3 E 3A

No século XVIII e segundo a representação do MRB (figura 13), tratar-se-ia de um único edifício, definido por duas linhas de empeno, que possuía dois prazos correspondentes ao nº 12 e ao nº 13; No século XVII operar-se-ia a sua união num único prazo. De acordo com a análise efectuada no vol. II do MRB, no nº 12 teria funcionado a sinagoga. Segundo o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido* (AAVV 1989-91, vol. II) os nºs 12, 13 e 14 encontravam-se emprazados a este desde os inícios do século XVI.

O Edifício C3:3a, contíguo ao C3:3, pertencia ao nº 14 e terá passado nos finais do século XVII para a posse dos mesmos emprazadores do Edifício C3:3. Actualmente ambas as construções encontram-se integradas no complexo da Bibliopólis.

Apesar das alterações ocorridas nestes edifícios desde meados do século XVIII até à actualidade, as permanências são bastante significativas. Ambos têm a sua estrutura em cantaria, possuindo blocos grandes e regulares de granito na fachada

EDIFÍCIO C3: 3

O Edifício C3:3 é composto actualmente por três pisos, tendo o último resultado de um acrescento no século XIX, que uniu as duas torres existentes no século XVII neste nível.

A fachada do piso térreo é composta por três portas e uma janela, à semelhança do que se verificava no século XVIII, possuindo uma frente com 18, 5 m de largura e por cerca de 10 m de altura.

Hoje em dia, tal como na representação do MRB, todas as aberturas possuem moldura. À excepção da porta situada na extremidade sul da fachada, com moldura plana simples, todas as outras possuem molduras poligonais com aresta em chanfro. Dos elementos que as constituem destacam-se, particularmente, os grandes lintéis monolíticos existentes sobre as portas e a janela. Através da análise dos documentos existentes para os séculos XVI e XVII, a porta da extremidade sul terá sido, no século XVI, uma janela, correspondendo a que se lhe segue, a contar de sul para norte, a uma abertura de serventia mencionada desde o século XVI.

A fachada do segundo piso é formada por quatro portas de sacada. O balcão das portas que se encontram na extremidade do edifício, é formado por um grande elemento monolítico com moldura em gola, com um filete de base e um listel na parte superior. As portas que lhe correspondem apresentam uma moldura plana simples, em platibanda, possuindo um lintel formado por um grande elemento monolítico. Ambas são coroadas por Pedras de armas do século XVII (Vasconcelos 1993). Sobre a porta da extremidade sul sobrevivem as marcas de uma anterior abertura em arco

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3: 3 E 3A

de volta perfeita, que actualmente se encontra fossilizado na fachada sob a forma dos blocos de pedra que o preenchem, bem como pela argamassa de cimento que os une. Por cima deste restauro e em posição central com o lintel da porta, existe um brasão. A composição actual é idêntica há representada no MRB, pelo que o restauro deve ter ocorrido anteriormente. A moldura das sacadas das portas do centro do alçado é formada por listel, sobreposto por um filete e rematada em gola. As portas que lhe correspondem possuem uma moldura formada, de fora para dentro, por uma meia-cana, bocelete, filete, caveto e listel. A rematar a fachada do segundo piso e como elemento de transição para o terceiro, encontra-se um friso horizontal que ocupa toda a fachada, formado por uma moldura em caveto seguido de listel, pontualmente interrompido pela parte inferior dos nichos existentes no terceiro piso,

A fachada do terceiro piso possui quatro portas com gradeamento metálico, duas em cada extremidade do alçado, duas janelas de peitoril ao centro e dois nichos situados entre as portas. Actualmente é ainda possível individualizar a parte correspondente às duas torres laterais, demarcadas pelas diferenças de aparelho e argamassa de união visíveis na fachada (figura 14 – restituição da fachada). Este piso apresenta igualmente um pé alto significativamente inferior ao dos restantes, designadamente ao segundo, denotando a sua origem como torre.

A porta da extremidade sul possui uma moldura com chanfro, coroada por um lintel monolítico decorado com arcos conopiais trabalhados, encimados por uma corda entrelaçada; o peitoril da janela é constituído por um bloco monolítico. Simétrica a esta porta encontra-se uma outra com uma solução arquitectónica semelhante, decorada com o mesmo tipo de elementos, muito embora organizados de forma diferente. Entre estas duas portas situa-se um nicho composto por um baldaquino exacerbadamente decorado, onde, no século XVI, teria sido colocada a imagem de S. António. Este conjunto referido integraria a torre original do edifício, correspondendo, portanto, à parte mais antiga do actual terceiro piso, uma vez que a outra torre representada no MRB foi construída no século XVII. As duas janelas que se seguem situam-se na parte do alçado edificada no século XIX. Todavia, os elementos de decoração empregues nas suas molduras procuraram imitar os do gótico tardio/ manuelino empregues nas anteriormente referidas portas, bem como nas duas outras existentes na extremidade norte da fachada. Estas, que integrariam a torre construída no século XVII, são similares às da outra extremidade do edifício, muito embora com uma decoração mais simples; possuem uma moldura com arestas chanfradas, encontrando-se o lintel decorado com arcos conopiais simples. Entre estas duas portas existe um nicho enquadrado por uma edícula, formada por duas pilastras cujos capitéis suportam um friso decorado, rematando num frontão triangular.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3: 3 E 3A

EDIFÍCIO C3: 3 A

O Edifício C3: 3A, correspondente ao nº 14 do MRB, constitui um exemplar de pequena casa sobradada urbana, onde predominam algumas características medievais. Constituída por uma porta no piso térreo e duas janelas no sobrado, os elementos de cantaria de granito que constituem a sua fachada são muito semelhantes aos do Edifício C3:3, resultado provavelmente do facto de, no século XVII, o emfazador de ambos ser o mesmo.

Actualmente a sua fachada denota as mesmas características observadas no século XVIII, possuindo uma forma quadrada, apresentando uma frente para a rua com aproximadamente 4,8 m. A porta existente no piso térreo e as duas janelas do segundo piso são formadas por grandes elementos monolíticos nas ombreias e lintel, possuindo uma moldura simples, em platibanda.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Isabel Silva, Joana Guerreiro, Pedro Xavier e Sandra Magalhães

Reconstituição em Photodeler: Maurício Guerreiro



APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:9

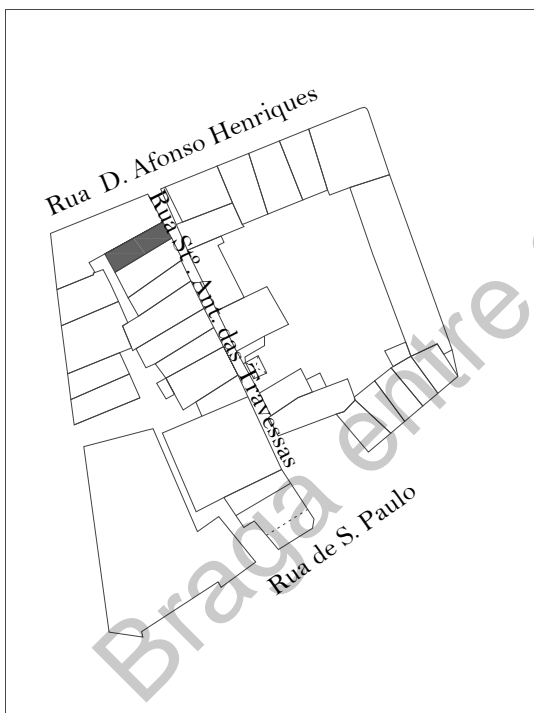


Figura 15

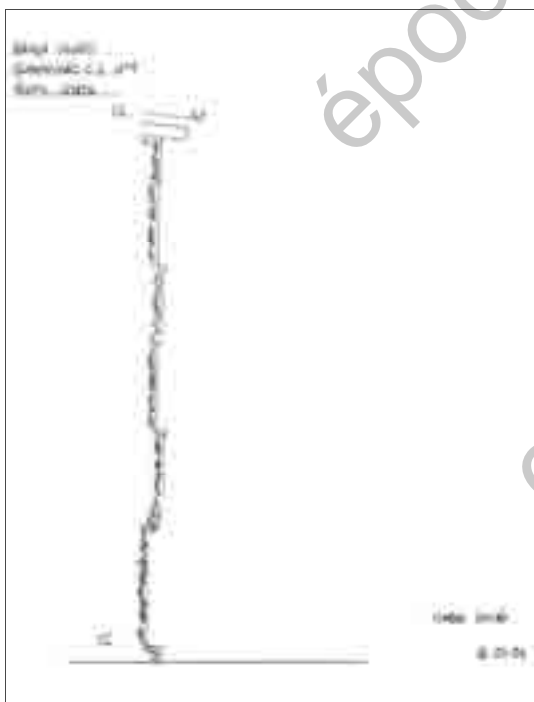


Figura 16



Figura 17

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:9



Figura 18

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:9

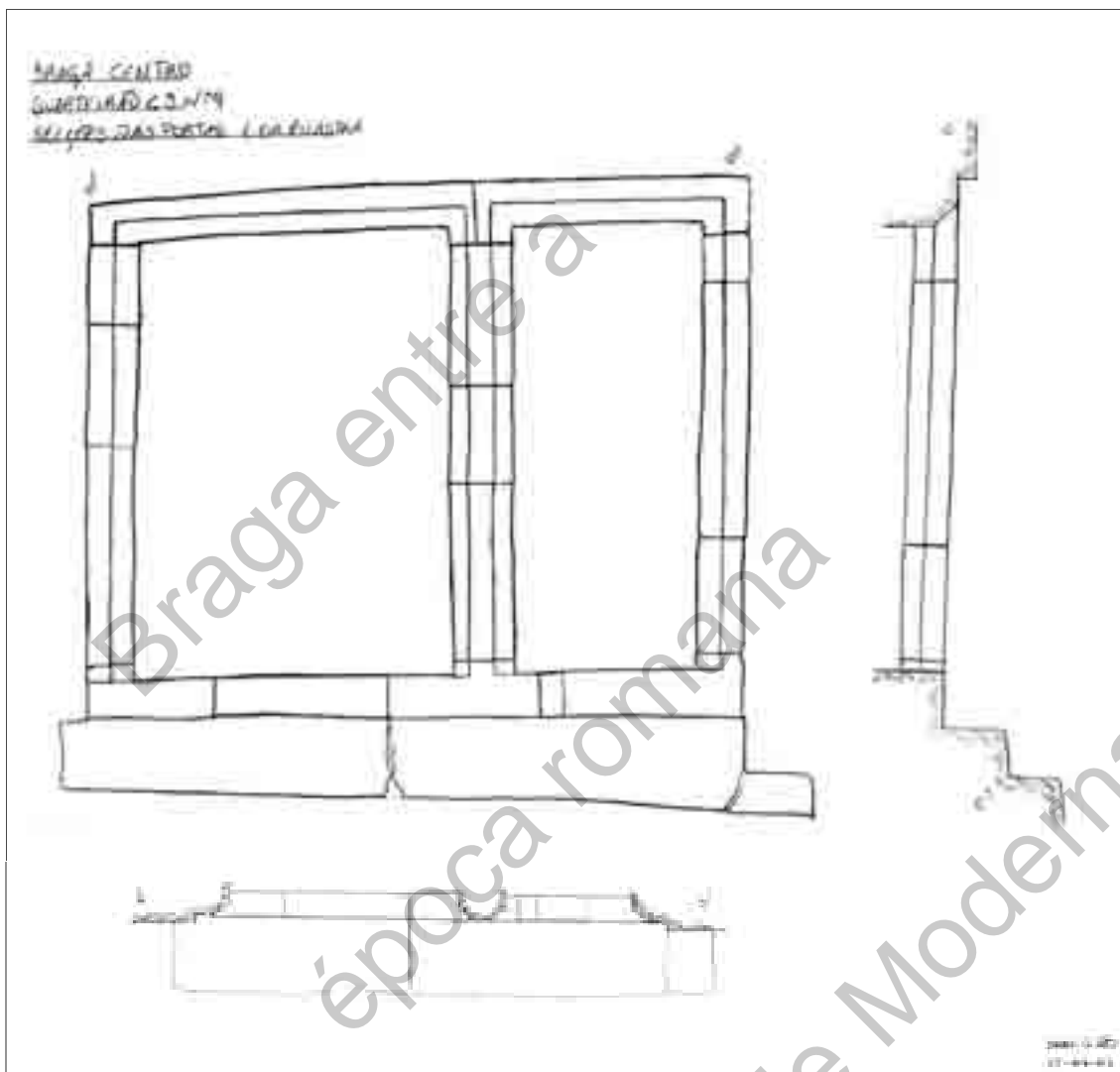


Figura 19



Figura 20



Figura 21

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:9

EDIFÍCIO C3:9

Figura 15 – Localização da parcela correspondente ao Edifícios C3:9 na planta topográfica actual;

Figura 16 – Esboço da secção do perfil nascente do Edifício C3:9;

Figura 17 – Fotografia actual da fachada nascente do Edifício C3:9;

Figura 18 – Esboço da fachada actual do Edifício C3:9;

Figura 19 – Esboço das secções das portas do Edifício C3:9;

Figura 20 – Foto actual dos pisos superiores do Edifício C3:9;

Figura 21 – Foto actual do piso térreo do Edifício C3:9;

Figura 22 – Edifício C3:9 segundo a representação no MRB.



Figura 22

O Edifício C3:9 corresponde à casa número 20 da Rua de S. António, representada no MRB (figura 22). Segundo o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido* (AAVV 1989-91, vol. II) possui um prazo datado de 1513.

Este edifício conserva ainda as características dos construídos em pequenas parcelas, frequentemente na Idade Média, possuindo uma frente estreita, com 4,13 m, e desenvolvendo-se em altura. Originalmente esta não seria por certo a actual, podendo antes imaginar-se como uma das casas sobradadas que aparecem referidas nesta rua no *Tombo 1º do Cabido* (1369-1380).

As características compositivas da fachada revelam uma grande similitude com as representadas no MRB. No século XVIII, o edifício apresenta já três pisos, situação que se mantém até aos nossos dias.

O edifício encontra-se todo rebocado e pintado, muito embora seja possível verificar que o piso térreo é de cantaria de pedra, assim como o segundo, enquanto que no terceiro o material construtivo empregue foi a taipa, à semelhança do que ocorre na construção contígua (figura 20).

A fachada do piso térreo é composta por duas porta geminadas, separadas por um pilar poligonal seccionado com arestas em chanfro. O lintel das portas é formado por um elemento monolítico com aresta em chanfro e as ombreiras laterais por pilastras segmentadas com arestas chanfradas.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 8: FACHADA POENTE DA RUA DE S. ANTÓNIO DAS TRAVESSAS
EDIFÍCIO C3:9

EDIFÍCIO C3:9

Em frente das portas, no espaço consignado à rua, encontra-se uma plataforma em pedra, com dois degraus laterais que permitem vencer o desnível da rua e o acesso ao rebato da porta. Esta solução é posterior ao século XVIII. A soleira da porta formada por grandes blocos de cantaria encontra-se trabalhada no local onde assenta a pilastra central das portas, indicando a originalidade do elemento.

Na fachada do segundo piso existem duas janelas iguais, com caixilho em madeira e no parapeito uma pequena moldura em granito formada por listel, filete e gola, solução que se repete nas duas janelas do terceiro andar; estas aberturas correspondem às típicas janelas de guilhotina. O edifício é rematado por uma cornija em madeira e possui um telhado de duas águas. Actualmente ele encontra-se abandonado denotando assinaláveis índices de degradação, nomeadamente com o desaparecimento de parte da moldura do parapeito das janelas do terceiro piso.

Apesar do desconhecimento que possuímos relativamente ao histórico medieval desta construção, podemos, contudo, inseri-la, com alguma probabilidade, nas edificações correntes do século XVI, onde a pedra e alguns elementos de decoração (as molduras com chanfro) passam a ser comuns no edificado.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Isabel Silva, Joana Guerreiro, Pedro Xavier e Sandra Magalhães

Braga entre a
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 9

EDIFÍCIO DA FACHADA NASCENTE DA RUA DAS CHAGAS



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Rua das Chagas, de traçado romano constituiu também parte do troço norte da chamada rua medieval da Triparia, situada na zona intramuros. O que resta actualmente desta última, designadamente no que se refere à tipologia habitacional e às características morfológicas medievais e modernas, são vestígios muito poucos. A sua extensão foi significativamente reduzida, nomeadamente na sua parte norte, e as habitações sobreviventes do lado poente encontram-se todas alteradas. Os edifícios mais antigos localizam-se no extremo norte da fachada nascente, correspondendo, aproximadamente, aos números 5, 6, 7 e 8 do MRB, encontrando-se alguns em estado avançado de destruição. Segundo a representação no MRB tratam-se, na generalidade, de construções com um sobrado e fachada muito simples.

O alçado nascente da Rua das Chagas constitui o limite poente do quarteirão que designamos por C5. Como exemplo do potencial informativo que os edifícios sobreviventes acrescentam ao estudo da morfologia e do tecido histórico construído, seleccionamos o edifício que referenciamos como C5: 29.

Figura 1 – Localização da Rua das Chagas na planta topográfica actual;

Figura 2 – Fotografia actual da Rua das Chagas (vista sul/norte), onde se pode observar a regularidade que ainda hoje a rua apresenta;

Figura 3 – Fachada nascente da Rua das Chagas, segundo a representação no MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 9: FACHADA NASCENTE DA RUA DAS CHAGAS
EDIFÍCIO C5: 29

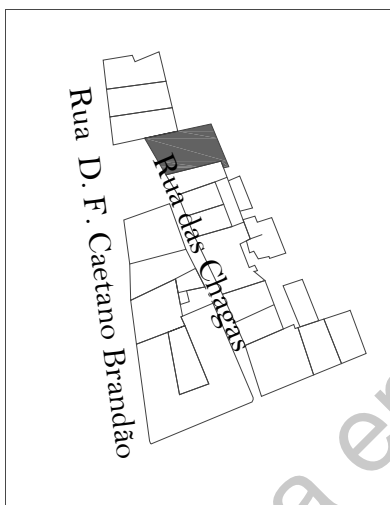


Figura 4



Figura 5

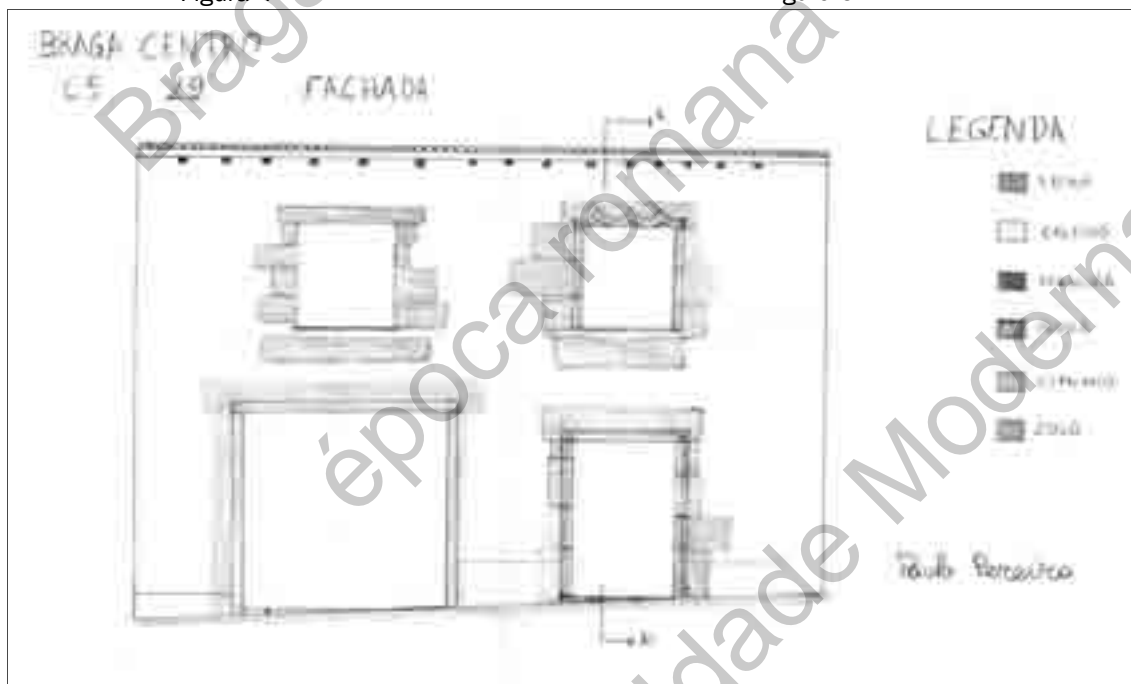


Figura 6



Figura 7

EDIFÍCIO C5: 29

Figura 4 – Localização do Edifício C5: 29 na planta topográfica actual;

Figura 5 – Fotografia actual do Edifício C5: 29;

Figura 6 – Esboço legendado do Edifício C5: 29;

Figura 7 – Edifício C5: 29, segundo a representação do MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 9: FACHADA NASCENTE DA RUA DAS CHAGAS
EDIFÍCIO C5: 29

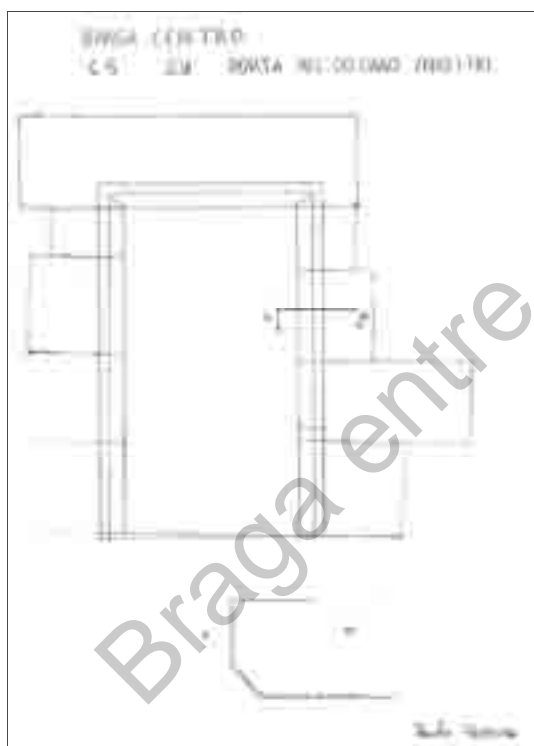


Figura 7

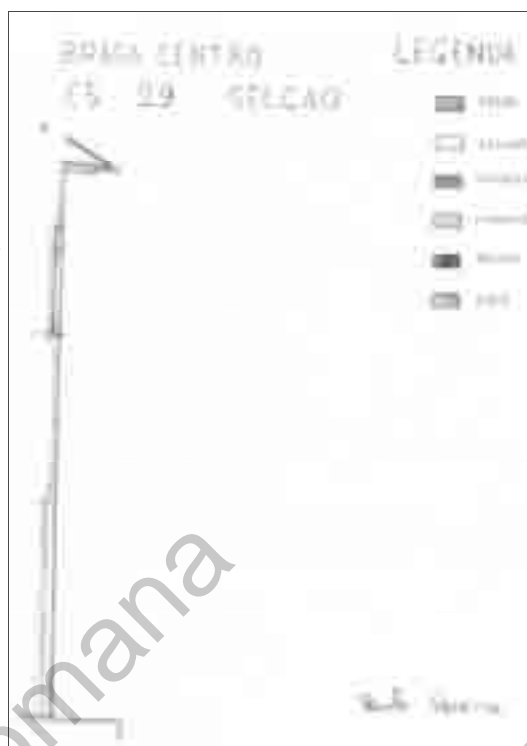


Figura 8

Edifício C5: 29

Figura 8 – Esboço da porta da esquerda do Edifício C5: 29 e secção da ombreira;

Figura 9 – Esboço da secção do Edifício C5: 29, assinalada na imagem 6;

Figura 10 – Levantamento da fachada poente do Edifício C5:29.

O Edifício C5:29 constitui um dos raros exemplares de casa com apenas um sobrado, ou dois pisos, actualmente existentes na zona confinada intramuros da urb medieval. No MRB, a porta assinalada com o nº 5 possuía um prazo, que segundo o *Índice dos Prazos do Cabido* data de 1508. Através da análise comparativa da fachada actual com a representada no MRB torna-se evidente que o edifício sofreu certas alterações, muito embora sejam ainda perceptíveis algumas das suas características primitivas.

Segundo o MRB trata-se de uma grande casa com um sobrado, com 3 portas no piso térreo e duas pequenas janelas no segundo piso. O edifício actual corresponde apenas a cerca de metade da construção, tendo somente sobrevivido a parte sul, que conserva os dois pisos.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 9: FACHADA NASCENTE DA RUA DAS CHAGAS
EDIFÍCIO C5: 29

A fachada do piso térreo possui duas portas assimétricas, sendo a do lado direito (da imagem 6) mais estreita, constituída por um lintel monolítico de pedra e por duas ombreiras formadas por pilares segmentados em quatro blocos de pedra; todos os elementos possuem aresta em chanfro. A soleira é formada por três blocos de granito. A outra porta, do lado esquerdo (imagem 6), é mais alta e larga que a anterior, sendo constituída por um lintel monolítico e duas ombreiras também monolíticas, apresentando uma moldura de granito em platibanda; no lado esquerdo, a soleira é constituída por dois blocos de pedra, encontrando-se no lado direito nivelada pela rua com argamassa de cimento.

A fachada do segundo piso possui duas janelas, sensivelmente com as mesmas dimensões, alinhadas com o eixo das portas do piso térreo, que apresentam formas decorativas diferentes. A do lado direito (imagem 6) é constituída por um lintel monolítico de pedra, com aresta em chanfro, que se encontra decorado com lóbulos convexos, formando um quarto de círculo nas extremidades e dois meios círculos no centro; o lintel está apoiado em duas ombreiras, constituídas por três blocos de pedra com as arestas chanfradas; a soleira da janela é construída em argamassa de cimento sobre pedra, tendo uma pequena saliência. A janela do lado esquerdo é formada por um lintel monolítico, sendo as ombreiras constituídas por blocos de pedra e a soleira por argamassa de cimento com uma ligeira saliência.

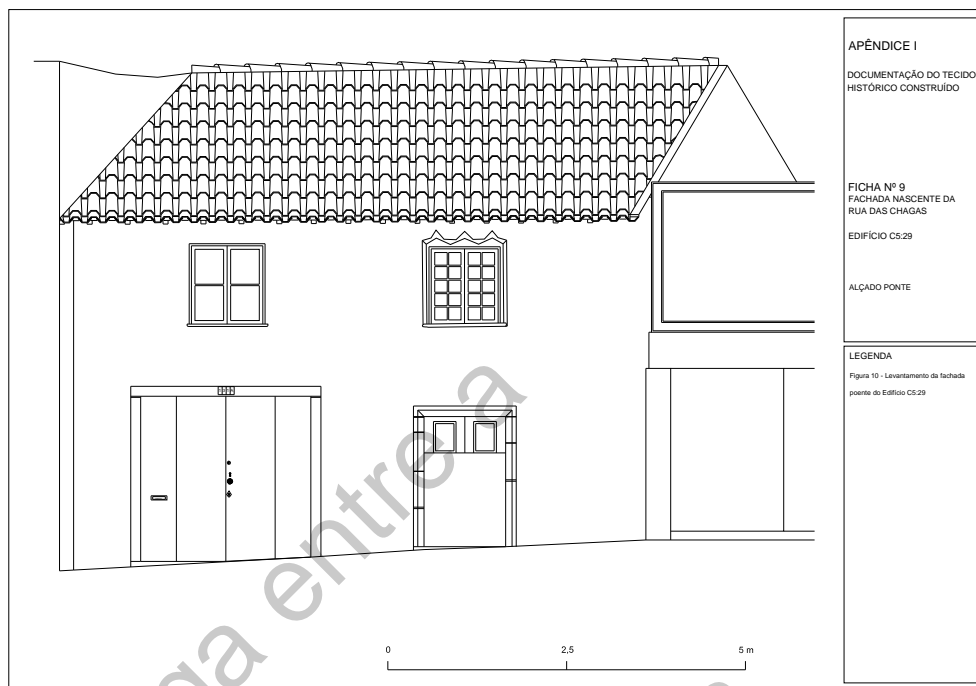
No topo da fachada, as traves de madeira que sustentam o telhado e que se apoiam na parede, encontram-se salientes, prolongando consideravelmente o beiral do telhado para fora do alçado. Todo este é construído em pedra rústica, que, nalgumas zonas, se encontra revestida por argamassa de cimento.

Comparativamente à sua representação no MRB, este edifício apresenta alterações significativas, designadamente na redução da largura da fachada, na nova janela que surge do lado esquerdo (a norte) e na decoração da janela da direita. Todavia, a tipologia da pequena porta aberta no piso térreo, à qual corresponde uma pequena abertura no piso superior, ainda se mantém. A grande porta do lado esquerdo no rés-do-chão, embora bastante alterada, parece constituir os restos das lojas onde, na Idade Média, se praticava o comércio das carnes que deram nome à rua.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Filipe Ferreira, João Ribeiro, Paulo Pereira e Sérgio Amorim

Reconstituição em *Photodeler*: Maurício Guerreiro



Braga entra
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10

FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

A Rua Frei Caetano Brandão constitui uma das grandes artérias modernas, que rasga o centro urbano da parte poente da cidade medieval. A sua abertura durante os séculos XIX e XX provocou a destruição do traçado das ruas medievais que aí existiam, designadamente da Rua Verde, que decalcava um cardo romano, e da Rua da Sapataria. Todavia, algumas das construções preservadas permitem fossilizar estes anteriores traçados. Referimo-nos, concretamente, a um edifício pertencente à fachada poente da Rua Verde medieval, designado neste trabalho como Edifício C1:10, e a outros cinco que integrariam a fachada poente da rua medieval da Sapataria, designados por A1:7, A1:8, A1:9, A1:10 e A1:11. Para além da sua importância para restituição do plano morfológico da cidade medieval, estas construções ilustram igualmente diferentes formas arquitectónicas e tipológicas do edificado que existiu naquelas artérias.

Figura 1 – Localização da Rua Frei Caetano Brandão na planta topográfica actual;

Figura 2 – Fotografia parcial da actual Rua Frei Caetano Brandão (vista n/s);

Figura 3 – Alçado poente da Rua Verde segundo a representação no MRB;

Figura 4 – Alçado poente da Rua da Sapataria segundo a representação no MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO C1: 10

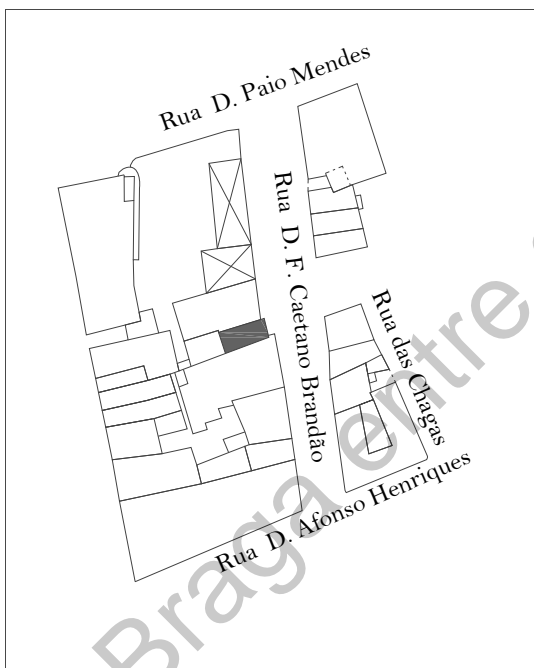


Figura 5



Figura 6

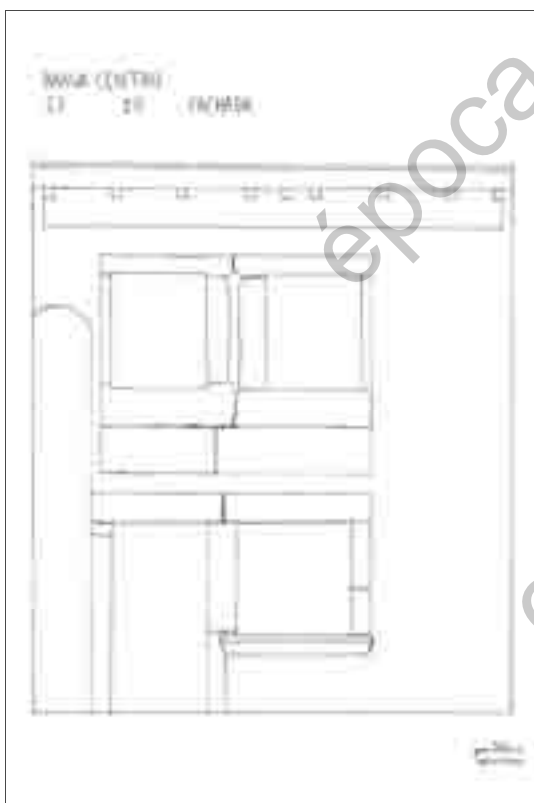


Figura 7

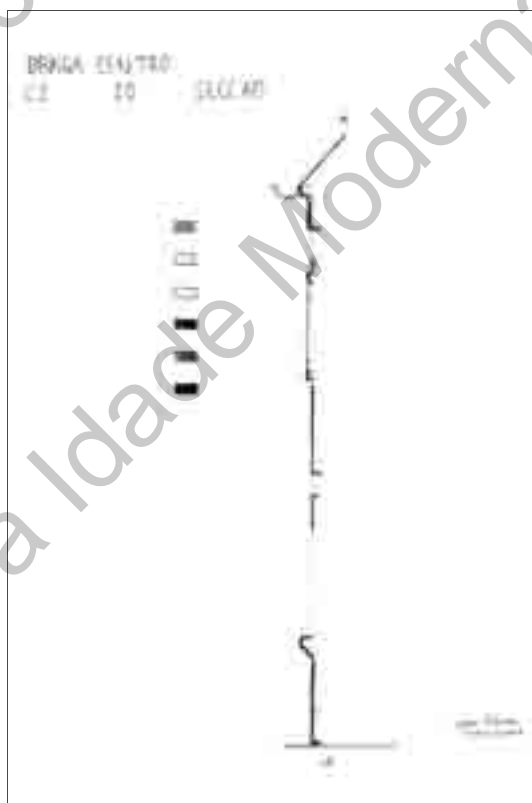


Figura 8

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO C1: 10

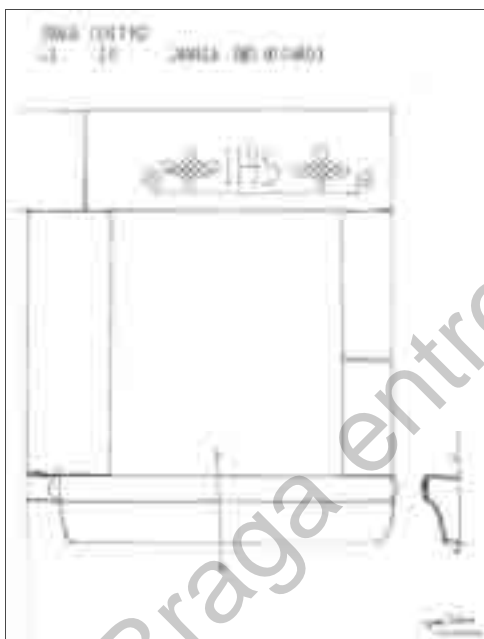


Figura 9



Figura 10

EDIFÍCIO C1: 10

Figura 5 – Localização da parcela correspondente ao Edifícios C1:10 na planta topográfica actual;

Figura 6 – Fotografia actual da fachada nascente do Edifícios C1:10;

Figura 7 – Esboço da fachada actual do Edifício C1:10;

Figura 8 – Esboço da secção do Edifício C1:10;

Figura 9 – Esboço da janela do piso térreo e da secção da moldura do peitoril;

Figura 10 – Foto actual da janela do piso térreo;

Figura 11 – Edifício existente no alçado poente da Rua Verde, com características semelhantes ao actual.

Figura 12 – Restituição da fachada nascente.



Figura 11

O Edifício C1:10 apresenta um interesse acrescido para o estudo da morfologia urbana da cidade, ao fossilizar o traçado medieval da Rua Verde. Como se pode verificar através da comparação da representação desta no MRB (figura 3) e da situação actual eixo viário, os edifícios existentes no século XVIII, de origem medieval, foram, na generalidade, completamente destruídos com o alargamento da artéria (séculos XIX e XX).

Desconhecemos as razões da sua preservação, muito embora esta possa estar relacionada com a

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO C1: 10

EDIFÍCIO C1: 10

qualidade construtiva do edifício e ainda com a condição social de locatário. Segundo a representação do alçado poente da rua no MRB, as construções nela existentes no século XVIII eram, na generalidade, térreas ou com um sobrado, dotadas de uma arquitectura e decoração bastante simples. Os edifícios que se destacam são o existente na extremidade norte do alçado e um outro, ilustrado na figura 11, localizado na parte norte, nas proximidades do sobrevivente. As características deste, à excepção do terceiro piso, são muito semelhantes, podendo tratar-se do mesmo edifício.

Em termos arquitectónicos estamos perante uma solução característica do século XVIII, que passou a incluir os grandes lintéis que ligam as aberturas do piso térreo às janelas do primeiro andar, prenunciando a solução barroca de colocar o tabuleiro decorativo a ligar as aberturas das fachadas. Todavia, a casa possui uma frente com aproximadamente de 4, 65 m de largura, pressagiando a origem medieval da parcela.

A integração da porta e da janela indica-nos que estamos na presença de um edifício de carácter residencial, que do ponto de vista tipológico não inclui um espaço para loja no piso térreo.

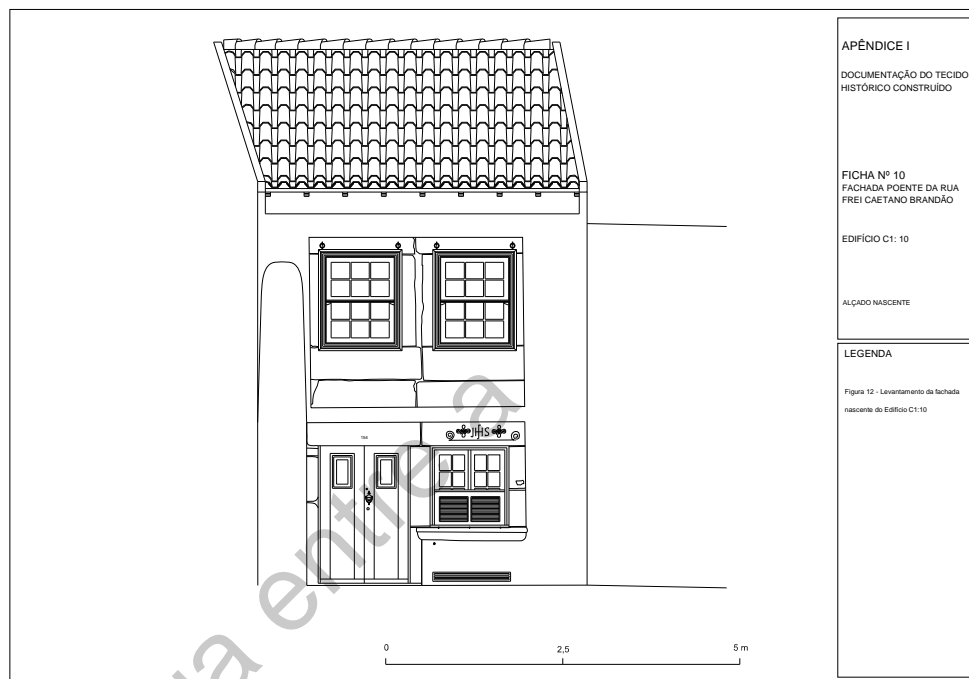
A sua fachada organiza-se em dois pisos, sendo construída em cantaria de granito, encontrando-se parcialmente rebocada e pintada. Alguns dos blocos apresentam-se reforçados por argamassa de cimento.

O alçado do piso térreo é composta por uma porta e uma janela. A porta é formada por um grande lintel monolítico, assim como a ombreira da esquerda, que apresenta um restauro na parte de cima (figura 7); a ombreira da direita é constituída na parte superior por um elemento monolítico comum à janela, encontrando-se separado da parte inferior, abaixo da janela, por argamassa de cimento. Aquela é formada por um grande lintel monolítico, com as mesmas proporções do da porta, o qual possui uma inscrição incisa com o acrónimo de Jesus, ladeada por motivos geométricos entrelaçados e sublinhada por uma linha horizontal com duas volutas nos extremos (figuras 9 e 10); o parapeito possui uma moldura, bastante carcomida, formada por um quarto de bocel encimado por meio bocel. A fachada do segundo andar possui duas janelas de guilhotina, simétricas às aberturas do piso térreo.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Filipe Ferreira, João Ribeiro, Paulo Pereira e Sérgio Amorim

Reconstituição em Photomodeler: Maurício Guerreiro



Braga entre a
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7

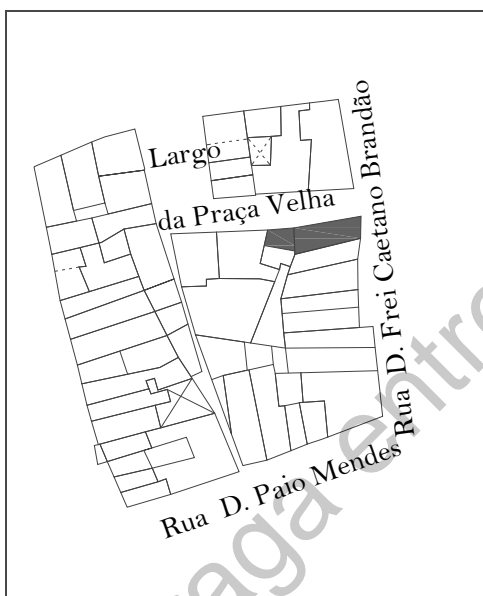


Figura 13



Figura 14

EDIFÍCIO A3:7

Figura 13 - Localização da parcela correspondente ao Edifícios A3:7 na planta topográfica actual;

Figura 14 - Fotografia actual do Edifícios A3:7;

Figura 15 - Edifícios A3:7 segundo a representação do MRB;



Figura 15

O Edifício A3:7 possui actualmente grandes semelhanças com a construção do século XVIII, desenvolvendo-se por três pisos e duas fachadas, uma vira para actual Rua Frei Caetano Brandão, com uma frente estreita, e outra para o Largo da Praça Velha, que se desenvolve em comprimento. Trata-se de um interessante edifício, que fossiliza o traçado da medieval Rua da Sapataria e da Praça Nova, mandada abrir, no século XVI, por D. Diogo de Sousa.

Esta construção possui uma solução arquitectónica característica dos séculos XVI e XVII, onde convergem alguns elementos de tradição gótica precedente, bem evidentes na porta e na janela da sua fachada nascente.

Trata-se de uma casa burguesa, sem utilização comercial no piso térreo, perceptível na forma de integração, dimensões e composição da porta e janela da fachada nascente.

Na fachada lateral pode observar-se que os dois níveis superiores correspondem às clássicas soluções de taipa, características dos pisos residenciais.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7



Figura 15

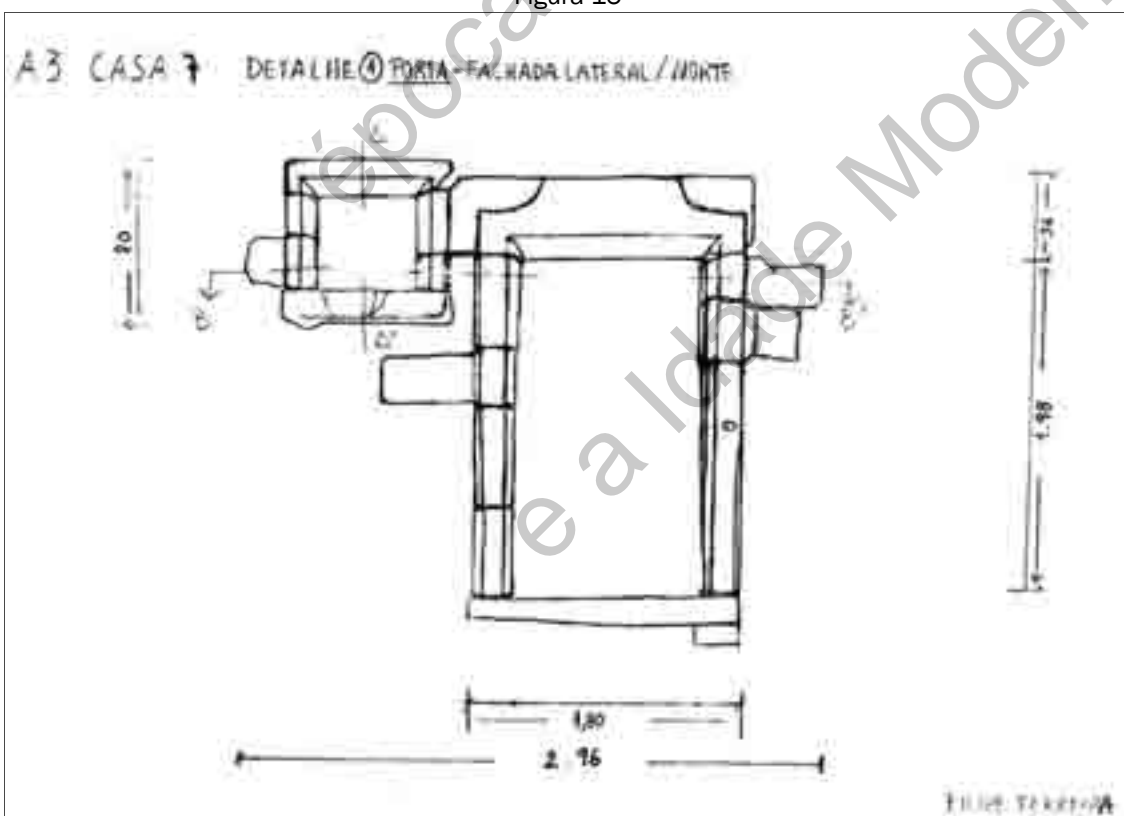


Figura 16

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7

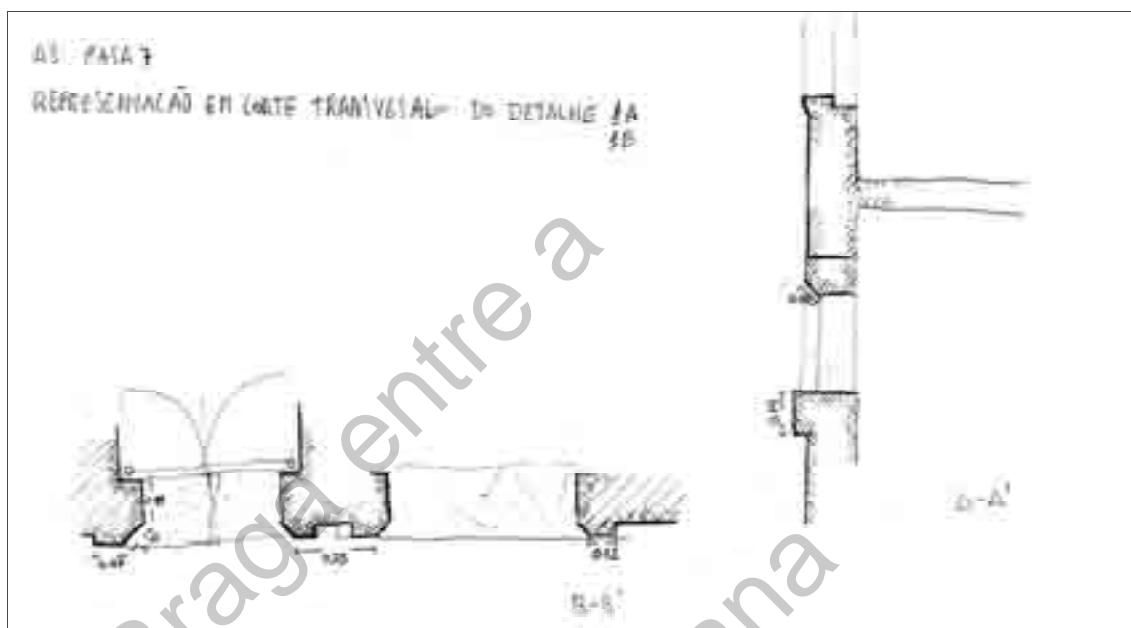


Figura 17

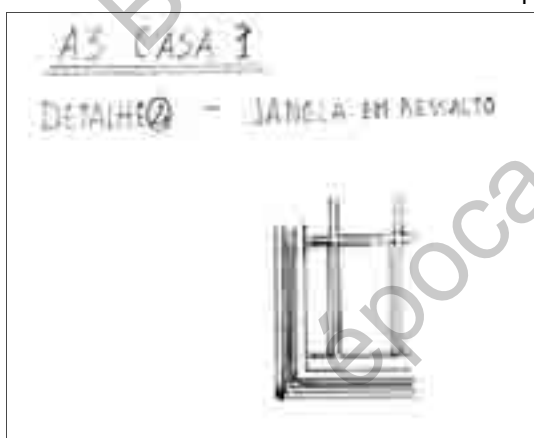


Figura 18

EDIFÍCIO A3:7

Figura 15 - Esboço do alçado norte e secção vertical;

Figura 16 - Esboço da porta da extremidade poente da Fachada norte

Figura 17 - Esboço da secção vertical e horizontal da porta da figura 16;

Figura 18 - Esboço da janela em ressalto, da fachada norte;

Figura 19 - Fotografia actual da fachada norte;



Figura 19

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7



Figura 20

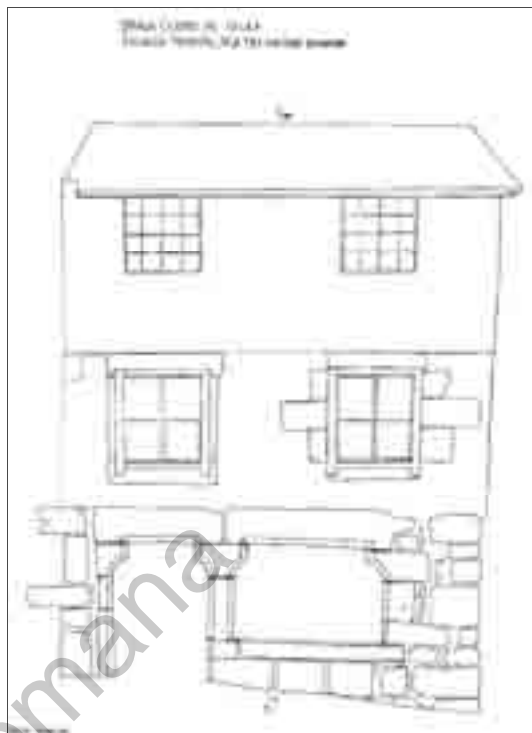


Figura 21

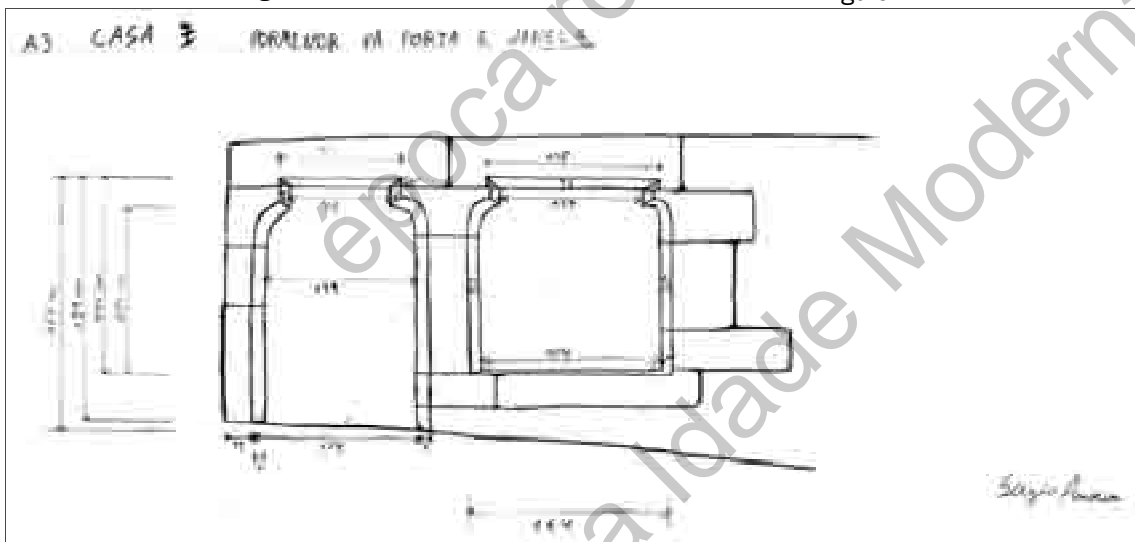


Figura 22

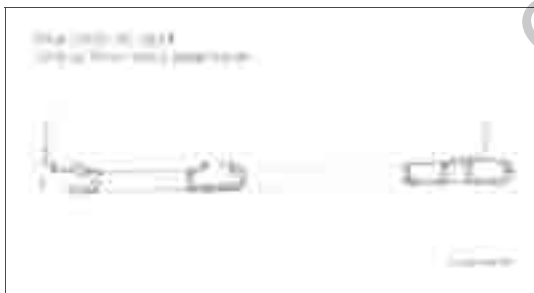


Figura 23



Figura 24

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7

Edifício A3:7

Figura 20 – Fotografia actual da fachada nascente;

Figura 21 – Esboço do alçado nascente;

Figura 22 – Esboço da porta e janela do piso térreo da fachada nascente;

Figura 23 – Esboço da secção da porta e da janela do piso térreo da fachada nascente;

Figura 24 – Fotografia actual da porta e da janela do piso térreo da fachada nascente;

Figura 25 – Restituição da fachada nascente;

Figura 26 – Restituição da fachada norte.

O alçado nascente do Edifício A3:7, com três pisos e uma frente com aproximadamente 4,8 m de largura, possui a fachada dos dois primeiros pisos em cantaria de granito, encontrando-se o 3º rebocado, muito embora e à semelhança do que ainda hoje se observa no alçado norte, ele fosse originariamente em taipa.

Na fachada do piso térreo encontram-se uma porta e uma janela bastante largas que preenchem praticamente todo o alçado, possuindo a mesma arquitectura e que partilham a ombreira central. Tratam-se de aberturas em arco plano, com uma moldura formada por elementos poligonais com aresta em chanfro, sendo o lintel constituído por um grande elemento monolítico; a abertura da porta possui a soleira a uma cota inferior à do pavimento do passeio actual, o que poderá justificar-se pelas sucessivas repavimentações da rua que condicionaram a subida da cota actual.

O segundo piso é formado por duas janelas típicas do século XX, que ocultam as janelas originais.

O último piso encontra-se todo refeito, possuindo duas janelas em guilhotina. Segundo a representação do século XVIII este piso encontrava-se em ressalto relativamente ao segundo, circunstância que nos permite admitir a existência de uma fase anterior, em que a construção apenas teria dois pisos em cantaria de granito, aos quais foi acrescentado um terceiro em taipa. Actualmente o ressalto encontra-se fossilizado na fachada, rebocado e pintado tal como todo o terceiro piso.

A fachada norte, virada para a Praça Velha, apresenta-se idêntica à do século XVIII, tratando-se de um alçado bastante extenso. Na parte nascente acompanha o desenvolvimento em profundidade do edifício com fachada principal para a Rua de Frei Caetano Brandão; na parte poente a fachada pertence a uma outra casa. Apesar de ambas se encontrarem reunidas pelo mesmo telhado, elas apresentam características bastante distintas e ainda hoje bem fossilizadas.

As principais alterações registam-se no piso térreo da parte poente e no alçado pertencente ao edifício contíguo (figura 19).

Assim, a fachada norte, na parte pertencente ao edifício com alçado principal para a Rua de Frei Caetano Brandão, apresentava, no século XVIII, um extenso piso térreo com apenas uma janela na extremidade nascente da fachada e uma porta (figura 15). Actualmente previve apenas a janela do

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

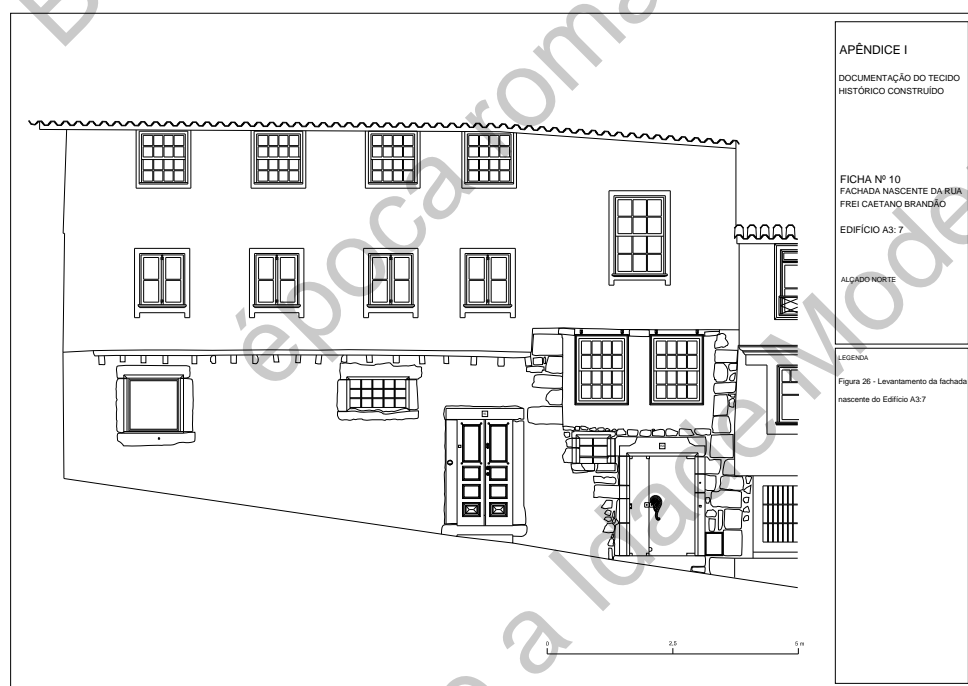
FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:7

extremo nascente, tendo sido fechada a porta anteriormente referida e abertas uma outra janela e uma nova porta. Todas são formadas por grandes elementos monolíticos, possuindo as janelas uma moldura com aresta em chanfro e a porta uma moldura simples, em platibanda. A demarcar o limite superior do piso térreo, todo em cantaria de granito, actualmente sem reboco mas pintado de branco, sobrevive ainda um friso de madeira, que corresponde ao ressalto existente na fachada no século XVIII. A fachada do segundo e terceiro pisos encontra-se toda restaurada, rebocada e pintada de branco, possuindo em cada piso quatro aberturas, à semelhança do verificado no século XVIII, muito embora as do segundo piso possuam uma moldura típica do século XX e as do terceiro permaneçam de guilhotina. No século XVIII o terceiro piso encontrava-se igualmente em ressalto, muito embora actualmente a fachada se apresente toda linearizada.

No lado ponte da fachada norte, o alçado correspondente à casa aí existe no século XVIII, encontra-se bastante renovado segundo os mesmos padrões utilizados no lado nascente, confundindo-se, por isso, com a fachada do edifício anterior, muito embora ainda permaneça como unidade autónoma.

Trata-se, comparativamente à do lado nascente, de uma casa com uma pequena frente para a Praça Velha, com cerca de 4 m de largura. No século XVIII era formada quatro pisos com um pé alto muito pequeno, possuindo no piso térreo uma porta e uma pequena janela, no segundo piso duas janelas e nos dois restantes, construídos em grande ressalto, uma janela no primeiro, sensivelmente a meio da fachada e alinhada pela porta do piso térreo e duas pequenas janelas no último piso. O ressalto encontrava-se bastante destacado relativamente à fachada dos pisos inferiores, assim como relativamente à fachada do outro edifício descrito, situado a oeste. Já na altura a rua deveria apresentar uma inclinação acentuada, descendo relativamente à parte nascente, encontrando-se a demarcação dos pisos do edifício A3:7, em discordância com os do edifício da outra construção, circunstância que ainda actualmente se verifica.

No piso térreo encontram-se actualmente uma pequena janela e uma porta muito embora a primeira não se situe no mesmo local da representada no MRB. A porta é formada por um grande lintel monolítico com aresta em chanfro e as ombreiras por pilastras segmentadas com elementos poligonais de aresta em chanfro. A janela possui as mesmas características. No segundo piso encontram-se actualmente duas grandes janelas de guilhotina, em ressalto, que ofuscam as anteriores, mais pequenas, muito embora conservem sobre o lintel um friso de madeira que fossiliza o ressalto que anteriormente aí existiria e a partir do qual se definiriam os dois últimos pisos. Actualmente a fachada destes últimos níveis encontra-se toda linearizada, rebocada e pintada, unida num único piso com uma grande janela central, tendo sido tapadas as duas anteriormente existentes no quarto piso.



APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO

EDIFÍCIO A3:8

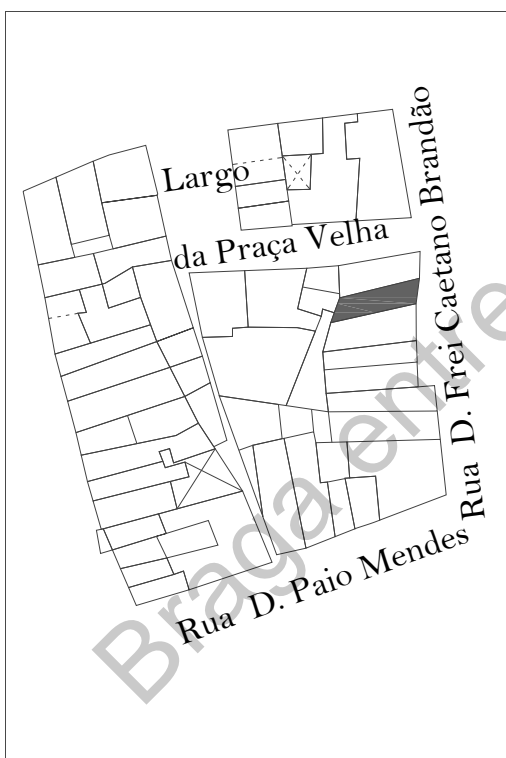


Figura 27



Figura 28

Edifício A3:8

Figura 27 - Localização da parcela correspondente ao Edifícios A3:8 na planta topográfica actual;

Figura 28 - Fotografia actual do Edifícios A3:8;

Figura 29 - Edifícios A3:8 segundo a representação do MRB;

O Edifício A3:8 conserva ainda a sua fisionomia medieval no piso térreo, constituído por duas aberturas. Uma, mais estreita, de acesso a uma zona de habitação e/ou quintal, bem como aos pisos superiores destinados à habitação; outra, mais larga de acesso a uma loja ou armazém. Através da documentação escrita e através do topónimo que conservou desde a Idade Média até ao século XIX, sabemos que nesta artéria residiam muitos sapateiros, que aí deviam ter as suas oficinas e lojas.



Figura 29

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:8

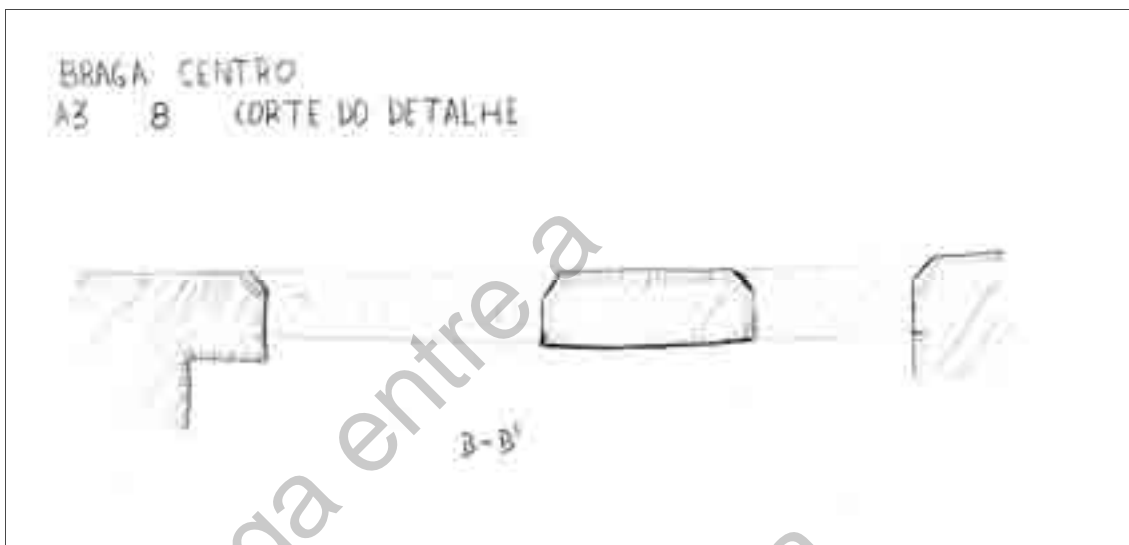


Figura 31

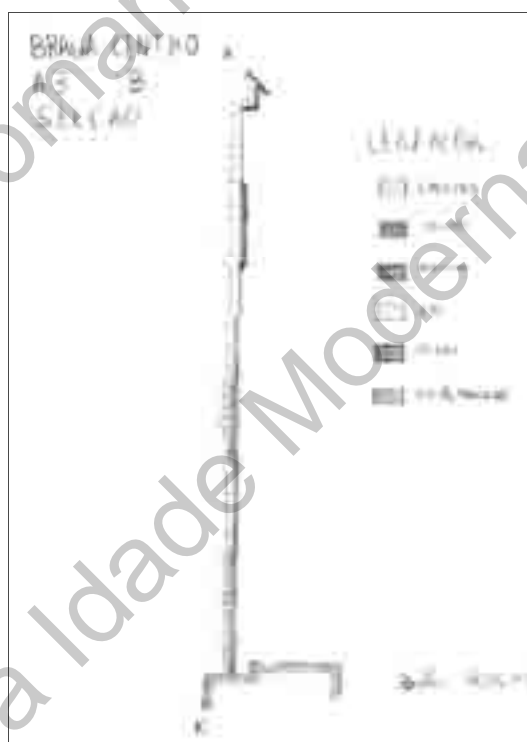


Figura 32

Edifício A3:8

Figura 30 - Esboço legendado e cotado do alçado nascente;

Figura 31 - Esboço da secção horizontal das portas do piso térreo da fachada nascente;

Figura 32 - Esboço da secção vertical da fachada nascente;

Figura 33 - Miliário romano existente no interior do edifício;

Figura 34 - Restituição da fachada nascente;

O Edifício A3:8 desenvolve-se em três pisos, à semelhança do que ocorria no século XVIII, muito embora com grandes alterações no último. A fachada dos dois primeiros é em cantaria de granito, enquanto que a do terceiro se encontra rebocada e pintada, ofuscando a taipa que inicialmente deveria constituir o material construtivo utilizado. Este originariamente possuía um pé alto muito inferior ao actual, onde existiam duas pequenas janelas. Actualmente, este piso encontra-se

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:8

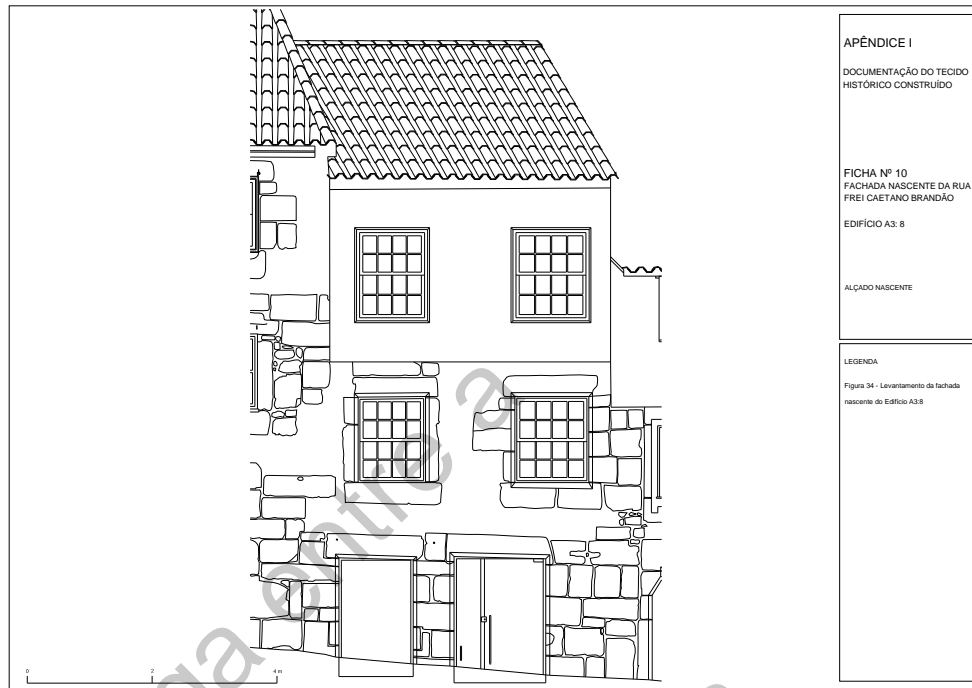
significativamente elevado, possuindo duas grandes janelas de guilhotina. O segundo piso, tal como no século XVIII, possui duas janelas de guilhotina, simétricas às do terceiro. Estas são formadas por grandes lintéis monolíticos com aresta em chanfro, à semelhança das soleiras, muito embora a da janela sul, não possua chanfro. As ombreiras são formadas por elementos poligonais, alguns monolíticos, outros seccionados com aresta em chanfro.

Na fachada do piso térreo encontram-se duas aberturas, funcionando como porta apenas a localizada na parte norte da fachada, enquanto a outra serve de vitrina ao estabelecimento aí existente. À semelhança das aberturas do piso térreo estas são formadas por grandes lintéis monolíticos com aresta em chanfro e as ombreiras por elementos poligonais, alguns monolíticos, outros seccionados, também com aresta em chanfro.

Deste modo, o presente edifício conserva ainda uma tipologia medieval tardia, alterada com a construção do terceiro piso, já existente no século XVIII, conservando nas aberturas do piso térreo e do segundo as molduras poligonais com aresta em chanfro das habitações em pedra do século XVI. O valor morfológico desta construção cobre duas épocas. Tal como já referido, ele fossiliza o traçado da medieval Rua Verde. Todavia, pelo facto de integrar na sua parede norte um miliário romano, permite corroborar a localização nesta zona de saída da cidade, de uma antiga via romana que a ligaria às cidades do noroeste peninsular.



Figura 33



Braga
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO

EDIFÍCIO A3:9

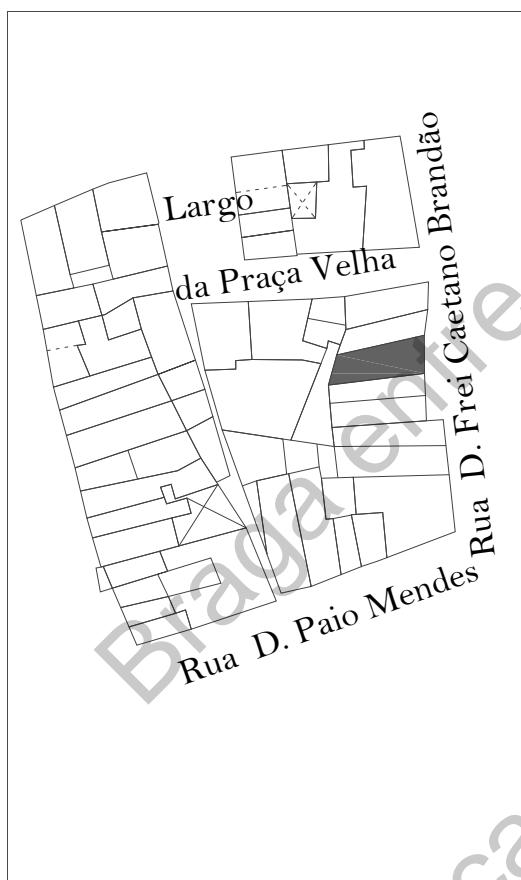


Figura 35



Figura 36



Figura 37

Edifício A3:9

Figura 35 - Localização das parcelas correspondentes aos Edifícios A3:9 na planta topográfica actual;

Figura 36 - Fotografia actual do Edifícios A3:9;

Figura 37 - Fotografia actual das portas do piso térreo do Edifícios A3:9;

Figura 38 - Edifícios A3:9 segundo a representação do MRB;



Figura 38

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:9

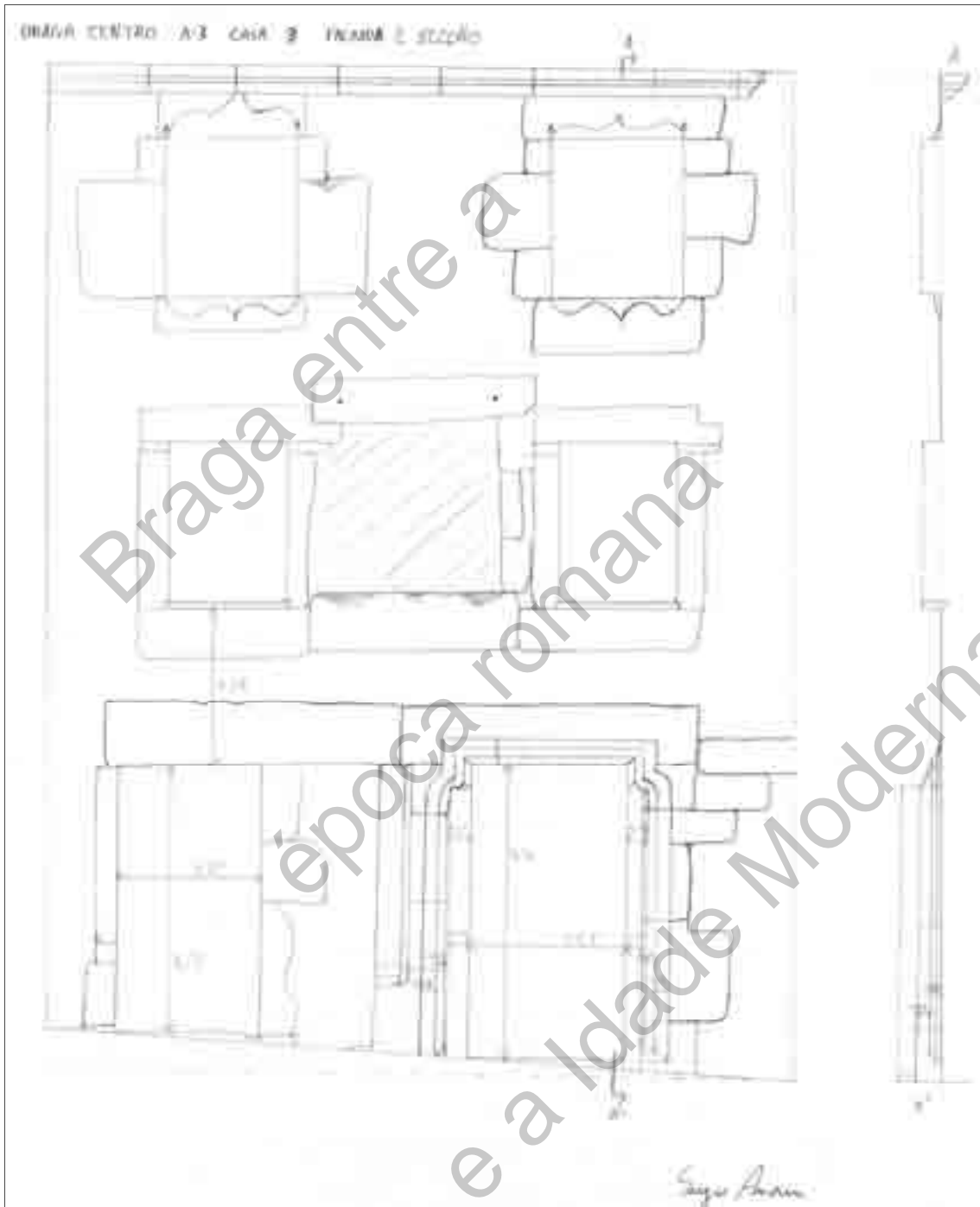


Figura 39

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:9

Edifício A3:9

Figura 39 – Esboço anotado da fachada e da secção vertical do Edifícios A3:9;

Figura 40 – Parede interior do edifício em taipa;

Figura 41 – Restituição da fachada nascente do Edifícios A3:9.



Figura 40

Desenvolvendo-se em três pisos, o Edifício A3:9 possui toda a fachada em cantaria de granito, formada por grandes blocos, com uma frente bastante larga (cerca de 6, 5 m.) comparativamente aos existentes neste alçado da rua. As diferenças da fachada actual com a representada no MRB situam-se essencialmente ao nível do segundo piso, possuindo este no século XVIII apenas uma janela, enquanto que, hoje em dia existem duas. Pelas dimensões da frente e pela decoração que possui numa das portas do piso térreo e nas janelas do terceiro piso, podemos considerar que o seu proprietário deveria ter uma posição socio-económica bastante razoável para a época. Segundo o MRB, este edifício não pagava prazo ao cabido.

À semelhança do século XVIII (MRB), a fachada do piso térreo conserva duas portas, possuindo a porta norte uma decoração mais elaborada, em arco plano, com três arquivoltas, formada por elementos monolíticos poligonais com aresta em chanfro. Actualmente, a abertura encontra-se adaptada a uma abertura rectangular, tendo sido preenchidas as partes intersticiais das ombreiras com dois blocos monolíticos de granito. Quanto à porta sul, ela é rectangular e bastante simples, formada por um grande lintel monolítico. É possível, devido à sua simplicidade, que esta abertura seja posterior à primeiramente referida, podendo ter resultado de uma nova porta ou da transformação de uma janela ocorridas ainda no século XVIII, ou mesmo no século XVII.

No segundo andar existiria apenas uma janela ao centro do edifício, encontrando-se agora duas, tendo sido a primeira tapada. Estas possuem todos os seus elementos com moldura plana, sendo formadas por grandes lintéis monolíticos, à semelhança da porta sul da fachada no piso térreo.

Na fachada do terceiro piso encontramos outras duas janelas, tal como observado já no século XVIII. Estas possuem todos os seus elementos constitutivos com uma moldura em chanfro, sendo o lintel e a soleira formados por monolíticos decorados com elementos lobulados; actualmente, encontram-se tapadas por duas janelas em ressalto de guilhotina.

No piso térreo funciona ainda, no lado norte, uma pequena oficina, dando a porta sul acesso a uma escada para o primeiro piso e a uma divisão nas traseiras que até meados do século XX funcionou como estrebaria. Os pisos superiores encontram-se desabitados, sendo a taipa o material utilizado nas suas paredes interiores.



Braga entre a
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:10

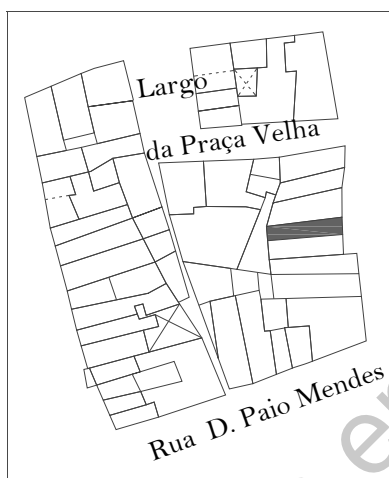


Figura 42



Figura 43



Figura 44

Edifício A3:10

Figura 42 – Localização da parcela correspondente aos Edifícios A3:10 na planta topográfica actual;

Figura 43 – Edifícios A3:10 segundo a representação do MRB;

Figura 44 – Fotografia actual do Edifícios A3:10;

APÊNDICE I - DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:10

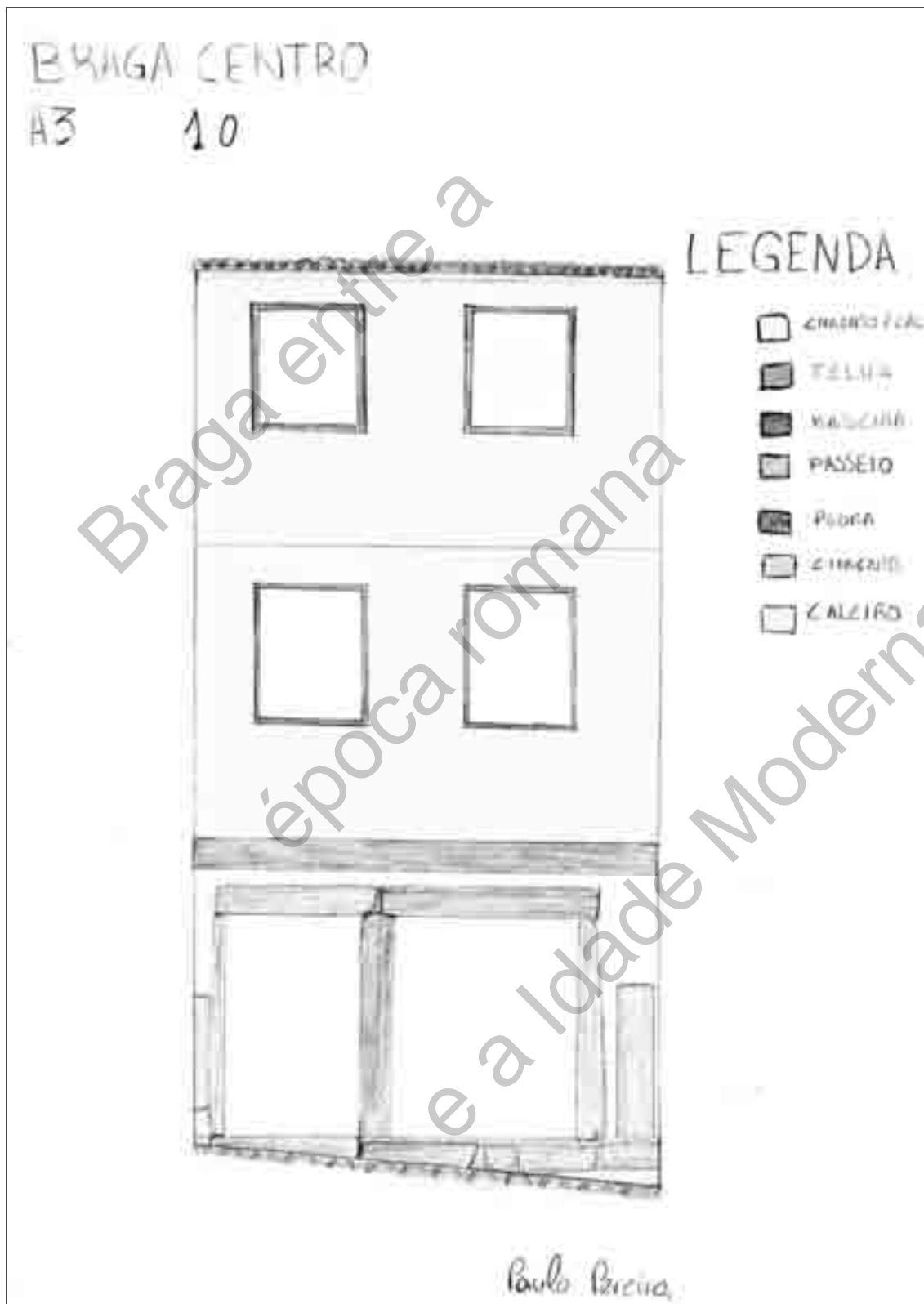


Figura 45

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:10

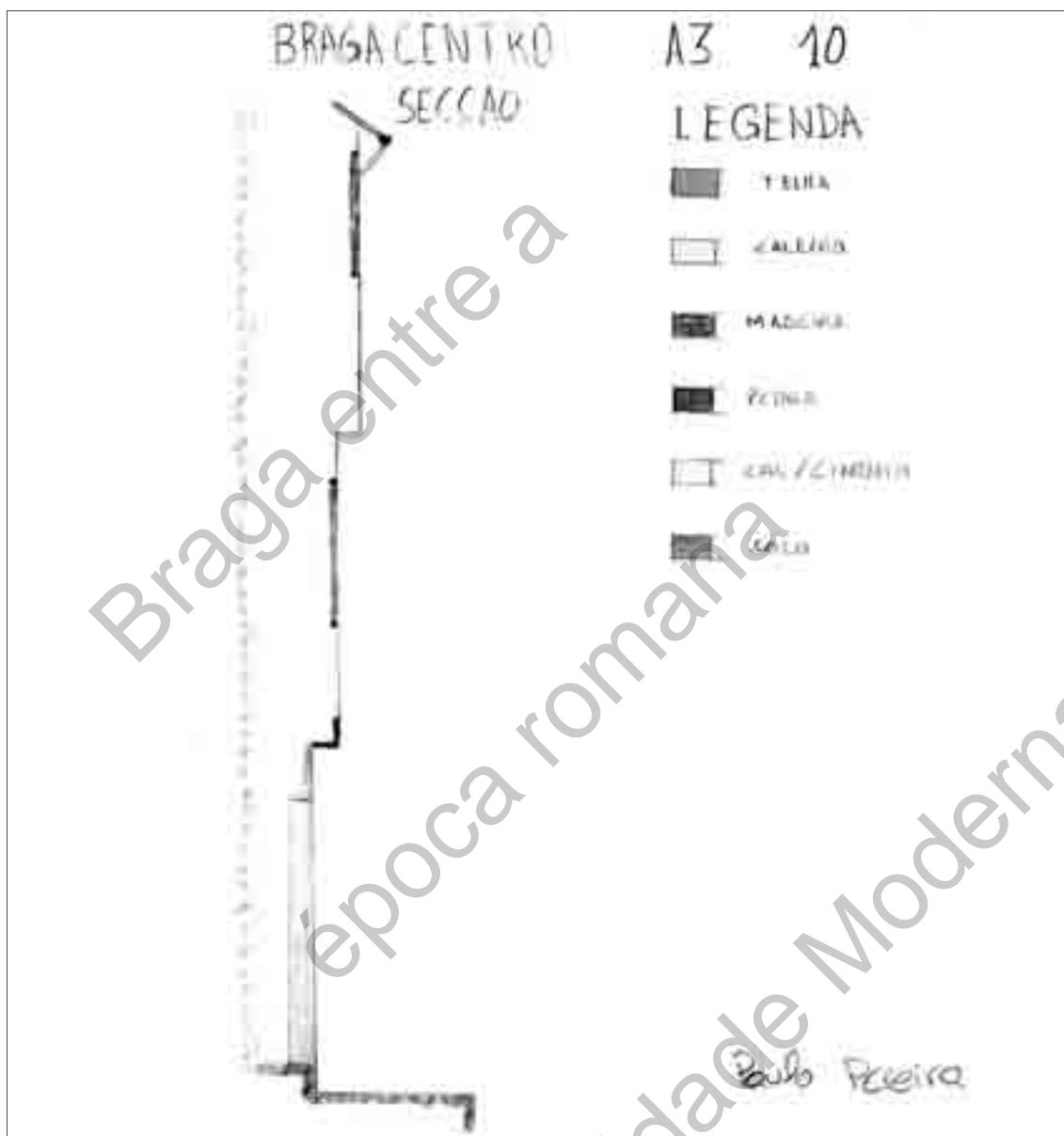


Figura 46

Edifício A3:10

Figura 45 – Esboço da fachada do Edifícios A3:10;

Figura 46 – Esboço da secção vertical do Edifícios A3:10;

Figura 47 – Restituição da fachada nascente do Edifícios A3:10;

Figura 48 – Restituição da fachada nascente dos Edifícios A3:7; 8; 9; 10 e 11 que fossilizam o traçado da medieval Rua da Sapataria.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 10: FACHADA POENTE DA RUA FREI CAETANO BRANDÃO
EDIFÍCIO A3:10

O Edifício A3:10 correspondia ao número 16 do MRB e possuía, segundo o *Índice dos Prazos das Casas do Cabido*, um prazo datado de 1514, que se encontrava emprazado a um barbeiro. No ano de 1679 é emprazado a um sapateiro. Deste modo, a origem medieval da construção bem como a funcionalidade do seu piso térreo ter-se-ão mantido até ao século XVIII.

A arquitectura actual da fachada mantém-se praticamente idêntica à do século XVIII, desenvolvendo-se em três pisos, com duas aberturas em cada um deles, e uma frente para a rua com aproximadamente 3,5 m de largura. A fachada do piso térreo é em cantaria de granito, enquanto que nos pisos superiores o material utilizado foi a taipa. Actualmente a fachada apresenta-se rebocada e pintada, encontrando-se as delgadas paredes dos pisos superiores recobertas por uma fina argamassa, sendo ainda perceptível o uso da madeira em alguns pontos da construção. Estes dois pisos superiores encontram-se projectados para além da fachada do piso térreo, ilustrando a tendência medieval de construir balcões, de modo a conquistar espaço à rua e, ao mesmo tempo, proteger os transeuntes.

No piso térreo existem duas portas, sendo a do lado sul mais estreita, devendo constituir o acesso à área habitacional, quintal e pisos superiores, enquanto que a outra, mais larga, daria acesso à loja ou oficina, que se desenvolvia no rés-do-chão. As duas portas partilham a pilastra central, constituída por um elemento monolítico de granito. As restantes ombreias e os lintéis que as encimam são igualmente elementos monolíticos de granito, que apresentam já algum desgaste.

Quanto às soleiras estas apresentam-se igualmente bastante desgastados, sendo a da porta sul formada por um único bloco de granito e a da porta norte constituída por elementos fraccionados.

A fachada do segundo andar, saliente relativamente ao alçado do piso térreo em cerca de 0,20 m, é constituída por duas janelas duplas de madeira, que substituíram as de guilhotina existentes no século XVIII. No início do segundo piso, a estrutura de madeira da parte inferior do balcão encontra-se a descoberto, possuindo cerca de 0,20 m. de largura.

O terceiro piso, à semelhança do anterior encontra-se projectado sobre a rua, neste caso saliente relativamente ao balcão do segundo. Nele existem duas janelas, simétricas e com as mesmas características das existentes no segundo piso.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Filipe Ferreira, João Ribeiro, Paulo Pereira e Sérgio Amorim

Reconstituição em Photomodeler: Maurício Guerreiro



APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 11

FACHADA POENTE DA RUA DA VIOLINHA/PRAÇA VELHA



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Rua da Violinha, designada de Vielinha pelo menos até ao século XIX, constitui uma das ruas medievais mais recentes. Segundo o *Índice dos Prazos do Cabido* o prazo mais antigo reporta-se ao ano de 1515 e localiza-se no alçado nascente. A fisionomia do alçado poente resulta das construções que se adossam à muralha pelo lado interior. Segundo a representação no MRB, este lado da rua possuía, no século XVIII, um conjunto de construções com grande qualidade de acabamentos e mais do que um sobrado. Os edifícios localizados na parte norte do mesmo alçado conformavam ainda a fachada poente da Praça Nova (curiosamente hoje em dia designada por Praça Velha) mandada abrir por D. Diogo de Sousa, no século XVI. Esta praça resultou das alterações efectuadas nesta zona da cidade, entre as quais se destacam a abertura de uma nova porta (Porta Nova) na muralha medieval e do prolongamento e regularização da Rua Nova (actual Rua D. Diogo de Sousa).

Nos dias de hoje, apenas o edifício localizado na extremidade norte da rua (à direita na figura 3) sobreviveu praticamente inalterado, conservando algumas das características tipológicas da construção corrente na Idade Média tardia.

Figura 1 - Localização da Rua da Violinha e da Praça Nova na planta topográfica actual;

Figura 2 - Vista superior da Praça Velha e do quarteirão A1 por onde corre a muralha medieval (do lado direito da imagem). A ligar este quarteirão ao A2 encontram-se fossilizados os restos da muralha, integrados na Porta Nova, sendo visíveis na imagem os pináculos da referida Porta.

Figura 3 - Alçado poente da Rua da Violinha, segundo o MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 11: FACHADA POENTE DA RUA DA VIOLINHA / PRAÇA VELHA
EDIFÍCIO A1:16

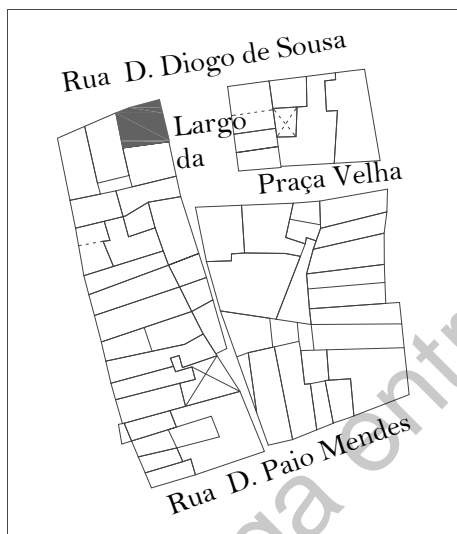


Figura 4



Figura 5

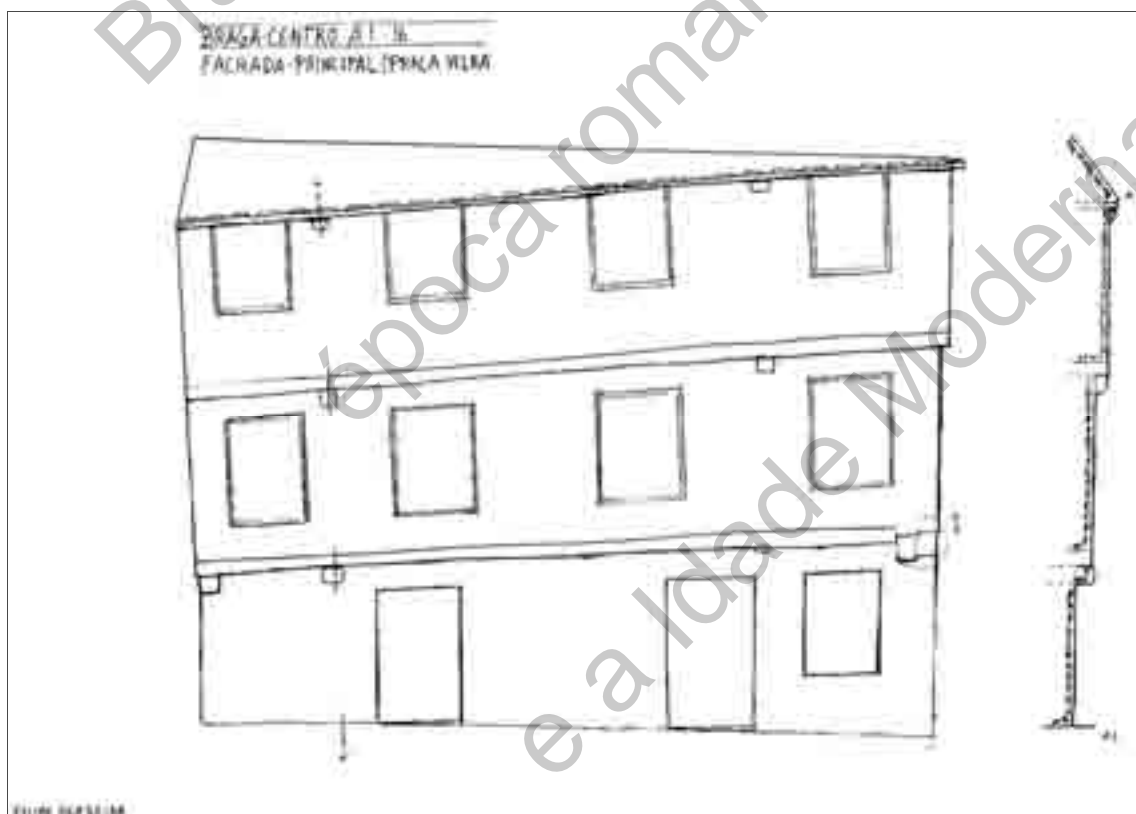


Figura 6

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 11: FACHADA POENTE DA RUA DA VIOLINHA / PRAÇA VELHA
EDIFÍCIO A1:16

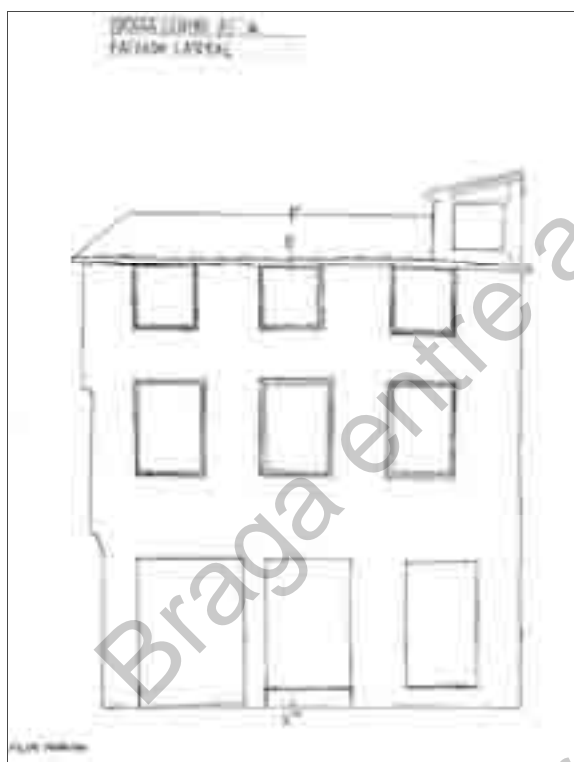


Figura 7



Figura 8

Edifício A1:16

Figura 4 – Localização da parcela correspondente ao Edifício A1:16 na planta topográfica actual;

Figura 5 – Fotografia actual do Edifício A1:16;

Figura 6 – Esboço da fachada nascente e da secção A-A' do Edifício A1:16;

Figura 7 – Esboço da fachada norte do Edifício A1:16;

Figura 8 – Esboço da secção B-B' da fachada norte do Edifício A1:16;

Figura 9 – Fachadas do Edifício A1:16, segundo a representação no MRB



Figura 9

O Edifício A1:16 localiza-se numa zona da cidade em que, segundo o *Mapa de Braunio* (1594), ainda não existem construções, pelo que a sua cronologia deverá situar-se no século XVII. Todavia, as características tipológicas da sua fachada apresentam semelhanças com as conhecidas para a Idade Média, designadamente no que se refere à existência de aberturas para lojas ou armazéns no rés-do-chão e de um sobrado pronunciado na fachada, formando um balcão ou pequena varanda. O primeiro piso destinar-se-ia à habitação e seria construído em taipa.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 11: FACHADA POENTE DA RUA DA VIOLINHA /PRAÇA VELHA
EDIFÍCIO A1:16

EDIFÍCIO A1:16

Tal como verificado no século XVIII o edifício possui três andares, mantendo o piso térreo uma função comercial.

Como se pode observar pela comparação da figura 5, correspondente ao estado actual da construção, e a figura 9, correspondente a sua representação no MRB, o edifício sofreu várias alterações. Na fachada nascente do piso térreo existem actualmente duas portas e uma janela. A porta da esquerda mantém-se idêntica, tendo sido aberta uma outra do lado direito e fechada, parcialmente, a que aí existia e que corresponde actualmente a uma janela. Por debaixo do ressalto, nas extremidades da fachada, encontram-se duas mísulas de pedra, pouco trabalhadas.

Por sua vez, na fachada norte, onde existiam duas grandes portas, encontramos agora três, devendo a da direita (figura 5 e 7) corresponder à abertura original, enquanto que as outras duas resultaram de uma total reformulação da anterior grande abertura. Segundo a representação do MRB, particularmente no que se refere aos elementos que constituem as aberturas, mas, também, ao período cronológico em que foi edificado e à sua própria grandeza, o piso térreo do edifício seria construído em pedra rústica. Actualmente não restam quaisquer evidências dos materiais empregues na construção primitiva.

Na fachada nascente do segundo piso, construída em ressalto, existem quatro janelas, tendo as das extremidades resultado do entaipamento das portas que aí primitivamente se localizavam. Na fachada norte existiria apenas duas janelas, uma em cada extremidade da fachada; actualmente, entre as duas anteriores, foi aberta uma terceira.

Na fachada nascente do terceiro piso, também ela construída em ressalto, persistem as quatro janelas do século XVIII, enquanto que na fachada norte, das quatro janelas actuais apenas as duas existentes nas extremidades permanecem inalteradas, tendo as duas do meio resultado da transformação de uma grande porta aí existente no século XVIII.

A fachada norte do terceiro piso seria também ela em ressalto, encontrando-se hoje em dia perfeitamente alinhada com o segundo piso.

Quanto às paredes da fachada do segundo e do terceiro pisos encontram-se todas rebocadas e pintadas, muito embora seja evidente que o material empregue na sua construção foi a taipa, facto que se depreende da morfologia dos ressaltos que persistem, bem como pela inclinação que os mesmos apresentam, denotando uma clara obliquidade originada pelo peso da estrutura, aos longo dos anos de existência do edificado e dos materiais pouco resistentes em foram usados.

Todas as aberturas do segundo e terceiro piso possuem moldura de madeira e tratam-se das típicas janelas de guilhotina existentes desde o século XVIII, muito embora, actualmente, sejam quase inexistentes.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 11: FACHADA POENTE DA RUA DA VIOLINHA / PRAÇA VELHA
EDIFÍCIO A1: 16

A decorar a fachada nascente encontramos uma espécie de mísulas de madeira, distribuídas pelos três pisos e localizadas na parte inferior das cornijas que os rematam, as quais parecem correspondem às traves de sustentação do edifício e dos ressaltos, pois este últimos seriam mais pronunciados no século XVIII.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Filipe Ferreira, João Ribeiro, Paulo Pereira e Sérgio Amorim

Reconstituição em Photomodeler: Maurício Guerreiro



Braga entre a
época romana
e a Idade Moderna

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12

FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS



Figura 1



Figura 2



Figura 3

A Rua de D. Gualdim Pais de traçado romana constituiu, na Idade Média, uma das artérias mais regulares e extensas da zona intramuros. Actualmente, a sua fisionomia medieval confina-se apenas ao troço norte, também ele reduzido nos seus extremos. Neste troço, o parcelamento e a tipologia habitacional gozam de uma longa permanência, mantendo muitas semelhanças com as fachadas representadas no MRB. Os prazos mais antigos reportam-se ao *Tombo 1º do Cabido* (1369-1380). A proximidade que mantém com a Sé Catedral, sobretudo o seu troço norte, ter-lhá conferido desde sempre importância, circunstância que se encontra bem ilustrada para o século XVIII, segundo a representação no MRB das fachadas dos edifícios que aí existiam. Dois destes grandes edifícios, localizados no alçado nascente, permanecem actualmente pouco alterados. Referimo-nos aos designados neste trabalho como C9:4 e C9:14. Todavia, outros há que, muito embora modificados, conservam também elementos antigos da tipologia da habitação corrente medieval, como os referenciados como os números C9:7 e C9:9 integrantes da fachada nascente, a qual delimita o quarteirão que neste trabalho designamos de C9.

Figura 1 - Localização da Rua D. Gualdim Pais na planta topográfica actual;

Figura 2 - Fotografia actual da Rua D. Gualdim (vista norte/sul), onde se pode observar a extensão e regularidade que esta artéria ainda conserva;

Figura 3 - Fachada nascente do troço norte da Rua D. Gualdim Pais, segundo o MRB;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:4

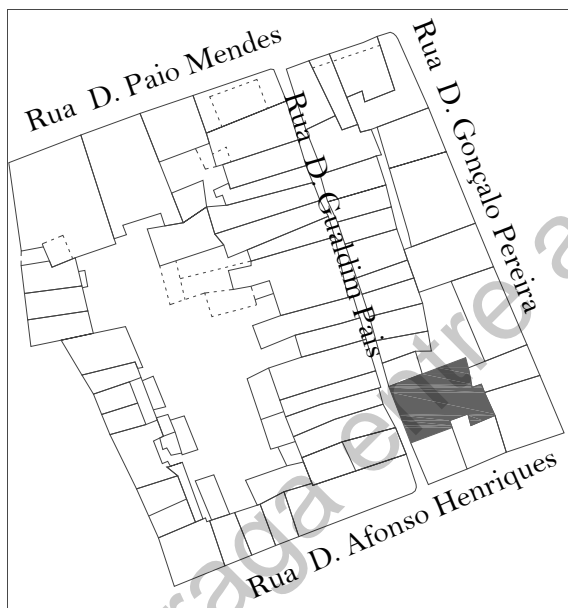


Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:4



Figura 8



Figura 9

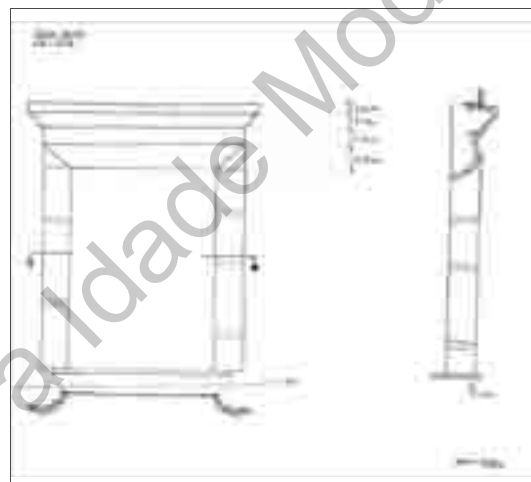


Figura 10

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:4

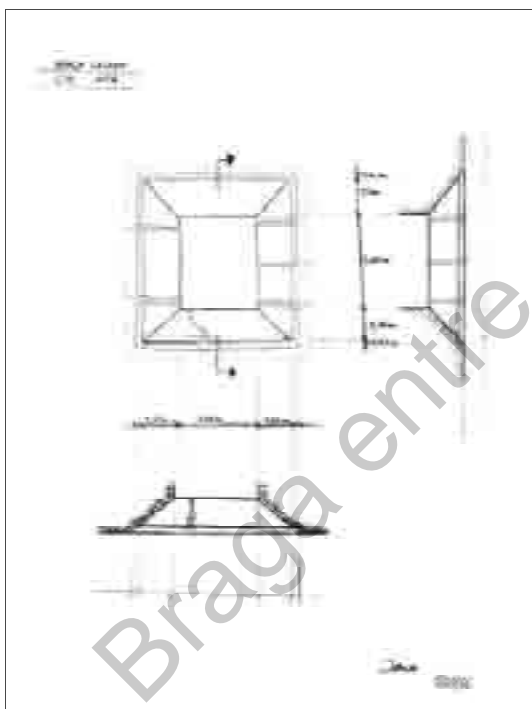


Figura 11

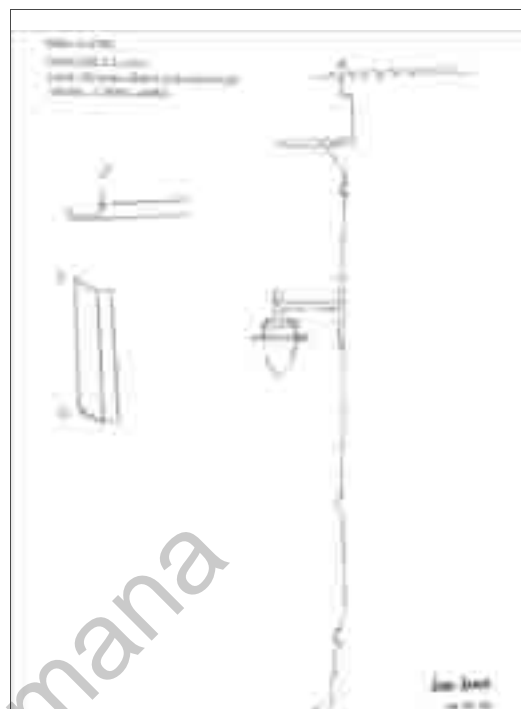


Figura 12

EDIFÍCIO C9: 4

Figura 4 – Localização da parcela correspondente ao Edifício C9:4 na planta topográfica actual;

Figura 5 – Fotografia actual da fachada lateral (oeste) do Edifício C9:4, virada para a Rua D. Gualdim Pais;

Figura 6 – Fotografia actual de parte da fachada sul (actualmente a principal), virada para a Rua D. Afonso Henriques e da lateral, para a Rua D. Gualdim Pais.

Figura 7 – Fachadas do Edifício C9:4 segundo representação do MRB. Através da comparação desta imagem com a foto actual (figura 6) é possível verificar como as principais alterações foram realizadas na fachada principal.

Figura 8 – Esboço da fachada oeste do Edifício C9:4;

Figura 9 – Esboço do muro e gradeamento que continuam a fachada oeste para sul;

Figura 10 – Esboço da porta da fachada oeste e secções horizontal e vertical;

Figura 11 – Esboço da pequena abertura no piso térreo e das secções transversal e vertical;

Figura 12 – Esboço da secção da fachada oeste, perfil norte, e secções da pilastra (vista superior e lateral) da porta representada na figura 10;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:4

EDIFÍCIO C9: 4

O Edifício C9:4 possui uma arquitectura tardo-renascentista, reflectindo já muitas características da arquitectura barroca, designadamente o sistema de tabuleiros que integra as janelas do primeiro com as do terceiro piso, bastante evidentes na fachada sul, as molduras curvas que coroam as portas do primeiro piso na fachada poente e ainda as das pilastras existentes na extremidade da casa.

A fachada poente é a que apresenta menores alterações relativamente à representação no MRB. No século XVIII apenas não existia a pequena abertura no piso térreo e a pilastra da esquerda (na figura 8).

O edifício possui três pisos, sendo a fachada oeste do piso térreo composta por duas portas e uma pequena janela, ao centro. As portas possuem um lintel monolítico, encimado por uma moldura convexa em quarto de bocel, coroada por uma gola ou cimácio. As ombreiras são formadas por pilastras segmentadas, formando uma moldura plana de tipo platibanda.

A fachada do segundo piso é composta por três janelas com moldura em platibanda. Os lintéis monolíticos das duas primeiras (à esquerda da figura 8) possuem aresta em chanfro, assim com os elementos das ombreiras.

Na fachada do último piso existem três janelas, simétricas às do segundo, com moldura simples em granito de tipo platibanda.

A rematar a fachada existe uma cornija de pedra formada por dois filetes e uma gola inversa.

Em ambas as extremidades do alçado oeste existem duas pilastras, sendo a da direita (imagem 8) original e comum à da fachada sul (para a Rua D. Afonso Henriques) enquanto que a outra resulta de um acrescento posterior, não se encontrando representada no MRB. Ainda quanto à primeira ela possui uma base formada por plinto, seguido de duas platibandas, meio bocel, rematado por um filete. Na parte superior desta pilastra encontramos uma moldura convexa formada por um filete e um bocelete.

As características compositivas e decorativas, bem como a sua dimensão, permitem incluir este edifício dentro da arquitectura do modelo da casa burguesa barroca, com grande concordância métrica, denotando uma concepção decorativa elaborada e uma simetria na disposição das janelas e das portas. Todavia, a sua fachada oeste, através da qual se fazia o acesso ao seu interior no século XVIII, conserva ainda uma tipologia da arquitectura renascentista tardia, apresentando um alçado menos decorado, com a presença de molduras poligonais com aresta em chanfro.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:7

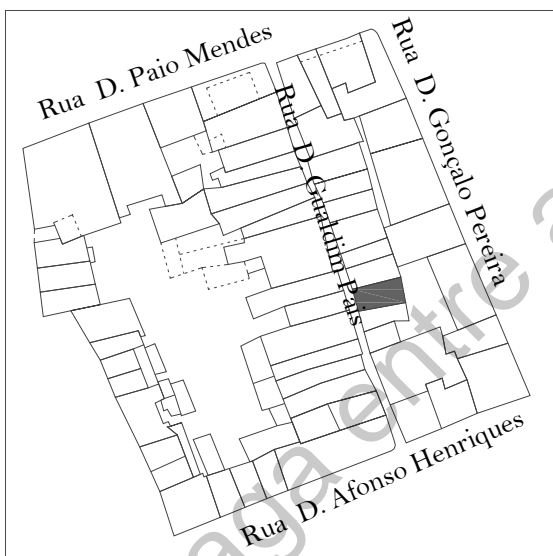


Figura 13



Figura 14

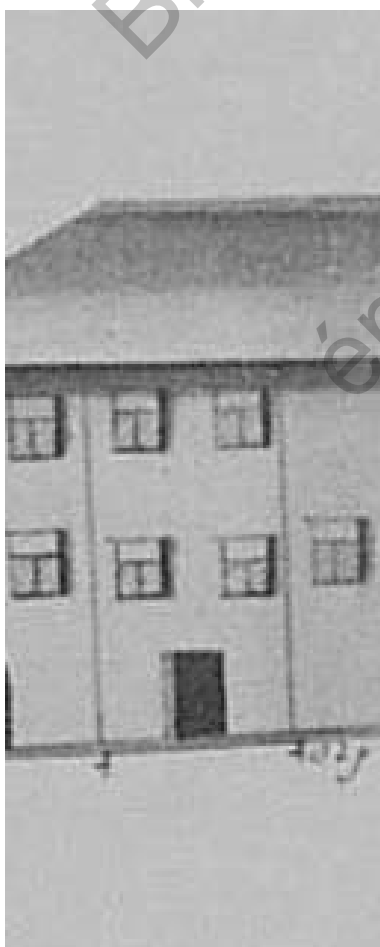


Figura 15



Figura 16

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 7

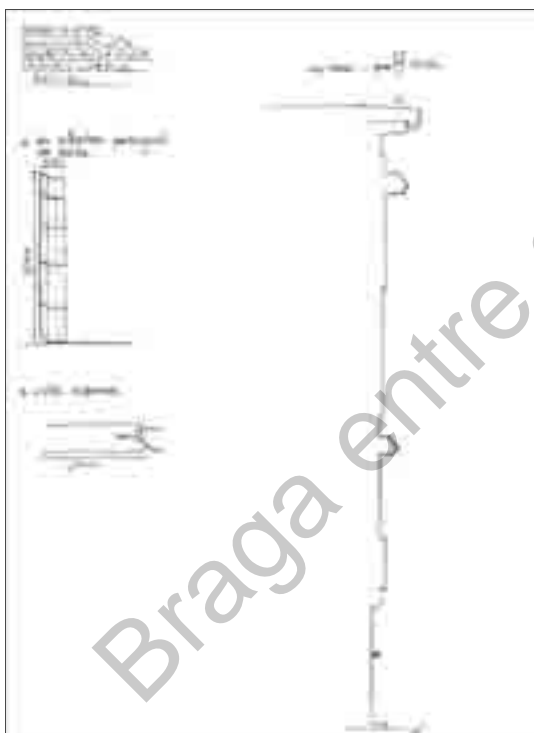


Figura 18

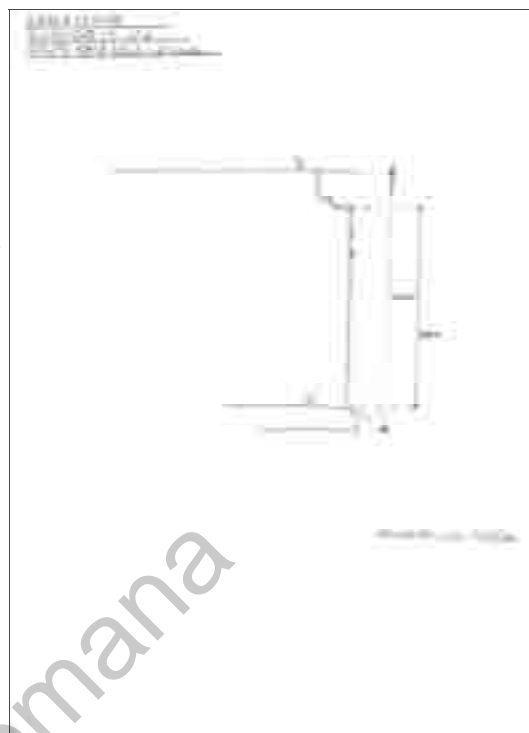


Figura 19

EDIFÍCIO C9: 7

Figura 13 - Localização da parcela correspondente ao Edifício C9:7 na planta topográfica actual;

Figura 14 - Foto actual de parte da fachada nascente da Rua D. Gualdim Pais (vista N/S) onde se observa o Edifício C9:7 (com a fachada amarela);

Figura 15 - Fachada do Edifício C9:7 no MRB;

Figura 16 - Fotografia actual do Edifício C9:7;

Figura 17 - Esboço anotado do Edifício C9:7;

Figura 18 - Esboço da secção da porta, vista superior e lateral, e do perfil sul do Edifício C9:7;

Figura 19 - Esboço da secção da porta vista lateral, do Edifício C9:7;

Figura 20 - Esboço da secção da janela, vista lateral e horizontal, do Edifício C9:7;

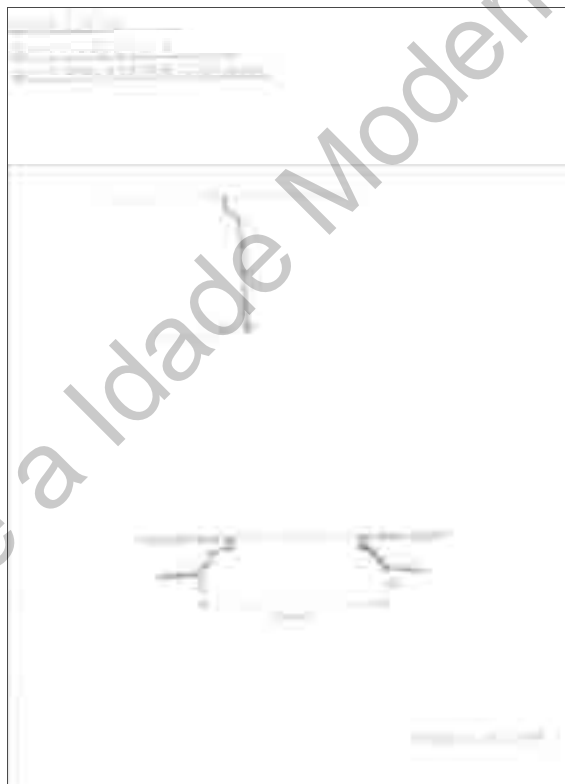


Figura 20

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:7

Edifício C9: 7

O Edifício C9:7 conserva ainda algumas das características das casas de habitação corrente medievais, com uma frente estreita (4,73m de largura), apenas uma abertura no piso térreo e um sobrado com duas janelas. A altura original do edifício é ainda possível de identificar em virtude do aumento da largura do terceiro piso, como se assinala na figura 14. No século XVIII, o edifício apresenta já três pisos, situação que se mantém até à actualidade.

As características compositivas da fachada apresentam uma grande similitude com as representadas no MRB. Todavia, num restauro relativamente recente do edifício, foi aplicada uma espessa camada de cimento sobre toda a fachada, que provocou o prolongamento do limite anterior do edifício, bem como a sua descaracterização. Alguns dos materiais primitivos foram preservados ou reaproveitados nas aberturas existentes na fachada dos dois primeiros pisos.

A fachada do piso térreo é composta por uma única porta, formada por um lintel monolítico, com aresta em chanfro e as ombreiras por pilastras segmentadas com arestas chanfradas.

Na fachada do segundo piso existem duas janelas iguais, compostas por um lintel monolítico e ombreiras formadas por vários blocos, encontrando-se todos estes com arestas chanfradas.

Na fachada do terceiro piso existem duas janelas, com molduras planas feitas de cimento.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:9

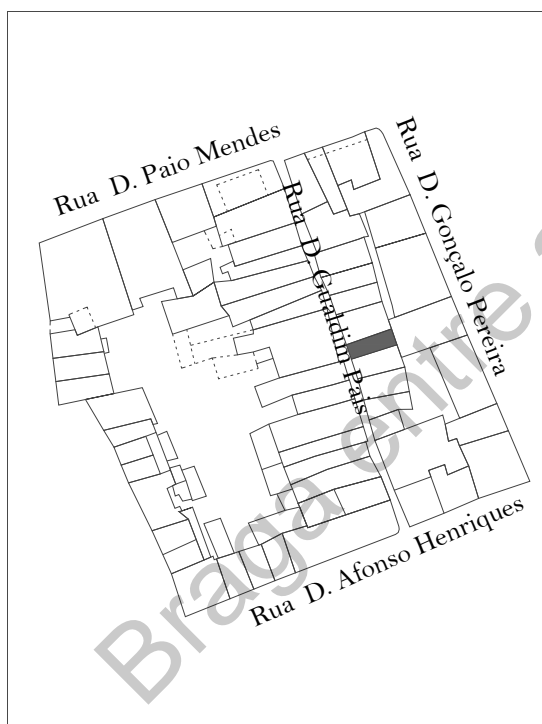


Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24

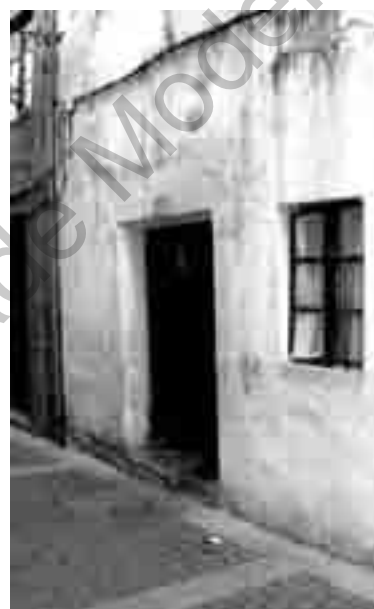
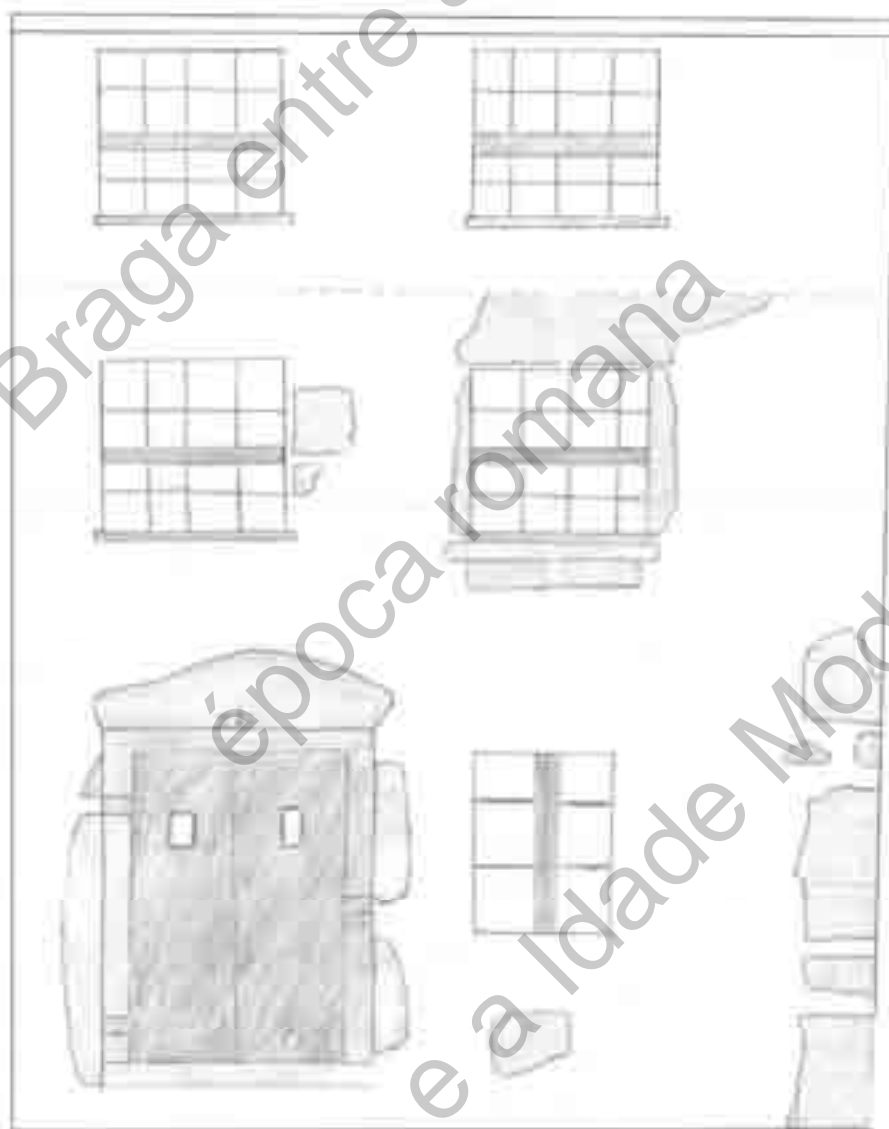


Figura 25

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:9

2019-06-11
2019-06-11



Scale 1:50
0-10m

Figura 26

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:9

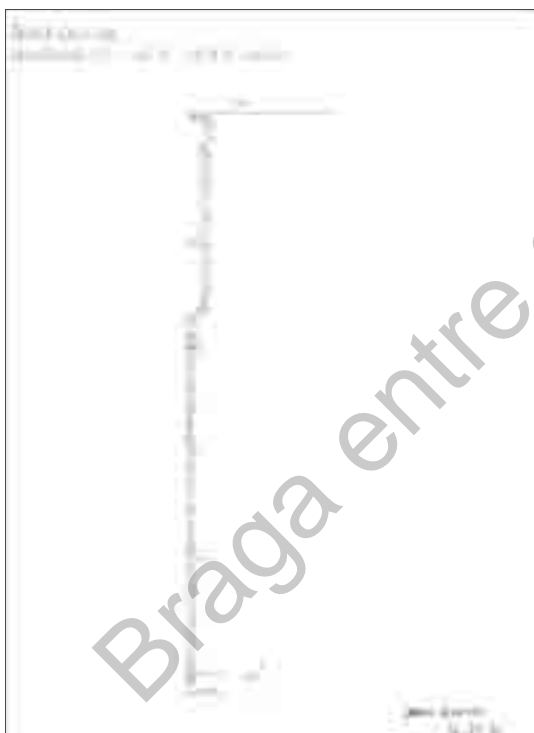


Figura 27

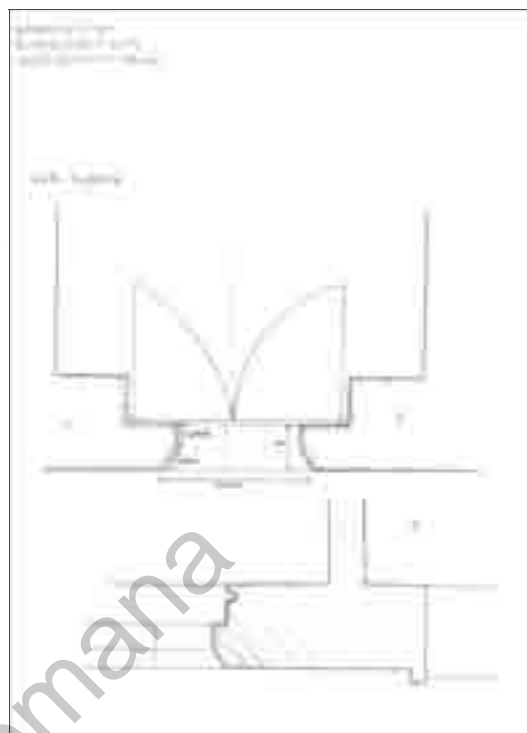


Figura 28

EDIFÍCIO C9:9

O Edifício C9:9 encontra-se bastante alterado, permitindo, no entanto, reconstituir as linhas gerais da evolução conhecida pela casa de habitação corrente medieval até à actualidade. Segundo a representação no MRB este edifício era, no século XVIII, uma casa sobradada típica da Idade Média, com uma abertura no piso térreo e duas janelas no sobrado. Segundo o *Índice dos Prazos do Cabido*, o primeiro prazo data de 1537.

Actualmente, o edifício é composto por três pisos, fossilizando na fachada os limites correspondentes aos mesmos e denotando os sucessivos acrescentos e transformações que conheceu. Apesar de se encontrar pintada, a estrutura de pedra originária é ainda bem visível, bem como as partes onde houve alterações ou emendas realizadas com outros materiais.

No piso térreo, e à semelhança da representação no MRB, mantém uma única porta, tendo sido aberta recentemente uma pequena janela do lado direito. As arestas do lintel e das ombreiras da porta encontram-se chanfradas.

A fachada do primeiro piso é composta por duas janelas que não se encontram na localização original. Esta afirmação pode justificar-se pelas marcas visíveis na parte da parede, imediatamente abaixo do sítio onde agora elas se encontram colocadas, que evidencia o tapamento posterior de parte da abertura para a primitiva janela. Em reforço desta afirmação, encontra-se ainda a utilização de cimento para a colocação das janelas actuais.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 9

EDIFÍCIO C9: 9

Entre o segundo e o terceiro piso a fachada apresenta um claro desnível, encontrando-se a do último recuada relativamente aos restantes. Esta irregularidade marca, com grande probabilidade, o limite do edifício no século XVIII.

Uma outra alteração terá ocorrido com a criação do terceiro piso, provavelmente em taipa de fasquio. Este é composto por duas janelas muito simples e rematado com uma cornija de madeira. A fachada do edifício revela ainda outra característica particular, que reside no facto da sua largura ir aumentando progressivamente desde o nível térreo até ao último piso.

Figura 21 – Localização da parcela correspondente ao Edifício C9:9 na planta topográfica actual;

Figura 22 – Foto actual de parte da fachada nascente da Rua D. Gualdim Pais (vista N/S) onde se observa o Edifício C9:9 (com a fachada branca);

Figura 23 – Fachada do Edifício C9:9 no MRB;

Figura 24 – Fotografia actual dos dois pisos superiores do Edifício C9:9;

Figura 25 – Fotografia actual do piso térreo do Edifício C9:9;

Figura 26 – Esboço da fachada do Edifício C9:9;

Figura 27 – Esboço da secção do Edifício C9:9, perfil norte;

Figura 28 – Esboço da secção da porta e da sua pilastra vista superior, do Edifício C9:9;

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 14

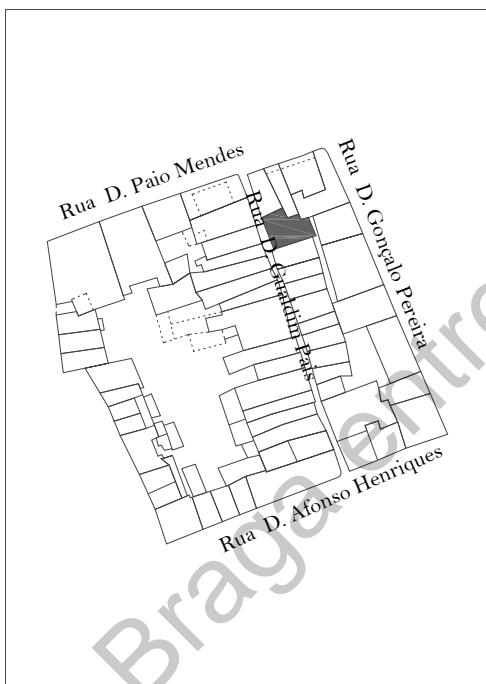


Figura 29



Figura 30



Figura 31



Figura 32



Figura 33

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 14

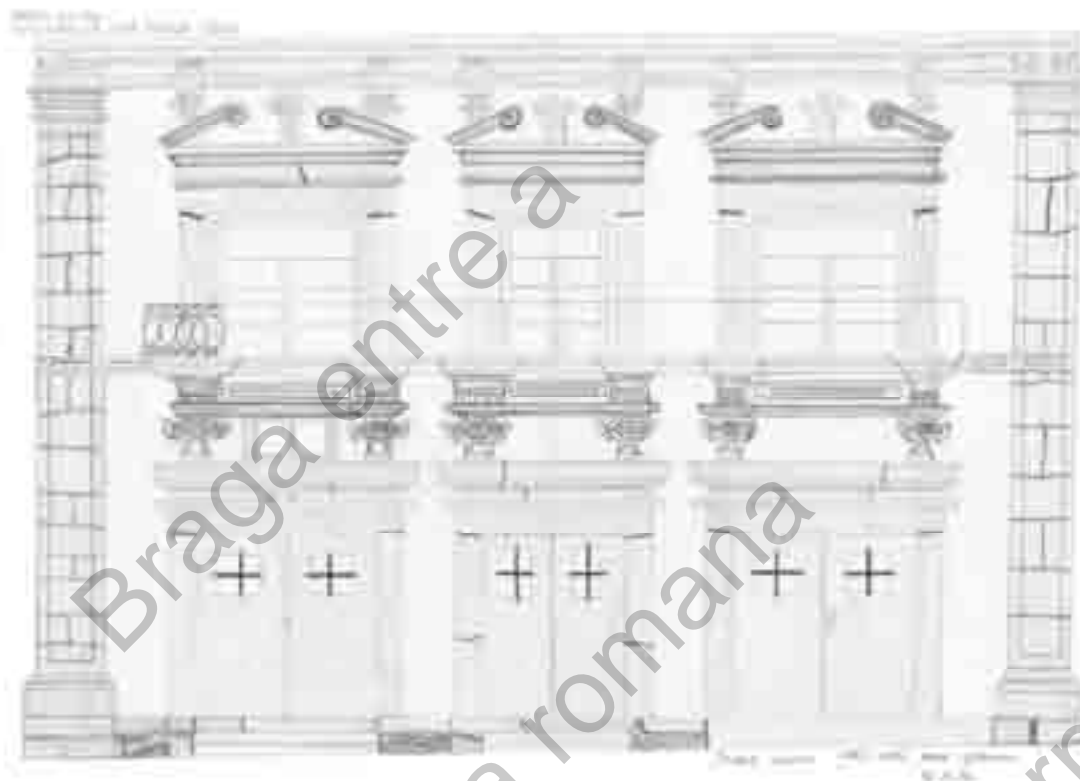


Figura 34

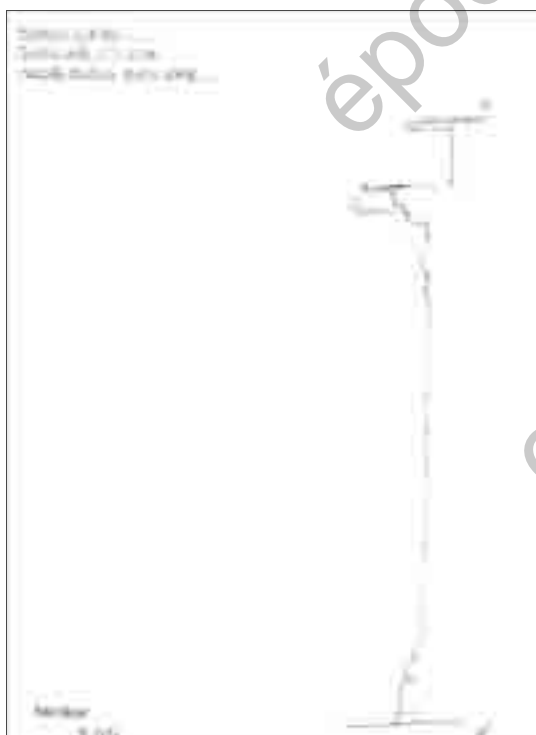


Figura 35



Figura 36

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 14



Figura 37



Figura 38

EDIFÍCIO C9: 14

Figura 29 - Localização da parcela correspondente ao Edifício C9:14 na planta topográfica actual;

Figura 30 - Fotografia actual de parte da fachada nascente da Rua D. Gualdim Pais (vista N/S) onde se observa o Edifício C9:14;

Figura 31 - Fachada do Edifício C9:14 no MRB;

Figura 32 - Foto parcial da parte superior Edifício C9:14;

Figura 33 - Foto parcial da parte superior da porta do primeiro piso e da parte inferior da varanda do segundo piso do Edifício C9:14;

Figura 34 - Esboço da fachada do Edifício C9:14;

Figura 35 e 36 - Esboço da secção do Edifício C9:14, perfil norte;

Figura 37 - Esboço das secções da porta do piso inferior, do Edifício C9:14, vista lateral;

Figura 38 - Esboço do alçado da pilastra lateral da fachada do Edifício C9:14;

Figura 39 - Esboço dos elementos que compõem a moldura da parte inferior da varanda (mísula e tabuleiro) do Edifício C9:14;

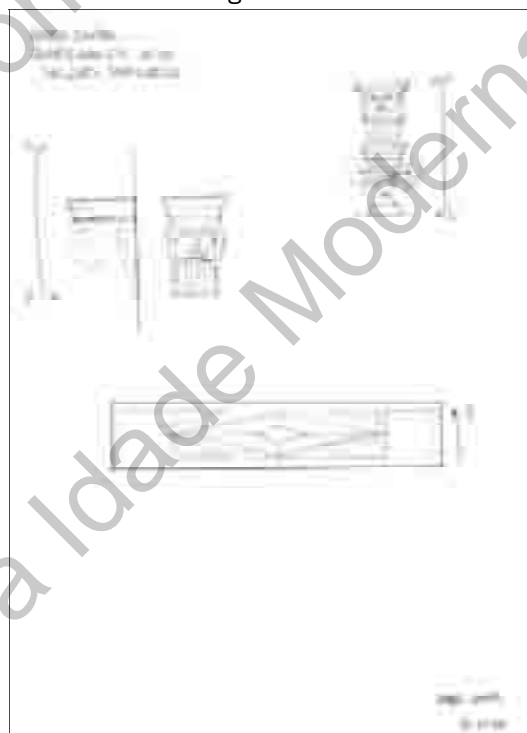


Figura 39

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9: 14

EDIFÍCIO C9: 14

O Edifício C9: 14 constitui um dos muitos exemplares da arquitectura barroca existentes na cidade de Braga. Segundo a representação do MRB, as características da sua fachada no século XVIII são muito similares àquelas que actualmente possui, com excepção da transformação da janela central do primeiro piso em porta, da abertura de um pequeno postigo sobre a porta da esquerda (figura 34) e do gradeamento da varanda. Trata-se de um edifício com uma fachada monumental, possuindo uma decoração muito elaborada, com elementos bastante ondulados, com dupla curvatura, não existindo praticamente nenhum espaço sem ornamentação.

A fachada do primeiro piso é composta por três portas de dimensões iguais, compostas por lintéis e ombreiras monolíticas, muito embora algumas apresentem já fracturas, que conformam uma moldura plana, de tipo platibanada. Na parte superior, as portas possuem uma moldura composta por um filete, seguido de listel, duas platibandas, outro filete e uma gola ou cimácio.

Por cima de cada moldura das portas e por baixo da varanda existem três outros painéis decorativos, que permitem estabelecer a ligação, perfeitamente alinhada, entre as portas do primeiro e as do segundo piso. Cada um destes painéis é formado por um tabuleiro trabalhado, ladeado por duas mísulas, uma em cada extremidade, que permitem adornar e sustentar a extensa varanda. As mísulas, ricamente decoradas com caras antropomórficas, são encimadas por uma gola invertida e um quarto de bocel, seguido de uma platibanda com um listel no meio. Os soffitos encontram-se trabalhados com formas geométricas volumétricas, como se ilustra na figura 39. A separar os dois pisos e à altura da varanda existe um friso horizontal.

A fachada do segundo piso é composta por três portas e uma varanda que serve todas as aberturas. Estas portas encontram-se perfeitamente alinhadas com as primeiras do piso inferior e possuem sensivelmente as mesmas dimensões e características, diferindo apenas na sua moldura superior. Neste caso apresentam uma maior monumentalidade, possuindo uma imponente moldura constituída por: um filete, um bocetele, um outro filete, uma platibanda, um quarto de bocel e uma gola ou cimácio, rematada por um frontão formado por duas meias empenas decoradas nas extremidades por imponentes volutas, possuindo no tímpano um elemento decorativo vertical, que assenta no cimácio composto por folhas de acanto. Na parte superior das folhas destas portas existe igualmente um pequeno friso em talha, profusamente decorado com folhas de acanto enroladas, donde surgem denticulados e pequenas volutas, destacando-se no meio a representação de caras antropomórficas, ladeadas por elementos em forma de concha.

A fachada do edifício é rematada por uma cornija formada por uma platibanda, um filete e uma gola invertida, da qual saem, nas extremidades, duas gárgulas trabalhadas. Da cornija pendem mísulas decoradas com folhas de acanto, alinhadas com os limites das molduras das aberturas dos outros pisos. As mísulas das extremidades, alinhadas pelas pilastras, possuem maiores dimensões. Por debaixo da cornija existe um friso decorado que envolve as mísulas.

APÊNDICE I – DOCUMENTAÇÃO DO
TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO

FICHA Nº 12: FACHADA NASCENTE DA RUA D. GUALDIM PAIS
EDIFÍCIO C9:14

EDIFÍCIO C9:14

O edifício possui ainda nas extremidades duas grandes pilastras, encontrando-se a base da da direita (na figura 34) parcialmente oculta pelo pavimento da rua, sendo visível apenas uma pequena parte do plinto. Ambas as bases são formadas por um plinto, seguido de platibanda, meio bocel e um bocelete. A rematar as pilastras existe um capitel, formado por uma moldura elaborada por elementos planos, côncavos e convexos.

Recolha e tratamento da informação:

Alunos Colaboradores: Isabel Silva; Joana Guerreiro; Pedro Xavier e Sandra Magalhães

APÊNDICE II – PLANTAS INTERPRETADAS

O apêndice II é composto por 10 plantas interpretadas, correspondentes às diferentes fases de ocupação da cidade e às transformações ocorridas no plano urbano, desde a época romana até aos inícios da Idade Moderna. A base cartografia utilizada foi a planta aéreo – restituída, mandada executar pela Câmara Municipal de Braga, na década de 90, do século XX. Todavia, para a elaboração de alguns planos socorremos-nos da planta topográfica de 1883/84. Nestes casos, optámos por identificar na legenda a referida base cartográfica. A elaboração das diferentes plantas foi realizada em *software* de desenho assistido por computador (*Autocad*) e resultou do cruzamento de diferentes fontes de informação, cujos dados puderam ser cartografados.

A planta nº 1 corresponde à cartografia geral do território de Braga na época romana, onde se representam as vias imperiais que a ligavam a outras cidades do Império, a muralha tardo antiga e as estruturas arqueológicas recuperadas até ao momento pela Arqueologia.

A planta nº 2 refere-se ao plano urbano da cidade romana no Alto Império, onde se apresenta o modelo teórico referente à malha alto-imperial, bem como as estruturas arqueológicas que a permitiram definir.

A planta nº 3 representa o território da cidade tardo antiga, com as vias imperiais, as necrópoles, a muralha tardia e os vestígios arqueológicos pertencentes ao plano urbano do Baixo Império.

A planta nº 4 corresponde ao perímetro fortificado da cidade tardo antiga, com as muralhas e as suas portas, bem como as alterações topográficas registadas em algumas zonas, como sejam a invasão dos espaços de circulação, ruas e pórticos, com construções privadas.

A planta nº 5 documenta os elementos sobreviventes da cidade antiga, designadamente, no quadrante nordeste da *urbs* romana, o traçado norte da muralha baixo-imperial, os eixos ortogonais romanos e o sistema viário medieval, mas, também, na periferia, as vias, as necrópoles e as basílicas paleocristãs.

A planta nº 6 corresponde à formação da cidade medieval, representando-se os diferentes perímetros amuralhados que terão acompanhado o seu crescimento.

A planta nº 7 documenta o perímetro da muralha fernandina, onde se assinalam as portas e torres da mesma.

A planta nº 8 retrata o plano urbano da cidade medieval, onde se cartografa o sistema viário correspondente à área fortificada, bem como as suas parcelas e quarteirões, tendo por base a planta topográfica de 1883/84.

A planta nº 9 corresponde à cartografia geral do território de Braga na época moderna, resultante do projecto urbanista de D. Diogo de Sousa, tendo por base a planta topográfica de 1883/84.

A planta nº 10 documenta o plano urbano da cidade moderna, designadamente as novas ruas e praças surgidas intramuros e na periferia que lhe é imediata, bem como os quarteirões e parcelas que lhe são correspondentes, tendo por base a planta topográfica de 1883/84.

